A Arte e a Natureza
em
Portugal

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

Album de photographias com descripções; clichés originaes;
copias em phototypia inalteravel; monumentos, obras d'arte, costumes, paisagens

DIRECTORES { *F. Brütt*
Cunha Moraes

VOLUME SEXTO

EMILIO BIEL & C.ª — Editores
PORTO
MDCCCCVI

A cidade de Thomar

QUANDO o forasteiro, sahindo da estação de Paialvo, é conduzido aos solavancos por um caminho poeirento e monotono, atravez um terreno accidentado e secco, está longe de prevêr a surpreza que o espera, ao fim d'uns sete kilometros d'este trajecto penoso e tôrvo.

A aproximação d'uma ultima curva de estrada aguarda-nos a compensação inesperada: Thomar apparece, cercada das magnificencias da paizagem circumjacente, ampla, convidativa e risonha.

O quadro que então se desvenda a nossos olhos é formosissimo, abrangendo uma dilatada região em que a tonalidade intensa e vibrante, plena de seiva, dos arvoredos e culturas viçosas parece entoar hymnos, na orchestração da natureza em festa.

Toda essa paizagem, faiscante de luz, n'uma atmosphera transparente e limpida, se prolonga na distancia de algumas legoas até ás ramificações das cordilheiras da Melriça e Alvaiazere.

As ondulações suaves do terreno, subindo ao horisonte, em planos graduaes e recortados, vão fugindo e esfumando-se na vaporosa neblina da perspectiva aeria. E por entre os rasgões do manto de vegetação, que cobre planicies e collinas, vê-se a carne da terra, d'uma côr ruborisada que realça, pelo phenomeno dos valores complementares, a gamma infinita dos verdes, do mais garrido ao mais sombrio, impregnados de humidade e de frescura.

Manchas espaçadas de pinheiraes e olivedos, de veigas e vergeis, matizados de casaes alvejantes dão ao conjuncto toques rutilos de polychromia; e, por sobre todo este conjuncto, n'uma inundação de sol, o azul do céo a esbater-se, empallidecendo até fundir-se com a orla violacea dos ultimos montes.

O panorama extenso, a perder de vista, é extraordinariamente bello, observado a cavalleiro do alto dos muros do velho castello templario.

Em baixo estende-se a vasta planicie. No primeiro plano assenta a cidade com os seus arruamentos alinhados e parallelos, interceptando-se em esquadria [1].

O effeito d'esta regularidade geometrica dá-lhe a feição de cidade edificada sobre um plano moderno, com os edificios bem arrumados, como mobiliario de casa confortavel e decente.

Segue-se a larga zona, por onde corre em curvas o rio Nabão, por entre ramagens de salgueiros e choupos, e entra na cidade dividindo-a em dois bairros, ligados por uma ponte de antiga fabrica.

Em todo o seu percurso assaz longo, ladeado de renques de vegetação frondosa, este rio constantemente offerece episodios marginaes que são pequenos e deliciosos motivos de paizagens tranquillas e amorosas.

Tão formoso, quanto benefico, elle atravessa os campos que rega e fertilisa, e faz desabrochar em varzeas, hortas e pomares, em producções agricolas de toda a especie, em abundancias de cereaes, fructas, vinho e azeite.

O Nabão é para Thomar um dom providencial; um elemento poderoso de trabalho e um factor de riqueza, que a iniciativa laboriosa tem sabido aproveitar, como energia mechanica applicada á actividade industrial.

Ao seu concurso operoso deve Thomar a prosperidade de que goza, pelos beneficios e auxilios que presta a todos os ramos do trabalho. A sua corrente ainda hoje, como no tempo dos Templarios, é uma força infatigavel e bemfazeja. Por isso os altivos cavalleiros o consideravam propriedade exclusivamente sua; e os serviços uteis que produzia, movendo azenhas e lagares, eram explorados em favor dos interesses da ordem, que d'esse monopolio auferia rendimentos importantes.

---

[1] O visitante, observando a cidade do alto da muralha, não deixará de notar, que as ruas principaes da cidade são destorcidas pelo convento, de fórma que os olhos do espectador as atravessam até ao rio, e, d'ahi por diante, ao bairro de Santa Iria.

La ville de Thomar

LORSQUE le voyageur, sortant de la station de Paialvo, est cahoté sur une route poussiéreuse et monotone, à travers un terrain aride et accidenté, il est loin de prévoir la surprise qui l'attend au bout de sept kilomètres à peu près, de ce trajet pénible et peu intéressant.

À l'approche d'une dernière courbe de la route on est bien dédommagé de tous les désagréments du chemin; Thomar nous apparait d'une manière inattendue, entourée de toutes les magnificences du paysage environnant, vaste, engageant et gai.

Le tableau qui se déroule alors à nos yeux est magnifique et embrasse une région très étendue dans laquelle la tonalité vibrante, intense et pleine de sève des arbres et des cultures luxuriantes, semble entonner des hymnes à la nature en fête.

Tout ce paysage, étincelant de lumière, dans une atmosphère limpide et transparente se prolonge à distance de quelques lieues jusqu'aux embranchements des cordillières de Melriça et Alvaiazere.

Les suaves ondulations du terrain, qui en plans découpés monte graduellement vers l'horizon, semblent fuir et s'estomper dans la brume vaporeuse de l'air lointain.

Et entre les déchirures de ce manteau de végétation qui cache les plaines et les collines, on aperçoit la chair de la terre, d'une couleur rougeâtre, qui, grâce au phénomène des valeurs complémentaires, fait encore réhausser l'éclat de la gamme infinie de verdure, de la plus tendre à la plus sombre, toute imprégnée d'humidité et de fraîcheur.

Cà et là des taches de bosquets de pins et d'oliviers, de jardins et de vergers, émaillés par les fermes blanchissantes, donnent à cet ensemble des touches brillantes de polychromie, et sur tout le paysage inondé de soleil, l'azur du ciel s'étend et pâlit jusqu'à se fondre dans le bord violacé des dernières montagnes.

Le panorama étendu à perte de vue est extraordinairement beau, observé presque à vol d'oiseau du haut des murs du vieux château des Templiers.

La vaste plaine s'étend en bas, et sur le premier plan repose la ville avec ses rues alignées et parallèles, coupées en équerre [1].

L'effet produit par cette régularité géométrique est celui d'une ville édifiée sur un plan moderne, avec ses edifices bien rangés, comme les meubles dans une maison honnête et confortable.

Ensuite sur une large zone, le fleuve Nabão court sinueusement parmi les touffes de saules et de peupliers, et entre dans la ville qu'il partage en deux quartiers, reliés par un pont de construction ancienne. En tout son long parcours, le fleuve bordé de végétation touffue, offre à tout moment des accidents naturels qui sont de délicieux paysages, amoureux et tranquilles.

Aussi bon que beau, il traverse les champs qu'il arrose et féconde, il fait éclore et épanouir les jardins, les potagers et les vergers en toute sorte de productions agricoles, en abondance de céréales, de fruits, de vin et d'huile.

Le Nabão est un don providentiel pour Thomar, un puissant élément de travail, une source de richesse que la laborieuse initiative a su mettre à profit, comme énergie mécanique appliquée à l'activité industrielle.

C'est à lui que Thomar doit la prospérité dont elle jouit, grâce aux bienfaits et à l'appui qu'il prête à toutes les branches de travail. Son cours est encore aujourd'hui, comme au temps des Templiers, une force bienfaisante et infatigable. C'est pour cela que les hautains chevaliers le considéraient comme leur propriété exclusive, et que les services utiles qu'il rendait, en faisant travailler les moulins à eau et les pressoirs, étaient exploités en faveur des intérêts de l'Ordre, qui en tirait d'importants revenus.

---

[1] Le visiteur, qui observe la ville du haut de la muraille, remarquera que les rues principales de la ville sont détournées par le couvent, de manière que les yeux du spectateur les embrasse jusqu'au fleuve, et plus loin dans le quartier de Sainte Iria.

*
*　*

A cidade de Thomar é uma das mais formosas povoações da Extremadura, tão varia em aspectos. Tudo n'esta pequena cidade é de molde a despertar a attenção e a sympathia do visitante.

Os cuidados de limpeza da via publica e das habitações, escrupulosamente caiadas, começam por dar-lhe uma impressão insinuante e sympathica, de affectuosa hospitalidade.

Quasi todos os domicilios possuem poços de agua para lavagens. Assim a hygiene publica se acha garantida contra as febres endemicas que, referem, em outros tempos affligiam e desbastavam a população.

Aprazivel e bem fadada pela natureza, pela physionomia calma e sorridente da sua paizagem inexcedivel; engrandecida pelos successos e lendas da sua existencia historica; e, mais ainda, pela importancia dos seus monumentos, repositorios de tradições e florescencias de arte das épocas mais brilhantes da vida da nação, verdadeiros documentos da capacidade mental e das aptidões ethnicas do povo portuguez, Thomar tem a fascinação e o encanto de todos os attractivos.

É de bem dizer a actividade emprehendedora que aqui estabeleceu numerosas fabricas, que dão emprego a milhares de braços e sustento a innumeraveis familias. Fonte perenne de prosperidade, de engrandecimento, de importancia e bem estar do populoso concelho.

Quer pela espontanea iniciativa local, quer por circumstancias fortuitas e felizes, pouco importa, o movimento da sua industria é consideravel[1]; e a sua importancia na existencia collectiva da população é tal, que basta dizer: uma só das suas fabricas, a de fiação e tecidos, emprega permanentemente cerca de dois mil operarios, entre homens e mulheres.

Quantos lares dependentes do vital funccionamento d'estes organismos de trabalho accelerado!

E outras fabricas ha a mencionar, igualmente em laboração e constante incremento e progresso.

A fabrica do papel do Prado produz diariamente cerca de sete mil e quinhentos kilos de papel de especies diversas. E, ligada a esta, a Marianaia, que manufactura papel ordinario. E ainda ha a mencionar as fabricas de Porto de Cavalleiros e da Matrena, etc.

De fórma que do poderio e prestigio das ordens de cavallaria do Templo e de Christo colheu as suas tradições historicas, a sumptuosidade dos monumentos que possue, e até a insignia heraldica da sua representação: — «por armas a cruz de Christo». [2]

Nos tempos hodiernos, porém, e nas exigencias da civilisação actual, os titulos mais legitimos e honrosos, que possam encarecer e nobilitar uma população, só podem dimanar das condições economicas do seu labor valorisado, da organisação intelligente de emprezas productivas, da latitude e aproveitamento dos seus recursos de labutação e de commercio.

E ainda por este lado, repetimos, Thomar tem a seu favor essa superior vantagem, manancial de proventos derramados na circulação da sua actividade material e economica.

*
*　*

Depois de rapidamente apontar as qualidades pittorescas e deliciosas dos arrabaldes que a cercam; e da vida tranquilla d'esta cidade, que apenas conta uma população de sete mil almas; resta fa-

---

[1] O estabelecimento da industria textil em Thomar tem raizes antigas.

Foi por 1772 que o francez Noel-le-Maître, com auxilio e fiscalisação da Real Fabrica de Sêdas, fundou o primeiro estabelecimento fabril de tecidos. Não foi feliz. O insuccesso, que quasi sempre persegue as arrojadas innovações, zombou dos esforços do activo emprehendedor, como contrariou, não obstante fartas concessões e privilegios, a confiança das diversas gerencias que se foram succedendo, sem melhor exito, até á invasão franceza.

Só posteriormente é que a administração de Gomes Loureiro conseguiu dar-lhe estabilidade e alentos.

É interessante o relatorio de Accurcio das Neves, ácerca das vicissitudes e desfallecimentos que durante esses quarenta annos estorvaram a intelligencia e tenacidade vigorosamente postas ao serviço d'essa empreza.

[2] Pelos modos, o primeiro brazão dado á antiga villa, para lustre e ufania da sua piedade, era uma curiosa exhibição figurada, em quadros, do tragico martyrio de Santa Iria. No primeiro quartel, o vulto sinistro do tyranno Britaldo; depois o féro algoz, denunciado pelo nome de Banão; seguia-se um castello e finalmente a virgem degolada e insolitamente mergulhada nas aguas do Nabão.

*
*　*

La ville de Thomar est une des plus belles de la province d'Extremadura, déjà si variée d'aspects; tout dans cette petite ville est digne d'attirer l'attention et la sympathie du visiteur.

Les soins d'entretien de la voie publique et des habitations scrupuleusement blanchies à la chaux, contribuent avant tout à lui donner un air insinuant et sympathique, d'affectueuse hospitalité. Presque toutes les maisons sont munies de puits pour les lavages, et l'hygiène publique est ainsi préservée des fièvres endémiques qui, à ce que l'on dit, affligeaient et dévastaient autrefois la population.

Agréable et bien douée par la nature, par l'apparence calme et riante de ses paysages incomparables, agrandie par les évènements et les légendes de son existence historique et encore plus par l'importance de ses monuments qui renferment des traditions et des fleuraisons d'art des époques plus brillantes de notre vie nationale et qui sont de véritables documents de la capacité mentale et des aptitudes ethniques du peuple portugais, Thomar possède le charme et la fascination les plus attrayants.

Il faut aussi ajouter que l'activité entreprenante qui a établi de nombreuses fabriques occupe des milliers de bras, entretient d'innombrables familles et représente une source continuelle de prospérité, de grandeur, d'importance et d'aisance dans cette populeuse commune.

Que ce soit dû à la spontanéité d'initiative locale, ou à d'autres circonstances fortuites et heureuses, peu importe, le fait est que le mouvement industriel est considérable [1] et son importance dans l'existence collective de la population est telle, qu'une seule de ses fabriques, de filature et tissus, emploie constamment près de deux mille ouvriers, hommes et femmes.

Combien de foyers vivent du fonctionnement de ces organismes de travail actif!

Et il y a encore d'autres fabriques, également en activité qui augmentent et progressent de jour en jour. La fabrique de papier du Prado produit journellement à peu près sept mille cinq cents kilos de papier de diverses qualités; celle de Marianaia, qui lui est reliée manufacture du papier ordinaire. Et il faut encore citer les fabriques de Porto de Cavalleiros et de Matrena, etc.

Ainsi Thomar a puisé dans la puissance et le prestige des ordres de chevalerie du Temple et du Christ ses traditions historiques, la somptuosité de ses monuments et même l'insigne héraldique qui la répresente: — «pour armes, la croix du Christ» [2].

Mais dans les temps modernes et d'après les exigences de la civilisation actuelle, les titres les plus honorables et légitimes qui peuvent ennoblir et élever une population, ne peuvent provenir que des conditions économiques de son travail, de l'organisation intelligente de ses entreprises productives, de l'expansion et du profit de ses ressources laborieuses et commerciales.

Et sous ce point de vue Thomar possède, comme nous l'avons dit, des avantages supérieurs répandus par la circulation de son activité matérielle et économique.

*
*　*

Après avoir rapidement signalé, les conditions pittoresques et delicieuses des environs, la vie tranquille de la ville qui compte à peine sept mille âmes, il nous reste à parler des monuments qui sont

---

[1] L'établissement de l'industrie textile à Thomar est d'origine ancienne. En 1772 le français Noel-le-Maître, avec l'aide et sous la fiscalisation de la *Fabrique Royale de Soies*, fonda la première fábrique de tissus. Il ne fut pas heureux. L'insuccès qui s'attache presque toujours aux innovations hardies, railla les efforts de l'actif entrepreneur, de même qu'il contraria, malgré toutes les concessions et privilèges, la confiance des diverses directions qui se succédèrent, également sans succès, jusqu'à l'invasion française. Ce ne fut que plus tard sous l'administration de Gomes Loureiro qu'on réussit à la faire revivre. Le rapport de Accurcio das Neves, à propos des vicissitudes et des défaillances qui pendant ces quarante ans troublèrent l'intelligence et la ténacité mises au service de cette entreprise, est des plus intéressants.

[2] Il paraît que le premier blason donné à l'ancienne ville, en honneur et hommage à sa piété, était une curieuse exposition, en tableaux, du martyre de Sainte-Iria. Dans le premier l'image sinistre du tyran Britaldo; ensuite le féroce bourreau présenté sous le nom de Banão; puis un château, et en dernier lieu la vierge égorgée et plongée insolitement dans les eaux du Nabão.

zer menção dos seus monumentos que são objecto de encarecimento e curiosidade, quer pelas recordações da historia que lhes estão ligadas, quer pelo alto valor da contribuição que offerecem ao estudo comparativo e fixação dos factos da arte portugueza.

É preciso interrogal-os com solicitude, e comprehender a linguagem da sua mudez eloquente.

A começar pelas ruinas do castello templario, tudo ali falla á imaginação. Olhando-as a distancia, julgamos vêr ainda agitarem-se sobre os adarves os vultos, de capas brancas ao vento, dos cavalleiros heroicos, que a poesia das lendas consagrou para sempre.

Finalmente, a cidade de Thomar, notavel pela seducção e excellencia da sua situação natural; illustrada pelas recordações da milicia do Templo que a fundou; pelos admiraveis restos da sua grandeza, sumptuosos e significativos certificados para a demonstração dos aspectos evolutivos da arte, sob a influencia das ideias dominadoras; pela importancia economica e social dos seus estabelecimentos fabris; pela indole laboriosa e pacifica dos seus habitantes, satisfeitos, ao parecer, na sobria mediania que lhes ministra o trabalho assiduo; por todos estes motivos, a cidade de Thomar é e será, para os estranhos e curiosos forasteiros, um logar privilegiado e attrahente, que se visita com jubilo e se deixa com pezar, na intenção affectuosa de voltar em breve, em busca de novas sensações, cariciosas e boas.

Egreja de S. João Baptista

Na praça principal, denominada de D. Manoel, espaçosa, arborisada e limpa, ergue-se em um dos topos o edificio dos paços municipaes e, fronteira a este, a egreja de S. João Baptista. Duas construcções manoelinas, sem alardes de grandeza e originalidade; mas igualmente expressivas como fórmas de architectura religiosa e civil. Dos raros edificios que restam no paiz destinados ás assembleias do povo, para a discussão e defeza dos interesses particulares da cummuna, este é, talvez, o mais amplo e bem conservado [1].

A traça da egreja de S. João é de moderadas proporções; a delineação geral simples e vulgar dos edificios religiosos de tres naves, com *clerestory* sobre as arcadas lateraes. Isto é, empenas sobre as naves menores, e o remate da fachada em platibanda horisontal. A porta, como predominante funcção decorativa, oculo e frestas symetricas.

Os tectos são de madeira; e as tres capellas absydaes cobertas em concha, com abobadas de nervuras convergentes, faceadas em liso.

O projecto interior obedece ao proposito manifesto de grande sobriedade. Os capiteis com a ornamentação rudemente lavrada: desde o emprego avulso da folha crespa, reminiscencia da Batalha, até á pretenção legendaria: caça ao javali; lucta do leão com a serpe, lembrando um pensamento allusivo á ficção heraldica de Cindasunda, etc.

A porta principal, agora dada á estampa, é um formoso exemplar de decoração architectonica, da primeira phase da degeneração gothica. A concepção do delineamento e o perfil rispido das molduraçoes têm a marca chronologica do manoelino em formação.

Ao lado, e contiguamente á fachada, imprimindo-lhe um famoso aspecto de imponencia e amplitude, ergue-se a torre, d'um bello contorno, robusta e bem equilibrada. Do quadrado da planta, cortados os angulos, toma a configuração d'um prisma octogono, com ventana em cada face.

E sobreposta altivamente, com apparencia dominadora, segue-se o corucheu pyramidal muito elevado, circumdado nos terços da altura por duas estreitas corôas de tijolo, que interrompendo a continuidade, lhe dão um expressivo e gracioso effeito. E tanto, que é curioso de constatar como d'este ligeiro incidente resulta uma tão grande vantagem decorativa.

É n'estes casos que se admira, como a mesma intelligencia e delicadeza de sentir vai até aos ultimos pormenores. D'ahi, a espontanea ternura com que merecem ser contemplados estes singulares e

[1] Seria para desejar que as fachadas podessem manter-se na integridade da sua feição primitiva. É lamentavel de vêr arcadas obstruidas a pedra e cal e o edificio desfigurado, em nome do conforto moderno de installações mais ou menos transitorias.

l'object de la plus flatteuse curiosité, non seulement à cause des souvenirs historiques qu'ils rappèlent, mais aussi parce qu'ils contribuent puissamment à l'étude comparative et à la fixation des faits de l'art portugais.

Ils doivent être interrogés avec sollicitude, pour bien comprendre le langage de leur éloquent mutisme. En commençant par les ruines du château des templiers, tout en ce lieu parle à l'imagination. Observées à distance, nous croyons voir encore se mouvoir sur les bastions avec leurs blancs manteaux agités par le vent, les ombres des chevaliers héroïques que la poèsie des légendes a consacrés à jamais.

Enfin, la ville de Thomar, remarquable par la séduction et le charme de sa situation naturelle; illustrée par les souvenirs des guerriers du temple qui l'ont fondée; par les admirables épaves de sa grandeur qui sont autant de documents somptueux et significatifs pour la démonstration des aspects évolutifs de l'art, sous l'influence des idées dominantes; par l'importance économique et sociale de ses établissements industriels; par le caractère laborieux et pacifique de ses habitants qui semblent satisfaits de la sobre médiocrité dûe à leur travail assidu; par toutes ces raisons, la ville de Thomar est et sera pour les étrangers et les voyageurs curieux, un lieu privilégié et attirant que l'on visite avec plaisir et que l'on quitte à regret, en se promettant d'y revenir bientôt à la recherche de sensations nouvelles, douces et charmantes.

Eglise de S. João Baptista

À l'une des extrémités de la place principale nommée de D. Manuel, vaste, propre et arborisée s'élève l'édifice de l'hotel de ville et vis-à-vis celui-ci est l'église de S. João Baptista. Ce sont deux constructions *manuelinas*, sans prétention à la grandeur ni à l'originalité, mais également significatives au point de vue de l'architecture religieuse et civile, et, parmi les rares édifices qui existent dans le pays, destinés aux assemblées du peuple pour la discussion et la défense des intérêts particuliers de la commune, celui-ci est peut-être le plus vaste et le mieux conservé [1].

Le tracé de l'église S. João est de proportions moderées; le dessin vulgaire et simple des édifices religieux à trois nefs, avec *clerestory* sur les arcades latérales, c'est-à-dire, des supports sur les nefs plus petites et le sommet de la façade avec platebande horizontale, et, comme principale fonction décorative, la porte, la rosace et les fenêtres symétriques.

Les plafonds sont en bois et les trois chapelles absydales couvertes en coquille avec les voûtes à nervures convergentes taillées sur fond uni.

Le projet intérieur obéit au même dessin de grande sobriété. Les chapiteaux avec les ornements rudement sculptés, depuis l'emploi de la feuille de chêne, reminiscence de Batalha jusqu'aux prétentions légendaires de la chasse au sanglier, lutte du lion et du serpent, dont la pensée, rappèle une allusion à la fiction héraldique de Cindassunda, etc.

La porte principale, représentée dans la gravure, est un bel exemplaire de décoration architecturale à la première phase de dégénérescence gothique. La conception du dessin et le profil dur des moûlures ont la marque chronologique du *manuelino* en formation.

La tour, robuste, bien équilibrée et d'un beau galbe, qui s'élève à côté et contigüe à la façade, lui imprime un fameux aspect de majesté et d'amplitude. Posée sur le plan carrée, après les angles coupés, elle prend la configuration d'un prisme octogonal, avec une croisée sur chaque face.

Et plus haut, avec une apparence dominatrice, se pose la flèche pyramidale très élevée et entourée aux tiers de sa hauteur par deux minces couronnes de briques, qui en interrompent la continuité et lui donnent un effet gracieux et expressif, et il est curieux de remarquer comme ce léger incident contribue à produire un avantage décoratif. Il faut admirer aussi comme la même intelligence et la même délicatesse vont jusqu'aux moindres détails, et alors avec une charme intinctif on pense à ces

[1] Il serait à désirer que les façades puissent conserver l'intégrité de leur première manière. Il est déplorable de voir des arcades obstruées de pierres et de chaux et l'édifice défiguré sous prétexte de confort moderne et d'installations plus ou moins passagères.

poderosos artistas, cujo engenho se revela nos minimos episodios [1]. Além de notavel pela architectura, este templo recommenda-se ainda pela superioridade e importancia dos quadros que encerra.

Os factos desde longe debatidos da pintura quinhentista em Portugal, em que um unico nome, synthetisando uma escóla, quasi abrangia a actividade de tantos artistas laboriosos e fecundos, embora não dissipados mysterios e incertezas que a obscurecem, acham-se seguramente firmados em hypotheses assaz racionaes e lucidas.

Ao periodo de improvisações, postulados e phantasias succederam os esforços de investigação fertil; e opiniões de auctoridade excepcional se pronunciaram sobre o problema ferozmente espinhoso e complexo [2].

Um esboço de classificação proficientemente gisado da obra capital dos mestres, — ou procedendo directamente de pintores flamengos, ou de artistas educados sob a influencia da escóla de Antuerpia, póde considerar-se definitivamente estabelecido, pelas analogias sensiveis de caracter e de factura. E ainda, como subsidio, a existencia do Gran Vasco foi historicamente assegurada em limites certos [3].

Os quadros de S. João são em numero de oito, ao todo, de dimensões desiguaes.

Mal dispostos, cercados de molduras de talha moderna, nas mais desfavoraveis condições de exposição, deploravelmente maltratados pelas inclemencias do acaso e pelas sevicias de restauradores audazes, durante muito tempo a determinação do seu valor oscillou caprichosamente por entre desdens e gabos.

Hoje o merecimento d'essas taboas é reconhecido e fixado, com um logar irrecusavel na seleccionação ponderosa e sciente do espolio consideravel da pintura do seculo XVI, em Portugal.

Resumindo o juizo dos mais versados peritos n'este delicado assumpto, segundo as opiniões com fóros da mais alta competencia, os quadros d'este grupo notavel devem ser attribuidos a dois auctores differentes: tres considerados como obra d'um pintor, por emquanto desconhecido, mas discipulo directo de Metsys; e os cinco restantes incluidos na serie Vellascus, auctor do *Pentecostes* de Coimbra.

Assim, para a comprovação de como a influencia e os germens d'essa arte maravilhosa se aclimaram em Portugal e foram assimilados n'uma efflоração prodigiosa de talento e de sensibilidade, em Thomar se encontram documentos valiosos e indispensaveis á elaboração critica e depuração dos factos.

As bellas paginas conservadas na egreja de S. João representam como tantas outras, affirmações do genio d'essa gloriosa pleiade de artistas nacionaes, cujos vultos, ainda que vagamente desenhados, resplandecem em obras admiraveis, na penumbra de incertezas, que ulteriormente poderam ser dissipadas, pelo proseguimento dos estudos auspiciosamente iniciados.

*
* *

Sem sahir d'este templo, outra obra d'arte prende a attenção, como sendo, no seu genero, dos mais apreciaveis exemplares: é o gracioso pulpito, que a estampa junta nitidamente representa.

Pena é que a fragilidade do calcareo e a tenuidade da decoração, cortada com a accentuação e os exageros da obra de talha, não podesse resistir ás contingencias do menosprezo dos barbaros.

Não obstante ignobilmente mutilada, esta obra é um estimavel especimen com a impressão accentuada e subtil do lance inicial da larga trajectoria manoelina.

A. Gonçalves.

---

[1] No mostrador do relogio, por exemplo, aos cantos deixados pela inscripção do circulo no quadrado, ha, em cima, dois pequenos bustos de personagens coroados — rei e rainha; e inferiormente, em correspondencia e symetria, vêem-se duas simples caveiras. Significativo brado e advertencia dirigida aos felizes da terra, suscitando-lhes a lembrança da velocidade das horas, inconstancia e brevidade da vida!

[2] Acima de tudo, os trabalhos elucidativos e profundos do snr. J. de Vasconcellos: *A. Dürer*, em *Arc. art.*; *Hist. da Arte*, e *Port. ant. e mod.* — Etc., etc.

[3] Documento descoberto pelo snr. Aragão.

puissants artistes dont le génie s'est révélé jusqu'aux plus simples épisodes [1]. Outre son architecture remarquable, ce temple est digne d'attention pour l'importance et la supériorité des tableaux qu'il renferme.

Les faits, depuis longtemps débattus de la peinture du seizième siècle en Portugal, lorsqu'un seul nom, résumant une école, représentait presque toute l'activité de tant d'artistes laborieux et féconds, se trouvent sûrement appuyés sur des hypothèses assez lucides et rationnelles, quoique les mystères et les incertitudes qui les obscurcissent ne soient pas entièrement dissipés.

Les efforts d'investigation fertile, suivirent la période des improvisations, des fantaisies, et des postulats, et des opinions exceptionnellement autorisées se sont prononcées à propos de ces problèmes cruellement épineux et compliqués [2].

Grâce aux analogies sensibles de caractère et de facture on peut définitivement établir une ébauche de classification savamment basée sur l'œuvre capitale des maîtres; soit qu'elle procède directement des peintres flamands ou d'artistes élevés sous l'influence de l'école d'Anvers. Et d'ailleurs comme preuve évidente l'existence d'un Gran Vasco a été historiquement assurée dans des limites certaines [3].

En tout il y a huit tableaux à S. João, et de dimensions inégales.

Mal placés, entourés de cadres en sculpture moderne, ils se trouvent exposés de la manière la plus défavorable, déplorablement maltraités par les vicissitudes du hasard et par les cruautés de restaurateurs audacieux, et pendant bien longtemps la détermination de leur mérite a capricieusement oscillé entre les louanges et le dédain.

Aujourd'hui la valeur de ces tableaux est reconnue et fixée à une place irrécusable dans le choix éclairé et juste des valeurs considérables qui nous ont été laissées en peintures du XVI^{me} siècle en Portugal.

En résumant l'appréciation des plus habiles experts en cette matière délicate, d'après des opinions de la plus haute compétence, les tableaux de ce groupe remarquable doivent être attribués à deux auteurs différents: trois comme œuvre d'un peintre encore inconnu, mais élève direct de Metsys; et les cinq autres doivent être compris dans la série Vellascus, auteur du *Pentecostes* de Coimbra.

Ainsi, pour prouver comme l'influence et les germes de cet art merveilleux se sont acclimatés en Portugal et comment ils furent assimilés en une floraison prodigieuse de talent et de sensibilité, on trouve à Thomar des documents précieux et indispensables pour l'élaboration critique et l'épuration des faits.

Les belles pages conservées à l'église S. João représentent comme tant d'autres, des preuves de génie de cette glorieuse constellation d'artistes nationaux, dont les images, quoique vaguement dessinées, se manifestent en des œuvres admirables, dans la pénombre de quelque incertitudes, que le temps et des études sagement initiées dissiperont assurément.

*
* *

Sans sortir de ce temple, une autre œuvre d'art attire notre attention, comme un des plus estimables exemplaires dans son genre; c'est la gracieuse chaire que notre gravure représente nettement.

Il est regrettable que la fragilité de la pierre calcaire et la fragilité des ornements, surchargés de sculptures exagérées, n'ait pu résister aux préjudices causés par les barbares.

Malgré les ignobles mutilations, ce travail est un spécimen très appréciable qui présente d'une manière accentuée et subtile l'élan initiel du vaste cercle *manuelino*.

A. Gonçalves.

---

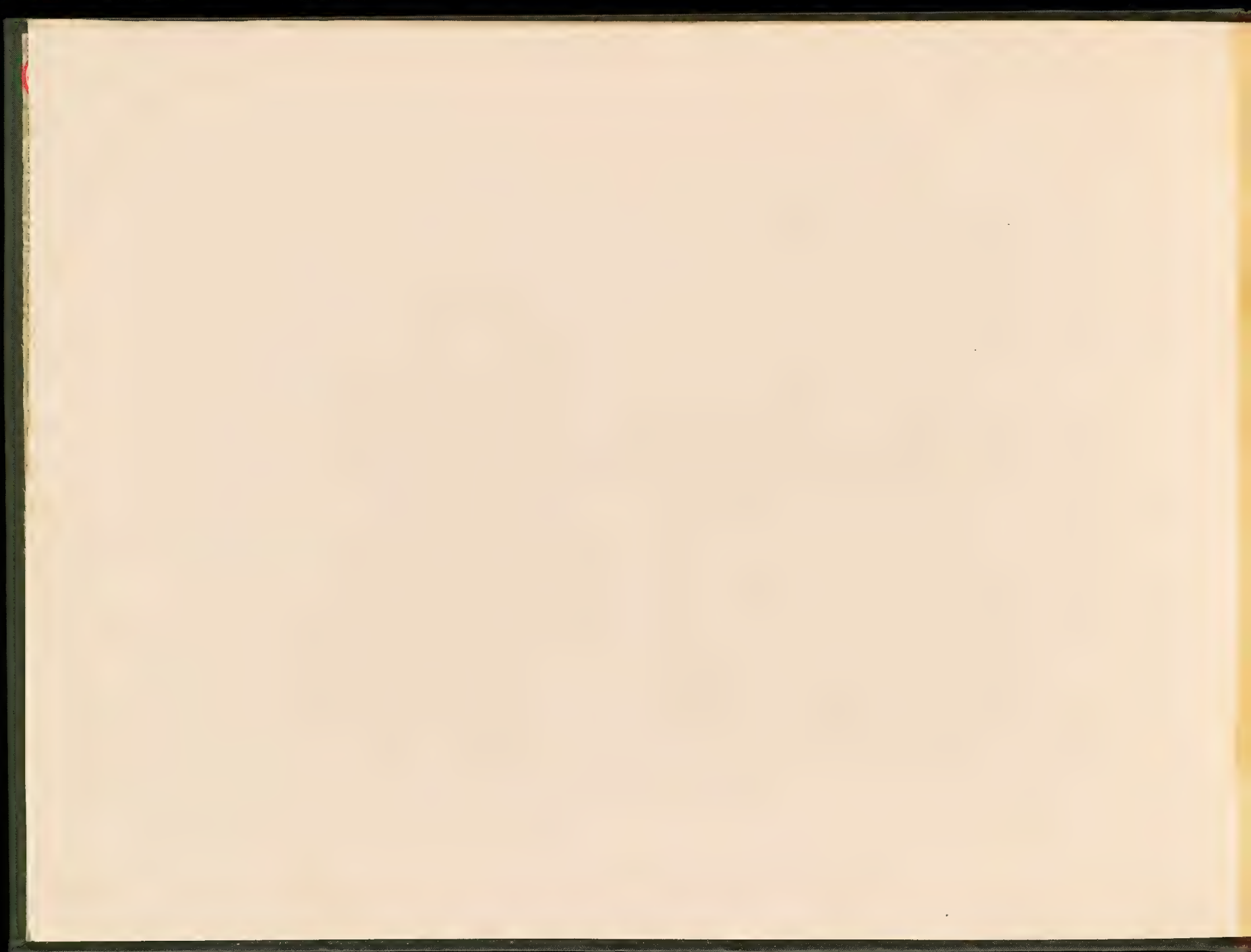
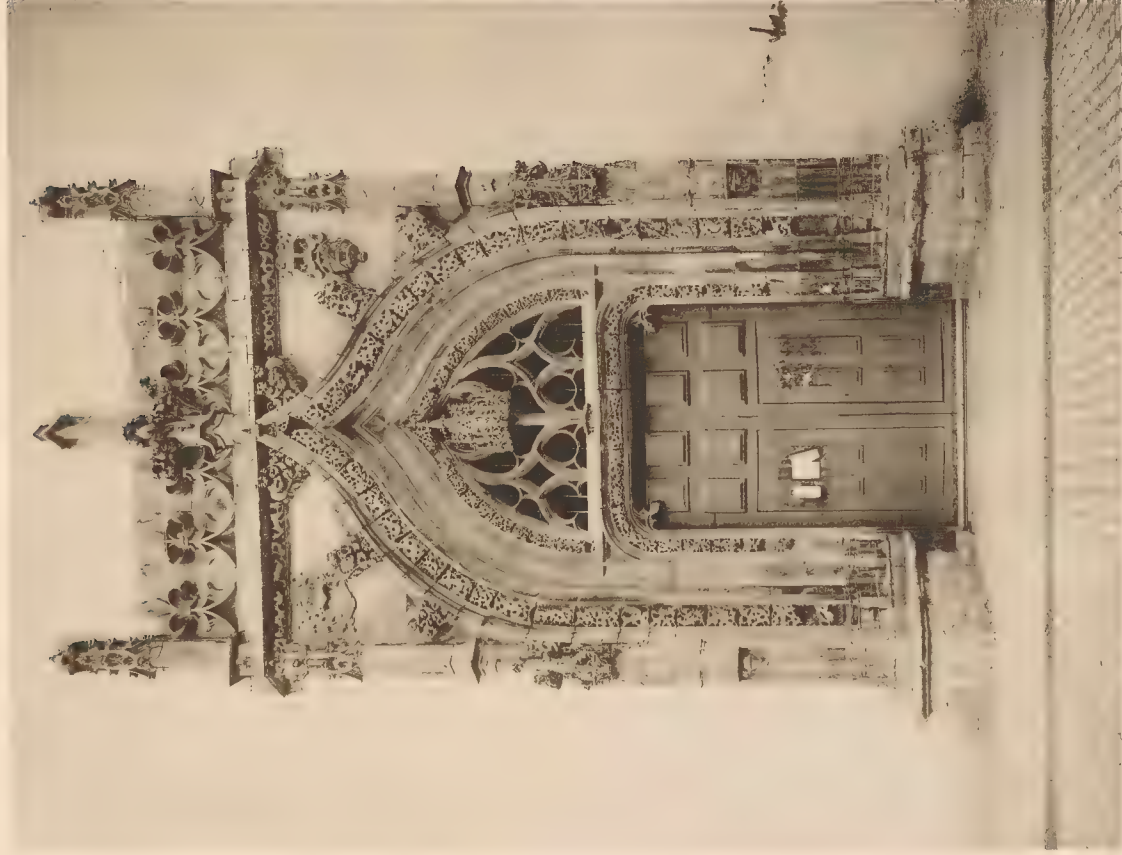
[1] Sur le cadran de l'horloge, par exemple, dans les coins ménagés entre le cercle et le carré on voit en haut deux petits bustes de personnages couronnés: un roi et une reine; en bas, faisant symétrie il y a deux simples têtes de morts. C'est un appel significatif et un avertissement aux puissants de la terre, pour leur rappeler la rapidité des heures, l'inconstance et la brièveté de la vie.

[2] En première ligne, les travaux profonds et élucidatifs de Mr. J. de Vasconcellos; *A. Dürer*, en *Arc. art.*; *Hist. da Arte*, e *Port. ant. e mod.*, etc.

[3] Document découvert par Mr. Aragão.

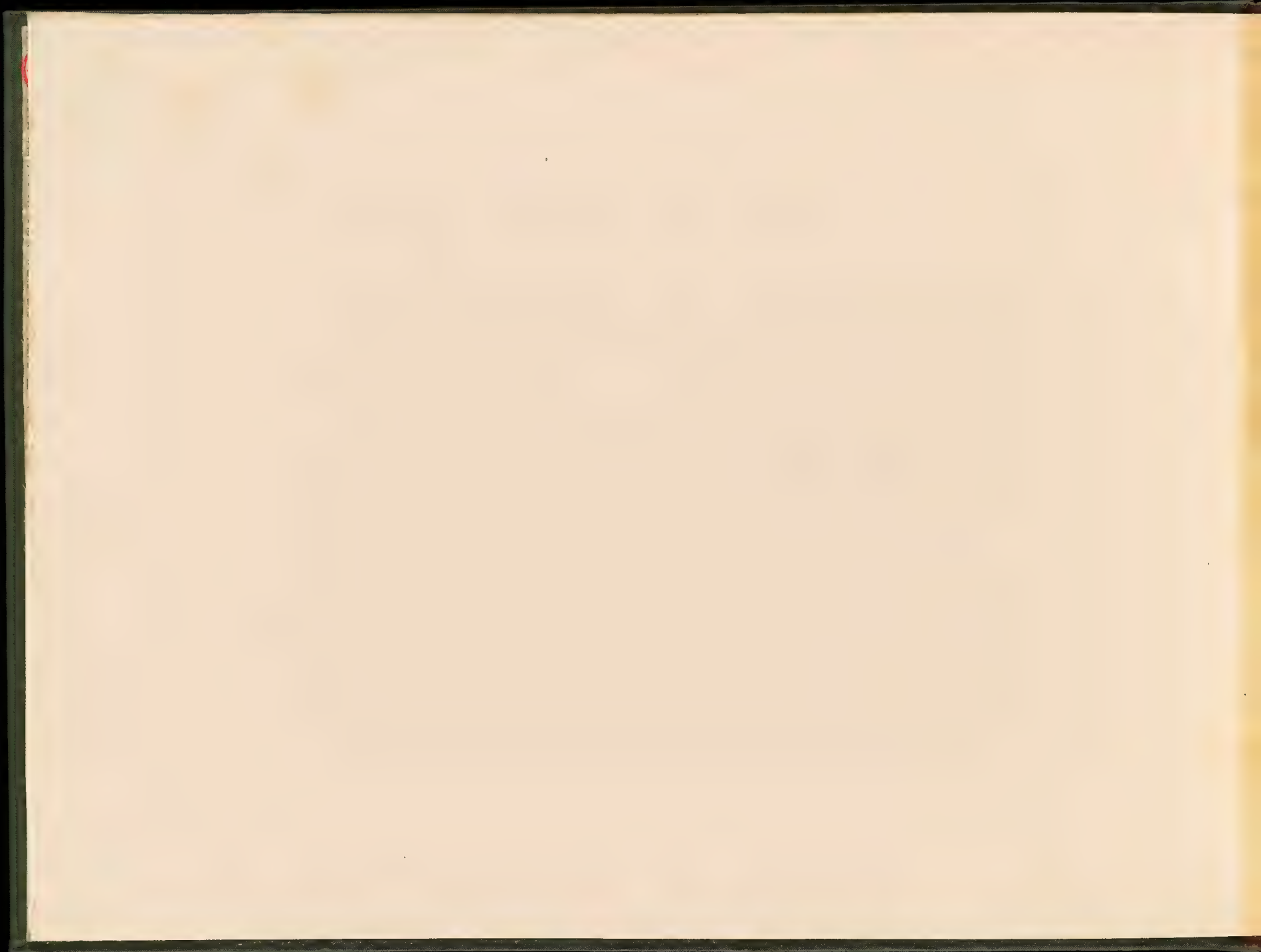
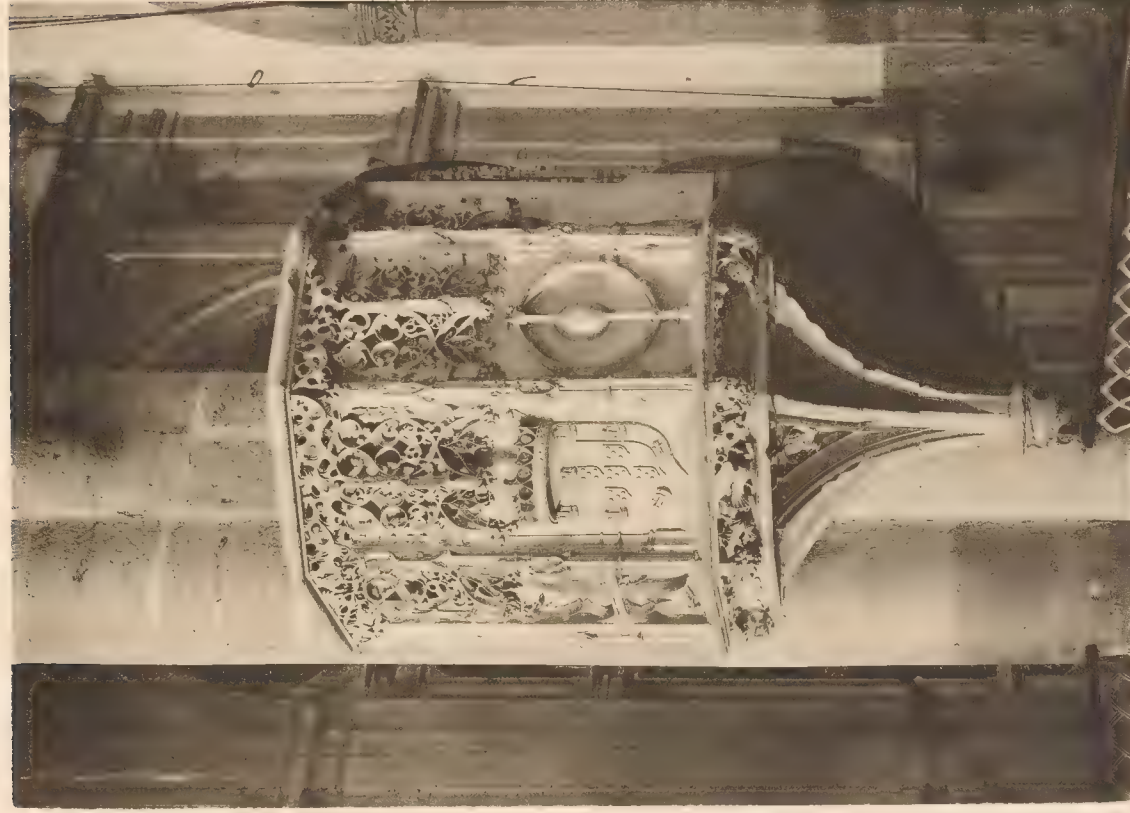
A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.^A EDITORES

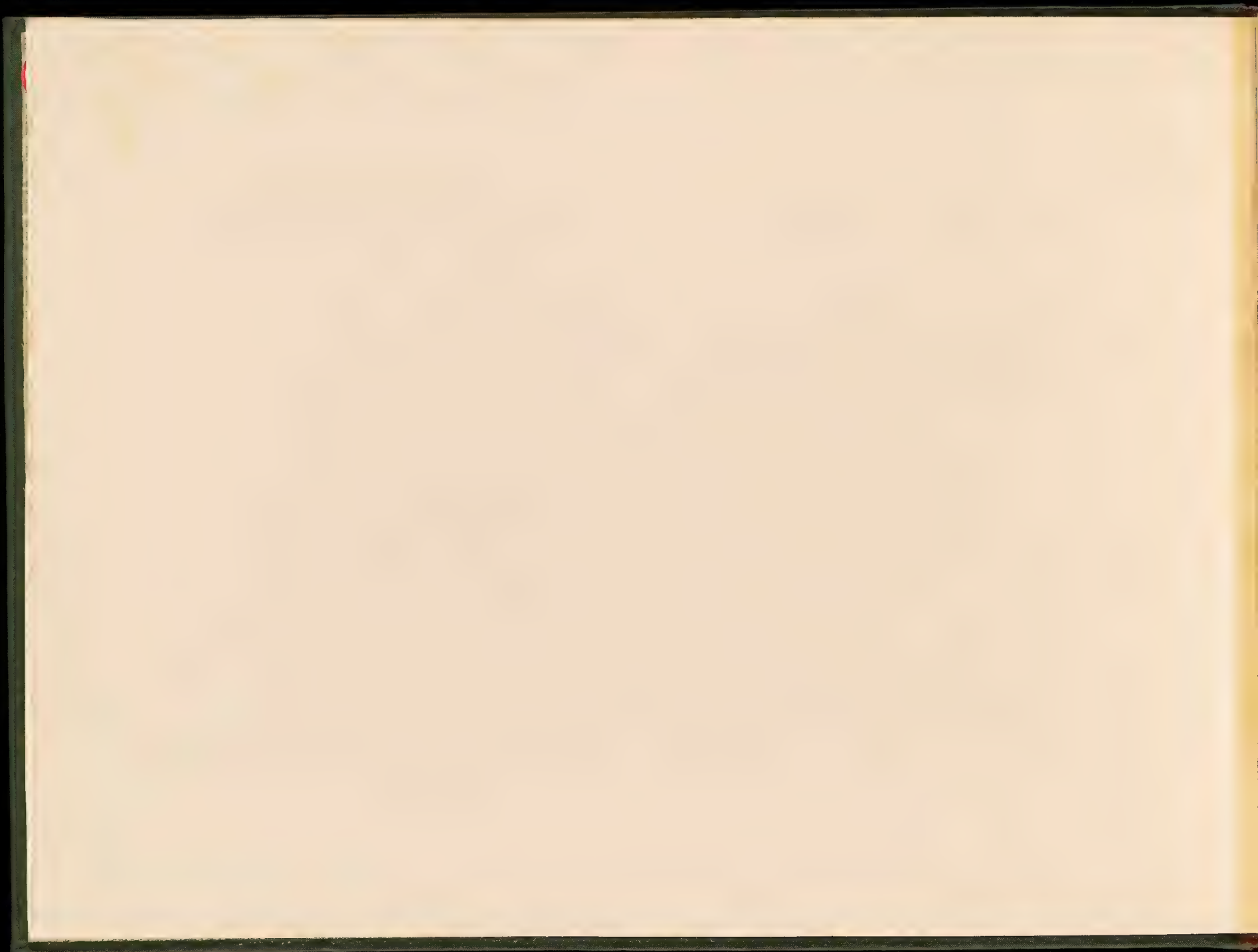
Vista geral

THOMAR

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

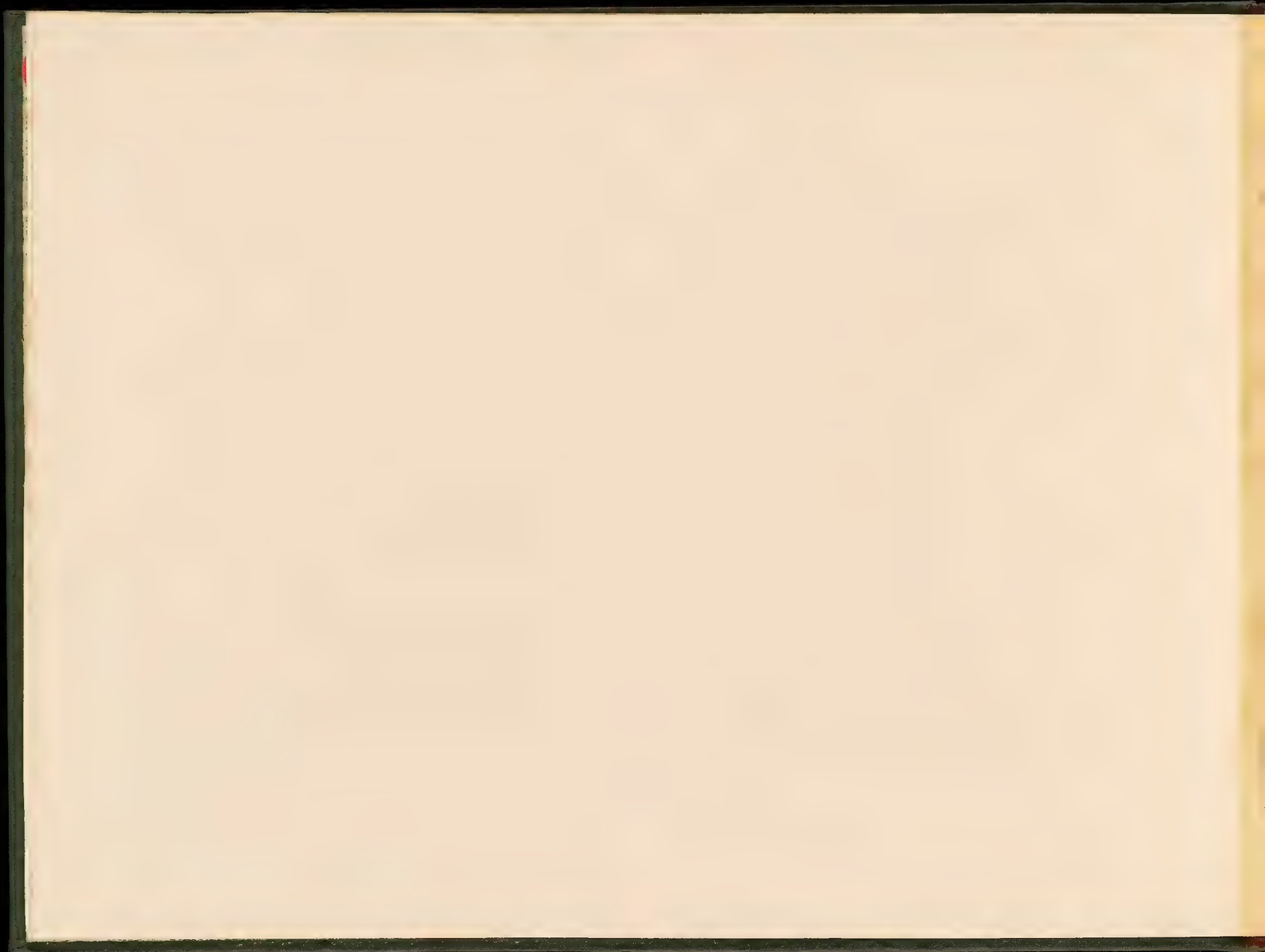
Porta principal da egreja de S. João Baptista

THOMAR

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Pulpito na egreja de S. João Baptista

THOMAR

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª · EDITORES

Margens do rio Nabão

THOMAR

Convento de Christo em Thomar

Os Templarios, os heroes das cruzadas nas conquistas da Palestina, accusados de abominaveis superstições e sacrilegios, foram barbaramente exterminados em França e a Ordem aniquilada por toda a parte.

Quaesquer que tenham sido as causas desconhecidas que motivaram o odio e a perseguição de Filippe, o Bello, é certo que a egreja, que tinha sempre protegido e acariciado essa milicia sagrada de batalhadores da fé, os abandonou inexoravel á vingança tenebrosa e cruel da realeza. E consentiu que, depois de dolorosas provações, em que os condemnados não cessavam de protestar a sua innocencia, acabassem miseravelmente nos cadafalsos e nas fogueiras, retalhados pelas torturas nos longos interrogatorios, os altivos campeões, que, durante mais d'um seculo, foram temidos e respeitados, sob as bençãos de Roma, pelo poder do seu prestigio, das suas riquezas, da sua força e da sua bravura. Mas, se eram geraes o temor e a aversão contra essas orgulhosas e turbulentas espadas, em que a realeza e a thiara viram um perigo e uma ameaça, em Portugal, desde o primeiro reinado, os Templarios foram valiosos e fieis auxiliares nas luctas da reconquista e na fundação da monarchia. E jámais o seu valor deixou de ser assignalado em ferocidades gloriosas.

Quando a estrella radiosa do rei Conquistador começou de empallidecer, batido pelos musulmanos, domado pelo genro leonez; depois de quebrantado pelo desastre de Badajoz, reduzido á inacção pela ferida do joelho, rugindo, como um velho leão, no seu fôjo de Santarem, foi ao valor e fidelidade provada dos soldados do Templo que confiou o proseguimento das suas emprezas guerreiras e a defeza das fronteiras do pequeno reino.

Assim considerados bons e leaes companheiros de armas, D. Diniz, julgando indispensavel a sua cooperação ao alargamento e segurança do territorio contra o perigo mahometano, consegue da Santa Sé o restabelecimento em Portugal da Ordem, sob aspecto differente e com a designação de *Cavalleiros de Christo.*

Bem longe estava D. Diniz de imaginar que consequencias assombrosas resultariam d'este successo apparentemente tão simples; bem longe de suppôr que maravilhosos acontecimentos o destino arrancaria d'este facto, para o engrandecimento politico e commercial da nação e para a obra triumphante da civilisação do mundo. Porque foi com os recursos das enormes riquezas da Ordem de Christo que o infante D. Henrique [1] dominado por um grande pensamento e pelas miragens da ambição, com a tenacidade e obceção d'um fanatico, fez face ás despezas avultadas das suas explorações maritimas no littoral da Africa.

E esses feitos constituiram os preliminares, verdadeiramente a primeira jornada, da nossa odissêa da navegação; o ensaio e incitamento aos ataques de surpreza e furias destruidoras, sem quartel e sem piedade, que mais tarde haviam de sujeitar a India ao ephemero dominio portuguez.

E ainda n'esse longo e tragico espectaculo de soffrimentos e proezas os cavalleiros de Christo desempenharam um papel brilhante, confirmando a coragem do seu animo e o esforço do seu braço.

São estes factos que naturalmente repassam pela lembrança de quem contempla o conjuncto variado e vasto dos edificios que serviram de domicilio a essas bravas legiões.

---

[1] Parece que o infante, escusando-se a fazer voto de pobreza, não se intitulava mestre, mas unicamente — governador e administrador da Ordem.

Le Couvent du Christ à Thomar

Les Templiers, héros des croisades aux conquêtes de la Palestine, accusés d'abominables superstitions et sacrilèges, furent barbarement exterminés en France et leur Ordre anéanti partout.

Quelles qu'aient été les causes inconnues qui originèrent la haine et la persécution de Philippe, le Beau, il est certain que l'église, qui avait toujours protégé et caressé cette milice sacrée de batailleurs de la foi, les abandonna inexorablement à la vengeance ténébreuse et cruelle de la royauté. Et après de douloureuses épreuves où les condamnés ne cessaient de protester de leur innocence, elle consentit que les fiers champions qui pendant plus d'un siècle avaient été craints et respectés, sous les bénédictions de Rome, par la puissance de leur prestige, de leur richesse, de leur force et de leur courage, finissent misérablement sur les échafauds et les buchers, mutilés par la torture dans les longs interrogatoires. Mais, si la crainte et l'aversion étaient générales, contre ces turbulentes et glorieuses épées dans lesquelles la royauté et la thiare voyaient un danger et une menace, en Portugal, depuis le premier règne, les Templiers furent de précieux et fidèles auxiliaires lors des luttes de reconquête et de la fondation de la monarchie. Et leur bravoure fut toujours signalée par de glorieuses férocités.

Quand la radieuse étoile du roi Conquérant commença à pâlir, battu par les musulmans, vaincu par le gendre léonais, affaibli par le désastre de Badajoz, réduit à l'inaction par une blessure au genou, rugissant comme un vieux lion dans son antre de Santarem, ce fut au courage et à la fidélité éprouvée des soldats du Temple qu'il remit le soin de poursuivre ses entreprises guerrières et la défense des frontières du petit royaume.

Ainsi considérés comme de bons et loyaux compagnons d'armes, D. Diniz, jugeant leur aide indispensable au développement et à la sûreté du territoire contre le péril mahométan, obtint du Saint Siège le rétablissement de l'Ordre en Portugal, sous un aspect différent et avec la désignation de *Chevaliers du Christ.*

D. Diniz était bien loin de prévoir les conséquences étonnantes qui devaient résulter de ce fait apparemment si simple; bien loin aussi de supposer quels merveilleux événements la destinée ferait ressortir de cette cause, pour l'agrandissement politique et commercial de la nation et pour l'œuvre triomphante de la civilisation du monde, parce que ce fut avec les ressources des immenses richesses de l'Ordre du Christ que l'infant D. Henri [1], dominé par une haute pensée et par les mirages de l'ambition, avec la ténacité, et l'obsession d'un fanatique, pût subvenir aux énormes dépenses de ses explorations maritimes sur le littoral de l'Afrique.

Et ces faits, furent les préliminaires, pour ainsi dire la première étape de notre odyssée de navigation, l'essai et l'encouragement de ces attaques de surprise et de ces furies dévastatrices, sans trève ni pitié, qui devaient plus tard assujétir l'Inde à l'éphémère domination portugaise.

Et dans ce long et tragique spectacle de souffrances et d'actions d'éclat les chevaliers du Christ jouèrent encore un rôle brillant où ils démontrèrent bien la vaillance de leur âme et l'effort de leur bras.

Naturellement ces faits passent par l'imagination de ceux qui contemplent l'ensemble varié et vaste des édifices qui servirent de demeure à ces braves légions.

---

[1] Il parait que l'infant refusant de faire vœu de pauvreté, ne prenait pas le titre de maitre, mais seulement celui de — gouverneur et administrateur de l'Ordre.

O convento de Christo, famoso por tantos titulos, é principalmente notavel porque encerra affirmações valiosas e authenticas das phases principaes da architectura, que entre nós floriram e passaram.

Cada epocha ali deixou impressa a expressão da sua força e do seu encanto. O romanico, o gothico, a renascença, em feições distinctas, e os episodios energicamente movimentados do manoelino mais exuberante e rico, ali se acham succintamente representados, no ensinamento perenne da sua significação nacional e historica.

É como que o deposito collectivo da vida artistica da nação, atravez de cinco seculos de aspirações e de luctas, de vicissitudes sociaes, de fortuna e de gloria, de exaltação e desfallecimentos.

Percorrendo o convento, extensos dormitorios, claustros e officinas, por toda a parte se encontram provas da opulencia feudal em que vivia essa extranha communidade de sacerdotes e soldados, ao mesmo tempo, que pelo espirito da sua instituição representavam a alliança monstruosa e incomprehensivel, perante o sentimento christão, de duas idéas oppostas: o odio religioso e a caridade sanguinaria.

Nós, os homens do presente, ao penetrarmos no velho santuario despojado e ermo, não é sem uma profunda impressão de espanto que á nossa imaginação surgem esses arrogantes templarios, que alli erguiam nas mãos impuras a hostia immaculada; da mesma fórma que nos combates misturavam os hymnos sagrados ás imprecações do assassinato e do exterminio.

E confrangidos reconhecemos que sobre essas incoherencias, offensivas da divindade, inventadas pela crueldade humana, caiu a punidora condemnação da inquebrantavel justiça da historia.

O Castello

De tantas ruinas de edificações militares que pelo paiz se encontram, as de Thomar são das mais suggestivas e d'aquellas em que mais vivem as tradições de honrados feitos e de lendarias e heroicas bravuras.

Ao poente da formosa cidade eleva-se um monte assaz abrupto, que por aquelle lado a defende e se espraia, cingindo-a em grande extensão.

Na cumiada d'esse monte assentam as muralhas; e, para a dentro d'ellas, o historico convento de Christo, outr'ora séde dos Cavalleiros do Templo. Assim a povoação dilatava-se, humilde e submissa, ao sopé do monte, sob a protecção e senhorio do sobranceiro solar, como feudo que era dos opulentos sacerdotes-guerreiros.

As ondulações do terreno, obrigando á disposição obliqua e irregular das muralhas, dão variedade á configuração geral das fortificações e vantagens pittorescas a esse interessante conjuncto.

No lugar mais elevado está a cidadella e torre de menagem, que alteia a sua corpulencia consideravel muito acima das muralhas circumjacentes e domina a distancia e grande altura a vasta planicie, em que a cidade se extende.

De cada ponto que seja observada essa agglomeração de construcções, apresenta aspectos variados e novos. E de toda a parte apraz o vêr: a cerca e baluartes corroidos, os contornos de parapeitos, ameias, barbacans e seteiras, restos denteados de muros cahidos, que se recortam duramente sobre o azul luminoso do céo, ou sobre as longinquas montanhas, violaceas e esbatidas que fecham o horisonte para além do Nabão.

A estrada ingreme que conduz ao convento, subindo o declive aspero do monte, têm detalhes pittorescos e medievaes de scenario; e a entrada no recinto fortificado dá a visão impressiva d'uma composição theatral, em extenso palco decorado de telas e repregos, onde vão desenvolver-se episodios bellicosos e tragicos de pondunores feudaes e reptos cavalleirescos:

« Que la mancha del onor
solo con sangre se quita. »

Nas velhas ruinas é onde mais intensamente palpita a alma das gerações e das idades que passaram. E uma commovente ternura, especie de melancholia nostalgica, invade o espirito, que attentamente as contempla.

Le couvent du Christ, à tant de titres fameux, est surtout remarquable parce qu'il présente des affirmations précieuses et authentiques des principales phases d'architecture qui fleurirent et passèrent entre nous.

Chaque époque y a laissé imprimée l'expression de sa force et de son charme. Le roman, le gothique, la renaissance, en des traits distincts, de même que les épisodes énergiquement mouvementés du style manoelino plus riche et exhubérant s'y trouvent représentés comme un enseignement perpétuel de leur signification nationale et historique.

C'est comme un dépôt collectif de la vie artistique de la nation, à travers cinq siècles d'aspirations et de luttes, de vicissitudes sociales, de fortune et de gloire, d'exaltation et de défaillances.

En parcourant le couvent, les vastes dortoirs, les cloitres et les ateliers, on trouve partout des preuves de l'opulence féodale où vivait cette étrange communauté de prêtres et de soldats, de même que par l'esprit de leur institution ils représentaient la monstrueuse et incompréhensible alliance, de deux idées opposées, pour le sentiment chrétien: la haine religieuse et la charité sanguinaire. Nous autres, hommes du présent, en penétrant dans le vieux sanctuaire dépouillé et solitaire, nous sentons une profonde impression d'étonnement lorsque notre imagination nous représente ces arrogants templiers, qui élevaient dans leurs mains impures l'hostie immaculée, de la même manière que dans les combats ils mêlaient aux hymnes sacrés les imprécations d'assassinat et d'extermination.

Et avec une certaine contrainte nous reconnaissons que sur ces incohérences, offensives à la divinité et inventées par la cruauté humaine, est tombé le châtiment condamnatoire de l'inexorable justice de l'histoire.

Le château

Au milieu de tant de ruines d'édifications militaires qu'on trouve dans notre pays, celles de Thomar sont des plus significatives et de celles où revivent plus sensiblement les traditions de faits honorables et de bravoures héroïques et légendaires.

À l'ouest de la jolie ville s'élève une montagne assez escarpée, qui la défend de ce côté et s'étend, en l'entourant, sur un grand parcours.

Au sommet de cette montagne se posent les murs, et dans leur enceinte, l'historique couvent du Christ, autrefois le siège des chevaliers du Temple. Ainsi la ville s'étendait, humble et soumise, au pied de la colline sous la protection et la seigneurie du manoir hautain, comme féodataire qu'elle était des opulents prêtres guerriers.

Les ondulations du terrain, obligeant à la position irrégulière et oblique des murs, prêtent une certaine variété à la configuration générale des fortifications et rendent plus pittoresque cet intéressant ensemble.

À l'endroit le plus élevé se trouve la citadelle et la tour d'honneur, qui hausse sa considérable corpulence bien au delà des murs environnants et domine à distance et de bien haut la vaste plaine ou s'étend la ville.

Quelque soit le point d'où on observe cette agglomération de constructions, elle présente toujours des aspects nouveaux et variés. Et de tous les côtés il est beau de voir: l'enclos et les remparts minés, les contours de parapets, de créneaux, de barbacanes et de meurtrières, les restes dentelés de murs ruinés qui se découpent durement sur l'azur lumineux du ciel, ou sur les montagnes lointaines, violacées et estompées qui ferment l'horizon au delà du Nabão.

La route à pic qui mène au couvent, en suivant l'âpre declivité de la montagne, présente des détails pittoresques d'une scène du moyen-âge, et l'entrée de l'enceinte fortifiée donne la vision impressionante d'une composition théatrale, sur une vaste scène décorée de toiles et de coulisses sur laquelle nous allons voir se développer des épisodes tragiques et belliqueux des points d'honneur féodaux et des défis chevaleresques:

Car la tache de l'honneur
Ne s'efface qu'avec du sang.

C'est dans les vieilles ruines que palpite avec plus d'intensité l'âme des générations et des âges passés. Et une tendre émotion, comme une sorte de mélancolie nostalgique envahit l'esprit qui les con-

Mudas testemunhas de successos ignorados, são como velhos textos de historia em caracteres illegiveis, que guardam no seu seio o mysterio de segredos inviolaveis.

O castello de Christo levanta-se com os seus flancos descarnados, corroidos e mutilados pelo abandono e pela irreverencia; e na sua grandeza decrepita e resignada desperta o sentimento da comiseração enternecida, inseparavel das soberbas opulencias que caem na desventura e na miseria.

É, por este impulso de sympathia, que, em volta dos restos dilacerados d'esses phantasmas guerreiros, quasi sempre se agitam as lendas que brotam da phantasia popular, prodiga de invenções maravilhosas.

Tambem o castello de Thomar, como não podia deixar de ser, tem uma lenda gloriosa e epica, apregoada na propria lapide commemorativa, que lá se ostenta e dizem coeva da fundação da torre.

De encontro aos seus muros, onde se achava desfraldado ao vento o balsão da Ordem, branco e negro com a cruz vermelha sobreposta, que tantas vezes apavorára as hostes mauritanas, vieram quebrar-se as arremettidas d'um formidaloso exercito, quando, em 1191, o emir de Marrocos Yacub atravessou o estreito de Gibraltar, a vingar a affronta de derrotas anteriormente soffridas nos campos de Santarem.

A ufania dos Templarios, para dar ao feito dimensões descommunaes, que abalassem o animo da posteridade, eleva a expedição invasora a proporções inverosimeis. Nada menos de quatrocentos mil cavalleiros e quinhentos mil infantes, sob o commando do proprio kediva em pessoa!

Seis dias durou o assedio, ao fim dos quaes, repellidos e acossados os assaltantes pelas investidas dos sitiados; perseguidos, trucidados, dizimados e abatidos pela vergonha da derrota infringida n'uma lucta, de tal modo desegual, os de Mahomet levantam o cêrco e fogem, tomando o caminho de Algeciras.

E, para dar mais decisivo realce á façanha estupenda: Yacub, succumbindo ás feridas mortaes, paga com a vida a temeridade da aventura, destinada a lançar o exterminio e a escravidão no reino invadido.

Como se vê, só vêm a faltar, por desnecessario, o auxilio das phalanges celestiaes, de azas abertas, desfilando no espaço e brandindo espadas em defeza da causa christã.

O facto historico, tão estrepitosamente ampliado em pregão lapidar e em narrativa de chronicas, é de sobejo conhecido.

Validando foros de verosimilhança á insigne ficção, tambem aqui se encontrava a *porta do sangue*, por onde as sortidas inesperadas retalhavam o inimigo; e que muitos julgam ainda hoje descobrir, por entre escombros e vegetação, em lugar recondito.

Taes, como este, são os explendorosos pergaminhos de muitas das venerandas ruinas, que se erguem por esse solo patrio, e recordam, em hyperbolicos exaggeros, a tradição de acontecimentos illustres.

Nos primordios da monarchia, para assegurar a posse dos territorios conquistados palmo a palmo, era necessario manter as fronteiras guarnecidas de castellos, sentinellas vigilantes, prestes a conter e rechassar as algaras musulmanas. Porém, como é facil de vêr, raros serão os monumentos militares, a que possa attribuir-se uma tão grande antiguidade. E confesso, resalvando mais prudentes assertos, esta opinião, por uma despreoccupada inspecção suggerida: nos muros de Thomar difficilmente se encontrariam vestigios de construcção anterior a D. Diniz.

A disposição das fortificações existentes deve ter sido diversa da que seria em outros tempos. Profundamente alterada por adjuncções successivas, determinadas pelas exigencias do desenvolvimento progressivo da ordem e dos edificios que abrigavam, a topographia do terreno mal permittiria que se ampliassem, sem que mutuamente se comprimissem e prejudicassem.

Comtudo e apesar de tudo, os antigos restos da architectura marcial disseminados pelo paiz constituiriam um elevado thema de educação, cheio de devoção patriotica, se fossem, depois de defendidos e consolidados, inculcados nas escólas á estimação e ao amor das populações, como tropheus inviolaveis de nobreza local.

Toda a gente sabe, porque mil vezes tem sido repetido, a fórma vandalica e barbara como a superstição dos sonhos, a cubiça dos thesouros occultos e a preoccupação incontinente dos melhoramentos

temple attentivement. Témoins muets d'événements ignorés, elles sont comme de vieux textes d'histoire en caractères illisibles, qui gardent dans leur sein le mystère d'inviolables secrets.

Le château du Christ se lève avec ses flancs décharnés, minés et mutilés par l'abandon et l'irrévérence; et dans sa grandeur décrépite et résignée il éveille un sentiment de pitié attendrie, inséparable des orgueilleuses opulences tombées dans le malheur et la misère.

Et c'est par cet élan de sympathie, qu'autour des restes ruinés de ces fantômes guerriers, nous voyons presque toujours s'agiter les légendes qui naissent de la fantaisie populaire, prodigue de merveilleuses inventions.

Le château de Thomar ne pouvait donc pas passer sans avoir aussi une légende épique et glorieuse, célébrée sur la plaque commémorative, qu'on y voit et qu'on dit contemporaine de la fondation de la tour.

Lorsque, en 1191, l'émir du Maroc, Yacub, traversa le détroit de Gibraltar, pour venger l'affront des défaites souffertes sur les champs de Santarem, les attaques d'une formidable armée vinrent se briser contre les murs du château de Thomar, où se trouvait déployé l'étendard de l'Ordre, blanc et noir avec la croix rouge superposée.

La fierté des Templiers, voulant attribuer à ce fait des proportions peu vulgaires, qui ébranleraient l'âme de la postérité, éleva cette expédition à un nombre invraisemblable. Pas moins de quatre cents mille cavaliers et cinq cents mille fantassins, sous le commandement du khediva en personne!

L'assaut dura six jours, au bout desquels, les assaillants, repoussés et persécutés par les assiégés, poursuivis, massacrés, anéantis et abattus par la honte d'une défaite infligée dans une lutte si inégale, levèrent le siège et s'enfuirent en prenant la route d'Algeciras.

Et, pour faire encore ressortir cette extraordinaire victoire, Yacub succombant à des blessures mortelles, paya de sa vie cette téméraire aventure destinée á exterminer et à soumettre à l'esclavage le royaume envahi.

Comme on voit, il ne manque là, comme inutile, que l'aide des phalanges célestes, les ailes ouvertes, défilant dans les airs et brandissant leurs glaives en défense de la cause chrétienne.

Le fait historique si bruyamment exagéré sur l'inscription lapidaire, et dans les chroniques du temps est suffisamment connu.

À l'appui de vraisemblance à cette célèbre fiction, il existait aussi ici la *porte du sang*, par laquelle on mutilait l'ennemi en des sorties inattendues; quelques uns prétendent encore la découvrir aujourd'hui parmi la végétation et les décombres dans quelque lieu caché.

Tels que celui-ci, on trouve beaucoup de splendides parchemins, de ruines vénérables qui s'élèvent dans notre pays et qui rappèlent, par d'hyperboliques exagérations, la tradition d'événements célèbres.

Au commencement de la monarchie, afin d'assurer la possession de territoires conquis pied à pied, il fallait maintenir les frontières garnies de châteaux, sentinelles vigilantes, prêtes à contenir et à pourchasser les incursions musulmanes. Mais, comme on peut bien le voir, il y a très peu de monuments militaires auxquels on puisse attribuer une telle antiquité. Et, sous réserve de plus justes affirmations, mon avis, inspiré par un examen libre de toute prévention, est que dans les murs de Thomar on retrouverait difficilement des vestiges de construction antérieure à D. Diniz.

La disposition des fortifications existantes doit avoir été toute autre de ce qu'elle aurait été en d'autres temps. Sensiblement alterée par de successives adjonctions, déterminées par les exigences du développement progressif de l'Ordre, et des édifices qu'elles protégeaient, la topographie du terrain n'aurait guère permis qu'on les augmentat, sans qu'elles se soient resserrées et nui mutuellement.

Cependant, malgré cela, les anciens restes d'architecture militaire disséminés dans le pays, formeraient un beau thème d'éducation plein de dévouement patriotique si, après avoir été dûment étudiés, on les répandait dans les écoles, soumis à l'amour et à l'estime du peuple, comme d'inviolables trophées de noblesse locale.

Tout le monde sait, car on l'a mille fois répété, à quel point les rêves superstitieux, la recherche de trésors cachés et la préoccupation insolite d'améliorations locales, ont contribué d'une manière vandale et barbare à la destruction de beaucoup de ces antiquités sans défense. Ce n'est pas ici que nous citerons et discuterons ces faits, mais il y en a de nombreux et de déplorables.

locaes tem concorrido á destruição de muitas d'essas indefesas antiqualhas. Não é este o logar proprio para libellos e citação de factos; mas ha-os numerosos e deploraveis.

Algumas d'essas fortificações, exclusivamente militares, ou castellos de residencia real ou solarenga, que assistiram á consolidação da autonomia portugueza, ou lhe asseguraram a realisação dos seus destinos, estão acabando ignobilmente no desmoronamento e na derrocada, na depressão do abandono mais completo de governantes e governados.

Cáem aos pedaços os documentos materiaes da nossa historia politica, militar e civil; e até aquelles a que se acham ligados acontecimentos celebrados, que deviam manter-se como incentivos legitimos de brio e dedicação patriotica.

As grandes construcções de Bragança, Porto de Moz, Leiria, Alvito, Obidos, Guimarães, Villa da Feira, Extremoz, e muitas outras de primeira grandeza; bem como as mais modestas e numerosas, simples atalaias, perdidas e ermas no cume dos montes, ou a cavalleiro das planicies, até ao fragil e humilde circuito de resguardo, defeza dos pequenos povoados pelas terras da Beira, todas essas testemunhas dos successos agitados e bellicosos da historia portugueza durante as luctas da reconquista christã e nas mutuas discordias entre os monarchas peninsulares, todas essas pittorescas e affectuosas carcassas umas foram eliminadas, outras encontram-se, como gladiadores prostrados, nos paroxismos da sua existencia secular.

E não deixa de ser tocante o vêl-as muitas vezes risonhas e garridas, envoltas na sua romantica mortalha de hera, esperando o sacrificio do ultimo momento.

O divorcio com o passado faz com que o epitheto galhofeiro e prenhe de argutos desdens, de — bysantinos archeologismos, seja razão de sobra, para que as intelligencias superiores vassourem esses velhos e authenticos documentos dos successos, dos costumes, das idéas, e da vida nacional de outr'ora. E assim, pela insensibilidade educativa e patriotica, os historicos padrões, que não succumbirem ao arranque dos vendavaes, terão de ser arrazados pelas exigencias do progresso provinciano, para a abertura e alargamento das civilisadas e pretenciosas avenidas municipaes.

Collocados sob essa condemnação fatal, hão de succumbir, sem appellação nem aggravo, no meio da indifferença e da inferioridade deprimente que o facto em si representa.

É preciso ter percorrido o paiz, para se avaliar de toda a extensão d'esta calamidade, como se um mau fado incitasse á lenta desapparição d'esses depoimentos historicos de todas as idades. Então se reconhece que a necessidade d'uma corporação vigilante e idonea, que assuma a superintendencia dos monumentos nacionaes, apoiada em leis protectoras e sensatas só tem sido, por emquanto, sophismada com simulacros coloridos e douradas ficções de evasivas illusorias.

Resta desejar, que depois das tentativas, tantas vezes reiteradas, providencias legislativas e efficazes se façam sentir, a tempo de soccorrer e salvar os restos existentes da defraudada herança nacional.

A. Gonçalves.

THOMAR

Quelques-unes de ces fortifications exclusivement militaires, ou châteaux de résidence royale ou seigneuriale, qui assistèrent à la consolidation de l'indépendance portugaise ou qui contribuèrent à la réalisation de sa destinée, s'écroulent ignoblement, dans le plus lamentable et complet abandon de la part de ceux qui gouvernent et de leurs administrés.

Les documents matériels de notre histoire politique militaire et civile et même ceux qui se trouvent liés à des événements célèbres, et qu'on devrait conserver pour stimuler l'amour propre et le dévouement patriotique, tombent par morceaux.

Les grandes constructions de Bragança, Porto de Moz, Leiria, Alvito, Obidos, Guimarães, Villa da Feira, Extremoz, et beaucoup d'autres de première importance, ainsi que de plus nombreuses et modestes, simples redoutes, solitaires et perdues au sommet des montagnes ou à cheval sur les plaines, jusqu'à la fragile et humble enceinte de sureté, défense des petits villages sur les terres de Beira, tous ces témoins des succès agités et belliqueux de l'histoire portugaise pendant les luttes de reconquête chrétienne et lors des mutuelles discordes des monarques péninsulaires, toutes ces pittoresques et aimables ruines ont été, les unes éliminées, et les autres se trouvent, comme des gladiateurs vaincus, dans les paroxismes de leur existence séculaire. Et il est parfois touchant de les voir souvent coquettes et riantes, enveloppées de leur romantique linceul de lierre, attendant le sacrifice de leur dernier moment.

Le divorce avec le passé permet que l'épithète moqueuse et pleine de subtil dédain, de — archéologismes bysantins — soit une raison suffisante pour que les intelligences supérieures méprisent ces documents authentiques et anciens des événements, des mœurs, des idées et de la vie nationale d'autrefois. Et ainsi par insensibilité patriotique et éducatrice, les monuments historiques que n'ont pas entrainé les fureurs de la tempête, finiront par être détruits par les exigences du progrès provincial, pour le percement et l'élargissement d'avenues municipales prétentieuses et civilisées. Placés sous cette fatale condamnation ils périront, sans secours ni appel, au milieu de l'indifférence et de la désolante infériorité que ce seul fait représente.

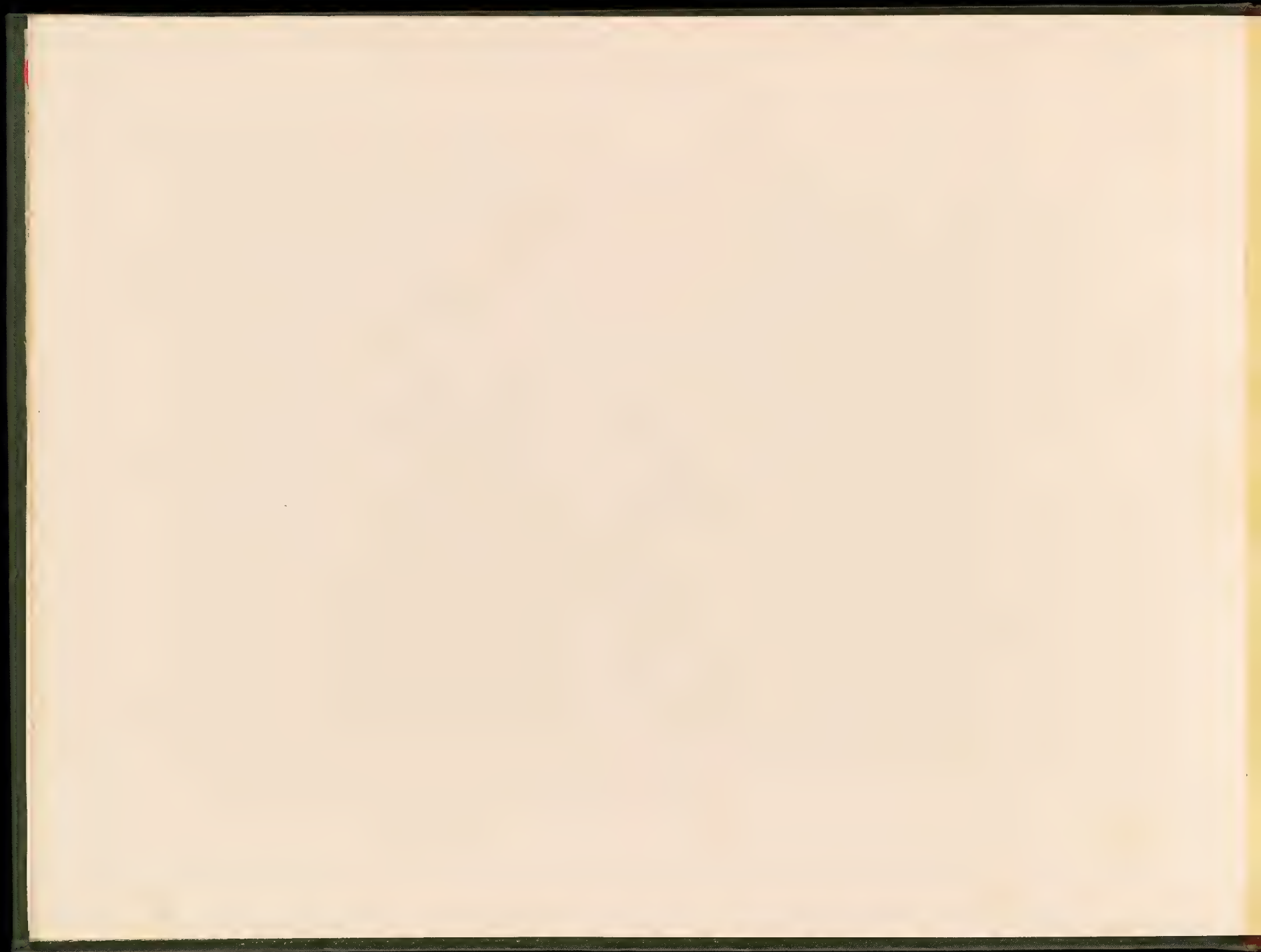
Il faut avoir parcouru le pays pour se rendre compte de toute l'étendue de cette calamité, comme si un mauvais destin poussait à la lente disparition de ces documents historiques de tous les âges. C'est alors qu'on reconnait que la nécessité d'un comité capable et prévoyant, prenant sur soi la surveillance des monuments nationaux, basé sur des lois sensées et protectrices, a été jusqu'ici présentée faussement sous des apparences trompeuses et de brillantes fictions évasivement illusoires.

Il est à désirer qu'après tant de tentatives reïtérées nous commencions à sentir des soins efficaces et légaux, qui arrivent assez à temps pour secourir et sauver les épaves existantes de l'héritage national déjà si endommagé.

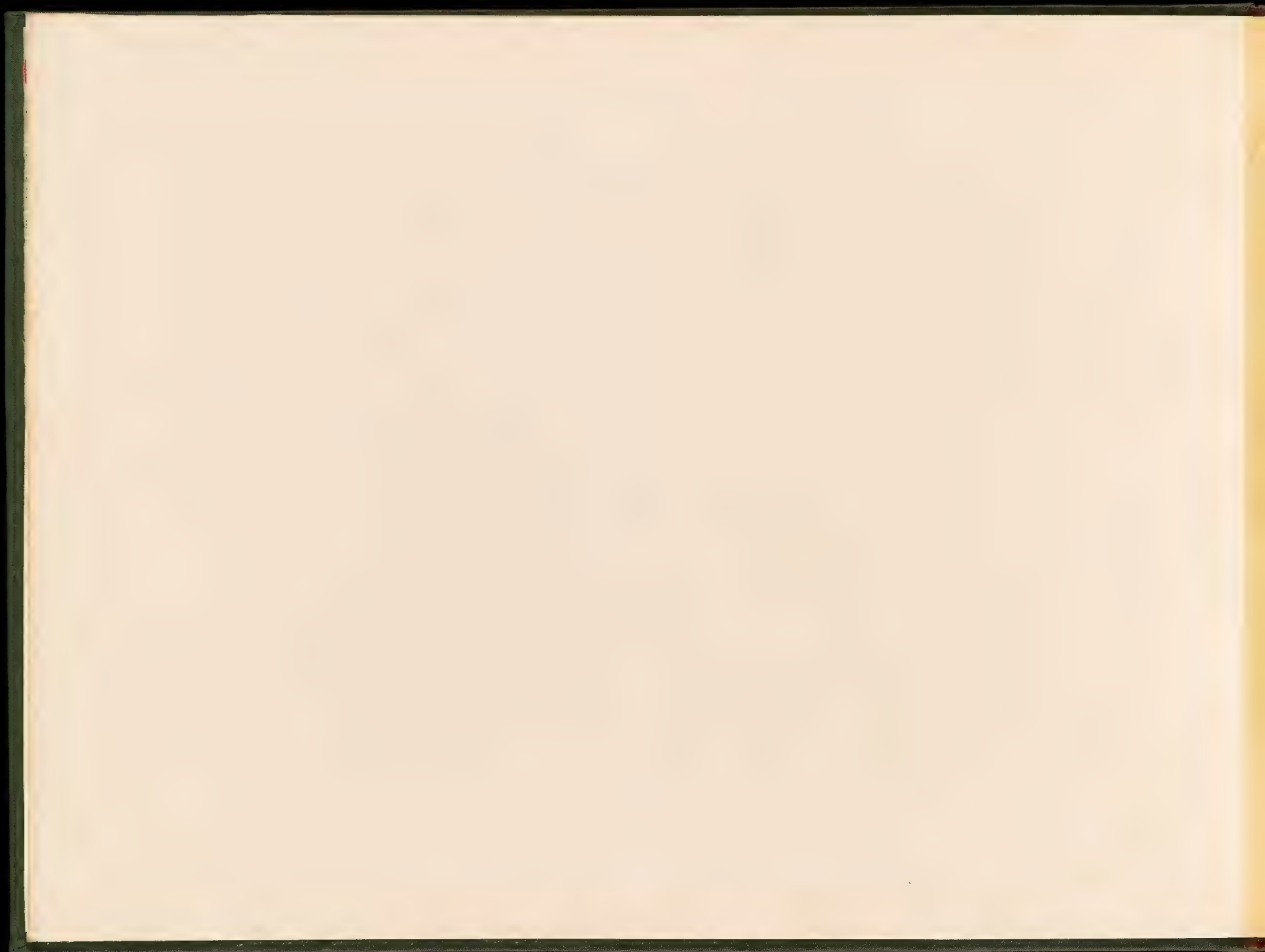
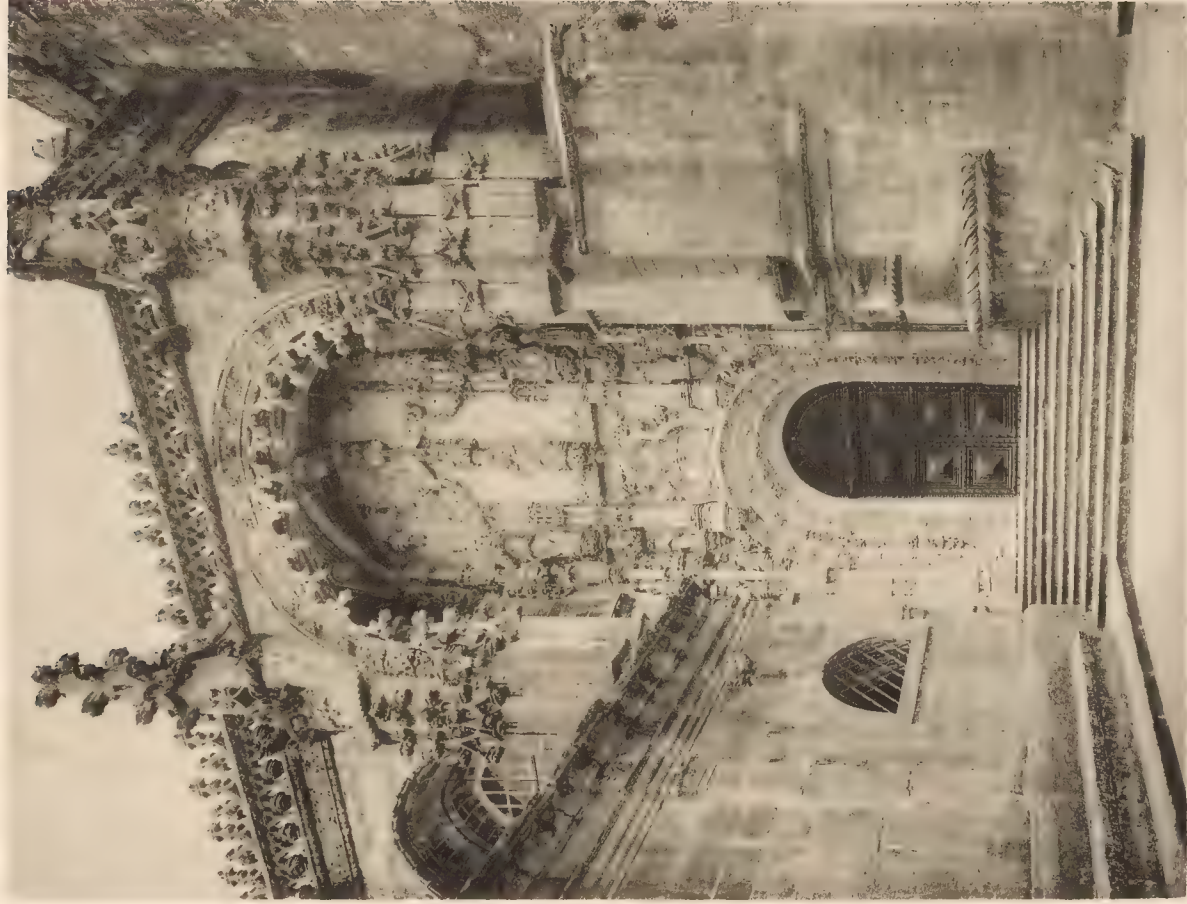
A. Gonçalves.

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Ruinas do castello dos templarios

THOMAR

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Egreja dos templarios — Convento de Christo

THOMAR

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Porta da Egreja do Convento de Christo

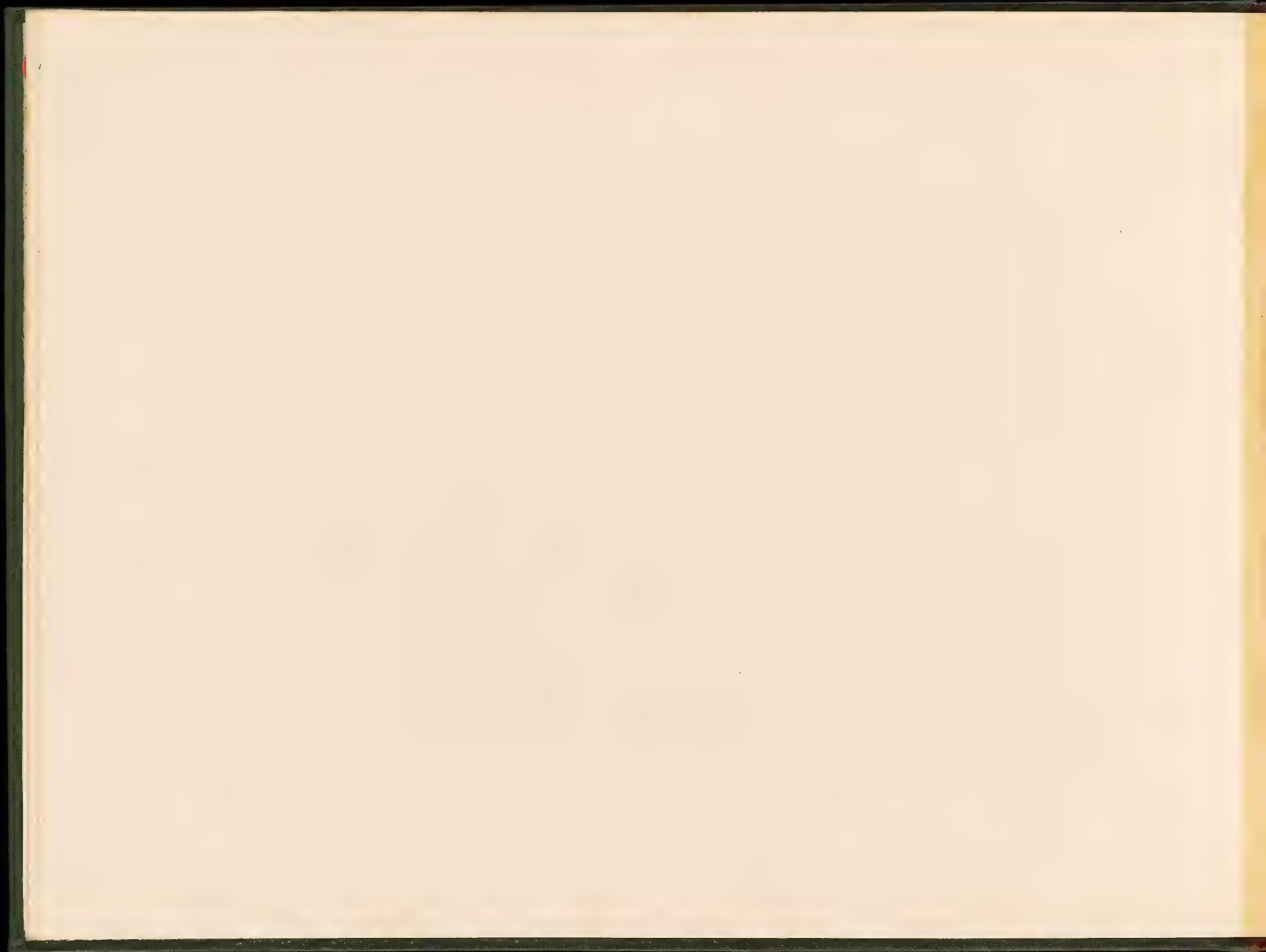
THOMAR

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Egreja do Convento de Christo

THOMAR

Thomar

CONVENTO DE CHRISTO

A egreja

Depois que o punhal de D. João II prostrou em Setubal o duque de Vizeu, mestre da Ordem de Christo, coube a investidura d'este cargo a D. Manoel, então duque de Beja, locupletado com a herança de riqueza e honrarias, a trôco da soffredora e humilhante subserviencia com que beijou as regias mãos tintas no sangue fraterno.

E quando mais tarde subiu ao throno, o rei Venturoso não só não cedeu as honras do mestrado, mas incluiu a insignia da ordem no emblema que para si tomou.

Isto prova o affecto e bom animo que a instituição lhe merecia, e que depois liberalmente e por tantos titulos se aprazeu de confirmar em obras generosas e grandes [1].

E na verdade as prodigalidades da sua ostentação exerceram-se n'este monumento com tão dadivosa largueza, que ahi se encontram os mais fecundos e instructivos elementos para o estudo d'essa arte tão caprichosa e phantasista, a que por convenção se dá o nome de *estylo manoelino*.

D. Manoel, resolvendo dotar a Ordem com egreja mais ampla, converteu o antigo oratorio dos Templarios em capella-mór e addicionou-lhe uma larga nave, exteriormente adornada com o fausto jactancioso de opulento rajah occidental, senhor d'um grande imperio e de infinitos thesouros.

A antiga egreja era tal, como ainda hoje se reconhece: um edificio romanico, dos fins do seculo XII, fundado, segundo dizem, pelo mestre da ordem D. Gualdim Paes. É um insinuante monumento, typo redondo, pelos Templarios adoptado tanto no occidente, como no oriente, em semelhança da egreja de Anastasis, edificada por Constantino, sobre o tumulo de Christo.

Não fallando de baptisterios, são raros os monumentos sobreviventes d'este genero; e o de Thomar não será por certo dos menos valiosos, pela imponencia da sua architectura e severa impressão.

A parte central, a que dão o nome de *charola*, representa em planta um octogono regular, coberto por uma cupula apoiada sobre arcos, que se firmam sobre columnas acostadas aos pilares dos angulos.

De cada um dos vertices partem arcos de reforço da abobada que, juntamente com outros lançados ao meio de cada intervallo, duplicam o numero das faces exteriores da nave circumdante. Em projecção dá um octogono de pequena área, concentrico a um polygono de dezeseis lados e de muito mais amplo perimetro.

E, não obstante a diversidade do programma, constata-se com segura evidencia, depois de attento exame, pelo systema da construcção e do apparelho, pela especial feição dos perfis e affinidades inilludiveis da delineação e do caracter ornamentario, provir da mesma escóla de architectos que levantou a Sé Velha de Coimbra.

As paredes terminaes d'este pequeno templo eram revestidas de grandes e notaveis quadros quinhentistas, de influencia flamenga. E de doze que eram, restam sómente quatro.

Além d'estas apreciaveis pinturas, outras obras ha ainda dignas de menção e apreço.

Adossadas aos pilares da rotunda central, lá estão patentes quatro ou cinco imagens tão magistralmente executadas, tão poderosamente palpitantes da intensidade da vida e do sentimento, que são inquestionavelmente, pela superioridade fulgentissima do estylo, dos mais surprehendentes modelos de estatuaria em madeira, que o seculo XVI tenha produzido em Portugal. Nada conheço, que possa avantajar-se a essas imponentes e peregrinas creações.

E a este escasso inventario se reduzem as reliquias sumptuarias do antigo explendor.

Ao fundo da egreja, em pavimento pouco elevado, encontra-se o côro, em outros tempos forrado de magnifica talha gothica, na affirmação das velhas memorias, devido ao esculptor Olivier de Gand com

---

[1] Uma das pretensões da deslumbrante embaixada, por D. Manoel enviada ao papa Leão X, era que o padroado de todas as egrejas do Oriente fosse conferido á Ordem de Christo.

Thomar

COUVENT DU CHRIST

l'Église

Lorsque le duc de Vizeu, maître de l'Ordre du Christ, tomba sous le poignard de D. Jean II, la possession de cette charge appartînt à D. Manuel, alors duc de Beja, enrichi d'un héritage d'honneurs et de richesses en échange de l'humiliante servilité avec laquelle il baisa les mains royales, souillées du sang de son frère.

Et plus tard, quand le roi Venturoso (*Bienheureux*) monta sur le trône, non seulement il n'abandonna pas les honneurs de la maîtrise, mais il ajouta l'insigne de l'Ordre à l'emblême qu'il prît pour son usage.

Ceci prouve l'affection et le bon vouloir que lui méritait cette institution, et qu'il lui plût de continuer par des œuvres généreuses et grandioses, douées libéralement et sous beaucoup de titres [1].

Et en vérité, les prodigalités de son faste, tombèrent si largement sur ce monument, qu'on y trouve les éléments les plus féconds et instructifs pour l'étude de cet art si fantaisiste et si capricieux, auquel on a conventionellement donné le nom de *style manuelino*.

D. Manuel, voulant doter l'Ordre avec une église plus vaste, convertit l'ancien oratoire des Templiers en sanctuaire, auquel il ajouta une large nef, ornée à l'extérieur avec l'ostentation fastueuse d'un opulent rajah d'occident, seigneur d'un grand empire et d'immenses trésors.

L'ancienne église était telle qu'on le reconnait aujourd'hui, un édifice roman, de la fin du XII^me siècle, fondé, à ce que l'on dit, par le maître de l'Ordre D. Gualdim Paes. C'est un beau monument, du type arrondi que les templiers avaient adopté à l'Occident et en Orient, semblable à l'église d'Anastasis, édifiée par Constantin sur le tombeau du Christ.

Sans parler des baptistères, les monuments, qui existent de ce genre sont rares, et celui de Thomar n'est certainement pas de ceux de moindre valeur, par son impression sevère et la majesté de son architecture.

La partie centrale à laquelle on donne le nom de *chavola* représente sur le plan un octogone régulier, recouvert d'un dôme appuyé sur des arcades, posées sur des colonnes accostées aux piliers des angles.

De chacun de ces angles partent des arceaux de renfort de la voûte auquels s'ajoutent d'autres entre chaque intervalle, ce qui redouble le nombre de côtés extérieurs de cette nef qui entoure la première. La projection donne l'effet d'un octogone de petite surface, concentrique d'un polygone de seize côtés d'un périmètre beaucoup plus vaste.

Et malgré la différence du plan, après un examen attentif, du système de construction et de préparation, par le caractère spécial des profils et de visibles affinités de dessin et d'ornementation, on constate à l'évidence la même école d'architectes qui édifia la Vielle Cathédrale de Coimbra.

Les derniers murs de ce petit temple étaient revêtus de grands et beaux tableaux du XVI^me siècle, de l'école flamande; ils étaient douze et il n'en reste que quatre.

Outre ces peintures remarquables il y a d'autres œuvres dignes d'être citées et appréciées.

Adossées au piliers de la rotonde centrale on voit quatre ou cinq figures si précieusement exécutées, si puissamment palpitantes de vie et de sentiment, qu'elles sont sans contredit, par la brillante supériorité de style, des plus magnifiques modèles de sculpture en bois que le XVI^me siècle aît produits en Portugal. Je ne connais rien de supérieur à ces imposantes et délicieuses créations. Et c'est à ce mesquin inventaire que se réduisent les fastueuses reliques de l'ancienne splendeur.

Au fond de l'Église, sur un plan un peu élevé, se trouve le chœur tout tapissé naguère de ma-

---

[1] Une des prétentions de la fastueuse embassade, envoyée par D. Manuel au Pape Léon X, était de faire conférer à l'Ordre du Christ le pâtronage de toutes les églises de l'Orient.

a collaboração de Fernan Muñoz. Era uma grande obra decorativa, no genero do côro de Santa Cruz de Coimbra, com o qual tinha analogias flagrantes na disposição proporcional dos seus membros constructivos e na applicação e aproveitamento dos motivos integrantes da ornamentação.

Constava de duas ordens de cadeiras; e os espaldares da serie superior subiam a grande altura, ornados de columnellos, baixos relêvos e frisos, n'uma profusão imaginativa e brilhante.

O acaso salvou um desenho de mão desconhecida, representando o conjuncto d'esse apparatoso côro, documento sufficiente, para se ajuizar do seu valor e importancia, e mostrar que nunca será assaz deplorada a barbara destruição d'essa peça monumental. Tudo isso desappareceu, pelos annos de 1808 a 1810.

Por debaixo da egreja encontra-se a casa do capitulo com a celebre janella, que é sem duvida, pela sua magnificencia, dos mais retumbantes themas de architectura decorativa que tenham produzido mãos de artifices.

Mas não é só a janella offegante de epilepsia ornamental, são tambem as fachadas, a porta da egreja, as janellas lateraes, os gigantes e platibanda, que constituem trechos d'uma arrojada concepção, na ancia obsecante do alarde, na allucinação megalomanica de pompas e deslumbramentos asiaticos.

N'aquella expansão insubmissa, mixto de sensibilidade imaginosa e rude intrepidez, transbordante de seiva e audacia, ha alguma coisa que evoca a tragica historia das conquistas do oriente, tecida de heroismos, de trucidações, de incendios, de naufragios, de grandezas e infimas crueldades sem nome. Que recorda essa phobia das riquezas, ambição insaciavel de pilhagens, a attracção irresistivel das aventuras, que assombraram o mundo inteiro.

O estylo manoelino iniciado em Portugal, na primitiva expressão de degenerescencia gothica, no reinado de D. João II, ou talvez anteriormente, desabrocha desde o principio n'uma impetuosa vehemencia de emancipação e liberdade.

A extrema rapidez do seu desenvolvimento irrompeu sem coordenação serena de idéas e assimilação mental de preceitos reguladores. Apparece e prosegue desordenadamente de tal maneira, que em factos synchronicos apresenta aspectos os mais divergentes e singulares.

A fecundidade caprichosa d'essa sobreexcitação artistica, de que em Thomar se reconhece a mais alterosa independencia e galhardia, não ha duvida, que é a manifestação d'um admiravel phenomeno fundado no poder de adaptação e facilidade imaginativa da alma portugueza.

E estas qualidades nativas se descobrem, a cada passo, em todo o percurso e fórmas da arte, d'uma maneira evidente.

Perante a energia e opulencia do manoelino, em geral, duas questões naturalmente se suscitam: a racionalidade logica, historica e artistica da sua superabundancia pittoresca, considerada á face dos grandes principios estabelecidos, como leis inviolaveis de esthetica universal; e a justificação da originalidade racional, que lhe tem sido attribuida. Assumptos do mais alto interesse, que possam offerecer-se á meditação e á analyse dos criticos e historiographos da arte.

Exaltado incondicionalmente por uns, depreciado por outros, continuará a ser um attrahente motivo de discordancia, á mercê das opiniões, dos pontos de vista subjectivos e intransigencias de theorias e de escóla.

Para uns, essa manifesta indisciplina é reveladora das energias do genio; segundo outros, é o descomedimento rude e ardente, sem proposito e sem lei, exercendo-se em audacias subversivas [1].

---

[1] D'ahi as duas correntes de apreciação, com que tem sido julgada esta florescencia artistica e em que a divergencia é virtualmente irreconciliavel, visto que parte de raciocinios doutrinarios inteiramente oppostos, igualmente defensaveis.

A opinião desfavoravel, quanto á orthodoxia esthetica, tem sido fortemente sustentada, desde longe, em demonstração erudita, pelo snr. Joaquim de Vasconcellos, que assim se exprime, a proposito do estylo manoelino:

«A execução zomba de todas as leis e regras mais elementares da arte; não se attende á natureza do material, nem ás condições do clima; escolhe-se mal a pedra, só para a violentar, cobrindo-a com uma profusão de ornatos que não se percebem a poucos passos de distancia.

. . . .

«Estamos convencidos de que, se algum dia se chegar a reunir um museu bem completo de ornamentações d'estes dois edificios (Belem e Thomar), pondo-a ao lado dos exemplares contemporaneos da arte hespanhola, será facil verificar o que já

gnifiques boiseries gothiques, qui, à ce que disent les vieux mémoires, sont dûes au sculpteur Olivier de Gand aidé par Fernan Muñoz. C'était un beau travail décoratif dans le genre du chœur de Santa Cruz de Coimbra avec lequel il avait de grandes ressemblances, dans la disposition des éléments de la construction et l'emploi de divers motifs d'ornementation. Il se composait de deux rangs de sièges et les dossiers de la rangée supérieure très hauts, étaient ornés de colonnettes, de bas-reliefs et de frises, d'une profusion pleine de fantaisie et d'éclat.

Le hasard a sauvé un dessin d'auteur inconnu, représentant l'ensemble de ce majestueux chœur, et ce document est suffisant pour apprécier son importance et sa valeur, et pour montrer qu'on ne déplorera jamais assez la destruction barbare de cette œuvre monumentale. Tout cela a disparu vers les années 1808 à 1810.

Au dessous de l'église se trouve la salle du chapitre avec la fameuse fenêtre, qui, par sa magnificence, est sans doute un des plus brillants motifs d'architecture décorative sorti des mains d'ouvriers.

Mais, non seulement cette fenêtre oppressée de pléthore ornementale, les façades aussi, la porte de l'église, les fenêtres latérales, les contreforts et la balustrade tout cela est d'une conception des plus hardies, sous l'obsession anxieuse d'ostentation, avec une allucination mégalomanique de somptuosité et d'éblouissements orientaux. Dans cette expansion indomptable, mélange de sensibilité imaginative et de rude intrépidité, débordante d'audace et de sève, il y a quelque chose qui évoque la tragique histoire des conquêtes d'orient, tissée d'héroïsmes, de massacres, d'incendies, de naufrages, de grandeurs, et de misérables cruautés sans nom; qui rappèle cette rage de richesses, l'insatiable ambition de pillages, l'attrait irrésistible des aventures, qui étonnèrent le monde entier.

Le style *manuelino* initié en Portugal, dans la première phase de dégénérescence gothique, pendant le règne de D. Jean II ou peut-être auparavant, s'épanouit dès sa naissance avec une véhémente impétuosité de liberté et d'émancipation.

La rapidité extrème de son développement, éclata sans l'ordre placide des idées, sans l'assimilation mentale de règles. Il parût et suivit sa course d'une manière si désordonnée que dans des faits synchroniques, il se présente sous des aspects les plus singuliers et différents.

La capricieuse fécondité de cette surexcitation artistique dont on reconnait à Thomar la plus hautaine indépendance, est sans nul doute la manifestation d'un admirable phénomène, fondé sur la puissance d'adaptation et sur la faculté d'imagination de l'âme portugaise. Et ces qualités naturelles se découvrent à chaque pas, sous toutes les formes d'art et d'une manière évidente.

Deux questions se posent naturellement devant l'énergie et l'opulence du style manuelino: le rationalisme logique, historique et artistique de sa surabondance pittoresque, pris au point de vue des principes établis, comme des lois inviolables de l'esthétique universelle; et la justification de l'originalité rationnelle qu'on lui a attribuée. Ce sont des sujets hautement intéressants, qu'on peut offrir à la méditation et à l'analyse des critiques et des historiographes de l'art.

Loué sans réserve par les uns, dépprécié par d'autres, il sera toujours un attrayant sujet de discussion, à la merci des opinions, des points de vue contraires et des intransigences de théories et d'écoles.

Pour les uns cette évidente indiscipline révèle des forces de génie; pour d'autres, c'est le désordre rude et ardent, sans raisonnement ni loi; s'exerçant en de subversives audaces [1].

---

[1] De là dérivent les deux courants d'appréciation, qui ont jugé cette florescence artistique, et dans lesquels la divergence est virtuellement irréconciliable, puisqu'elle part de raisonnements doctrinaires entièrement opposés, et également défendables.

L'opinion défavorable, quant à l'orthodoxie esthétique, a été fortement soutenue depuis longtemps, par de savantes démonstrations de Mr. Joaquim de Vasconcellos, qui a propos de l'art manuelino, s'exprime en ces termes:

«L'exécution raille de toutes les lois et des règles les plus élémentaires de l'art; on ne considère ni la qualité des matériaux ni les conditions du climat; on choisit mal la pierre, seulement pour la violenter, en la couvrant d'une profusion d'ornements qui ne s'aperçoivent pas à quelques pas.

. . . .

«Nous sommes persuadés que si l'on arrive un jour à réunir un musée bien complet d'ornements de ces deux édifices

Por mais inconciliaveis em apparencia, essas opiniões são rigorosamente justas.

É certo que a architectura é uma arte essencialmente fundada nas leis da geometria e da mechanica; mas se o manoelino tantas vezes reveste fórmas illogicamente perturbadoras e desviadas do seu natural destino e funcção, a vehemencia do sentimento e a exuberancia imaginativa que o faz vibrar assaz resgatam as infracções da sua natureza indocil, precisamente pelo espirito de rebeldia que o anima.

O manoelino, como não assenta em prescripções ou regras systematicas de proporção e medida, fundadas no compromisso inflexivel do assentimento geral, permittiu que cada artista gizasse a sua obra na ampla liberdade e no impeto expansivo da sua phantasia e dos seus recursos. E a feição naturalistica d'essa decoração incoercivel e insinuante era a que melhor se adaptava ás improvisações da intelligencia de artifices portuguezes, desprovidos de preceitos de educação delicada e maleavel.

Era, além d'isso, o mais conforme, não ao genio nacional, como tantas vezes se tem dito, mas ás circumstancias momentaneas e fortuitas, que convulsionavam a côrte e as classes superiores no delirio dos — *fumos orientaes*.

O convento de Christo falla alto; e na fachada da egreja está claramente traçada a indole da força mascula e animosa d'esse estylo.

A composição raras vezes obedece a pensamentos subtis e delicados de belleza e de graça. Pelo contrario, toda a expressão é rigida e forte, impregnada de audacia e sensualismo.

No aproveitamento e arranjo dos elementos vegetaes vê-se sempre a propositada exaggeração ampliando e contorcionando os accidentes naturaes e caracteristicos das fórmas.

A porta da casa do capitulo, em parallelo com a porta da sacristia de Alcobaça, por exemplo, são dois especimèns elucidativos d'uma commum significação. E em Coimbra encontram-se exemplares de igual natureza.

Além dos recursos da flora, tão energicamente accentuados, a intervenção de objectos estranhos a toda a tradição decorativa constituem invenções portentosas, d'uma innovação e symbolismo que então, como hoje, fazem palpitar affectos patrioticos, d'uma impressão altiva. Os toros, as cadeias, os calabres em nós e laçadas gigantescas, d'um realismo vivo; as cordas que atravessam boias espaçadas, as

---

affirmamos, depois de estudos especiaes nos dois paizes, e repetimos aqui: — a dependencia d'esse estylo, a sua importancia secundaria, a sua bastardia.

. . . .

«Como não ha plano, nem traçado rigoroso, não ha uma determinação clara das funcções que os elementos architectonicos têm de exercer. Elementos constructivos ficam reduzidos a accessorios puramente decorativos; e accessorios decorativos *simulam* elementos constructivos e funcções estaticas.

«Não ha systema de ornamentação, nem ideia do que seja a estylisação das fórmas ornamentaes (flora e fauna). Ao lado de um motivo puro, encontra-se um motivo impuro; ás vezes no taboleiro do mesmo pilar um arabesco bem estylisado, sobrepondo-se a um desenho absolutamente naturalistico, sem a menor ligação entre si.

. . . .

«Em summa, um ecletismo que acceita o novo e o velho sem critica; uma accumulação de elementos contradictorios, uma ostentação vã, porque não obedece a nenhum principio superior; o capricho do esculptor, onde só devia prevalecer a ideia do architecto; a indisciplina na arte, como reflexo da indisciplina nos costumes.

«O effeito geral — muito pittoresco, isso sim; um vegetabilismo que encobre todas as linhas essenciaes, todos os perfis, todas as proporções, como a hera que envolve o tronco do roble, para o lançar ámanhã por terra exhausto.»

O juizo contrario tem o mais esforçado esteio na phrase copiosa e altisonante do snr. Ramalho Ortigão, que entrega a defeza da causa aos impulsos do seu enthusiasmo.

«O que constitue, diz elle, a originalidade na architectura de qualquer povo é, como em Portugal, na época manoelina, a subordinação de um systema qualquer de geometria architectural ás condições do clima e da paizagem, á natureza dos materiaes empregados, á flora, á fauna, á concepção religiosa, á historia, á poesia, ao temperamento e á psychologia dos artistas, em cada região. Quanto mais intensa fôr a intervenção d'estes factores, mais original será a obra. Assim, na evolução do gothico na architectura portugueza, quanto menos modificado, isto é, quanto mais *puro* fôr o estylo, mais insignificante será o monumento como documentação artistica, como expressão social.

«É á decadencia do gothico da Batalha que nós devemos o incomparavel claustro dos Jeronymos, bem como a fachada da egreja de Christo, em Thomar; onde a flammejante janella da sala do capitulo é a obra mais eloquente, mais convicta, mais poetica, mais enthusiasticamente patriotica, mais estremecidamente portugueza, que jámais realisou em nossa raça o talento de esculpir e de fazer cantar a pedra.»

E em honra d'esta janella, o snr. Ramalho Ortigão prosegue, dissertando em bellos periodos clamorosos.

Et ces opinions, quoique apparemment irréconciliables, sont rigoureusement justes.

Il est certain que l'architecture est un art essentiellement fondé sur les lois de la géométrie et de la mécanique; mas si le style *manuelino* prend si souvent des formes illogiquement troublantes et qui s'écartent de leurs fonctions et de leurs fins légitimes, la puissance de sentiment et la surabondance d'imagination qui le font vibrer, rachètent suffisamment les infractions de son caractère insoumis, précisément par l'esprit de révolte qui l'anime.

Le *manuelino,* qui ne s'appuie pas sur des prescriptions ou des règles systématiques de mesures ni de proportions, fondées sur des compromis inflexibles de l'assentiment de tous, a permis à chaque artiste d'esquisser son œuvre en pleine liberté et avec l'élan expansif de sa fantaisie et de ses ressources. Et le trait naturaliste de cette décoration incoercible et insinuante, était toujours celui qui s'adaptait le mieux aux improvisations de l'intelligence des artistes portugais, dépourvus de règles d'éducation cultivée et délicate.

Outre cela, il était le plus approprié, non pas au caractère national comme on l'a dit si souvent, mais aux circonstances fortuites et momentanées qui agitaient la cour et les classes supérieures énivrées des *fumées orientales.*

Le couvent du Christ parle assez haut et sur la façade de l'église est clairement empreint le caractère de résistance mâle et courageuse, de ce style. La composition obéit rarement à de subtiles et fines idées de beauté et de charme; au contraire, l'expression est toujours sévère et forte, pleine d'audace et de sensualité.

Dans l'arrangement et l'emploi des éléments végétaux on aperçoit toujours une éxagération étudiée, dans l'agrandissement et les contorsions des accidents naturels et caractéristiques.

La porte de la salle du chapitre, comparable à celle de la sacristie de Alcobaça, sont deux spécimens bien compréhensibles d'une signification commune. Et à Coimbra on trouve aussi des exemples de même genre.

(Belem et Thomar) en le comparant avec les exemplaires contemporains de l'art espagnol, il sera facile de vérifier ce que nous avons déjà affirmé, après des études spéciales dans les deux pays, et que nous répétons ici: — la dépendance de ce style, son importance secondaire, sa bâtardise.

. . . .

«Comme il n'y a ni plan ni tracé rigoureux, il n'existe pas une détermination claire des fonctions qui doivent être exercées par les éléments architecturaux. Des éléments constructifs sont réduits à des accessoires purement décoratifs; et des éléments décoratifs *simulent* des éléments constructifs et des fonctions statiques.

«Il n'y a pas de système d'ornementation, ni aucune idée de ce que doit être la *stylisation* des formes ornementales (flore et faune). A côté d'un motif pur, se trouve un motif impur; quelquefois sur le plateau d'un même pilier une arabesque bien stylée surmonte un dessin absolument naturalisé, sans aucune liaison entre eux.

. . . .

«Enfin c'est un eclectisme qui accepte sans critique, le nouveau et l'ancien; une accumulation d'éléments contradictoires, une vaine parade, qui n'obéit à aucun principe supérieur: le caprice du sculpteur, remplace souvent l'idée de l'architecte; l'indiscipline dans l'art, parait comme un reflet de l'indiscipline des mœurs.

«L'effet général — est en vérité pittoresque; une floraison qui cache toute les lignes essentielles, tous les profils, toutes les proportions, comme le lierre enlace le tronc du chêne, qu'il finit par détruire et épuiser.»

L'opinion contraire est courageusement défendue en phrases riches et sonores par Mr. Ramalho Ortigão, qui en remet la défense aux élans de son enthousiasme.

«Ce qui constitue, dit-il, l'originalité dans l'architecture d'un peuple quelconque, comme en Portugal à l'époque manuelina, c'est la soumission d'un système de géométrie architecturale, selon les conditions du climat et du paysage, l'espèce des matériaux employés, la flore, la faune, la conception religieuse, l'histoire, la poésie, le tempérament et la psychologie des artistes de chaque pays.

«Plus l'intervention de ces facteurs sera intense, plus originale sera l'œuvre. Ainsi dans l'évolution du gothique dans l'architecture portugaise, plus le style sera pur, c'est-à-dire, moins modifié, plus insignifiant sera le monument, comme document artistique, comme expression sociale.

«C'est à la décadence du gothique de Batalha que nous devons l'incomparable cloître des Jeronymos, de même que la façade de l'église du Christ, à Thomar, où la flamboyante fenêtre de la salle du chapitre, est l'œuvre plus éloquente, plus raisonnée, plus poétique, plus enthousiastement patriotique, plus adorablement portugaise que le talent de sculpter et de faire parler la pierre, ait jamais réalisé dans notre race.»

Et Mr. Ramalho Ortigão, continue à disserter en belles pages louangeuses, à propos de cette fenêtre.

algas e estalactites, allusões nauticas, tudo isso fere pelo arrôjo da concepção e pela liberdade illimitada da phantasia.

E, afóra estes caprichos, que são modalidades da preoccupação dominante, ha outros de singularidade extranha e bizarra, que vencem pelo imprevisto e pelo abalo do contraste: como a grande fivela da correia que enfeixa e aperta o pilar angular da frontaria da egreja.

Se, como é principio corrente, nas grandes obras de architectura se encontra o depoimento fiel da mentalidade, das crenças, da cultura e prosperidade das phases historicas que as produziram, o manoelino, como nenhum outro estylo, é realmente a nitida expressão do estado dos espiritos, das idéas, dos sentimentos, prejuizos e illusões, que impelliam a sociedade portugueza n'uma das mais brilhantes épocas da sua existencia [1].

A sobreexcitação febril dos successos lançava a nação em um alvoroço de instabilidade e confusão moral, que tornou possiveis e logicos os desastres ulteriores.

Foi a primeira vez que se viu esta situação paradoxal e lastimosa: a par das riquezas prodigiosas que os fados lançavam nos cofres do rei, as pestes e as fomes assolavam a população, — e a miseria era extrema.

Nem productos de industria, nem fructos de agricultura. A riqueza esterilisava e empobrecia a nação, tal qual como mais tarde havia de acontecer, no seculo XVIII, com D. João V.

O povo indolente preferia a miseria ao trabalho, e as guerras devoravam a gente valida.

A affluencia de artistas estrangeiros de todas as proveniencias, ao serviço do rei, da côrte, dos bispos e das communidades devia produzir a confusão inextricavel que se nota em toda a arte industrial portugueza, no periodo aureo da opulencia. Essa superabundancia de influencias differentes era a menos propicia á normal elaboração d'uma corrente de arte, dimanando d'um ideal commum, assentido pela alma collectiva da nação.

Por isso as provas abundam a demonstrar a deficiente preparação e o atrazo educativo do trabalho indigena.

Eis talvez, a meu vêr, uma das razões do predominio do manoelino sobre a expansão da renascença, durante a primeira metade do seculo XVI. A renascença, na superioridade e elevação da sua harmonia de graça e elegancia, exigia convicções e subtilezas de faculdades espirituaes e puras, e os escrupulos d'uma execução precisa e sentida. E assim se comprehende que levou tempo a formar sectarios, a propagar-se, a affirmar-se, como norma definitiva, na arte nacional.

A noção da origem importada do manoelino é evidentemente incontestavel. Os factos o demonstram; assim como, *à priori*, considerações ponderosas e de varia ordem o estavam inculcando. Mas, nem

---

[1] Tem-se dito que a influencia dos grandes templos da India transparece com evidencia na ostentação do estylo manoelino. E esta noção vaga, suggestivamente lançada, tem-se propagado sem profundezas de demonstração.

Não é facil saber em que factos concretos se fundamente este juizo.

A influencia d'uma architectura sobre outra só póde affirmar-se pelas analogias essenciaes de estructura e de revestimento. E não será racional pretender que a prodigalidade decorativa, profusa e compacta dos monumentos do Himalaya, por exemplo, podesse actuar na fertilidade do esculptor manoelino; porque, além d'essa agglomeração genericamente considerada, nada mais ha que possa de longe comparar-se.

Não se descobre a que titulo, mesmo resalvadas as incommensuraveis desproporções, possa estabelecer-se qualquer especie de paridade.

Se apenas se referem a nebulosas e remotas evocações de semelhança, em delineação abstracta, pela abundancia esculptural e pela aggregação de enfeixamentos, etc.; então, pelo mesmo criterio, será possivel descobrir, na extensa serie de construcções budicas e jainicas parcellas eschematicas de muitos typos monumentaes europeus.

O interior do palacio de Mádura tem o aspecto completo d'uma cathedral romanica; o templo de Soubramanya, em Tajora, e o palacio de Ourtcha, em Bundelenud, apresentam a disposição figurativa de edificios da mais pittoresca e genuina renascença.

Como seria licito concluir, porque na fachada do templo de Gopura, em Tarputry, a luxuriante decoração é supportada pelos braços robustos d'um atlante, que ali se encontra o thema imitativo para a janella da casa do capitulo de Thomar?

A configuração das massas, ou os accidentes avulsos e fortuitos, de vaga semelhança material, nunca poderam constituir indicios racionaes de influencias ou affinidades artisticas.

Coincidencias de concepção e detalhes de physionomia, no movimento geral da architectura, ou da estatuaria, em dados momentos do seu percurso atravez das civilisações e dos povos, é um curioso phenomeno, tantas vezes apontado nos episodios da historia da arte.

Outre les ressources de la flore, si énergiquement accentuées, on constate l'intervention d'objets étrangers à la tradition décorative et qui constituent de sublimes inventions, d'une nouveauté et d'un symbolisme qui dans ce temps, comme de nos jours, font palpiter d'une fière impression les sentiments patriotiques. Les troncs, les chaînes, les câbles en de gigantesques nœuds d'un réalisme vivant; les cordes qui traversent les bouées placées de loin en loin, les algues et les stalactites, les allusions maritimes, tout cela frappe par la hardiesse de la conception et par la liberté sans bornes de la fantaisie. Et, sans parler de ces caprices qui sont des variantes de l'impression dominante, il y en a d'autres d'une originalité étrange et bizarre, qui attirent par l'imprévu et le choc du contraste; comme la grande boucle de la courroie qui attache et resserre le pilier d'angle de la façade de l'église.

Si, comme on le dit, les grandes œuvres d'architecture présentent le document fidèle de la mentalité, des croyances, de la culture et de la prospérité des phases historiques qui les ont produites, le style manuelino, mieux qu'aucun autre est véritablement l'expression de l'état des âmes, des idées, des sentiments, des préjugés et des illusions qui dominaient la société portugaise à une des plus brillantes époques de son existence [1].

La surexcitation fièvreuse des évènements poussait la nation à de tels transports d'instabilité et de confusion morale, que les désastres survenus plus tard devînrent possibles et logiques.

Pour la première fois on vit cette situation lamentable et paradoxale. À côté des richesses prodigieuses que la destinée lançait dans les coffres du roi, la peste et la famine ravageaient la population, et la misère était extrême.

Pas de produits d'industrie, ni de fruits de l'agriculture. La richesse stérilisait et appauvrissait la nation, ainsi qu'il devait arriver plus tard, au XVIII^{me} siècle sous le règne de D. Jean V. Le peuple indolent préférait la misère au travail, et les guerres dévoraient les gens valides.

L'affluence d'artistes étrangers venus de toute part, au service du roi, de la cour, des évêques et des communautés devait produire l'inextricable confusion qu'on remarque dans tous les arts industriels portugais, pendant la brillante période de son opulence. Cette surabondance d'influences diverses était la moins propice à l'élaboration normale d'un courant artistique, venant d'un idéal commun avec l'assentiment de l'esprit collectif de la nation. Les preuves sont assez abondantes pour démontrer le manque de préparation, et de défaut d'éducation du travail indigène.

Voici, à mon avis, une des raisons de la prédominance du style manuelino, sur celui de la renaissance pendant la première moitié du XVI^{me} siècle. Dans la supériorité et l'élévation de son harmonie pleine de charme et d'élégance, la renaissance exigeait des convictions et des subtilités, des facultés spirituelles et pures, et tout les scrupules d'une exécution précise et sentie. Et ainsi on comprend qu'elle

---

[1] On a dit que l'influence des grands temples de l'Inde s'aperçoit évidemment dans le faste du style manuelino, et cette notion vague, suggestivement émise, a pris corps, sans de profondes démonstrations.

Il n'est pas facile de savoir quels sont les faits concrets sur lesquels se base cette opinion.

L'influence d'une architecture sur l'autre ne peut être affirmée que par des analogies essentielles de structure et de revêtement. Et il n'est pas rationnel de prétendre que la prodigalité décorative, profuse et compacte des monuments de l'Himalaya, par exemple, ait pu agir sur la fertilité du sculpteur manuelino, parce que outre cette agglomération, il n'y a rien qui puisse y être comparé de loin, et on ne découvre pas à quel tître, même sans parler des incommensurables disproportions, on puisse établir la moindre parité.

S'il s'agit seulement d'évocations nébuleuses et lointaines de ressemblance, en lignes abstraites, par l'abondance sculpturale et la réunion des faisceaux, etc., alors, d'après le même raisonnement il sera possible de découvrir, dans la vaste série de constructions boudiques et jainiques, des morceaux schématiques de beaucoup de types de monuments européens.

L'intérieur du palais de Mádura a l'aspect complet d'une cathédrale romane; le temple de Soubramanya, à Tajora, et le palais de Ourtcha, à Bundelenud, présentent la disposition de quelques édifices de la renaissance la plus pittoresque et la plus pure.

Parce que sur la façade du temple de Gopura, á Tarputry, la luxuriante décoration est supportée par les bras robustes d'un atlante, pourrait-on en conclure, qu'on y retrouve le thème imitatif pour la fenêtre de la salle du chapitre à Thomar?

La configuration des masses ou les accidents éventuels et fortuits d'une vague similitude matérielle ne pourront jamais constituer des indices rationnels d influences ou d'affinités artistiques.

Les coïncidences de conception, et les détails de physionomie, dans le mouvement général de l'architecture ou de la statuaire, en de certains moments de leur cours à travers les civilisations et les peuples, sont de curieux phénomènes, bien souvent cités dans les épisodes de l'histoire de l'art.

por isso é menos certo, que lançou raizes fundas na alma popular; se adaptou ao terreno e dilatou luxuriante n'este clima de grandezas, assumindo feições caracteristicas; uma physionomia propria, accentuada. Não ha duvida.

A sua vitalidade foi tal, que se manteve por muito tempo autonomo e livre, em frente da renascença victoriosa.

E muitas vezes collaborou com ella, áparte e inconciliavel, em edificios como o de Santa Cruz de Coimbra, que offerece o mais seguro e concludente exemplo d'este phenomeno.

As tentativas de alliança, tendo em vista congraçar e fundir em novas combinações os elementos heterogeneos dos dois systemas, manoelino e renascença, é verdade que appareceram; mas representam esforços singulares e eruditos, que não foram além do incidente decorativo, nem foram geralmente acceites.

Mais ainda, o manoelino de tal fórma se infiltra nas camadas inferiores, que a categoria de obras d'este genero, a que poderemos chamar *populares*, não são das que menos nos commovem, no seu aspecto de espontaneidade fremente e robusta, na sua linguagem grosseira e inculta. E a sua duração prolonga-se, em casos isolados, é certo, até além do reinado de D. João III.

A hegemonia artistica da Hespanha sobre o movimento portuguez, não só na architectura, como em todos os productos da arte industrial, está ostensivamente constatada pelo snr. J. de Vasconcellos. Áparte as modificações accidentaes, ou substanciaes, quando as ha, exigidas pelas condições ethnicas da aclimação.

Assim, por exemplo, o traçado das abobadas no periodo da degeneração gothica, com as nervuras interceptando-se caprichosamente, e de preferencia em arcos conopiaes, é commum e abundante nos dois paizes. E aqui manteve-se, no manoelino, inalteravel.

E comprehende-se. No revestimento decorativo, em que o equilibrio póde facilmente ser previsto e assegurado, a audacia inventiva dos artistas nacionaes, ou dos artistas nacionalisados não conhece limites.

Nas abobadas o caso era differente. Os traçados dos artezões, alguns d'uma suprema correcção, reduzem-se a um pequeno numero de typos persistentes. Porque a mais ligeira alteração, que se afastasse das formulas conhecidas, implicaria difficuldades novas e temerarias.

De resto a explicação d'essa supremacia claramente resalta, attentas, além de outras razões, as relações intellectuaes e politicas, alimentadas durante uma serie de reinados.

Em summa, na arte portugueza o manoelino é o facto primacial e culminante, e o problema da sua genese e gestação physiologica surge sempre instinctivamente á curiosidade em Thomar, Belem, Coimbra, todas as vezes que elevamos o nosso espirito na contemplação consoladora d'essas grandes obras. E, ou se attribua duvidosamente á germinação espontanea do espirito nacional, ou á implantação de sementes alienigenas, o que é certo, é que elle se desenvolveu flammejante ao calor da alma portugueza. E serão sempre pedaços emocionantes, de arte, palpitantes e altivos, pelo vigor que respiram os seus musculos de pedra, recordativos d'uma raça forte de aventureiros intrepidos, obreiros portentosos da civilisação, que illuminaram a patria com o explendor dos *Lusiadas*.

Claustro dos Filippes

Este claustro é tradicionalmente assim chamado, por se suppôr ter sido ordenado e construido pelos monarchas hespanhoes que reinaram em Portugal.

Modernamente foi o facto controvertido, attribuindo-o á mercê de D. João III, que sumptuosamente dotou e engrandeceu o convento de Christo com outras edificações custosas e magnificentes.

Suscitava-se o nome do architecto Felippe Terrio ou Tercio, italiano ou hespanhol, cuja maneira, assaz conhecida, tem realmente affinidades sensiveis com a indole do traçado de Thomar. Agora apparece o nome de Diogo de Torralva, successor de João de Castilho na direcção das obras do convento.

Em todo o caso, parece averiguado que a construcção só começou depois da morte do rei *piedoso*. E a contestação não tem sido cabalmente conduzida e documentada, de fórma a lançar a persuasão, a toda a luz da evidencia. E seria isso tanto mais para desejar, quanto a asserção envolve, talvez, consequencias mais delicadas e dilatadas, do que possa presumir-se á primeira vista.

a pris du temps pour former des sectaires, pour s'épancher et pour s'établir sous forme définie dans l'art national.

La notion, que le style manuelino est de source importée, est évidemment incontestable, comme le démontrent les faits, de même que, à priori, d'autre considérations concrètes et de divers genres le dénonçaient déjà. Mais il n'en est pas moins certain, qu'il jeta de profondes racines dans l'âme populaire, qu'il s'adapta au terrain et s'épancha luxuriant dans ce climat de grandeurs, prit des traîts caractéristiques, une physionomie propre et définie. Cela est hors de doute.

Sa vitalité fut telle que, pendant bien longtemps, il se conserva libre et autonome, devant la renaissance victorieuse.

Et dans des édifices comme celui de Santa Cruz de Coimbra, il parût de concert avec elle, mais à part et irréconciliable.

Les tentatives d'alliance, tendantes à réunir et à fondre en de nouvelles combinaisons les éléments hétérogènes des deux systèmes, *manuelino* et renaissance, apparurent effectivement, mais elles représentent des efforts savants et singuliers, qui ne furent pourtant que des incidents décoratifs, et qu'on n'accepta généralement pas.

D'ailleurs, le *manuelino* s'infiltra tellement dans les classes inférieures, que la série de travaux de ce genre, que nous pouvons nommer *populaires*, ne sont pas des moins émouvants, par leur aspect robuste et frémissant de spontanéité, par leur langage grossier et inculte. Et dans des cas isolés leur durée se prolonge, parfois plus loin que le règne de D. Jean III.

Mr. J. de Vasconcellos a bien constaté l'hégémonie artistique de l'Espagne sur le mouvement portugais non seulement dans l'architecture, mais en toutes les productions de l'art industriel, en tenant compte des modifications accidentelles, ou substantielles, quand il y en a, et qui sont exigées par les conditions ethniques de l'acclimatation.

Par exemple, le dessin des voûtes à la période de dégenerescence gothique, avec les nervures s'interceptant capricieusement, en arceaux conoïdes, est commun et abonde dans les deux pays, et chez nous, pour le manuelino, il s'est maintenu inaltérable.

Et cela se comprend, lorsqu'il s'agît du revêtement decoratif dont l'équilibre peut facilement être prévû et assuré, où l'audacieuse invention des artistes nationaux, ou des artistes nationalisés, ne connût pas de bornes. Dans les voûtes le cas était différent; les tracés des soffites, quelques uns superbement corrects, se réduisent à un petit nombre de types persistants, parce que la plus légère altération, qui s'éloignerait des formules connues, entraînerait des difficultés téméraires et inconnues.

Du reste l'explication de cette souveraineté saute clairement aux yeux, si l'on pense aux relations intellectuelles et politiques, implantées pendant une série de règnes, sans parler d'autres raisons encore.

Dans l'art portugais le *manuelino* est, en somme, le fait prééminent et culminant, et le problème de sa genèse et de son origine physiologique se présente toujours instinctivement à notre curiosité, à Thomar, Belém, Coimbra, et toutes les fois que nous élevons notre esprit dans la contemplation consolatrice de ces grandes œuvres. Soit qu'on l'attribue douteusement à une germination spontanée de l'esprit national, ou à l'implantation de semences étrangères, le fait est, qu'il s'est developpé en toute splendeur sous l'ardente influence de l'âme portugaise, et ses muscles de pierre, nous rappelant la forte race d'intrépides aventuriers, puissants artisans de notre civilisation, qui illuminèrent la patrie avec le flambeau des *Lusiades*, seront toujours des souvenirs émotionnants d'art, fiers, palpitants et pleins de vigueur.

Cloître des Filippes

La tradition donne ce nom à ce cloître, parce qu'on suppose qu'il a été commandé et construit par les monarques espagnols qui ont régné en Portugal.

Dernièrement on a controversé ce fait, en attribuant son origine à une grâce de D. Jean III, qui agrandit et dota somptueusement le couvent du Christ avec d'autres edifications riches et fastueuses. On prononçait le nom de Felippe Terrio ou Tercio, italien ou espagnol, dont la manière assez connue a de sensibles affinités avec le caractère du dessin de Thomar. Maintenant on cite le nom de Diogo de Torralva, successeur de João de Castilho, comme directeur des travaux du couvent.

Mas de Diogo de Torralva, que trabalhou na construcção da capella-mór de Belem, ou de Felippe Tercio, auctor do famoso torreão dos paços da Ribeira, de S. Roque, de S. Vicente, etc., o architecto do claustro de Thomar era certamente um artista da escóla italiana, dominado pelas idéas da renascença hespanhola [1].

Os claustros de egrejas e casas conventuaes, que pelo paiz abundam, são pela maior parte, notaveis especimens de architectura. Alguns ha, não obstante a exiguidade das suas dimensões, que são incondicionalmente formosos, em grande numero do seculo XVI e ainda do immediato. Ha claustros vastos e monumentaes; e ha outros pequeninos, que são impeccaveis de simplicidade e pureza.

Pois entre os mais distinctos e bellos, de todas as épocas e de todos os estylos, o de Thomar occupa um logar proeminente, pela ponderação e graça das suas linhas e pelo equilibrio e realce inexcedivel da sua proporção geral.

N'uma época, em que as fórmas da renascença, perdida a primitiva e casta sobriedade de expressão, cada vez mais se extremavam em formulas convencionaes, na desenvoltura d'um maneirismo tumultuario, o delineamento d'esta soberba obra, embora digam não immaculada dos defeitos do seu tempo, tem um jocundo aspecto de sumptuosa temperança, de sentimento e tranquillidade, que o espirito se não cança de admirar.

Poderão descobrir-lhe esforço de composição e ausencia de espontaneidade; será possivel vislumbrar suspeitas de enleio e hesitação, á falta de recursos innovadores e ferteis; mas o effeito, resultante d'essa mesma affectação, revela uma prodigiosa intensidade de engenho e delicadeza de sentir.

Porque é notavel, como pela cadencia isochrona de pontos alternados, contidos em dimensões bem calculadas, se consegue dar homogeneidade apparente a elementos integrantes realmente dispares. Só a inspecção local póde dar o conhecimento exacto d'essa racional contradicção.

Do genero filippino, porque este o é, qualquer que seja o auctor, — ha mais claustros. E, de todos elles, o que, pela natureza da construcção mais frisantes referencias de analogia apresenta com este, é o claustro do Collegio da Sapiencia, dos Conegos regrantes de Santa Cruz de Coimbra.

De mais apoucados intuitos e mais restrictas condições de ostentação, mas a physionomia radical, a feição de consaguinidade é irrecusavel.

E este claustro de Coimbra, não restam duvidas, é devido a Felippe Tercio, esse mesmo que dirigiu a construcção do aqueducto para o convento de Christo.

O claustro, como se vê da estampa, é formado por duas ordens sobrepostas: a inferior dorica, a superior jonica modificada, no estylo a que os theoricos hespanhoes chamam *desadornado*.

A composição accentua-se poderosamente, em distribuição alternada dos membros componentes, que se destacam e aligeiram pelo predominio das aberturas sobre as superficies cheias.

Na parte debaixo os vãos excessivos dos arcos são intervallados por corpos de pequena saliencia, *architraves de resalto,* supportados por columnas emparelhadas, adossadas aos pés direitos, ao meio dos quaes se abrem roturas rectangulares d'um agradavel contraste. Por cima a galeria de diversa planta.

Na conformidade das prumadas assentam igualmente columnas que marcam as divisões cadenciadas do systema; e arcos menores sustidos por pilastras soltas, ladeadas de vãos rectangulares.

E toda a fachada, assim constituida por membros que parecem arbitrarios, dá o aspecto attrahente d'uma convicta serenidade.

Na linha do remate superior corre, em correspondencia dos intercolunnios o entablamento completo; e sobre os arcos a cornija apoiada em modilhões, em pittoresca interrupção. Se a obra chegasse a ser concluida, deveria ser coroada, em toda a extensão, por uma condigna balaustrada.

Ao centro do espaçoso pateo a airosa fonte, adorno indispensavel de todos os claustros do seculo XVI.

Eis, em duas palavras, o traço descriptivo e rapido do plano geral.

---

[1] Haupt dá uma extensa lista de edificios, que se sabe terem sido por Tercio construidos, e de outros que, por analogia, muito discutivelmente, lhe lança á conta em Lisboa, Setubal, Coimbra, Porto, Villa do Conde e Thomar.

En tous les cas il semble avéré que la construction ne fut commencée qu'après la mort du roi *piedoso* (pieux) et la contestation n'a pas été conduite de manière à mettre les faits en pleine lumière, ce qui aurait été d'autant plus désirable, que le moindre doute peut amener des conséquences plus délicates et plus graves, qu'on ne le pense au premier abord.

Mais, qu'il aît été de Diogo de Torralva, qui avait travaillé à la construction du sanctuaire de Belem, ou de Felippe Tercio, auteur de la fameuse tour du palais da Ribeira, de St Roque, de St Vicente, etc., le cloître de Thomar était certainement d'un artiste de l'école italienne dominé par les idées de renaissance espagnole [1].

Les cloîtres d'églises et de couvents qui abondent dans le pays, sont pour la plupart, de remarquables spécimens d'architecture. Il y a quelques uns qui même dans l'exiguité de leurs dimensions, sont incontestablement très beaux; beaucoup appartiennent au XVIme siècle et encore au XVIIme. Il existe des cloîtres monumentaux et vastes, et d'autres tout petits qui sont des modèles de simplicité et de pureté.

Celui de Thomar occupe une place prépondérante, par la grâce de ces lignes, l'équilibre et l'élégance ineffable de ses proportions, parmi les plus beaux et les plus précieux, de toutes les époques et de tous les styles.

À une époque, où les formes de la renaissance, après avoir perdu la chaste sobriété d'expression primitive, s'écartaient en des formules conventionnelles, d'une désinvolture maniérée et tumultueuse, le dessin de cette œuvre superbe, quoique empreinte des défauts de son temps, présente un agréable aspect de fastueuse sobriété, d'expression et de tranquillité que l'esprit ne se lasse pas d'admirer.

On pourra y découvrir quelque effort de composition ou manque de spontanéité, peut-être y apercevra-t-on des troubles ou des hésitations, faute de ressources fertiles et nouvelles, mais l'effet qui résulte même de cette affectation, dénonce une prodigieuse force de génie et le sentiment le plus délicat. Il est remarquable de voir, comme la mesure isochrone de points de repère, contenus dans des dimensions bien calculées, peut donner une apparente homogénéité à des éléments réellement contraires. Seul l'examen local peut amener la connaissance exacte de cette contradiction rationnelle.

Quelqu'en soit l'auteur, ce cloître ainsi que bien d'autres, est du genre *filippino,* et c'est celui qui par le caractère de sa construction présente de plus frappantes analogies avec le cloître du Collegio da Sapiencia, des Chanoines Réglants de Santa Cruz de Coimbra.

La physionomie radicale, les traits de consanguinité sont irrécusables, malgré l'intention modeste et les conditions restreintes d'ostentation de ce dernier, qui, sans nul doute, est dû a Felippe Tercio, le même qui a dirigé la construction de l'aqueduc pour le couvent du Christ.

Comme on voit sur la gravure, le cloître est formé de deux étages superposés: l'inférieur est dorique, le supérieur est du ionique modifié, du genre que les théoriciens espagnols nomment *desadornado.*

La composition se fortifie puissamment, par la distribution alternée de ses éléments, qui se détachent et s'allègent avec la prédominance des ouvertures sur les surfaces en plein. Dans l'étage inférieur, le percement immense des arcades est garni dans les intervalles, de corps légèrement saillants, *architraves en ressaut,* supportés par des colonnes jumelles adossées aux montants au milieu desquels s'ouvrent des éclaircies rectangulaires d'un contraste agréable. La galerie supérieure a un plan différent.

Dans le même sens que celles du premier étage reposent également des colonnes qui marquent les divisions harmonieuses du système, et des arcades plus petites soutenues par des piliers séparés flanqués d'espaces rectangulaires.

Et toute cette façade composée d'éléments qui paraissent arbitraires, présente l'attrayant aspect d'une sérénité étudiée.

L'entablement complet, correspondant aux entre colonnes parcourt toute la ligne supérieure et la corniche au dessus des arceaux, s'appuie, en interruption pittoresque, sur les modillons.

---

[1] Haupt donne une longue liste d'édifices qu'il sait avoir été construits par Tercio, et d'autres que, par analogie, il lui attribue, très douteusement, à Lisbonne, Setubal, Coimbra, Porto, Villa do Conde et Thomar.

De notar é, que do exaggero propositado das aberturas dos arcos inferiores provém a apparencia graciosa e ponderada de todo o arranjo.

A architectura é a arte que demanda mais subtis e consistentes faculdades creadoras, para bem comprehender e sentir os effeitos novos e imprevistos, que muitas vezes podem offerecer ao exito total o aproveitamento prudente de elementos avulsamente discordantes.

O principio classico, fundamental e fecundo de toda a obra de architectura reside na preponderancia das linhas constructivas sobre as preoccupações de addições accessorias e decorativas. E n'este claustro, despido de adornos esculpturaes, todo o effeito é obtido pela alliança das linhas geraes dos seus membros componentes, que em variada escala reciprocamente se ligam e completam.

Emfim, este formoso claustro, que não deslumbra, nem pela riqueza dos ornamentos, nem pela magnitude das dimensões, nem pelo arrôjo monumental da concepção, nem pelo esforço da originalidade, na moderação do pensamento que o delineou, é um bello trecho de arte; de elementos artificiosamente combinados, mas que se acolhe com sympathia e se contempla com prazer.

Qualquer que seja o auctor, a quem deva attribuir-se, bem denuncía a intellectualidade d'um artista sectario das doutrinas do classicismo sobrio e austero, d'onde sahiram Baptista Tolêdo e João Herrera, architecto do Escurial, cuja influencia foi preponderante na segunda phase da renascença hespanhola.

N'esta parte do convento de Christo, contiguamente ao claustro, é digno de vêr-se a decoração das escadas e do grande dormitorio, e, sem pretender agora especialisar pontos precisos de discriminação, ahi se exhibem os formosos e nitidos motivos ornamentaes da renascença portugueza, de D. João III, pelos quaes poderá avaliar-se da differença que existe entre as mentalidades e crenças estheticas que conduziram esses dois trabalhos.

São na verdade inconfundiveis; e encerram indicações proveitosas á exacta noção do ultimo periodo do renascimento em Portugal e Hespanha, não obstante tão estreitamente ligados os dois paizes pelas idéas de arte, como politicamente o foram depois.

Seja, em summa, como fôr, devido a Felippe Tercio ou Torralva, ordenado pelo rei *piedoso,* ou pelo rei *prudente,* este magnifico claustro, pela profunda e sagaz intelligencia que revela, pela elegancia que ostenta, pela sobriedade perenne e harmoniosa da sua perspectiva, é, como tantos outros edificios d'esta época, uma demonstração admiravel dos fulgidos lampejos e vibração genial dos artistas peninsulares, n'um momento de instabilidade, em que a architectura ia transformar-se nas phantasias innovadoras do *churrigueresco* sedicioso.

Claustro do Cemiterio

De todo o arrasoado, que desconnexamente venho escrevendo, vejo que muito fica por dizer, para dar uma idéa aproximada de todo esse conjuncto de coisas raras e affectuosas ao sentimento.

Para se avaliar da magnificencia e dimensões materiaes do riquissimo convento, bastará dizer que continha sete claustros; e todos, por diversos motivos, dignos de legitima notoriedade e apreço.

Já mencionamos o denominado *Claustro dos Filippes,* resta fallar de outro, o *do Cemiterio* construido pelo infante D. Henrique, quando mestre ou administrador da Ordem.

Este claustro, summamente notavel pela elegancia das suas arcadas, é uma das obras de mais puro desenho, que deve figurar, no inventario geral, ao lado dos especimens mais valiosos e esbeltos, que o estylo ogival ergueu no solo portuguez.

E tanto mais digno de estimação, quanto é certo que o movimento propriamente gothico em Portugal appareceu tarde e teve uma existencia relativamente de pouca duração.

Desde D. Sancho a D. Diniz, que com tanta solicitude e largueza espalhou pelo paiz construcções religiosas, civis e militares, o estylo predominante foi o romanico de transição; quando muito, o gothico de caracter inicial. A depuração gothica, como evolução gradual, passou desapercebida. Isto ao tempo, em que por toda a Europa se propagava e, em audacias de originalidade e surprehendentes soluções de problemas constructivos, produzia os mais brilhantes e assombrosos monumentos; e no resto da peninsula se affirmava com prodigiosa profusão e esplendor.

Si on avait réussi à achever la construction, elle devait être couronnée en toute son étendue, par une balustrade de même genre.

Au milieu de la vaste cour se trouve une belle fontaine, ornement indispensable de tous les cloîtres du XVI^me^ siècle.

Voilà en quelques mots, la description rapide du plan général. Il faut remarquer, que l'apparence gracieuse et raisonnée de tout l'arrangement, provient de l'exagération des ouvertures faite à dessein.

L'architecture est l'art qui exige des facultés créatrices plus subtiles et consistantes, pour bien comprendre et sentir les effets nouveaux et imprévus, que l'emploi réfléchi d'éléments séparément discordants, peut offrir pour l'effet total de l'ensemble.

Le principe classique, fondamental et fécond de toute œuvre d'architecture, consiste dans la prépondérance des lignes principales de construction, sur des préoccupations d'additionements accessoires et décoratifs. Et dans ce cloître dépouillé d'ornementation sculpturale, tout l'effet est obtenu par l'alliance des lignes générales des éléments composants, qui se relient et se complètent réciproquement.

Enfin ce beau cloître, qui n'éblouit pas, ni par la richesse des ornements, ni par la grandeur des dimensions, ni par la hardiesse monumentale de la conception, ni l'effort d'originalité, est, dans la modération de pensée qui l'a tracé, un bel ouvrage artistique, d'éléments ingénieusement combinés, mais qu'on accueille avec sympathie et qu'on contemple avec plaisir.

Quelqu'en soit l'auteur, il dénonce bien l'intelligence d'un artiste sectaire des doctrines classiques austères et sobres, d'où sortirent Baptista Toledo et João Herrera, architecte de l'Escurial, dont l'influence prédomina dans la seconde phase de la renaissance espagnole.

Dans cette partie du couvent du Christ contigüe au cloître il faut remarquer la décoration des escaliers et du grand dortoir, et sans prétendre ici spécialiser des points précis à détailler, on aperçoit là de magnifiques motifs d'ornements de la renaissance portugaise, de D. Jean III, qui serviront à apprécier la différence qui existe entre les mentalités et les croyances esthétiques qui ont agi sur ces deux travaux.

Il est impossible de les confondre et ils renferment de précieuses indications pour la notion exacte de la dernière période de la renaissance en Portugal et en Espagne, malgré la relation intime qui liait les deux pays dans les idées artistiques comme ils le furent plus tard au point de vue politique.

Quoiqu'il en soit, qu'il aît été commandé par le roi *pieux* ou par le roi *prudent,* et exécuté par Felippe Tercio ou Torralva, ce magnifique cloître, par l'intelligence profonde et perçante qu'il révèle, par l'élégance qu'il présente, par la constante et harmonieuse sobriété de sa perspective, est, ainsi que beaucoup d'autres édifices de cette époque, une révélation admirable des brillants élans et de la vibration géniale des artistes péninsulaires, à un moment d'incertitude où l'architecture menaçait de se transformer en des fantaisistes innovations du *churrigueresco* séditieux.

Cloître du Cimetière

Après tout ce que je viens d'écrire un peu au hasard, je m'aperçois qu'il y a encore beaucoup à dire pour donner à peu près une idée de tout cet assemblage de choses rares et qui nous parlent à l'âme.

Pour évaluer la magnificence et la grandeur matérielle de ce somptueux couvent, il suffira de dire qu'il avait sept cloîtres, et que tous pour des raisons diverses étaient dignes d'être remarqués et cités.

Nous avons parlé du *Cloître des Filippes,* il nous reste à décrire un autre, celui du *Cimetière* construit par l'infant D. Henrique, quand il était maître ou administrateur de l'Ordre.

Ce cloître, très remarquable par l'élégance de ses arcades, est un des travaux de plus pur dessin, qui doit figurer dans l'inventaire général, à côté des spécimens les plus précieux que le style ogival a laissés sur le sol portugais.

Et il est d'autant plus appréciable, car il est certain que le mouvement proprement gothique parût assez tard en Portugal et a eu relativement une courte durée.

Depuis D. Sancho jusqu'à D. Diniz qui avec tant de sollicitude et de générosité repandit dans le pays, des constructions religieuses, civiles et militaires, le style dominant était le roman de transition, tout

No seculo xiv, em Hespanha concluiam-se as grandes cathedraes começadas no seculo anterior e dava-se começo a outras grandes fabricas, rivalisando em assombros de ousadia e delicadeza, frageis, aereas, vertiginosas, impellidas pela fé ardente que agitava as almas. As cathedraes de Leão, Toledo, Burgos, Barcelona e outros, e muitos outros templos avançaram no decurso d'este seculo.

Em Portugal, depois da actividade dos seculos xii, xiii e xiv, no periodo que vae de D. Diniz a D. João i, tão escassas indicações se deparam de construcções de vulto, que, o movimento da architectura quasi se póde julgar paralysado. As condições sociaes não eram por certo prosperas ao desenvolvimento das artes.

Por isso foi justificado o assombro que as maravilhas da egreja da Batalha produziram no espirito dos contemporaneos.

Consolidada nos plainos de Aljubarrota a monarchia do Mestre de Aviz, seguiu-se então uma nova e grande expansão de construcções. O estylo gothico no seu pujante desabrochamento entrou em Portugal e produziu pittorescos e bellos monumentos, mais ou menos limitados de proporções, mas igualmente significativos, como demonstração suprema d'uma nova éra de engrandecimento nacional.

E positivamente na enumeração das mais perfeitas e impressivas producções d'essa irradiação artistica entra o notavel *Claustro do Cemiterio*, que a phototypia reproduz.

No convento de Christo em tudo se revela o cunho magnificente do animo real.

Os representantes, por assim dizer, dos brilhantes e grandes acontecimentos da vida nacional ahi collaboraram, para que o monumento fosse o repositorio collectivo dos mais tocantes depoimentos da nossa accidentada evolução artistica, reflexo fiel das prosperidades e vicissitudes sociaes e politicas da nossa longa peregrinação historica.

A quantidade preciosa de incrustações de arte, que ainda hoje, depois de terem atravessado inclemencias nefastas de assolação e rapina, por toda a parte brilham, são os restos escassos e dignos de uma farta herança de obras admiraveis.

Finalmente, a monographia do convento de Christo, elaborada por uma alta competencia, sob o ponto de vista exclusivo da arte — architectura, pintura e esculptura, — seria pouco menos, que a synthese historica de toda a arte portugueza.

A. Gonçalves.

au plus le gothique initial. L'épuration gothique, comme évolution graduelle, passa inaperçue et cela au temps, où elle s'épanchait dans toute l'Europe, et où son audacieuse originalité et ses surprenantes solutions de problèmes de construction, produisaient les plus brillants et somptueux monuments, s'affermissant avec une prodigieuse splendeur sur tout le reste de la péninsule.

En Espagne on finissait au xiv^me^ siècle les grandes cathédrales commencées un siècle auparavant et on initiait d'autres grandes édifications, qui rivalisaient en hardiesse et en délicatesse, fragiles, aériennes, vertigineuses, poussées par la foi ardente qui agitait les âmes. Les cathédrales de Léon, Toledo, Burgos, Barcelone, et d'autres, ainsi que beaucoup de temples avancèrent pendant ce siècle.

En Portugal, pendant la période qui va de D. Diniz à D. Jean i, après l'activité du xii^me^, xiii^me^ et xiv^me^ siècles, on compte si peu de constructions importantes que le mouvement de l'architecture semble paralysé. Les conditions sociales aussi n'étaient pas favorables au développement des arts.

C'est pour cela que l'étonnement produit par les merveilles de l'église de Batalha, sur l'esprit des contemporains, est bien justifié.

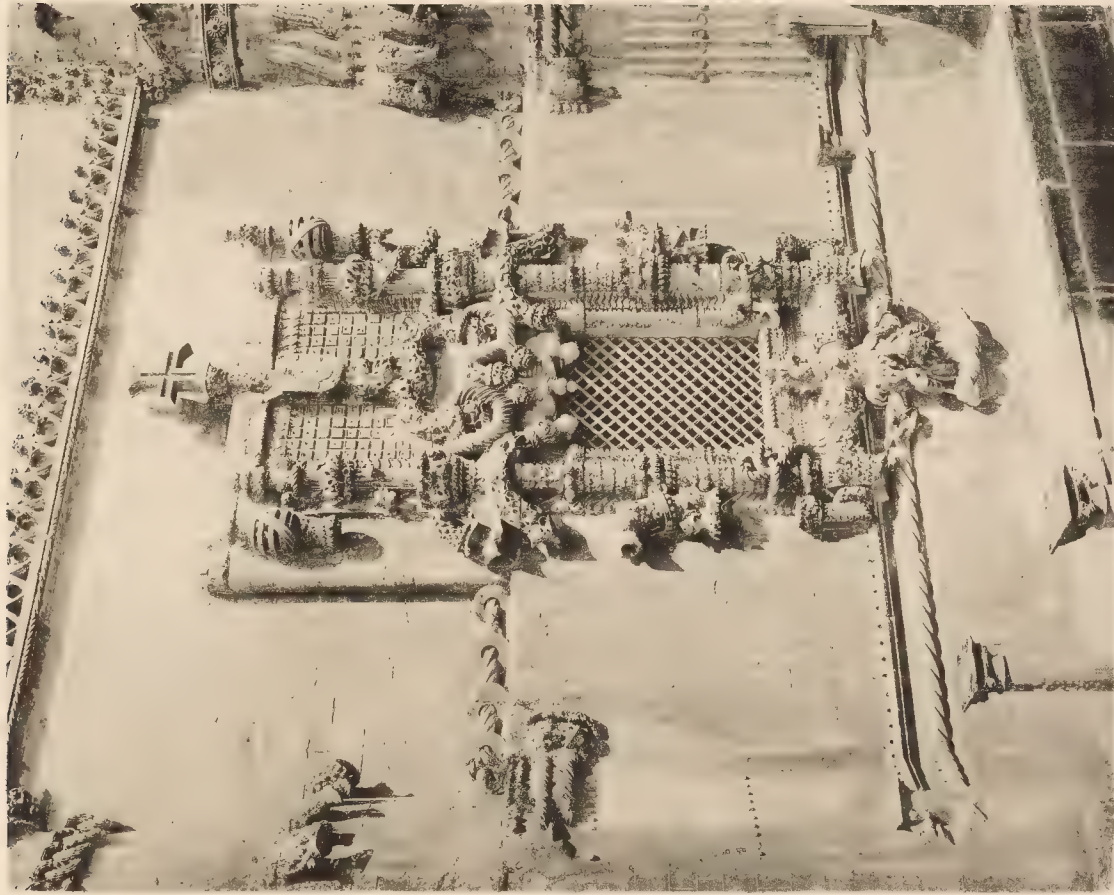
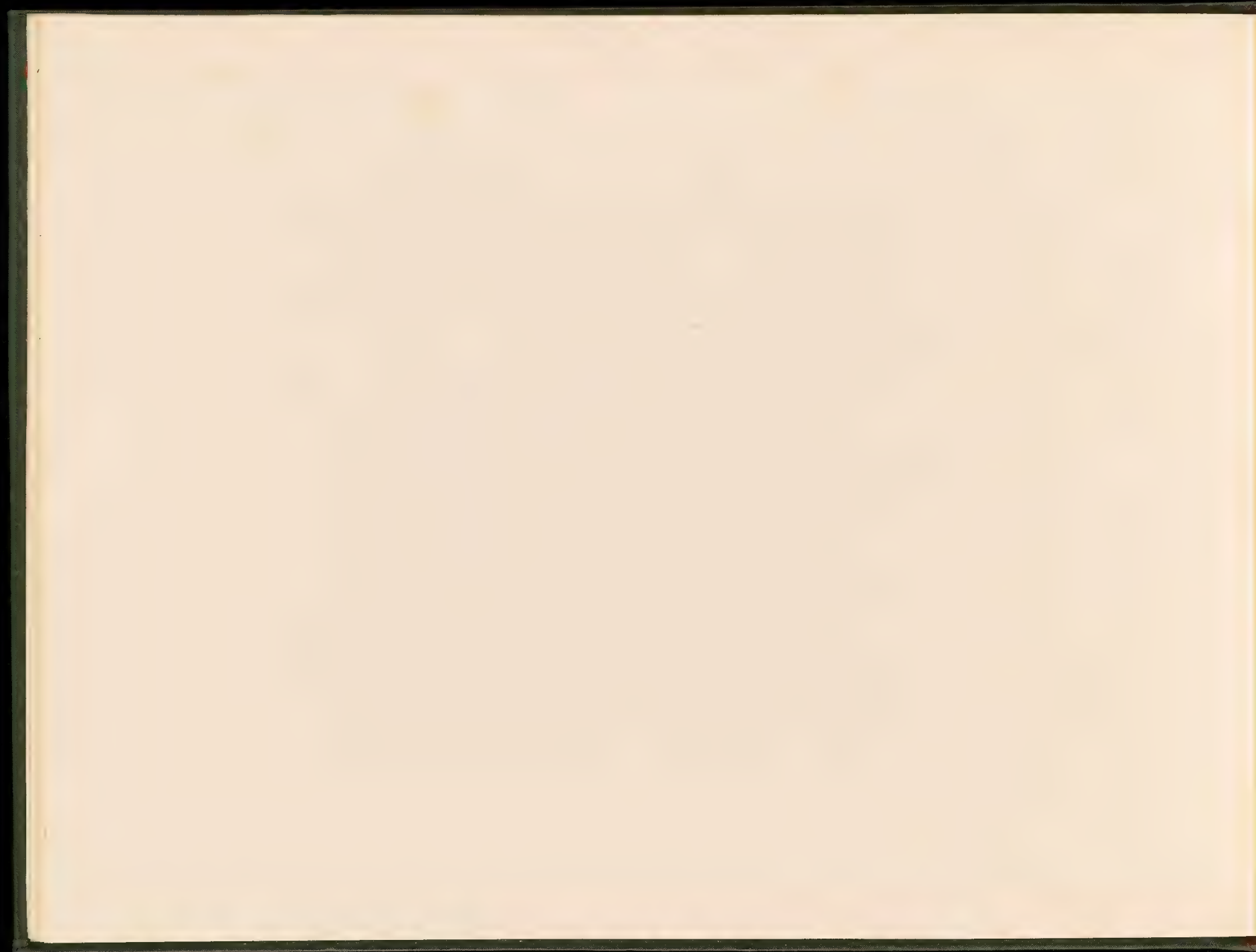
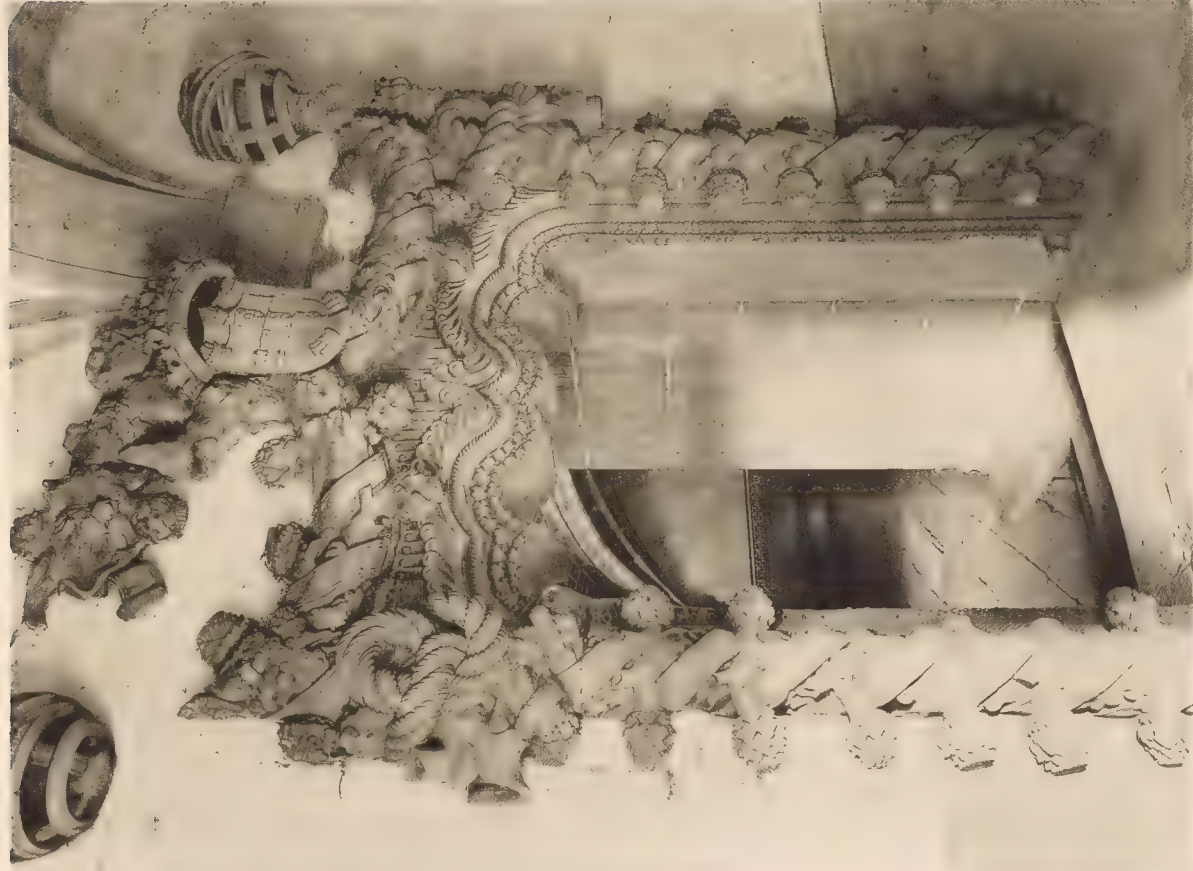
La monarchie du mestre de Aviz, raffermie sur les camps d'Aljubarrota fit naître une grande expansion de constructions. Le style gothique dans son exhubérante éclosion entra en Portugal et produisit de pittoresques et beaux monuments, dans des proportions plus ou moins limitées, mais également significatifs, comme démonstration suprême d'une nouvelle phase de grandeur nationale. Et le *Cloître du Cimetière* reproduit sur notre phototypie peut-être compté au nombre des productions les plus parfaites et impressionantes de cette irradiation artistique.

Le cachet somptueux de l'esprit royal se révèle dans tous les détails du couvent du Christ.

On peut dire que les réprésentants des brillants et grands faits de la vie nationale s'y sont réunis, pour que le monument puisse être un document collectif des plus touchants épisodes de notre évolution artistique si mouvementée, un miroir fidèle des prospérités et des vicissitudes sociales et politiques de notre long pélerinage historique.

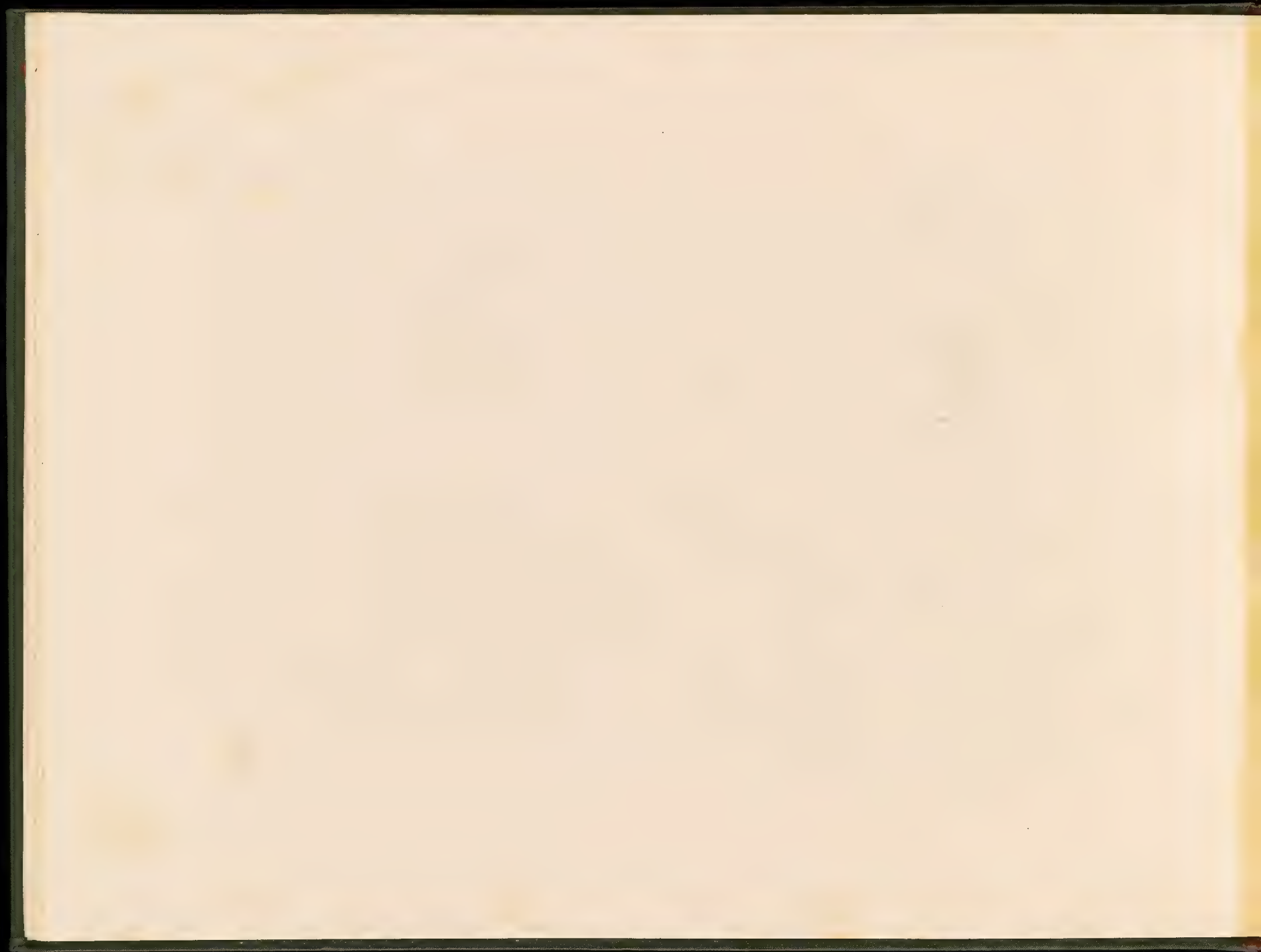
La précieuse abondance d'incrustations d'art, qui brillent encore partout, après avoir traversé de néfastes tempêtes de pillage et de dévastation, sont les débris rares et dignes d'un si bel héritage d'œuvres admirables.

Et la monographie du couvent du Christ, faite par un écrivain érudit, au point de vue exclusif de l'art, — architecture, peinture et sculpture — serait à peu de chose près, la synthèse historique de tout l'art portugais.

A. Gonçalves.

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Janella da casa do capitulo — Convento de Christo

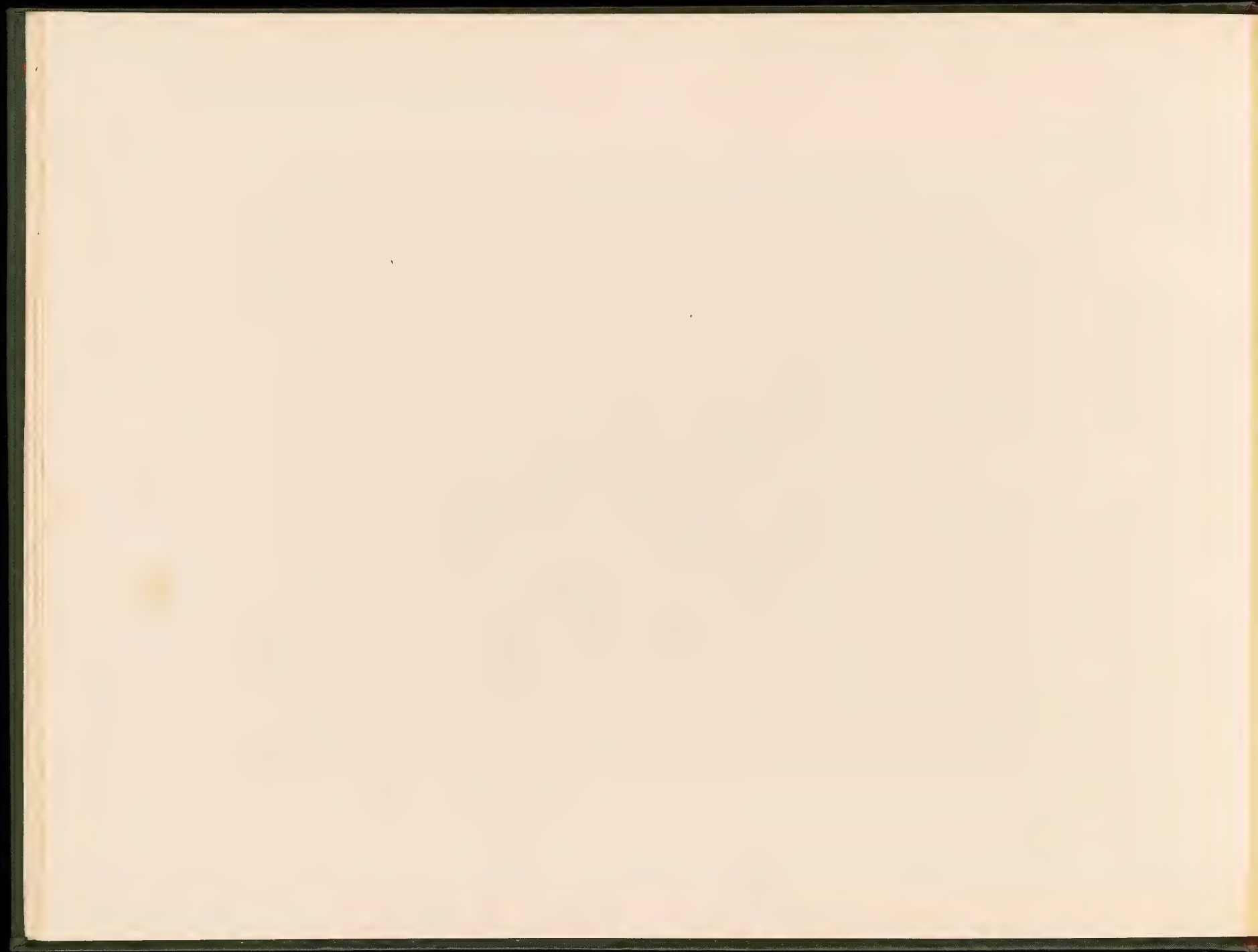
THOMAR

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Porta da casa do capitulo — Convento de Christo

THOMAR

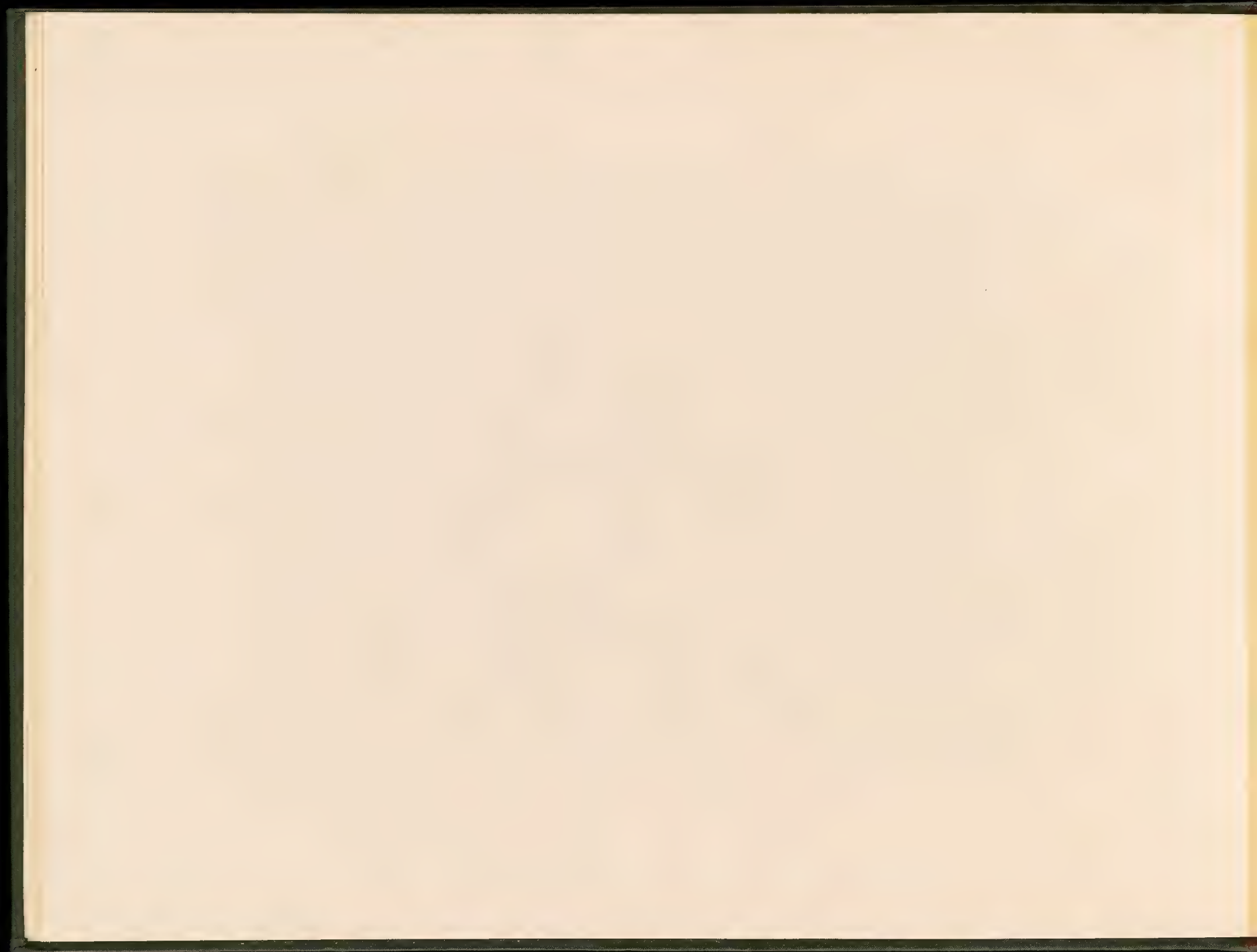
A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Claustro dos Filippes—Convento de Christo

THOMAR

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Claustro do cemiterio Convento de Christo
THOMAR

O Bussaco

Joia preciosissima encravada no solo de Portugal é a magestosa e encantadora floresta do Bussaco, admirada com deleitoso enlevo por quantos a visitam.

Cintra do Norte lhe tem chamado alguns para encarecer seus dons, mas com esta denominação, segundo opina Moraes Soares, eximio redactor do *Archivo Rural*, «desfazem no que pretendem engrandecer e louvar. Em Cintra o que haverá que vêr, além do que alli tem feito um principe de alto entendimento e ardente dedicação pelas cousas de Portugal? No Bussaco não sobresae, é verdade, a obra dos homens, mas ha muito que admirar na obra de Deus, que revela a sua omnipotencia na magestade da vegetação.»

A situação encantadora d'aquella floresta muitas vezes secular; a riqueza, variedade e pompa de seus arvoredos admiraveis; suas aguas abundantes e purissimas; um ar fino e saudavel, e sempre puro e fresco ainda nos mais intensos ardores do estio; o mosteiro humilde; recordações historicas e lendas curiosas e cheias de interesse: tudo concorre para fazer do Bussaco um logar delicioso e justamente celebrado.

Ante as scenas magnificas e galas esplendidas que a natureza alli ostenta, todos sentem as mais doces e gratas emoções.

Quem deixará de possuir-se de poetico enthusiasmo ao percorrer aquellas deleitosas avenidas tapetadas de musgo e toldadas por densissima ramagem, encontrando aqui um pinaculo escarpado e de belleza alpestre, alli uma fonte de aguas crystallinas e frigidissimas, além um regato aspergindo com aljofradas gottas as formosas plantas que o acobertam, mais longe uma devota ermidinha abraçada de heras e meio sumida na espessura do arvoredo?

Quem não sentirá enlevar-se-lhe o coração ao contemplar, da *Portaria de Coimbra*, da *Capella de Santo Antão*, do *Calvario* e da *Cruz Alta*, os quadros variadissimos, as magnificas paisagens que d'alli se descortinam em dilatados horisontes?

Bem se podem applicar ao Bussaco, e talvez com mais propriedade ainda, as formosas estancias com que o immortal Garrett celebrou as bellezas da serra de Cintra:

. . . .
Quem, descançado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha 'hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, labor da vida?...

E assim parece que é realmente dentro dos muros do Bussaco. «O mundo perde-se-nos lá em baixo n'um crepusculo de paixões que lhe encobrem o movimento e a vida. As azas da viração trazem apenas até nós um brando murmurio do seu tremendo bulicio. Sabemos que existe, porque a memoria nos diz que já assistimos áquelle labutar constante, que já fomos parte n'essa lucta porfiada, em que os affectos e os interesses se degladiam, atropelam e esmagam alternadamente. Mais nada. Quasi que se aniquila aqui o sentimento da actualidade. Vive-se pelo passado e pelo futuro. Ha só recordações e esperanças. Sentem-se saudades e aspirações» [1].

---

[1] F. A. de Rezende Junior.

Bussaco

La charmante et majestueuse forêt de Bussaco, admirée avec une si délicieuse extase par tous ceux qui la visitent est un précieux joyau enchâssé dans le sol du Portugal.

Pour renchérir ses dons quelques uns l'ont surnommée la Cintra du Nord, mais ce nom, d'après l'opinion de Moraes Soares, illustre redacteur de l'*Archivo Rural*, «ne fait qu'amoindrir ce que l'on prétend vanter et agrandir. À Cintra qu'y a-t-il à voir, si ce n'est l'embellissement fait par un prince de haute intelligence et d'ardent dévouement pour les choses du Portugal? À Bussaco, il est vrai que l'œuvre des hommes ne ressort pas, mais il y a beaucoup à admirer dans l'œuvre de Dieu qui révèle sa toute puissance dans la majesté de la végétation.»

La situation charmante de cette forêt plusieurs fois séculaire; la richesse, la variété, et la magnificence de ses arbres admirables; ses eaux si abondantes et pures; un air fin et vivifiant, toujours pur et frais, même lors des plus ardentes chaleurs de l'été; l'humble couvent; des souvenirs historiques et des légendes curieuses et pleines d'intérêt; tout se réunit pour rendre Bussaco un endroit délicieux et justement renommé.

Devant ces spectacles magnifiques et les splendides richesses étalées là par la nature, tout le monde ressent les plus douces émotions.

Quel est celui qui ne se sentira pas envahi du plus poétique enthousiasme en parcourant ces délicieuses allées tapissées de mousse et recouvertes d'une épaisse voûte de feuillage, trouvant, ici une petite colline escarpée et d'une beauté sauvage, là une fontaine d'une eau claire et des plus froides, ensuite un ruisseau qui arrose de ses gouttes perlées les belles plantes qui le bordent, plus loin une petite chapelle, pieuse, enlacée de lierre et à demi cachée dans l'épaisseur du bois?

Quel est celui qui ne sentira pas son âme s'élever en contemplant de la *Portaria de Coimbra*, de la *Chapelle de Santo Antão*, du *Calvario* ou de la *Cruz Alta*, les tableaux si variés, les magnifiques paysages que l'on découvre de là sur de si vastes horizons?

On peut bien appliquer au Bussaco et peut-être même avec plus de propriété, les belles stances avec lesquelles l'immortel Garrett a célébré les beautés des montagnes de Cintra:

. . . .
Quem, descançado á fresca sombra tua,
Sonhou senão venturas? Quem, sentado
No musgo de tuas rocas escarpadas,
Espairecendo os olhos satisfeitos
Por céos, por mares, por montanhas, prados,
Por quanto ha 'hi mais bello no universo,
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,
Poisar-lhe o coração suavemente
Sobre esquecidas penas, amarguras,
Ancias, labor da vida?...

Et c'est ce qui nous semble réellement dans les murs du Bussaco. «Le monde se perd pour nous, là au fond, en un crépuscule de passions qui cachent sa vie et son mouvement. Les ailes de la brise nous apportent à peine un doux murmure de ses bruits terribles. Nous savons qu'ils existent parce que la mémoire nous rappèle que nous avons assisté à son labeur constant, que nous avons pris part à cette lutte à outrance où les affections et les intérêts se heurtent, se pressent et se brisent tour à tour. Rien de plus. Le sentiment de l'actualité s'anéantit presque ici. On vit par le passé et l'avenir. Il n'y a que des souvenirs et des espérances. On sent des regrets et des aspirations.» [1]

---

[1] F. A. de Rezende Junior.

*
* *

No segundo quartel do seculo XVII deliberára a provincia dos carmelitas descalços de Portugal fundar um *deserto,* onde, segundo as intenções da reforma da ordem, os seus religiosos podessem observar alternadamente a vida cenobitica e a eremitica. No anno de 1626 começou-se a intender na escolha de um logar adequeado para este fim. Vistos e examinados varios sitios, veiu a assentar-se em se fundar em Cintra, comquanto este local não agradasse completamente por varias circumstancias, sendo uma das mais ponderosas a proximidade de Lisboa, que fazia de Cintra «côrte na aldeia, povoado de quintas, conventos, paços reaes: o que tudo servia mais para casa de recreação e regalo, qual em seu retiro buscavam os reis e grandes de Portugal, que para casa de compunção, penitencia e soledade», como devia ser a que pretendiam erigir os carmelitas.

Quando com maior calor se tratava da fundação, aconteceu que indo fr. Angelo de S. Domingos, reitor do collegio dos carmelitas descalços de Coimbra, visitar o bispo d'esta cidade D. João Manoel, no decurso da pratica veiu a fallar-lhe no proposito, em que estava a provincia, de fundar uma casa de deserto; referiu-lhe que se haviam buscado varios logares, e que finalmente se approvára o de Cintra por mais apto para a fundação, apesar dos inconvenientes já apontados. Disse então o illustre prelado ao padre reitor: *Tenho eu na serra de Luso umas mattas e terras, a que chamam Bussaco: se ao padre provincial lhe parecera mandal-as vêr, e foram de seu agrado, dera-as eu de boa vontade á Religião, pelo interesse de ter no meu bispado um convento tão unico e observante. Avise o padre reitor ao padre provincial que as mande vêr, que poderá ser lhe sirvam e se evitem com maiores conveniencias os reboliços da serra de Cintra.* Agradeceu o padre reitor tão generoso offerecimento; e ao padre provincial, que andava na visita das casas do Minho, informou logo do que havia passado com o bispo conde.

Vindo o provincial de volta para Coimbra, passou por Aveiro e trouxe d'ahi em sua companhia o padre fr. Thomaz de S. Cyrillo, vigario que estava eleito para a fundação de Cintra, e com elle entrou no collegio de Coimbra no dia 28 de Agosto de 1626.

Ao mesmo tempo em que entre o padre reitor e o bispo se passava o que deixamos referido, andando dois religiosos carmelitas pelas cercanias da Mealhada e Vacariça, chegaram de noite á quinta de um João de Figueiredo, que os hospedou com a melhor vontade. Quando ceavam, cahiu a conversa sobre a fundação do deserto; e, inteirado do assumpto, o bom hospedeiro mostrou grande sentimento de não haver tido anteriormente essa noticia, porque, disse, inculcaria a serra de Luso, que achava muito accommodada para o designio.

No dia seguinte, incitados pelo que lhes dissera o aldeão, deliberaram-se os dois religiosos a visitar o logar indicado, e «subindo á serra, viram em Bussaco tanta variedade de arvores, abundancia de fontes, formosura de valles e eminencia de montes, que, além de summamente pagos do que viam, se admiraram por extremo de que benigna a soberana Providencia houvesse reservado para ermo de sua ordem aquelle sitio, que julgavam pela oitava maravilha do mundo.»

Volvendo ao collegio de Coimbra, ahi encontraram já o padre provincial, a quem referiram a visita que fizeram ao Bussaco, e quanto se achavam admirados e satisfeitos da sua aprazibilidade e conveniencias.

Ordenou então o provincial que no dia immediato fosse ao Bussaco o padre reitor com fr. Thomaz de S. Cyrillo e com o irmão Alberto da Virgem, architecto, a fim de averiguar se eram veridicas as informações que do logar lhe haviam dado os dois religiosos. Foram, e encontrando gostosos quanto se poderia querer e desejar para assento de uma casa de deserto, affirmaram ao provincial que, sem hyperbole, a realidade se avantajava á fama d'aquelle sitio.

Resolveu visital-o elle proprio, para certificar-se do que lhe diziam; e, indo ao Bussaco, taes conveniencias lhe achou, que aos mensageiros arguiu de acanhados e diminutos nas suas informações, dizendo: *Isto sim, que é proprio deserto! Pouco me disseram, e não acho palavras que declarem todo o bem que o Auctor da natureza depositou n'este monte.*

Foi depois o padre geral com outros visitar tambem o Bussaco. «Entraram pelas densas mattas

*
* *

Pendant la deuxième moitié du XVII^me^ siècle la province des carmes déchaussés de Portugal résolut de fonder un *désert,* où, selon les intentions de réforme de l'ordre, les religieux pourraient observer tour-à-tour la vie de cénobite et d'ermite. L'année 1626 on commença à penser au choix d'un endroit approprié à ces fins. Après en avoir vu et examiné plusieurs, on prit la résolution de s'installer à Cintra, quoique cet endroit ne fut pas tout à fait propice pour diverses raisons, dont une des plus puissantes était le voisinage de Lisbonne qui faisait de Cintra «la cour au village, peuplée de propriétés, de couvents et de palais royaux: et qui était plutôt un lieu de plaisir et de jouissance où se retiraient les rois et les grands du royaume, qu'un site propre à une maison de retraite, de pénitence et de solitude» comme les carmélites prétendaient l'ériger.

Lorsqu'on s'occupait de cette fondation avec plus de chaleur, il arriva que Fr. Angelo de S. Domingos, recteur du collège des carmes déchaussés de Coimbra, alla visiter l'évêque de cette ville D. João Manuel et au cours de la conversation il vint à parler de l'intention, où était la province, de fonder une maison de *désert;* il lui raconta qu'on avait cherché plusieurs endroits et qu'on avait fini par choisir Cintra, malgré les inconvénients déjà signalés. Alors l'illustre prélât dit au père recteur: *J'ai dans les montagnes de Luso des forêts et des terres qu'on nomme Bussaco: si le père provincial veut les faire voir et si elles lui plaisent, je les donnerai volontiers à la Religion, pour l'intérêt d'avoir dans mon évêché un couvent si pieux et observant. Faites dire au père provincial qu'il envoie quelqu'un pour les visiter, elles lui serviront peut-être et on évitera ainsi avantageusement les remue-ménages de Cintra.* Le père recteur remercia une offre si généreuse et il informa aussitôt le père provincial, qui était en visite aux maisons du Minho, de tout ce qui s'était passé avec l'évêque Comte.

En revenant à Coimbra, le père provincial passa par Aveiro d'où il amena avec lui le père fr. Thomaz de S. Cyrillo, vicaire déjà élu pour la fondation de Cintra, et ils entrèrent au collège de Coimbra le 28 Août 1626.

Pendant que ceci se passait entre le père recteur et l'évêque, deux religieux carmélites passant aux environs de Mealhada et Vacariça arrivèrent un soir à la ferme d'un João de Figueiredo qui leur donna l'hospitalité avec la meilleure volonté. Au souper, la conversation tomba sur la fondation du désert; mis au courant de ce qui se passait, le bon hôte se montra peiné de ne pas avoir su plutôt cette nouvelle, parce qu'il aurait indiqué le mont de Luso qu'il trouvait très approprié à ce dessein.

Le lendemain, les deux religieux, encouragés par ce que leur avait dit le villageois, délibérèrent d'aller visiter l'endroit indiqué, et arrivés «au sommet de la montagne ils virent à Bussaco une telle variété d'arbres, une telle abondance de fontaines, une si grande beauté des vallées et des collines, que, bien récompensés par ce qu'ils avaient vu, ils s'étonnèrent que la généreuse et souveraine Providence eût réservé pour ermitage de leur ordre ce site qu'ils jugèrent la huitième merveille du monde.»

En retournant au collège de Coimbra ils y trouvèrent déjà le père provincial, auquel ils racontèrent la visite faite à Bussaco et combien ils avaient été charmés et étonnés de tant de merveilles et de tant d'avantages.

Le provincial ordonna alors que le lendemain, le père recteur avec fr. Thomaz de S. Cyrillo et le frère Alberto da Virgem, architecte, fussent à Bussaco afin de vérifier si les informations données par les deux religieux étaient véridiques. Ils y allèrent et trouvèrent avec plaisir que c'était tout ce qu'on pouvait désirer de mieux pour une maison de *désert,* et assurèrent au provincial que, sans exagération, la réalité était encore supérieure à la réputation de ce lieu.

Il resolût alors de le visiter lui-même pour s'assurer de ce qu'on lui disait, et il trouva Bussaco tellement convenable qu'il taxa les messagers de mesquins et peu enthousiastes dans leurs informations en disant: *Voilà enfin, ce qui est proprement le désert! Vous n'avez pas assez dit et je ne trouve pas de mots pour exprimer tout le bien que l'Auteur de la nature a déposé dans cette montagne.*

Ensuite le père général avec d'autres alla aussi visiter Bussaco. Ils entrèrent dans ces épaisses forêts peuplées d'arbres touffus, ils parcoururent les allées revêtues de plantes verdoyantes, ils se promenèrent par les plaines couvertes de fleurs odorantes, ils descendirent les vallées entrecoupées de clairs

povoadas de bastas arvores, discorreram as devezas vestidas de verdes plantas, passearam as campinas ornadas de cheirosas flôres, desceram aos valles retalhados de claras aguas, subiram aos montes coroados de aprazíveis e dilatadas vistas; e tal graça achou o padre geral em quanto havia registado, que disse para os companheiros com devota alegria: *Aqui é vontade de Deus que se funde; murem este sitio, que têm n'elle o melhor deserto da Ordem. Porque, se agora inculto, rude e tosco, é o que admiramos, cultivado, será um paraiso terreal.*»

Dados os agradecimentos ao bispo-conde e acceito o seu offerecimento, tratou o antistite conimbricense de fazer lavrar em publica fórma o titulo de doação do Bussaco. Como, porém, não podia alhear esta propriedade sem que incorporasse nos bens da mitra mais util compensação, teve para isso de mandar proceder á louvação do Bussaco, o qual, observadas as solemnidades de direito, foi avaliado em *cento e oitenta mil reis* (!) *por ser infructifero e de pouco rendimento.*

Vencidas algumas contrariedades e embaraços que ainda se oppozeram á fundação, trataram logo os frades de edificar no centro da matta o seu mosteiro, havendo sido escolhidos para este effeito fr. Thomaz de S. Cyrillo, primeiro vigario, fr. João Baptista e Alberto da Virgem, architecto. Partiram de Aveiro em 29 de Junho de 1628, hospedaram-se em Luso, e a 25 de Julho lhes sobrevieram mais tres companheiros: fr. Antonio do Espirito Santo, fr. Bento dos Martyres, e o irmão Antonio das Chagas, official de alvenaria.

Lançaram a primeira pedra do mosteiro no dia 7 de Agosto de 1628 e proseguiram incansaveis na obra do edificio, por fórma que em 28 de Fevereiro de 1629 poderam adorar o SS. Sacramento na casa da livraria de que fizeram egreja provisoria, e no dia 19 de Março de 1630 se deu começo á vida regular da communidade [1].

Desde então os arvoredos, que já a esse tempo povoavam a deveza do Bussaco, foram accrescentados pela curiosidade dos frades, que se dedicavam á sua plantação com solicito empenho. Os priores do convento, por obrigação imposta nos estatutos ou constituições da ordem, mandavam todos os annos semear e plantar grande porção de arvores, que hoje nos causam tanta admiração por sua corpulencia e formosura. Por curiosa, transcrevemos a disposição das *Constituições* a este respeito:

Para que o sitio do Deserto seja sempre aprazivel, e apto para a oração, será obrigado o prior a pôr de novo cada anno arvores silvestres: nem poderá cortar, nem arrancar alguma sem approvação do Capitulo Conventual, concorrendo ao menos para isso duas partes das tres dos votos [2].

Era tal o desvelo dos religiosos pela conservação e augmento da sua querida floresta, que, para obviar aos cortes e estragos que furtivamente se lhe faziam, alcançaram de Urbano VIII uma sentença de excommunhão maior, *ipso facto incurrenda,* contra quem violasse a clausura a fim de destroçar as suas arvores.

Ajudados grandemente por piedosos bemfeitores tiveram os religiosos os meios necessarios para obras de importancia com que passados não muitos annos se viu ennobrecido o seu deserto. A matta foi murada na circumferencia de quasi quatro kilometros, abriram-se extensas ruas, edificaram-se devotas ermidas e capellinhas, construiram-se vistosas fontes.

N'essas construcções, porém, fugiu-se propositadamente do luxo ou grandeza architectonica, seguindo-se um gosto especial, que consistia em harmonisar quanto possivel com as da natureza as obras da arte.

As edificações antigas do convento desappareceram pela maior parte, em virtude das obras modernas. Como na Pena, em Cintra, restam sómente o claustro e a egreja; aquelle, povoado de numerosas, mas terrificas pinturas de frades, as quaes cáem aos pedaços e não devem nada á arte; esta é bem digna de uma visita.

Os estatutos da ordem dos carmelitas descalços não admittiam nenhum fausto no culto e, portanto, nenhuma riqueza nas alfaias da egreja. Ha, todavia, aos lados do altar-mór, collocados em frente

[1] Para escrever o que deixamos dito da historia da fundação d'este deserto, servimo-nos do vol. II da *Chronica dos Carmelitas descalços* de fr. João do Sacramento, parte recopilando e resumindo, parte transcrevendo textualmente. As transcripções ficam indicadas por aspas e pelo typo italico.

[2] *Primeira parte das Constituições dos Carmelitas descalços da Congregação de Portugal,* pag. 288.

ruisseaux, et gravirent les montagnes couronnées de vastes et charmantes vues; et le père général trouva si beau tout ce qu'il avait vu, qu'il dit à ses compagnons avec une pieuse joie: *C'est ici que la volonté de Dieu veut que nous restions; murez cet endroit et vous aurez le meilleur désert de l'Ordre; parce que si nous l'admirons ainsi inculte, rude et sauvage, en le cultivant ce sera un paradis terrestre.*

L'offre acceptée et les remerciements faits à l'evêque comte, le prélat de Coimbra s'occupa de faire passer un acte légal du titre de donation du Bussaco. Mais comme il ne pouvait pas aliéner cette propriété sans faire rentrer dans les biens de l'évêché une valeur équivalente, il fallut pour cela procéder à l'évaluation du Bussaco, lequel après les cérémoines juridiques [1] fut porté à la somme de *cent quatre vingt mil reis* (!) *par qu'il était improductif et de mince revenu.*

Après avoir vaincu quelques contrariétés et quelques embarras, les moines s'occupèrent aussitôt d'édifier leur monastère au centre de la forêt, et on choisit pour cela fr. Thomaz de S. Cyrillo, premier vicaire, fr. João Baptista et Alberto da Virgem, architecte. Ils partirent d'Aveiro le 29 Juin 1628, s'installèrent à Luso et le 25 Juillet il leur arriva trois compagnons de plus: fr. Antonio do Espirito Santo, fr. Bento dos Martyres, et le frère Antonio das Chagas ouvrier en maçonnerie. Ils posèrent la première pierre du couvent le 7 Août 1628 et poursuivirent infatigables la construction de l'édifice, de manière que le 28 Fevrier 1629 ils purent adorer le Très Saint Sacrement dans la bibliothèque dont ils firent une église provisoire, et le 19 Mars 1630 on commença la vie régulière de la Communauté [2].

Dès lors les arbres, qui peuplaient déjà la forêt du Bussaco furent augmentés par les moines, qui se dévouèrent avec ardeur à leur plantation. Les prieurs du couvent, par une obligation imposée dans les constitutions de l'Ordre, faisaient tous les ans semer et planter une grande quantité d'arbres qui nous causent aujourd'hui tant d'admiration pour leur puissance et leur beauté. À titre de curiosité nous transcrivons la disposition des *Constitutions* à ce sujet:

Pour que l'endroit du Désert soit toujours agréable et propre à la prière, le prieur sera obligé de planter chaque année des arbres rustiques; il ne pourra en détruire ni arracher aucun sans l'approbation du Chapitre Conventuel, à condition qu'il y aura pour cela, au moins deux votes sur trois [2].

Les soins des religieux pour la conservation et l'augmentation de leur chère forêt étaient tels, que pour eviter les dégâts qu'on leur faisait furtivement, ils obtinrent d'Urbain VIII une sentence d'excommunication majeure *ipso facto incurrenda,* contre ceux qui violeraient leur domaine afin d'en détruire les arbres.

Puissamment aidés par de pieux bienfaiteurs, les religieux eurent les moyens nécessaires pour des travaux plus importants qui après quelques années embellirent leur désert. La forêt fût murée sur un pourtour de presque quatre kilomètres, on ouvrit de longues allées, on édifia de pieuses petites chapelles et de jolies fontaines.

Cependant, dans toutes ces constructions on mît intentionnellement de côté tout ce qui pourrait sembler du luxe ou grandeur architecturale suivant un goût spécial qui consistait à mettre en harmonie autant que possible les œuvres d'art et celles de la nature.

Les anciennes édifications du couvent ont disparu en grande partie, à cause des travaux récents. De même à Cintra, à la Pena, il ne reste que le cloître et l'église.

Les statuts de l'Ordre des Carmes déchaussés n'admettaient aucune pompe dans leur culte et partant, aucune richesse dans les ornements de l'église. Cependant aux côtés du maitre-autel on voit les bustes de St Pierre et Sainte Marie Madeleine, placés en face l'un de l'autre, ce sont deux véritables bijoux artistiques qui, d'après une vague tradition, étaient venus de Rome. Sous le pavé du chœur gît l'évêque comte D. João de Mello, grand bienfaiteur du Bussaco, mort en 1704; et dans une chapelle proche de l'église il faut remarquer une toile de l'insigne peintre Josepha de Ayalla, ou d'Obidos, signée et datée de 1664.

[1] Pour écrire ce que nous avons dit à propos de l'histoire de la fondation de ce désert, nous nous sommes servis du 2me vol. de la *Chronique des Carmes déchaussés* de fr. João do Sacramento, compilant et résumant une partie et transcrivant textuellement d'autres. Les transcriptions sont indiquées par des guillemets et par les caractères italiques.

[2] *Première partie des Constitutions des Carmes déchaussés de la Congrégation de Portugal,* pag. 288.

um do outro, os bustos em cera (sob vidro) de S. Pedro e Santa Maria Magdalena, verdadeiros primores d'arte que, segundo uma vaga tradição, vieram de Roma. No pavimento do côro jaz o bispo-conde D. João de Mello, grande bemfeitor do Bussaco, fallecido em 1704; e n'uma capella annexa á egreja é digna de vêr-se uma tela da notavel pintora Josepha de Ayalla, ou de Obidos, assignada e com data (1664).

O estylo usado nas obras do Bussaco é descripto com muita propriedade pelo chronista da ordem n'estas palavras: «Contêm Bussaco na dilatada circumferencia do seu recinto grandeza sem fausto, sumptuosidade sem opulencia, magnificencia sem luxo, perspectiva sem invenção, e composição sem adorno. Porque nús de toda a gala, enfeite ou brinco, estudaram seus fundadores n'esta, que por ventura acredita a fama por obra grande, occultar no tosco das cortiças o lavor das madeiras, no rude dos embrexados o polido das pedras e paredes, para que a symetria material se proporcionasse com a espiritual da profissão eremitica, melhor achada no sylvestre das arvores, e inculto das brenhas, que nos primores do artificio, e pundonores da arte.» [1]

Este gosto peculiar das construcções do Bussaco deixa-se vêr de modo bem sensivel na *Portaria da matta* (denominada tambem *Portas de Coimbra*) e nos tres arcos que formam o frontispicio do humilde *Mosteiro*, objectos, representados em duas das estampas que acompanham este numero da *Arte e a Natureza em Portugal*. As cantarias são apparelhadas a picão e apenas têm alguns frisos de escopro e, como ornamentação, acompanha-as um embrexado ou mosaico formado de escorias negras de ferro alternadas com fragmentos de quartzo branco.

As estampas que offerecemos ao leitor dão uma ideia de alguns dos pontos mais celebrados do Bussaco e das obras antigas, mais caracteristicas.

A porta de Coimbra era antigamente a entrada official, por assim dizer, da matta. Alli se esperava pela licença para penetrar na cêrca. A vista que se abrange do terrapleno é vasta e bellissima. Infelizmente, os frondosos freixos que espalhavam fresca sombra em torno, vão seccando pouco a pouco. Sob o ponto de vista da arte observa o visitante na portaria, desde logo, o curioso trabalho de *embrexado*, a que já alludimos, e que é o unico lavor decorativo inventado pelos frades, mui proprio do logar, quando applicado com criterio. Na estampa, que representa a entrada do mosteiro com triplice arcada, já se nota excesso de ornatos; os lineamentos modernos dos lances do muro, podendo e devendo ser simples, mas variados e caracteristicos, apenas denotam pobreza de ideias, invenção infantil e cansam a vista pela repetição dos mesmos motivos.

A *Rua dos Cedros*, ou Avenida do mosteiro é a via que estabelece a ligação entre o convento e a porta de Coimbra; os cedros que a orlam são dos mais bellos pela grandeza, regularidade e vigor da sua vegetação. A arvore, chamada no Bussaco *cedro*, por quasi todos os visitantes é, propriamente fallando, um *cypreste* (*cupressus glauca*).

O desenho da *Fonte fria*, com seu escadorio, soffreu por differentes vezes alterações importantes, tantas e tão repetidas foram as reclamações do publico que nunca se affeiçoou a essa pesada e pretenciosa obra, feita sem nenhuma graça, mas que ficou muito cara.

Da notavel riqueza florestal e de varios assumptos do Bussaco terá de occupar-se n'outros numeros a *Arte e a Natureza em Portugal*, visto como no presente escasseia o espaço para o seu desenvolvimento.

Coimbra — Maio de 1905.

A. M. Simões de Castro.

[1] *Chronica dos Carmelitas descalços*, por fr. João do Sacramento, tom. II, liv. XIV, cap. XVII.

Le style employé dans les travaux de Bussaco est décrit avec beaucoup de propriété par le chroniqueur de l'Ordre qui s'exprime ainsi: «Bussaco contient dans la vaste circonférence de son enceinte, de la grandeur sans faste, de la somptuosité sans opulence, de la magnificence sans luxe, de la perspective sans invention et de la composition sans ornements. Parce que dépouillés de tout ornement mondain, ses fondateurs y ont étudié que peut-être leur œuvre sera plus grandiose, en cachant sous l'écorce rude le travail du bois, et sous la grossière rocaille la polissure des pierres et des murs, afin que la symétrie matérielle soit d'accord avec l'état spirituel de la profession d'ermite, plus justement placée parmi les arbres sauvages et les buissons incultes, qu'au milieu des artifices et des primeurs de l'art [1].

Ce goût particulier des constructions de Bussaco s'aperçoit bien sensiblement sur la *Portaria da matta* (nommée aussi *Portas de Coimbra*) et sur les trois arceaux qui forment le portique de l'humble monastère, et que l'on voit représentés sur deux gravures qui accompagnent ce numéro de l'*Arte e a Natureza em Portugal.*

Les pierres sont travaillées grossièrement et ont à peine quelques bordures faites au ciseau; l'ornementation consiste en une mosaïque en rocaille formée de scories noires de fer, avec des fragments de quartz blanc.

Les gravures que nous présentons au lecteur donnent bien l'idée de quelques endroits plus renommés du Bussaco et des travaux anciens les plus caractéristiques.

Les portes de Coimbra étaient autrefois l'entrée officielle, pour ainsi dire, de la forêt.

C'était là qu'on attendait la permission pour pénétrer dans l'enclos. La vue qu'on aperçoit du terre-plein est vaste et admirable. Malheureusement les beaux frênes qui répandaient alentour leur frais ombrage, se dessèchent peu à peu. Au point de vue de l'art, le visiteur observe aussitôt, dans l'entrée principale le curieux travail de rocaille dont nous avons déjà parlé, et qui fut le seul ouvrage décoratif inventé par les moines, très approprié à l'endroit, lorsqu'on l'applique avec sobriété. Dans la gravure qui représente l'entrée du monastère avec sa triple arcade, on remarque déjà un excès d'ornements; les lignes modernes des pans de murs, pouvant et devant être simples, quoique variées et caractéristique, ne dénoncent qu'une pauvreté d'idées, une naïveté enfantine et fatiguent la vue par la répétition des mêmes motifs.

La *Rue des Cèdres* ou avenue du monastère est la route qui relie le couvent aux portes de Coimbra; les cèdres qui la bordent sont de la plus grande beauté par leur grandeur, leur régularité et l'opulence de leur végétation. L'arbre, nommé *cèdre*, à Bussaco, par presque tous les visiteurs est, avec plus de propriété, un *cyprès* (*cupressus glauca*).

Le dessin de la *Fonte fria* avec son escalier, a souffert souvent d'importantes altérations, après beaucoup de reclamations du public, qui n'a jamais aimé cet ouvrage lourd et prétentieux, fait sans aucun charme et qui a côuté de fortes sommes.

L'espace nous manque ici pour nous occuper de l'admirable richesse forestière et d'autres détails du Bussaco, dont nous parlerons en d'autres numéros de l'*Arte e a Natureza em Portugal.*

Coimbra — Mai 1905.

A. M. Simões de Castro.

[1] *Chronique des Carmes dechaussés*, par fr. João do Sacramento, tom. II, liv. XIV, chap. XVII.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

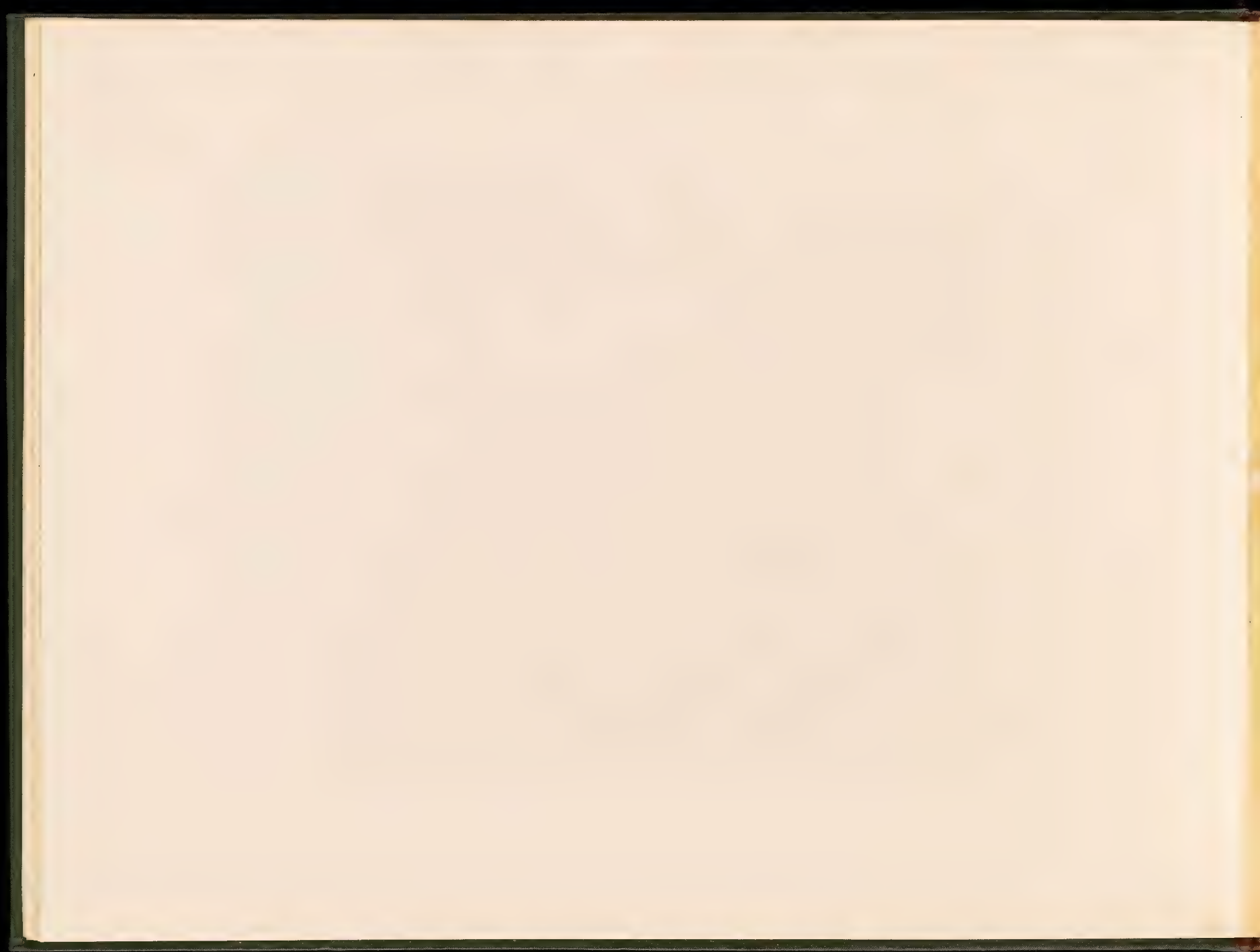
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Entrada do Mosteiro
BUSSACO

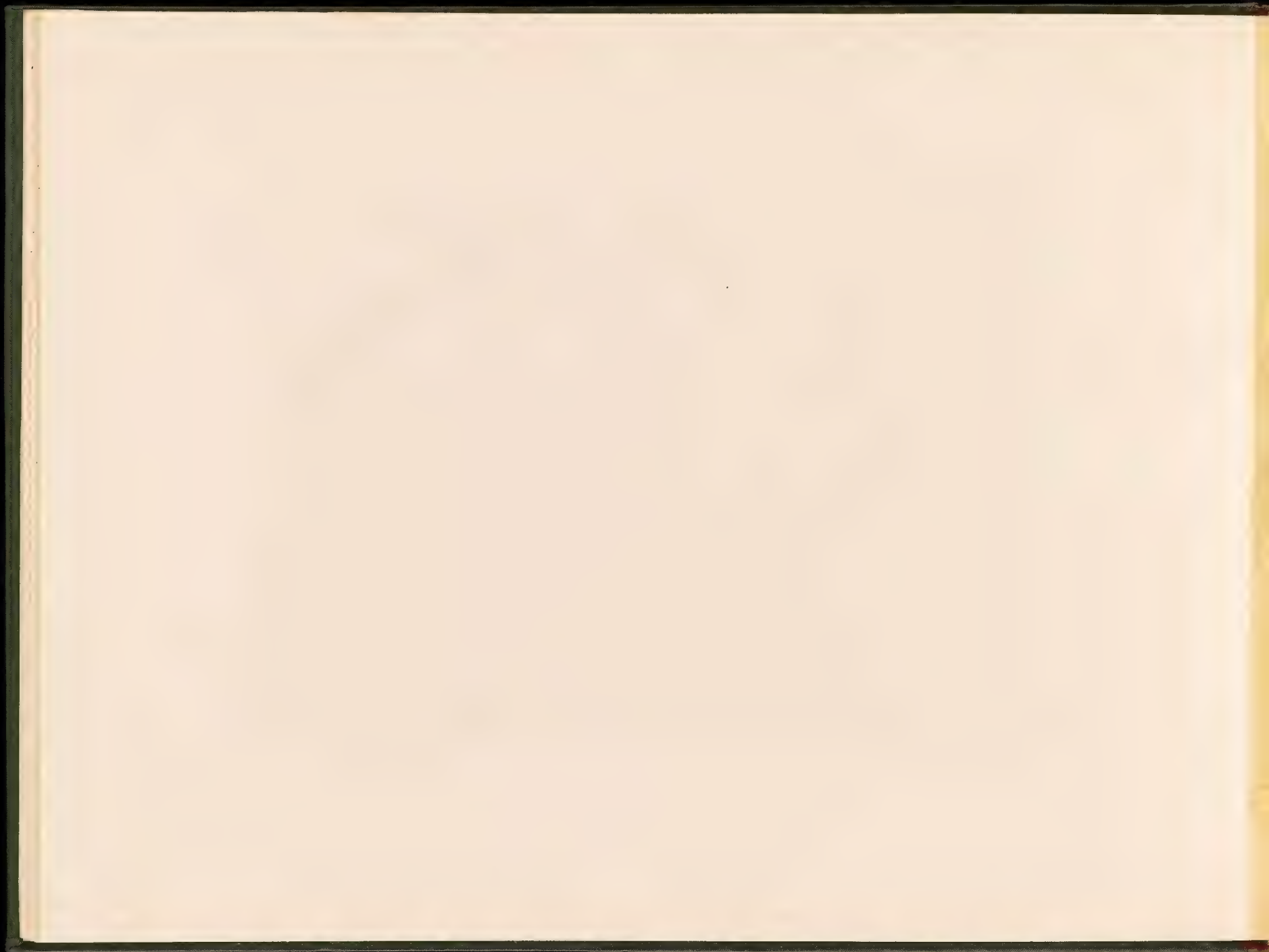
A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ᴬ-EDITORES

Porta de Coimbra

BUSSACO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Rua dos Cedros ou Avenida do Mosteiro
BUSSACO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Fonte fria
BUSSACO

O Bussaco

—

A Matta

serra do Bussaco, cordilheira de mediana altura, estende-se desde a confluencia dos rios Alva e Mondego, em direcção ao Norte. Medindo uns vinte kilometros de cumprimento, attinge a sua maior elevação dentro da matta murada, no sitio da Cruz-Alta com 541^{m}. Como uma das muitas ramificações da Serra da Estrella, partilha da sua orographia, abrindo-se em ferteis e umbrosos valles, cortados em rapidas vertentes através de massas possantes de granito, schisto e algum basalto. É notavel a abundancia em aguas puras e crystallinas, algumas das quaes gozam de fama pelas suas virtudes medicinaes, e alimentam thermas.

Sahindo de tão asperas e complicadas montanhas, que permittem ás Beiras todas as temperaturas, desde a da região dos gelos até á da maturação da laranja, o massiço do Bussaco murado destaca-se isolado, pela sua densissima vegetação, terminando quasi abruptamente perto de Luso.

Tem fama universal no paiz a majestosa floresta e os esplendidos panoramas que se desfructam dos pontos culminantes, mórmente nas portarias de Coimbra e da Rainha, nos sitios do Sepulcro e na Cruz Alta. Como numerosos escriptores nacionaes de grande prestigio rivalizaram entre si na exposição das maravilhas d'esses soberbos e vastissimos quadros, seria ousadia imperdoavel da minha parte pretender dar nova forma, maior relevo e desenho, mais vivas e variadas côres, a essas telas descriptivas. É mais natural e será agradavel ao leitor ouvir as confidencias inspiradas e caracteristicas de, pelo menos, um entre esses poetas. Eis o que diz Frei João do Sacramento, o proprio chronista dos Carmelitas Descalços, e portanto um dos que melhor conheceram a matta, o qual já se sentia, em fins do seculo XVII, enlevado pelas bellezas da paizagem:

«O pico ou cume do Bussaco é de sorte elevado que descobre e é descoberto de grande parte do reino. Descortina para o oriente a Serra da Estrella e a de Castello-Rodrigo, posta em distancia de trinta leguas; para o meio-dia a de Minde; e não faltou já lynce que alcançasse, ou o presumisse assim, a de Marvão, desviada de alli além de quarenta leguas; para o norte, a de Grijó, em distancia de quinze, e para todas as partes as cidades, villas e lugares intermedios, sitos no territorio dos sette bispados: Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto e Braga.

«Para a parte do poente carece a vista de termos mais que nos limites da propria potencia, porque sobre as bulliçosas ondas do inquieto elemento (se não descança) se limita. Veem-se nos dias claros surcar suas aguas varias embarcações para differentes rumos e portos: agradavel objecto aos que da terra o contemplam; e porventura mais, quando furiosas ou crespas ameaçam algum naufragio, pela tyrannica condição de crescer o gosto do seguro proprio, á vista do perigo alheio.

«Estas são as vistas d'esta atalaya do mundo, ou sentinella do céo, ao longe.

«As de perto são taes que se duvida as possam os olhos encontrar igualmente dilatadas e deliciosas na circumferencia do orbe. Porque do alto do Bussaco se divisam muitas e apraziveis serras, dilatados e viçosos montes, fertilissimos e amenos campos, cortados de varios e formosos rios; avistam-se assim mesmo varios arneiros, prados, bosques e valles, retalhados de caudalosas ribeiras; vestidos todos da verde gala que a cada um d'estes bem dispostos corpos talhou o Auctor da Natureza.

«D'onde vem a parecer que não ha paizagem, quadro, ou perspectiva onde o mais licencioso pincel, subornado do gosto ou do empenho, se occupasse em bem assombradas delineações ao valente ou mimoso, que os horizontes do Bussaco não comprehendam ao natural, em quanto a vista abrange.»

A região, escolhida em 1628 para fundação do mosteiro, não era um ermo. Algum arvoredo silvestre e desigualmente distribuido existia no *monte Buzaco* desde tempos immemoriaes, a julgar de documentos medievaes em latim barbaro. As aguas abundantes de fontes e ribeiros sempre espalharam pelas devezas uma frescura aprazivel e certa fecundidade, garantindo bons resultados a quem modesta mas cuidadosamente as cultivasse. Enriquecido constantemente o solo pela folhagem caduca, tudo o que as arvores auferiam da terra em alimentos, lh'o devolviam em uberdade. D'ahi uma vegetação

Bussaco

—

La forêt

Le mont du Bussaco, chaîne de montagnes de hauteur moyenne, s'étend vers le nord partant de la jonction des fleuves Alva et Mondego. Il se prolonge sur une étendue de vingt kilomètres à peu près, atteignant sa plus forte élevation dans la forêt murée, à l'endroit de la Cruz-Alta où sa hauteur est de 541^{m}. Son orographie participe de celle de la Serra da Estrella, dont il est une ramification, et il s'ouvre en des vallons profonds et fertiles, coupés de rapides versants à travers de fortes masses de granit, de schiste et de quelque basalte. Les eaux abondantes pures et limpides sont remarquables, et quelques unes jouissent de grande réputation dûe à leur vertu médicinale et thermale.

Sortant de montagnes si âpres et si compliquées, qu'elles permettent aux deux provinces de Beira toutes les températures, depuis les régions de glaces jusqu'à la maturité des oranges, le massif muré du Bussaco se détache bien isolé, avec sa végétation touffue, et se termine presque brusquement près de Luso.

La majestueuse forêt et les panoramas splendides que l'on observe des points les plus élevés, surtout des portes de Coimbra et de Rainha, des sites du Sépulcre et de la Cruz-Alta, sont universellement réputés dans le pays. Comme de nombreux écrivains nationaux de haut prestige, ont rivalisé entre eux dans la description des merveilles de ces tableaux si vastes et si superbes, ce serait de ma part une impardonnable hardiesse, de prétendre donner une nouvelle forme, un plus haut relief, des teintes plus vives et plus variées à ces toiles descriptives. Je trouve donc plus naturel et il sera agréable au lecteur d'écouter les confidences caractéristiques et inspirées au moins d'un de ces poètes. Voilà ce que dit Frei João do Sacramento, le propre chroniqueur des Carmes déchaussés et partant un de ceux qui ont le mieux connu la forêt et qui, vers la fin du XVII^{me} siècle se sentait déjà charmé des beautés de ce paysage:

«Le pic ou sommet du Bussaco est tellement élevé qu'il découvre et est découvert dans une grande partie du royaume. Vers l'orient il dévoile la Serra da Estrella et celle de Castello Rodrigo située à trente lieues de distance; vers le midi celle de Minde et des yeux de lynx ont aperçu ou crû apercevoir celle de Marvão, éloignée de quarante lieues; du côté nord celle de Grijó, à quinze lieues et en tous sens des villes, des bourgs et des villages situés sur les territoires de sept évêchés: Coimbra, Leiria, Guarda, Vizeu, Lamego, Porto et Braga.

«Vers le couchant le regard n'est limité que par sa propre capacité, car, s'il ne s'y borne pas, il s'étend sur les flots remuants de l'élément inquiet. Les jours clairs, les eaux sont sillonnées de bateaux se dirigeant vers des ports et des directions différentes, charmant spectacle pour ceux qui le contemplent de la terre, et plus attrayant encore lorsque la mer furieuse et agitée se montre menaçante, car par condition tyrannique, le plaisir de la propre sécurité s'accroît, en vue du danger d'autrui.

«Voici quelles sont au loin les vues aperçues de cette redoute du monde ou de cette sentinelle du ciel.

«De près il est doûteux que l'on puisse trouver des points de vue aussi vastes et aussi délicieux dans l'orbe terrestre. Du haut du Bussaco et après beaucoup de belles montagnes, des collines élevées et verdoyantes, des champs agréables et fertiles, coupés de plusieurs beaux fleuves, on aperçoit encore des landes, des prés, des bois et des vallées, traversés par d'abondantes rivières, et tout celà revêtu de la plus belle végétation accordée par l'Auteur de la Nature.

«Il semble donc qu'il n'y a pas de paysage, de tableau ou de panorama, où le plus hardi pinceau guidé par l'art et le travail, aît recherché de plus attrayants dessins, sévères ou délicats, et qui ne soient naturellement présentés sur les horizons que le Bussaco offre à notre vue.»

La région choisie en 1628 pour la fondation du monastère n'était pas un désert. Quelques arbres sauvages et inégalement distribués existaient au *monte Buzaco* depuis des temps immémoriaux, s'il

cada vez mais viçosa; as plantas sarmentosas espreguiçando-se, bracejando e contorcendo-se, a cercarem de arabescos troncos e ramos dos veteranos da montanha; nas eminencias, o tojo dissimulando as asperezas dos rochedos nas gemmas das suas flôres; a urze, toucada com os seus pennachos rosados; a esteva e o sargaço desdobrando as largas petalas de immaculada alvura; nos valleiros, pelo chão, os fetos a espalmarem suas frondes, e milhares de hervas cheirosas a perfumarem o ambiente; pelas pedras, pelos troncos e pelos ramos o musgo, formando pequenos bancaes de velludo, em todos os tons verdes, desde o mais claro ao mais escuro, ensinando aos industriosos a arte com que se encobre um esqueleto de pedra ou madeira, com fofa alcatifa polychromica.

Comquanto os frades não fossem silvicultores, o seu amor á matta — que chamavam «deserto» só pela solidão e isolamento em que viviam, pois na verdade era, como é hoje, um pequeno paraiso terreal — não afrouxou senão raras vezes. Desde a fundação o arvoredo foi regularmente accrescentado. Por obrigação que as *constituições* dos Carmelitas impunham, o prelado mandava todos os annos semear e plantar bom numero de exemplares: especialmente, nas proximidades do cenobio, gigantescos ciprestes lusitanicos, — *cupressus glauca* ou *lusitana* — commummente denominados, então como hoje, *cedros do Libano*, porque vistos de longe, quer de baixo, quer de cima, tanto se semelham aos que o templo de Salomão tornou afamados, que mesmo o olhar sciente do botanico os costuma confundir.

O leitor já conhece as severissimas penas com que a Ordem castigava a quem mutilasse arvores — castigos decretados pelo Papa Urbano VII, e que iam até á excommunhão maior. Como documento honroso e prova do zelo illustrado dos Carmelitas já em outro numero d'esta publicação (n.º 64) foi transcripta essa salutar disposição, relativa ao plantio e á conservação do arvoredo, — digna de louvor especial, porque n'este abençoado paiz, infelizmente, ainda hoje elle não goza do necessario carinho, nem da protecção desvelada que devia merecer a um povo navegador, ao qual forneceu o material mais precioso para as suas emprezas maritimas.

Em todo o caso, a floresta foi tratada de maravilha já no seculo XVII por um notavel estrangeiro: o distincto botanico Gabriel Grisley. No *Viridarium Lusitanum*, ao descrever a flora do paiz, exalta em particular a feracidade do solo no Bussaco:

«Jardim da Europa é com razão chamado Portugal pelas innumeras variedades de vegetaes... Por espaço de quasi trinta annos peregrinei todo este paiz, percorrendo-o desde o Cabo de S. Vicente ao sul, até á ultima região do norte, Entre Douro e Minho. E tanto diversificam na variedade de plantas estas regiões, que parece estarmos vendo aqui os Alpes da Suissa, alli Creta. Nem o intervallo d'esta diversidade se definha esteril, porque n'elle sobresae pujante o *nobre Bussaco*, pouco distante de Coimbra: «*deserto*» dos padres descalços da sagrada Ordem do Monte do Carmo, que bem póde denominar-se um Segundo Libano pela feracidade das especies vegetaes e pela corpulencia dos cedros». [1]

Quanto a particularidades, o chronista acima citado enumera como vulgares na matta uma duzia de castas arboreas; sobretudo: lentiscos, azereiros, adernos, espinheiros, platanos, freixos, carvalhos, pinheiros, cedros. Esta lista estava pouco augmentada ao tempo da extincção das ordens religiosas. Aos irmãos mais velhos apenas tinham vindo associar-se o castanheiro, o loureiro, o freixo, o azevinho e o salgueiro, numerosas plantas arbustivas, como o sanguinho, o pilriteiro, e em abundancia arbustos rasteiros como a érica, a esteva, a giesta com suas variedades. O buxo havia entroncado em certos lugares. A hera espalhara por toda a parte innumeraveis e sempre-verdes guirlandas decorativas.

Estava, porém, reservada ao seculo XIX a empresa de transformar o *monte-sacro* num parque admiravel, principalmente depois de secularizado e incorporado na administração geral das mattas do reino, como propriedade nacional. De 1834 em diante foi seu thesouro botanico constantemente enriquecido, a ponto de se contarem em 1875 entre 15 mil exemplares de arvores de plantação moderna — na maior parte coniferas — cerca de 250 especies ou variantes.

Posteriormente ainda se introduziram muitissimas novidades notaveis, entre as quaes sobresahem esbeltas palmeiras, ao pé da fonte e cascata de S. Elias, de desenvolvimento admiravel; garbosos fetos

---

[1] As noticias mais antigas sobre *cedros* do Bussaco são de 1643. Os exemplares gigantescos que existem junto da Ermida de S. José, ao pé de N. S. da Expectação, e no Horto, bem podem ser d'esse tempo.

faut en croire des documents en latin barbare du moyen âge. Les eaux abondantes des rivières et des fontaines ont toujours répandu dans les pâturages une agréable fraîcheur et une certaine fécondité, augurant les meilleurs résultats aux cultures modestes mais soignées. Constamment enrichi par le feuillage caduc, le sol rendait aux arbres, en fertilité, ce qu'ils lui prenaient en force. De là une végétation toujours plus luxuriante; les plantes grimpantes s'étirant, se tordant et s'enlaçant en arabesques aux troncs et aux branches des vieux rois de la montagne, sur les hauteurs, les genêts cachant sous leurs brillantes corolles les aspérités des rochers; les bruyères coiffées de leurs panaches rosés; le ciste, le goëmon déroulant leurs larges pétales d'une blancheur immaculée; dans les fossés, les fougères étalant leurs frondes et l'air tout parfumé de milliers de plantes odorantes; sur les pierres, les troncs et les branches la mousse formant des petits sièges veloutés, de toutes les nuances du vert, depuis le plus clair au plus foncé, enseignant aux curieux l'art de dissimuler un squelette de bois ou de pierre sous un moëlleux tapis polychrome.

Quoique les moines ne fussent pas silviculteurs, leur amour ne s'affaiblit que rarement envers la forêt qu'ils nommaient le désert pour la solitude et l'isolement où ils vivaient, car en vérité elle était comme de nos jours un véritable paradis terrestre. Depuis la fondation le nombre des arbres s'accrût toujours. D'après d'obligation imposée par les *constitutions* des Carmélites, le prélât faisait tous les ans planter et semer un bon nombre d'arbres, parmi lesquels on doit citer près du monastère, de gigantesques cyprès lusitaniens, — *cupressus glauca* ou *lusitana* — vulgairement nommés, dans ce temps-là et actuellement *cèdres du Liban*, parce que vus de loin, soit d'en bas ou d'en haut, ils sont tellement semblables à ceux que le temple de Salomon rendit si fameux que même le regard du savant botaniste les confond ordinairement.

Le lecteur connait déjà les peines sévères que l'Ordre infligeait à ceux qui abîmaient les arbres — et ces punitions décrétées par le Pape Urbain VII, allaient jusqu'à l'excommunication.

Le nº 64 de cette publication a déjà transcrit, à titre de document honorable, prouvant le zèle avisé des Carmélites, cette disposition salutaire, relative à la plantation et à la conservation des arbres, si digne de louanges dans un pays béni, où malheureusement les arbres ne jouissent pas de tous les soins nécessaires ni de la protection dévouée qu'ils devaient mériter d'un peuple navigateur, auquel ils ont fourni le matériel le plus précieux pour leurs entreprises maritimes.

En tous les cas, déjà pendant le XVII^me siècle un botaniste distingué, le remarquable étranger Gabriel Grisley a parlé de cette forêt comme d'une merveille.

Dans le *Viridiarum Lusitanum* en décrivant la flore du pays il prône particulièrement la fertilité du sol du Bussaco:

« Le Portugal est avec raison surnommé le jardin de l'Europe, à cause de l'innombrable variété de ses végétaux... Pendant presque trente ans je fis un pélerinage dans tout ce pays, le parcourant depuis le cap S. Vicente au sud, jusqu'à la dernière région du Nord, Entre Douro et Minho. Et la diversité des plantes dans ces régions était telle qu'il nous semblait voir là les Alpes Suisses, ici la Crête. Même l'intervalle de ces diversités ne dépérit pas stérile, car nous voyons ressortir puissamment le *noble Bussaco*, peu éloigné de Coimbra: le *désert* des moines déchaussés de l'Ordre sacré du Mont Carmel, que l'on peut bien nommer un Deuxième Liban pour la fécondité des espèces végétales et la corpulence des cèdres. » [1]

Quant aux particularités, le chroniqueur que nous venons de citer enumère une douzaine d'espèces arborescentes, comme vulgaires dans la forêt; surtout: des lentisques, des lauriers-cerise, des alaternes, des nerpruns, des platanes, des frênes, des chênes, des pins et des cèdres. Au temps de l'extinction des ordres religieux, cette liste était très peu augmentée. À ces anciens arbres on avait à peine ajouté des marronniers, des lauriers, des frênes, des houx et des saules, beaucoup d'arbustes comme la bourdaine, l'aubépine et une abondance de plantes rampantes comme le genêt et la bruyère avec toutes leurs variétés. En certains endroits le buis était devenu un arbre et le lierre avait répandu partout ses innombrables et verdoyantes guirlandes décoratives.

---

[1] Les notices les plus anciennes sur les *Cèdres* du Bussaco sont de 1643. Les exemplaires gigantesques qui existent près de la Chapelle S^t Joseph, près de N. D. da Expectação, et dans le jardin des Oliviers peuvent bien dater de ce temps.

arboreos no valle de S. Silvestre, onde convergem as principaes aguas da matta; araucarias excelsas; e abetos sombrios, na descida ao Horto.

*
* *

Quando visitei a matta pela primeira vez em 1877, profundamente impressionada pela sua formosura imponente, o pessoal compunha-se apenas de um capellão administrador e de um servente.

Alugavam-se por reduzido preço as antigas habitações do convento. Quem pretendia mais largueza ou maior solidão arrendava a casa terrea que ainda hoje se encontra ao pé da Porta de Coimbra, guarnecida parcamente com o mobiliario indispensavel para aspirações muito humildes.

A vida dos hospedes decorria amena e suave em intimo convivio com a natureza. E assim teria continuado, quasi idyllica, em paz serena, interrompida só de longe em longe por excursões a lugares pittorescos fóra da cêrca, se um incidente não viesse provocar uma rapida transformação, em harmonia com as exigencias e gostos do fim do seculo XIX.

Refiro-me á visita da Rainha, Senhora Dona Maria Pia, a qual em agosto de 1877 alli veio passar uns quinze dias com os Infantes, ficando enlevada, como todos, com os encantos da floresta, e desejosa de lá voltar. Quando em 1852 a Rainha Dona Maria II por ahi transitára, com seu marido e filhos, de passagem para as provincias do Norte, a recepção cifrára-se num almoço que a camara municipal da Mealhada offereceu a SS. MM. e AA., no proprio singelissimo refeitorio do convento. Agora, após um quarto de seculo e para visita demorada, foi indispensavel arranjar aposentos adequados. Serviram para esse fim, com as devidas modificações e ampliações, duas pequenas saletas de um *Museu da Matta,* onde o pessoal dirigente havia reunido com muito louvavel zelo exemplares da fauna da localidade (mammiferos, aves, reptis, insectos, etc.), juntamente com alguns productos curiosos do reino vegetal e mineral, proprios para attrahir a attenção dos amadores do Bussaco.

Serviram, mas não podiam satisfazer.

Desde então começaram as transformações nos edificios, com o fim de proporcionar hospedagem mais bizarra a visitantes de tão alta categoria.

Comtudo, ainda em 1882, e mesmo em 1886, ninguem adivinharia o plano faustosissimo, pouco depois elaborado, e realizado progressivamente de 1888 a 1905. A nova construcção monumental, com ares de castello e de igreja, embora sirva de hotel-palacio, tirou ao Bussaco, tres vezes celebre por encantos sobrios da natureza, eloquentes recordações historicas e tradições religiosas de caracter severo, as suas feições particulares, bem classificadas pelo mais ardente entre os seus admiradores como «grandeza sem fausto, sumptuosidade sem luxo, perspectiva sem invenção, composição sem adorno».

As Ermidas e Capellas dos Passos

Antes de fallarmos d'essa obra que hoje se ergue altiva ao pé da *casa do ermo,* digamos algumas palavras das edificações menores, dispersas pela floresta e que na sua maioria subsistem, embora meio-arruinadas e despojadas de todos os adornos no interior: umas seis capellinhas de devoção, oito ermidinhas, que serviam de vivendas temporarias de penitencia e mortificação a frades de tendencias contemplativas e asceticas; e vinte *Estações* ou *Passos* da *Via-Sacra,* hoje vazias, mas outr'ora povoadas com representações de scenas da Paixão, desde a oração de Christo no Horto, até á collocação do Crucificado no Sepulcro. Foi depois da secularização do Bussaco que o vandalismo de liberaes fanaticamente exasperados espatifou, sem respeito pelo passado, essas imagens de vulto, de barristas de meados do seculo XVIII, dignas de melhor sorte. Pois comquanto nem de longe todas as figuras se distinguissem pelo merito artistico, algumas houve que realmente mereciam «consideração» como ingenuas, mas sugestivas illustrações plasticas do breviario que o Carmelita ia folheando durante as suas devotas peregrinações meditativas através da silenciosa matta.

Desgraçadamente impressionado pelo estado de deploravel incuria em que essas capellinhas se achavam, documentando não só falta de respeito á tradição e á arte, mas tambem ingratidão á memoria de

Cependant, c'était au XIX^me^ siècle qu'était réservée la mission de transformer le *mont-sacré* en un admirable parc, surtout après qu'on l'eût sécularisé et qu'on l'aît incorporé dans l'administration générale des forêts du royaume, comme propriété nationale. Depuis 1834 on a constamment enrichi son trésor botanique, à tel point qu'en 1875 on comptait à peu près 250 espèces ou variétés parmi les 15 mille exemplaires d'arbres de plantation moderne — conifères pour la plupart.

Postérieurement on a encore introduit beaucoup de nouveautés remarquables, parmi lesquelles se distinguent par leur admirable développement les beaux palmiers près de la fontaine et de la cascade S^t^ Elias; de superbes fougères arborescentes dans la vallée de S. Silvestre où affluent les principales eaux de la forêt; des *araucarias excelsas* et de sombres sapins dans la descente de l'enclos.

*
* *

Lorsque en 1877 je visitai la forêt pour la première fois, profondément impressionnée par son imposante beauté, le personnel se composait à peine d'un chapelain administrateur et d'un servant.

Les anciennes habitations du couvent se louaient à des prix réduits. Ceux qui désiraient plus d'aisance et de solitude prenaient le rez de chaussée qui existe encore aujourd-hui près de la Porte de Coimbra, garni avec parcimonie du mobilier indispensable aux plus humbles aspirations.

La vie des locataires découlait simple et douce dans cette communauté intime avec la nature. Et elle aurait continué ainsi, dans une suave placidité, presque idyllique, seulement interrompue de temps à autre par des excursions à des sîtes pittoresques hors du parc, si un incident n'était survenu provoquant une transformation rapide, d'accord avec les goûts et les exigences de la fin du XIX^me^ siècle.

En 1877 au mois d'août la Reine Dona Maria Pia avec les Princes vint passer une quinzaine de jours à Bussaco, et, comme tout le monde, elle resta enchantée des délices de la forêt et désireuse d'y revenir. Lorsque la Reine Dona Maria II y avait passé avec son mari et ses enfants en 1852, se dirigeant vers les provinces du nord, la réception s'était réduite à un déjeuner offert par la municipalité de Mealhada à la famille royale, même dans l'humble réfectoire du couvent. Mais après un quart de siècle et pour un séjour plus prolongé il devint indispensable d'arranger des appartements convenables, et à cette fin, on modifia et agrandit deux petites salles d'un *musée de la forêt,* où les directeurs avaient, avec un zèle très louable, réuni des exemplaires de la faune locale (mammifères, oiseaux, reptiles, insectes, etc.) avec quelques produits curieux du règne végétal et animal, de manière à attirer l'attention des amateurs du Bussaco.

Ces appartements servirent à l'occasion, mais n'étaient guère suffisants, et on dût dès lors commencer les améliorations des édifices, afin de pouvoir loger plus convenablement des visiteurs si hautement placés.

Cependant, en 1882 et même en 1886, personne n'aurait pu prévoir le plan somptueux conçu peu après, et progressivement réalisé de 1888 à 1905, cette nouvelle construction monumentale, qui avec ses airs de château et d'église, quoique servant de palais-hotel, a fait perdre au Bussaco, trois fois célèbre par les sobres charmes de la nature, les éloquents souvenirs historiques et les traditions religieuses de caractère sévère, les traits particuliers qui en faisaient le charme et que le plus ardent de ses admirateurs avait si bien décrits comme: «grandeur sans faste, somptuosité sans luxe, perspective sans invention, et composition sans ornements.»

Les Chapelles de la Passion

Avant de parler de cette édification que s'élève altière près de la *maison de l'ermitage,* nous dirons quelques mots à propos des constructions plus petites, dispersées dans la forêt et qui existent encore pour la plupart, quoique à demi ruinées et dépouillées de toutes les ornementations intérieures: six petites chapelles pieuses, huit petits ermitages, qui servaient de demeure provisoire de penitence et de mortification à des moines de tendences ascétiques ou contemplatives; et vingt Stations du Chemin

benemeritos que durante mais de um seculo dedicaram os seus desvelos e avultadas quantias ao aformoseamento do Bussaco, o deputado Marianno de Carvalho já apresentou em 1874 (16 de janeiro) uma proposta, segundo a qual, além da arborização de varias partes do litoral e acquisição e plantio de diversos terrenos em volta da matta, seriam reformadas as construcções da Via-Sacra. Embora não passasse então a projecto de lei, o governo encarregou posteriormente, no auge da actividade edificadora, o illustre ceramista das Caldas da Rainha da renovação dos Passos.

É sabido que Bordallo Pinheiro chegou a modelar, com admiravel destreza, grupos e figuras dramaticamente movimentadas, para representação do martyrio do Golgotha. Mas o plano total que ideára e cuja execução exigia seguramente alteração, quando não modificação completa das modestas moradas primitivas, não se realizou; nem sei se diga felizmente, ou infelizmente. O proprio artista, em cujo *atelier* as vimos mais de uma vez, reconheceu que o lugar d'esses grupos, cheios de vida e de espirito moderno, não era bem ahi; e ventilava a ideia de, abstrahindo das capellinhas, aproveitá-los para uma grande composição panoramica (meio-plástica, meio-pintada) semelhante á de Piglheim, installada na matta, ou se o terreno não fosse sufficiente, fóra das portas de Coimbra.

Ignoro o destino que o Estado tenciona dar á preciosa propriedade nacional que essas composições de Bordallo Pinheiro representam. Mas se algum dia as *Estações* forem realmente repovoadas, só o deverão ser, em nossa opinião, dentro dos limites que o espaço restricto das singelas edificações antigas prescreve, e com a discreção e modesta reserva que o lugar silvestre, o caracter do antigo cenobio, e não menos as condições do material indicam.

. . . .

De entre a longa lista dos poetas nacionaes que cantaram a majestosa floresta destacamos aqui apenas a illustre poetisa D. Bernarda Ferreira de Lacerda, contemporanea do cenobio, á qual se deve o extenso poema castelhano das *Soledades de Buçaco* (Lisboa 1634) [1], realmente merecedor dos encomios que o Fenix de Hespanha, Lope de Vega Carpio, lhe teceu, por causa dos seus versos correctos, elegancia de phrase e sentimento poetico, embora nos seus panegyricos exaltados ella ás vezes phantasiasse um pouco livremente [2].

Como uma das mais notaveis e uteis publicações em prosa, devemos citar o excellent *Guia historico* do snr. Augusto Mendes Simões de Castro (Coimbra, 3.ª ed., 1904).

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

[1] Acho digno de nota que o recinto clausurado, rigorosamente vedado ao sexo feminino, fosse cantado por uma poetisa, seis annos apenas depois da sua fundação.

[2] N'um *Florilegio*, que acompanha o *Guia* de Simões de Castro, estão colligidos versos de quatorze auctores, entre os quaes se distinguem os da escola romantica do seculo XIX. A par dos seiscentistas Duarte Ribeiro de Macedo e Frei Antonio das Chagas figuram ahi Castilho, Mendes Leal, Soares de Passos, João de Lemos, e entre os vivos o elegantissimo Ramos Coelho.

de la Croix, actuellement vides, mais qui autrefois étaient remplies de représentations des scènes de la Passion, depuis la prière du Christ au Jardin des Oliviers jusqu'à la mise du Crucifié au tombeau. Ce fut après la sécularisation du Bussaco que le vandalisme de quelques libéraux fanatiquement exaspérés, détruisit, sans respect pour le passé, toutes ces images sculptées par des mouleurs du XVIII^me^ siècle et qui étaient dignes d'un meilleur sort. Quoique toutes ces figures n'aient été aucunement recommandables au point de vue artistique, il y en avaient cependant quelques unes qui méritaient une certaine «considération» comme de naïves mais de suggestives illustrations plastiques du bréviaire que le Carmélite feuilletait pendant ses pieux pélerinages méditatifs à travers la forêt silencieuse.

Le 16 Janvier 1874, le député Marianno de Carvalho, malheureusement impressionné de l'état de déplorable incurie où se trouvaient ces petites chapelles, ce qui prouvait non seulement le manque de respect envers la tradition et l'art, mais encore l'ingratitude envers la mémoire des protecteurs qui pendant plus d'un siècle contribuèrent avec leur dévouement et de fortes sommes d'argent à l'embellissement du Bussaco, présenta à la chambre une proposition d'après laquelle, non seulement on s'occuperait, de l'arborisation de certaines parties du littoral, de l'acquisition et de la plantation de divers terrains autour de la forêt, mais on restaurerait les constructions du Chemin de la Croix. Quoique ce projet ne passât pas alors à l'état de loi, le gouvernement pris d'activité édifiante, chargea plus tard l'illustre artiste en céramique de Caldas da Rainha, de procéder à la reconstruction des Stations.

On sait que Bordallo Pinheiro moula avec une admirable adresse, des groupes et des figures dramatiquement posées pour la représentation du martyre du Golgotha. Mais, je ne sais si heureusement ou malheureusement, il ne parvint pas à réaliser en entier le plan qu'il avait conçu et dont l'exécution aurait sans doute exigé l'altération ou même la modification complète des modestes demeures primitives. L'artiste lui-même a reconnu que la place de ces groupes pleins de vie et d'esprit moderne, que nous avons vus plus d'une fois dans son atelier, n'était pas celle-là; et abstraction faite des petites chapelles, il hasardait l'idée de les appliquer à une grande composition panoramique (demi plastique, demi peinte), semblable à celle de Piglheim, qu'il aurait installée dans la forêt, ou alors, si d'espace faisait défaut, hors des portes de Coimbra.

J'ignore quel destin réserve l'état à la précieuse propriété nationale que représentent ces compositions de Bordallo Pinheiro. Mais si un jour on repeuple réellement les *Stations*, notre avis est qu'on devra le faire dans les bornes prescrites par l'espace restreint des simples édifications anciennes et avec toute la discrétion et la modeste réserve que le lieu agreste, le caractère de l'ancien couvent, et les conditions du matériel indiquent.

. . . .

Parmi les poètes nationaux qui ont célébré la majestueuse forêt nous citons ici à peine la poètesse illustre D. Bernarda Ferreira de Lacerda, contemporaine du monastère. Son poème castillan des *Soledades de Buçaco* (Lisbonne 1634) [1] a merité les louanges rendues par le Phénix d'Espagne, Lope de Vega Carpio, pour la correction des vers, l'élégance de phrase et le sentiment poétique, quoique dans les panégyriques exaltés elle ait eu la fantaisie un peu libre [2].

En prose nous devons citer l'excellent *Guia historico* de Mr. Augusto Mendes Simões de Castro comme une des publications les plus utiles et remarquables. (Coimbra, 3^me^ ed., 1904).

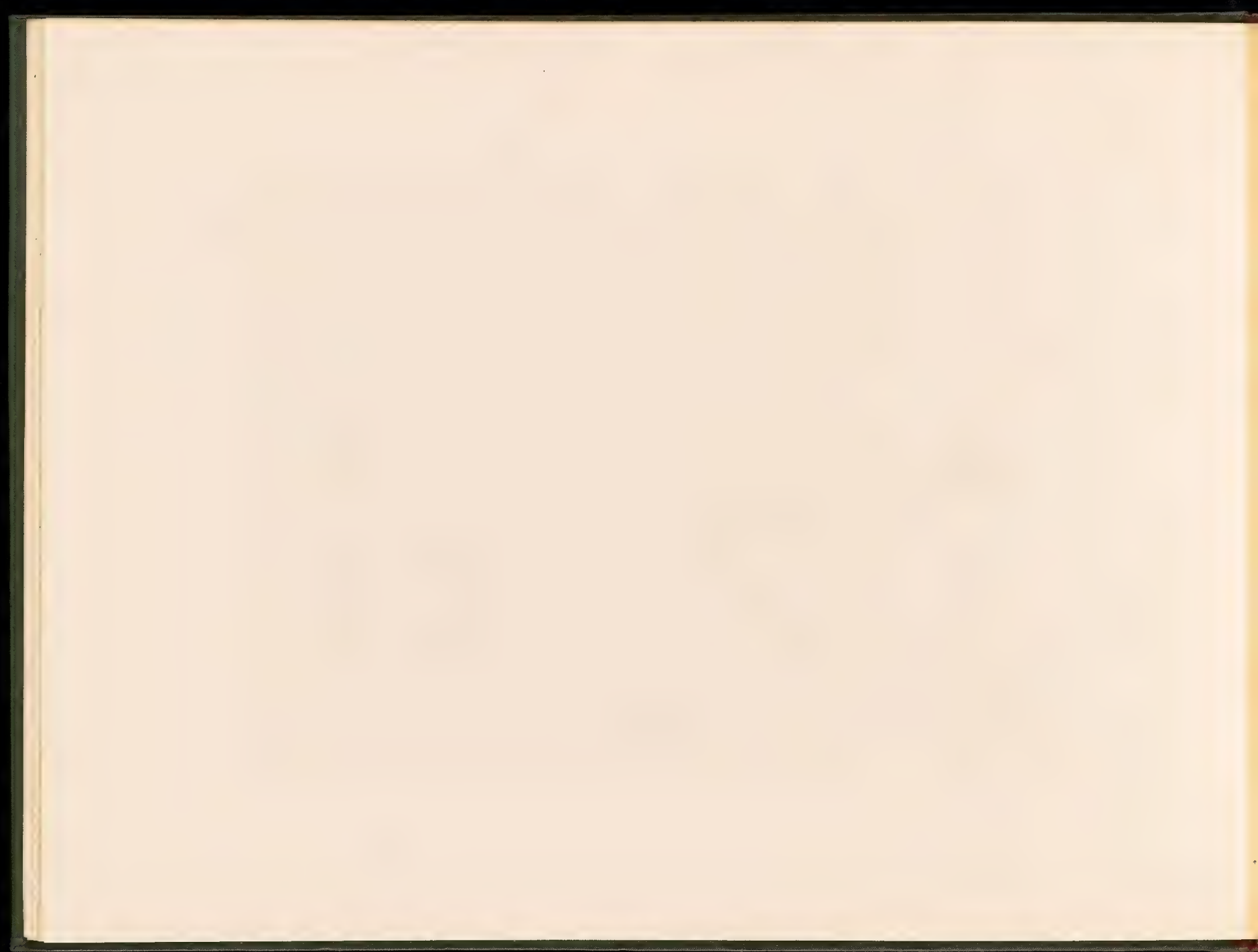
Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

[1] Je trouve curieux que l'enceinte close, rigoureusement défendue au sexe féminin, ait été chantée par une femme poète, six ans après sa fondation.

[2] Dans un *Florilegio*, qui accompagne le *Guia* de Simões de Castro, sont réunis les vers de quatorze auteurs parmi lesquels on distingue ceux de l'école romantique du XIX^me^ siècle. De pair avec les poètes du XVII^me^ siècle Duarte Ribeiro de Macedo et Frei Antonio das Chagas nous y voyons figurer Castilho, Mendes Leal, Soares de Passos, João de Lemos, et parmi les vivants l'élégant Ramos Coelho.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO.

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Grande hotel e matta
BUSSACO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Fonte de Santo Elias

BUSSACO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

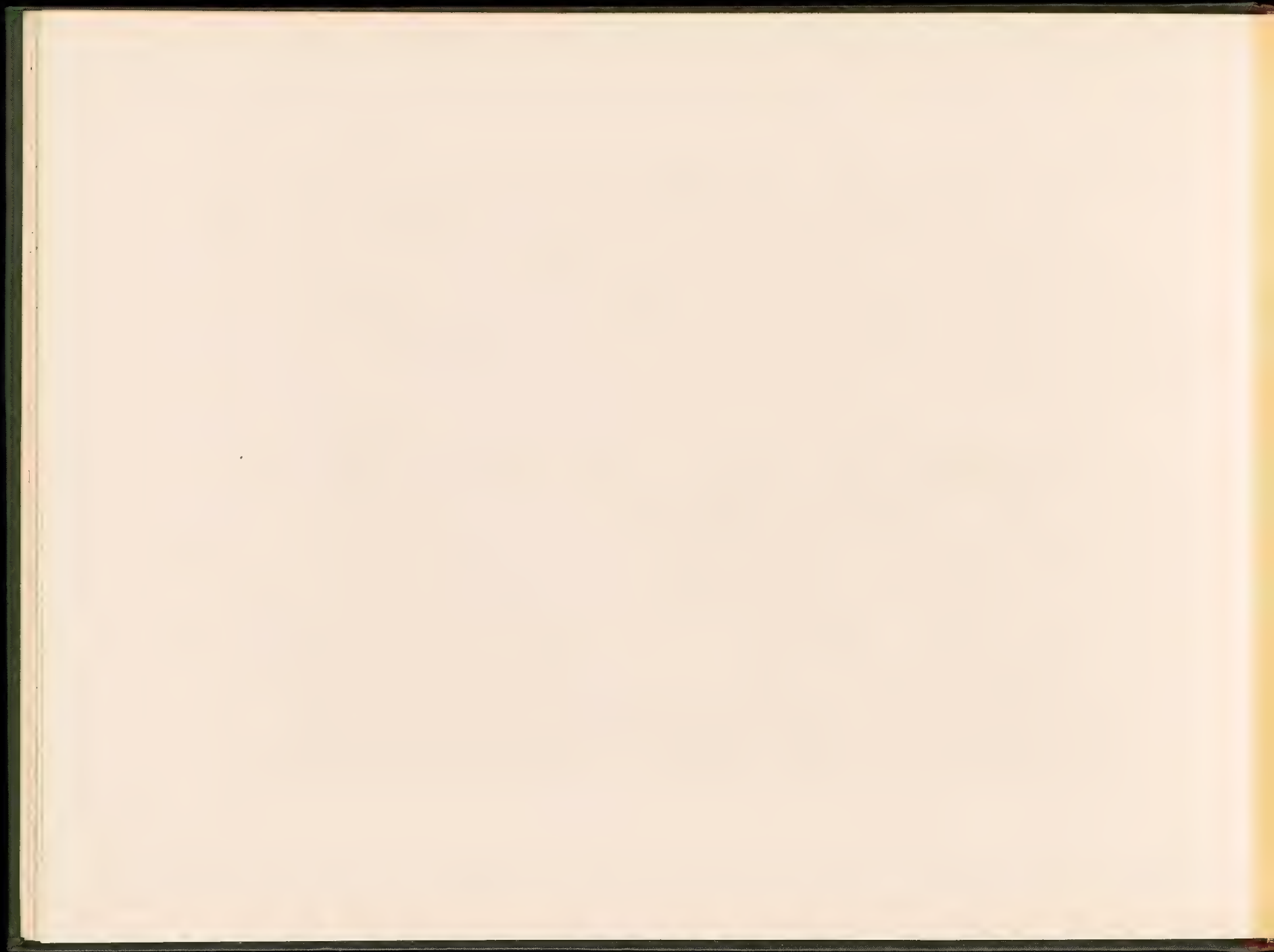
Grande hotel (lado oeste)

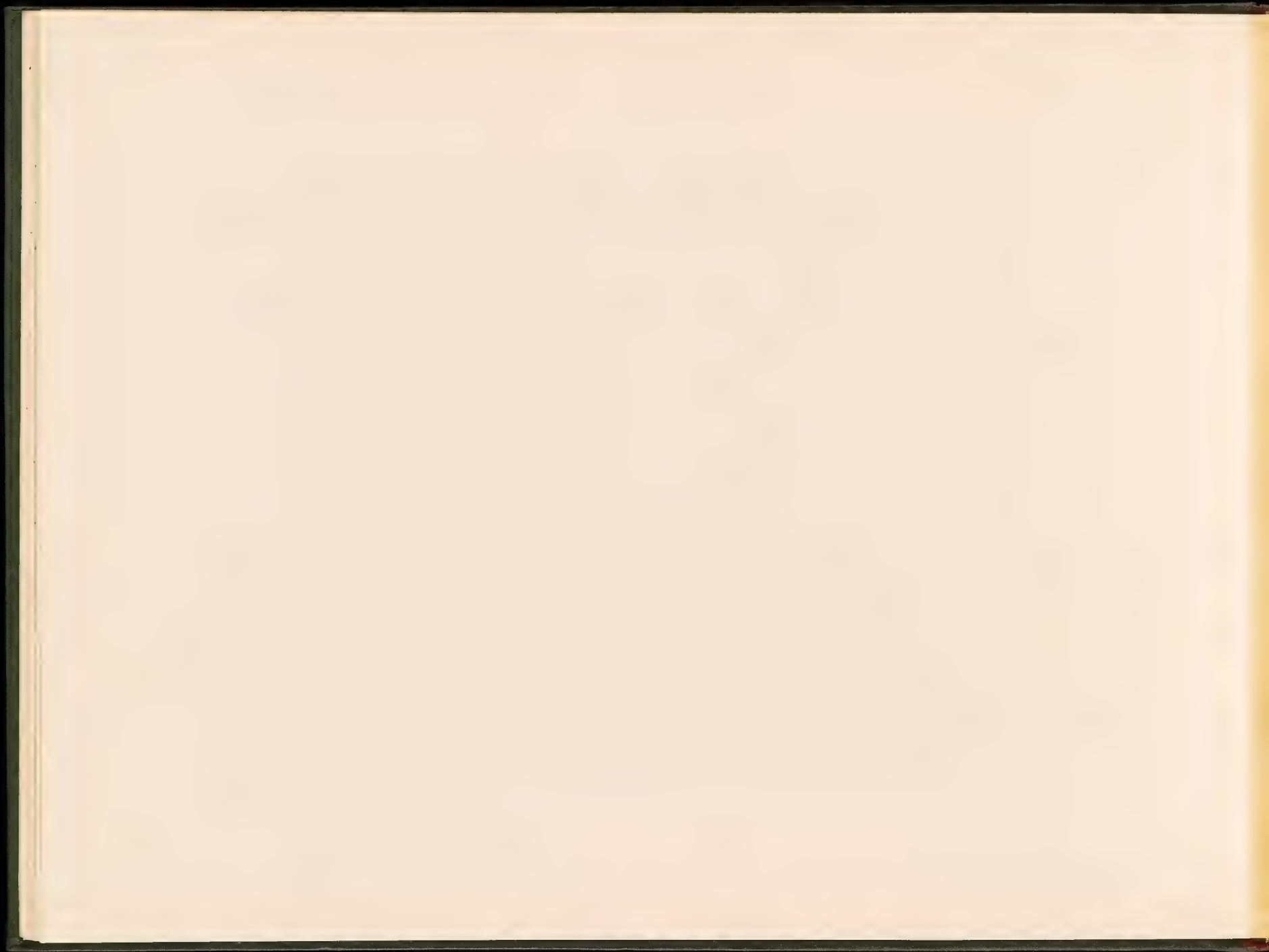
BUSSACO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Grande hotel (lado norte)

BUSSACO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Grande hotel—vestibulo

BUSSACO

O Bussaco

O palacio-hotel

Não é facil adivinhar o pensamento que presidiu ás faustosas construcções que agora cercam os restos do modesto cenobio do seculo XVII (igreja e claustro). Todo o mundo sabe todavia o que pretendem ser e são actualmente: um hotel, sumptuoso e muito bem dirigido, para visitantes ricos. Oxalá os tenha sempre em abundancia, tanto nacionaes como estrangeiros, d'aquelles que em outros paizes, como a Suissa e a Italia, deixam cair annualmente copiosa chuva de oiro!

Não crêmos comtudo, que esse fosse o seu destino primordial. Um paço acastellado para os reinantes e hospedes seus, isso sim! Um rival da Pena de Cintra, onde o gosto romantico de um illustrado principe germanico transformou tambem um pobre eremiterio em palacio monumental, fazendo nascer em seguida na aspera penedia, apenas assombrada de esguios e parcos pinheiros, a esplendida vegetação de um parque que foi cobrindo montes e montes, entremeado de jardins deliciosos com primorosas riquezas vegetaes...

Em Cintra eliminaram, como no Bussaco, quasi por completo os vestigios das obras antigas, deixando subsistir apenas o pequeno claustro e a solitaria capella. Mas essas reliquias eram do tempo de D. Manoel (1509), e como a obra moderna se inspirasse n'essas e outras reminiscencias antigas, proporcionando ao esculptor e ao canteiro bons modelos em que podia desenvolver a sua habilidade, o conjunto sahiu harmonico. Além d'isso, o plano arquitectonico da obra foi fixado previamente em todos os detalhes e a sua execução fiscalisada superiormente por El-Rei D. Fernando.

No Bussaco debuxou á larga um scenographo italiano, inspirando-se igualmente na arte manuelina, tão opposta nos seus ricos effeitos pictoricos e vegetabilistas á sobriedade que presidira á construcção da Casa do Ermo. Mostrou, de certo, exuberante phantasia. Faltou-lhe, porém, o saber technico preciso, aquelle saber que se alimenta de lento e arduo estudo, reflexão paciente, e observação cuidadosa, antes que o plano ideado seja perpetuado na pedra. O que alli se vê carece de ponderação e de justo equilibrio na applicação dos elementos constructivos; e prova pouco sentimento esthetico, tanto na escolha como na distribuição dos incidentes decorativos, accumulados em certos lugares, emquanto outros ficaram ao abandono. Copiando aqui algumas linhas geraes e perfis da Torre de Belém, acolá certos motivos do claustro dos Jeronymos, imitando mais além arabescos e florescencias do convento de Thomar, o snr. Luigi Manini, excellente pintor do theatro lyrico de S. Carlos, arranjou um agglomerado arbitrario de construcções, nas quaes o gothico florido briga com episodios romanicos, e uma ornamentação luxuriante se alastra ao lado de uma austera severidade monacal, traduzida em trechos de affectada singeleza.

O principio da asymmetria que ali se nota, não é nem nunca foi essencial para caracterizar o estylo manuelino. Applicado ao acaso, como n'este paço, produz as anomalias e os conflictos que ali se revelam, explicaveis apenas pelo desejo de estabelecer certa transição entre a pobreza dos edificios antigos e o luxo dos modernos [1]. O architecto e o esculptor então, parece haverem quebrado a alliança que devia associá-los na realização de uma mesma ideia. Cada um mediu, talhou e modelou por escala diversa. Embora nos pormenores haja muito que admirar — porque a execução material do canteiro, e d'esta feita, mais ainda a do esculptor [2], provam novamente a grande e tradicional virtuosidade do nosso operario, — a impressão produzida (seguramente não só em mim e nos meus) por essa enorme massa de calcario branco, é hybrida, exagerada e confusa. E evoca na nossa mente a recordação da pouca sorte que tiveram os scenographos italianos, envolvidos em Portugal em questões positivas de arte e problemas de construcção; sobretudo a pavorosa derrocada do grande torreão dos Jeronymos.

[1] Houve, pelo menos, o cuidado de pôr as construcções mais contiguas do convento, em harmonia com a humilde fachada, em mosaico de pedra preta e branca.

[2] Nas figuras de vulto, reveladoras de sentimento plastico, ha muita expressão e bom lavor.

Bussaco

Le palais-hotel

Il n'est pas facile de deviner sous quelle pensée on a projeté les constructions fastueuses qui entourent actuellement les restes du modeste couvent du XVIIme siècle (église et cloître). Toutefois on sait ce qu'elles prétendent être et ce qu'elles sont maintenant: un hotel somptueux et très bien tenu, pour des visiteurs riches. Plaise à Dieu qu'il en arrive toujours en abondance, des portugais, des étrangers, de ceux qui dans les autres pays, comme la Suisse et l'Italie, laissent annuellement tomber une copieuse pluie d'or.

Mais nous ne pensons pas cependant que sa première destination ait été celle-ci, mais bien un château princier pour les membres de la famille royale et leurs hôtes. Un rival du château de Pena à Cintra, où le goût romanesque d'un prince allemand très éclairé transforma ainsi un pauvre ermitage en un palais monumental, faisant naître la splendide végétation d'un parc qui peu à peu recouvrit de vastes montagnes, entremêlé de jardins délicieux et de splendides richesses végétales, d'une côte âprement rocheuse, à peine ombragée de quelques maigres sapins.

De même qu'à Bussaco, on a éliminé à Cintra presque tous les vestiges d'anciennes constructions, laissant subsister seulement le petit cloître et la chapelle solitaire. Mais là ces reliques étaient du temps de D. Manoel (1509) et comme le travail moderne s'inspirait dans ces anciennes réminiscences, facilitant au sculpteur et au marbrier de bons modèles propres à développer leur talent, il en résulta un ensemble harmonieux. Outre cela, le plan architectural de l'œuvre avait été préalablement fixé et son exécution supérieurement surveillée par le roi D. Fernando.

À Bussaco un scènographe italien a esquissé à son aise, s'inspirant également dans l'art manuelino, si opposé par son opulente ornementation pittoresque et fleurie à la sobriété qui avait présidé à la construction de l'ermitage. Il est certain qu'il a fait preuve d'exhubérante fantaisie, mais il a manqué de la science technique nécessaire, de ce savoir qui s'acquiert par une étude lente et ardue, par une patiente réflexion et l'observation la plus attentive, avant que le plan conçu soit exécuté sur la pierre. Ce que l'on voit là pèche par défaut de réflexion et d'équilibre assuré dans l'application des éléments constructifs; et prouve peu de sentiment esthétique, dans le choix autant que dans la distribution des incidents décoratifs, accumulés en certains endroits, tandis que d'autres sont dénudés. Ici l'on a copié quelques lignes et profils de la Tour de Belem, là, des motifs du cloître des Jeronymos, plus loin, on a imité des arabesques et des floraisons du Couvent de Thomar, et avec tout ceci Mr. Luigi Manini, excellent peintre du théatre lyrique de S. Carlos, a arrangé une agglomération arbitraire de constructions, sur lesquelles le gothique fleuri jure avec les épisodes romans, et où l'on voit s'étaler une luxuriante ornementation à côté d'une sévérité austère presque monacale, présentée par des détails d'une simplicité affectée.

Pour caractériser le style *manuelino* il n'est pas et il n'a jamais été essentiel d'employer le principe d'asymétrie qu'on remarque là. Appliqué au hasard, comme il l'est dans ce palais, il produit les anomalies et les contre-sens qui s'y révèlent et qui ne peuvent s'expliquer que par le désir de marquer une certaine transition entre la pauvreté des anciens édifices et le luxe des modernes [1]. En outre l'architecte et le sculpteur semblent avoir brisé l'alliance qui devait les associer dans la réalisation d'une même pensée. Chacun a taillé, mesuré et modelé sous une échelle différente. Quoique dans les détails il y aît beaucoup à admirer, — parce que l'exécution matérielle du marbrier et encore plus celle du sculpteur [2], viennent encore une fois prouver la grande et traditionnelle adresse de l'ouvrier portugais, — l'impression produite (non seulement sur moi et les miens) par cette masse énorme de pierre blanche, est confuse, exagérée et hybride, et elle nous fait souvenir du peu de chance qu'ont eu

[1] On a heureusement eu l'idée de mettre les constructions plus proches du couvent, en harmonie avec l'humble façade en mosaïque de pierre noire et blanche.

[2] Dans les figures, qui révèlent un sentiment plastique, il y a beaucoup d'expression et de vigueur.

*
* *

Não podemos, no limitado espaço de que dispomos, apresentar uma descripção minuciosa do palacio-hotel e seus variados annexos. Quatro excellentes estampas dão ideia dos aspectos mais interessantes do corpo principal.

Uma vista geral, tirada de longe, emmoldurada pelo arvoredo, deixa entrever o contorno, as alas principaes, a torre quadrada e, encimado por uma enorme esphera armillar, o corucheo octogono que occulta a escada de serviço.

A segunda vista mostra a entrada nobre com a escadaria. Ao lado ergue-se a torre em projecção perpendicular; e encostada a ella, sobre tres arcos de volta redonda, vê-se o lanço singelo, pseudo-romanico, com os modestos aposentos que el-rei escolhe para sua morada, quando vae só.

A terceira dá o aspecto, em sentido longitudinal, da galeria manuelina, aberta em arcada com os dois andares sobrepostos.

A quarta representa as arcarias do vestibulo immediato á galeria, com um systema de ornamentação interior que lembra os lavores da porta da sacristia no mosteiro de Alcobaça.

O interior do grande edificio abrange no rez do chão, além do amplo vestibulo uma sala de baile (de 14^{m} por 10) á qual se une o gabinete de leitura, formando assim um salão de 21^{m} por 10; a casa de jantar, tambem ampla (15^{m} por 8,5); a sala de bilhar, copa e as escadas (nobre uma, e outra de serviço) envolvidas no corucheo. Os dois pavimentos superiores e a torre contém quartos para hospedes, aos quaes facultam das respectivas sacadas extensas e formosissimas vistas.

As sommas gastas com a obra até 1895 orçavam por 98 a 99 contos. O orçamento geral era então de 130:245$000 reis. Calculando a despeza annual d'então para cá só em cinco contos (quantia minima dispendida nos annos mais parcos) teriamos mais cincoenta contos. Junte-se a isto a installação interior, os azulejos, as pinturas, o mobiliario estylo Luiz xv, e attingir-se-ha uma somma formidavel, que parece estar em desproporção com os recursos financeiros do erario que a dispendeu.

D'essas decorações conheço apenas alguns dos luzentes quadros de azulejos que guarnecem os vestibulos. Restrinjo-me por isso a dar um mero elenco das obras de arte com que pintores portuguezes contribuiram (ou ainda hão de contribuir) para completar o notavel monumento nacional. Todos elles inspiraram-se na historia e na literatura patria.

1) Azulejos, de **Jorge Collaço**. — No primeiro vestibulo: *retrato de Lord Wellington*, no segundo: *Marechal Massena, com o estado maior; carga de infanteria 19.* — *Carga de caçadores 3 e 4.* Tudo isso com motivos decorativos allusivos á batalha. — No espaldar de um banco: *Partida de Vasco da Gama para a India.* — *Chegada de Pedro Alvares Cabral ao Brazil.* — *Primeira Missa.* — Nos patamares da escada: *Tomada de Ceuta; Infante D. Henrique* — *Batalha d'Ormuz; Affonso d'Albuquerque.* — Nas galerias exteriores, nos intervallos das portas: quatorze composições com motivos allegoricos aos dez Cantos dos *Lusiadas; Autos de Gil Vicente* e uma *Ecloga de Bernardim Ribeiro.* — N'um friso decorativo medalhões com retratos dos principaes navegadores portuguezes.

2) Pinturas. *a*) de **Antonio Ramalho**. — Na escada que conduz do primeiro ao segundo pavimento: motivos decorativos em estylo manuelino; medalhões, d'um lado com os retratos do *Infante D. Henrique, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral;* do outro lado: *Affonso d'Albuquerque, D. Francisco d'Almeida; D. João de Castro.* Na escada que conduz do segundo ao ultimo pavimento: *uma galeria em perspectiva.*

b) de **Carlos Reis**. — Na sala nobre, em estylo Renascença: pinturas muraes representando uma *festa campestre,* tomando toda a parede. Na sala de leitura: assumptos allusivos ás obras de Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, etc.; projectos e construcção do edificio, com figuras de contemporaneos que mais directamente entraram na execução do paço.

c) de **João Vaz**. — Na sala grande de jantar: faixas decorativas em estylo manuelino; entre as portas quadros com assumptos maritimos, referentes a diversos trechos dos *Lusiadas;* a Passagem do Cabo; Chegada a Calicut — Infante D. Henrique em Sagres, etc.

d) de **Ernesto Condeixa**. — Pintura no tecto da sala de jantar pequena.

chez nous les scénographes italiens qui se sont mêlés en Portugal des questions positives d'art et de problèmes de construction, surtout de l'effroyable écroulement de la grande tour des Jeronymos.

*
* *

Le peu d'espace dont nous disposons ne nous permet pas de faire une description minutieuse du palais-hotel et de ses annexes divers. Quatre excellentes gravures donnent l'idée des aspects les plus intéressants du bâtiment principal.

Une vue générale, prise de loin, et encadrée de verdure, laisse apercevoir le contour, les ailes principales, la tour carrée et la flèche octogone qui cache l'escalier de service, surmontée d'une énorme sphère armillaire.

La deuxième gravure montre l'entrée principale avec l'escalier. À côté s'élève la tour en projection perpendiculaire, sur le flanc de laquelle, sur trois arcades en plein cintre, s'appuie le simple corps-de-logis, pseudo-roman, avec les modestes appartements choisis par le roi pour demeure, lorsqu'il va tout seul à Bussaco.

La troisième gravure donne, dans le sens longitudinal, l'aspect de la galerie *manuelina,* ouverte en arcade, avec ses deux étages superposés.

La quatrième représente les arcades du vestibule attenant à la galerie, avec un système d'ornementation intérieure qui rappèle le travail de la porte de la sacristie du monastère d'Alcobaça.

L'intérieur du grand édifice comprend au rez-de-chaussée, outre le vaste vestibule, une salle de bal (de 14^{m} sur 10) à laquelle se réunit un cabinet de lecture, formant ainsi un salon de 21^{m} sur 10; la salle à manger, aussi très grande (15^{m} sur 8,5); la salle de billard, les dépendances de la salle à manger et les escaliers (un principal, et l'autre de service) dissimulés par le clocheton. Les deux étages supérieurs et la tourelle contiennent des chambres d'hôtes, auxquels est permise la jouissance des grands balcons et des magnifiques points de vue.

Jusqu'à 1895 les sommes dépensées avec l'édification étaient de 98 à 99 *contos* [1] (500 mille francs à peu près). Le devis total était alors de 130:245$000 *contos de reis,* environ 650 mille francs. En évaluant depuis lors la dépense annuelle à 5 *contos* (25:000 francs) (somme minime dépensée dans les années plus économiques) nous aurions eu plus 750 *contos* (250 mille francs). En ajoutant à cela l'installation intérieure, faïences, peintures, mobilier Louis xv, on aura atteint une somme formidable qui semble en disproportion avec les ressources financières du trésor qui l'a fournie.

Parmi ces décorations je connais à peine quelques brillants panneaux en faïences qui garnissent les vestibules. Je me borne donc à donner un bref aperçu des œuvres d'art avec lesquelles les peintres portugais ont contribué et contribueront encore, pour compléter ce remarquable monument national et qui sont tous inspirés dans l'histoire et la littérature de la patrie.

1) Faïences de **Jorge Collaço**. — Dans le premier vestibule: *portrait de Lord Wellington;* dans le second: *Maréchal Massena, avec l'état major; charge du 19^{me} d'infanterie.* — *Charge de chasseurs 3 et 4.* Le tout avec des motifs décoratifs se rapportant à la bataille. — Sur le dossier d'un banc: *Départ de Vasco da Gama pour l'Inde* — *Arrivée de Pedro Alvares Cabral au Brésil.* — *Première Messe.* — Sur les paliers de l'escalier: *Prise de Ceuta; Infant Dom Henrique.* — *Bataille d'Ormuz; Affonso d'Albuquerque.* — Dans les galeries extérieures, sur les intervalles des portes: quatorze compositions avec motifs allégoriques aux dix *Chants* des *Lusiades; Autos de Gil Vicente* et une *Églogue de Bernardim Ribeiro.* — Sur une frise décorative des médaillons avec portraits des principaux navigateurs portugais.

2) Peintures. *a*) de **Antonio Ramalho**. — Dans l'escalier qui conduit du premier au deuxième étage: motifs décoratifs de style *manuelino;* médaillons, d'un côté les portraits de *l'Infant D. Henrique, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral;* de l'autre *Affonso d'Albuquerque, D. Francisco d'Al-*

[1] Le conto de reis est à peu près 5:000 francs. (*N. du trad.*).

3) Trabalhos de esculptura. — De **J. Machado**, de Coimbra: um fogão (renascença) na sala das Festas; de *Antonio Augusto Gonçalves*, tambem de Coimbra: diversas estatuas no exterior e na escada; de Costa Motta: um pagem sobre o fogão; de Costa Motta Sobrinho: quatro bustos, representando Garcia de Resende, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Sá de Miranda.

A Batalha do Bussaco

(27 de agosto de 1809)

Como se não bastassem as riquezas naturaes do sitio, nem o diligente e bem dirigido esforço do homem, todo interessado em dar-lhe relevo pela cultura e pela arte, emfim, o prestigio da religião, viera nos tempos modernos a historia consagrar o Bussaco por um assignalado feito de armas que cobriu de gloria o exercito luso-britannico: a batalha vencida contra as hostes de Massena.

N'um espaço relativamente pequeno luctaram no dia 27 de agosto tres corpos de exercito francezes (commandantes: Regnier, Ney, Junot) com cerca de 65:000 homens contra 50:000 dos alliados, sendo estes metade portuguezes, metade inglezes. Na derrota o inimigo perdeu 4:500 soldados, dos quaes 2:000 mortos; os alliados apenas 1:250. Não tendo vencido no ataque pela frente [1], Massena pretendeu tornear a posição, mas não pôde impedir a retirada bem ordenada de Wellington que, tomando-lhe o passo, foi postar-se nas linhas de Torres-Vedras e oppôr-lhe barreira insuperavel, diante da qual o marechal francez perdeu cinco mezes em infructiferas tentativas, sem a romper.

Esta batalha, que decidiu da sorte de Massena, é lembrada aos posteros por dois singelos monumentos: um obelisco com inscripção adequada, e a Capella das Almas do Encarnadouro, a qual, sendo obra do fim do seculo XVIII, foi modernamente restaurada (1877), porque soffreu ruina, muito depois de ter servido de hospital de sangue na occasião da lucta.

O local escolhido para a Memoria está muito perto do muro da matta, em distancia quasi igual da Porta da Rainha e da de Sula, n'uma plataforma elevada que domina extenso horizonte e permitte que o padrão seja avistado de pontos variados e muito distantes.

A Capella das Almas fica em frente, a poucos passos da Porta da Rainha.

Varios projectos, propostos desde 1862, tendentes a transformar a Capella em monumento commemorativo da batalha, tomaram fórma definitiva só em 1873, graças aos esforços do general Costa Cascaes, auctor da *Historia da guerra peninsular*. O obelisco, circumdado de oito peças de bronze, é singelo, mas contém uma inscripção eloquente, epigraphicamente distribuida.

Na face oriental: «Ao exercito luso-britannico» — Campanhas da guerra peninsular — 1808 a 1814 — 6 bloqueios, 12 defezas, 14 cercos, 18 assaltos, 215 combates, 15 batalhas.»

Na face occidental: «Erigido em 1873 — Destruido por um raio em Dezembro (20) 1876 — Restaurado em 1879.»

A capella, ampliada e reformada á custa do governo, foi solemnemente benzida em 1876. Guardam-se n'ella differentes recordações da guerra napoleonica. No anniversario da batalha celebra-se alli, modesta mas dignamente, o feito historico.

Luso e arredores

Gozam de antiga e merecida fama as thermas de Luso, embora esperassem durante longo tempo pelas obras de renovação que as transformaram n'um estabelecimento de primeira ordem. Aqui na villa, nas estradas e ruas, nos passeios, nos hoteis e hospedarias e no balneario, a influencia das reformas recentes foi muito benefica e merece louvores incondicionaes.

A situação da villa nas faldas do Bussaco, sobre duas collinas de suave declive, em cujo valleiro

[1] A respeito de Wellington, Massena dizia em tom de oraculo, antes da batalha: *Je le tiens; demain nous finirons la conquête du Portugal, et en peu de jours je noyerai le léopard.* (Simões de Castro, pag. 140).

meida, D. João de Castro. Dans l'escalier qui va du second au dernier étage: *une galerie en perspective.*

b) de **Carlos Reis.** — Dans le grand salon, style Renaissance, peintures murales représentant une *fête champêtre,* occupant tout le mur. Dans la salle de lecture: sujets faisant allusion aux œuvres de Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, etc.; projets et construction de l'édifice, avec figures des contemporains qui ont contribué plus directement à l'exécution du palais.

c) de **João Vaz.** — Dans la grande salle à manger: bandes décoratives de style *manuelino;* entre les portes: tableaux de sujets maritimes, se rapportant à divers passages des *Lusiades;* le Passage du Cap; Arrivée à Calicut; Infant D. Henrique à Sagres, etc.

d) de **Ernesto Condeixa.** — Peinture du plafond de la petite salle à manger.

3) Travaux de sculpture. — De **J. Machado**, de Coimbra; une cheminée (Renaissance) dans la salle des Fêtes; de *Antonio Augusto Gonçalves,* aussi de Coimbra: diverses statues à l'extérieur et sur l'escalier; de Costa Motta: un page sur la cheminée; de Costa Motta Sobrinho: quatre bustes représentant Garcia de Rezende, Bernardim Ribeiro, Gil Vicente, Sá de Miranda.

La Bataille de Bussaco

(27 Août 1809)

Quand même les richesses naturelles du site, l'effort humain, bien dirigé et actif, intéressé à le faire ressortir par la culture et l'art, et enfin le prestige de la religion n'auraient pas suffi à nous faire admirer le Bussaco, l'histoire est venue dans les temps modernes le consacrer par un remarquable fait d'armes qui a couvert de gloire l'armée luso-britannique: la bataille gagnée contre les troupes de Masséna.

Le 27 Août trois corps d'armée français, commandés par Regnier, Ney, Junot, luttèrent dans un espace relativement étroit et avec 65:000 hommes contre 50:000 alliés, dont une moitié était des portugais et l'autre des anglais. Dans sa défaite l'ennemi perdit 4:500 soldats, dont 2:000 morts et les alliés à peine 1:250. N'ayant pas réussi l'attaque de front [1], Masséna prétendit tourner la position, mais il ne put empêcher la retraite bien ordonnée de Wellington, qui lui barra le passage et alla se poster sur les lignes de Torres Vedras, lui opposant une barrière infranchissable, devant laquelle le maréchal français perdit cinq mois en tentatives infructueuses, sans parvenir à la frayer.

Cette bataille, qui décida du sort de Masséna, est rappelée à la postérité par deux simples monuments: un obélisque avec l'inscription appropriée, et la Chapelle des Âmes de l'Encarnadouro, œuvre de la fin du XVIII^me^ siècle, récemment restaurée en 1877, parce qu'elle avait été à peu près ruinée bien après qu'elle eut servi d'hôpital de sang lors de la bataille.

L'emplacement choisi pour l'Obélisque est à quelques pas, vis-à-vis la *Porta da Rainha.*

Depuis 1862 divers projets furent présentés dans l'idée de transformer la Chapelle en monument commémoratif de la bataille, mais ce fut seulement en 1873 qu'ils prirent une forme définitive, grâce aux efforts du général Costa Cascaes, auteur de l'*Historia da guerra peninsular.* L'obélisque entouré de huit canons de bronze, est simple, mais il contient une éloquente inscription distribuée épigraphiquement.

Sur la face orientale: «A l'armée luso-britannique» — Campagnes de la guerre péninsulaire — 1808 à 1814 — 6 blocus, 12 défenses, 14 sièges, 18 assauts, 215 combats, 15 batailles.»

Sur la face occidentale: «Érigé en 1873 — Détruit par la foudre en Décembre (20) 1876 — Restauré en 1879.»

La chapelle, agrandie et réédifiée aux frais de l'État, fut solennellement bénie en 1876. On y conserve quelques souvenirs de la guerre de Napoléon. Le jour anniversaire de la bataille, on y célèbre tous les ans le fait historique par une modeste cérémonie.

[1] À propos de Wellington, Masséna disait d'un ton d'oracle, avant la bataille: Je le tiens; demain nous finirons la conquête du Portugal, et en peu de jours je noierai le léopard. (Simões de Castro, pag. 140).

brotam as nascentes alcalino-sulphurosas, é muito amena. O balneario, embora já em 1854 attrahisse a attenção (como um dos primeiros que fôra levantado em boas condições hygienicas por iniciativa particular) offerecia ainda assim apenas um razoavel asseio e mediano conforto, correspondente á parcimonia das installações e do tratamento nas hospedarias (do Barriga, do Serra e da Carolina). Havia só banhos de immersão, distribuidos por nove quartos. Os de chuva ou *douche* eram de installação muitissimo primitiva. Lembra-nos haver visto durante annos, nos baixos do estabelecimento, uma planta com um projecto de segundo andar) simples e economico, com salas para reuniões e leitura, o qual a Sociedade para o melhoramento dos Banhos de Luso (constituida em 1854) nunca chegou a construir, por falta de recursos. Hoje, ella mal reconheceria a sua obra no balneario guarnecido segundo os ultimos conselhos da sciencia, secundados pelos recursos da arte.

A povoação, a 7 kil. da estação da Mealhada e 11 da Pampilhosa, que já lucrára com a abertura do caminho de ferro da Beira, de que fórma um ponto de descanço, transformou-se totalmente na era dos *chalets*. Se em 1854 contava apenas tres casas envidraçadas, e vinte e uma em 1859, os tristissimos casebres que ainda quatro lustros depois desfeavam as ruas, ou antes veredas, desappareceram, substituidos por moradas habitaveis e, em parte, por vivendas opulentas e quintas vistosas.

Um bom hotel, ligado ao do Bussaco, está installado no antigo palacio dos marquezes da Graciosa. Não ha falta de transportes faceis. Entre os passeios proximos um dos mais frequentados é o da Fonte do Castanheiro.

Como as bellezas de Luso e do Bussaco são grandes e variadas, poucas pessoas, relativamente, conhecem os arredores e fazem excursões a pontos mais distantes. Alguns vão ao celebre mosteiro de Lorvão (Vid. vol. I, fasc. 12); outros visitam a magnifica quinta dos marquezes da Graciosa, perto da villa da Anadia, com um parque celebre (de que a nossa estampa mostra um formoso aspecto) e um museu de objectos raros e preciosos. Ficam proximas as celebres aguas da Curia.

São lindas tambem, mas poucas vezes procuradas as margens do rio Cris (affluente do Dão) que se recommendam, além d'isso, ás attenções do patriota, pois foram theatro de porfiada lucta, sendo a passagem do rio como que o preludio da batalha do Bussaco. As aguas do rio interessam tambem o amador das pescarias finas, pois abundam em saborosas trutas, peixe tão raro em Portugal, por descuido na policia dos cursos fluviaes.

*
* *

A lagoa ou antes *pateira* de Fermentellos não pertence á região do Bussaco. Está situada a uns 9 kil. ao Norte de Aveiro. É um dos variadissimos aspectos de uma região muito original e interessante, já tratada n'esta publicação por penna competente. (N.os 44 e 56).

A pateira, nome que indica abundancia de aves de caça, tambem é um immenso viveiro de peixes saborosos, que povoam as suas aguas n'uma extensão de 4 kilom. e meio por 1 e meio de largo.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Luso et ses environs

Les eaux thermales de Luso jouissent d'une réputation ancienne et bien méritée, quoiqu'elles aient attendu pendant longtemps les nouveaux travaux qui les ont transformées en un établissement de premier ordre. Ici dans la ville, sur les routes et les chemins, dans les promenades, les hotels, les auberges et l'établissement balnéaire, l'influence des récentes améliorations a été des meilleures et mérite les plus justes louanges.

La situation du bourg à mi-côte du Bussaco, sur deux collines en pente suave, avec les sources alcalines et sulphureuses jaillissant au fond du vallon, est des plus agréables. L'établissement balnéaire, qui en 1854 attirait déjà l'attention comme un des premiers qu'on avait installé en de bonnes conditions hygièniques par initiative particulière, ne présentait toutefois que des conditions relatives de propreté et de confort, en rapport à la parcimonie des installations et la manière dont étaient tenus les hotels du Barriga, du Serra et de la Caroline. Il n'y avait que des bains d'immersion distribués en dix cabines. Les bains de pluie et les douches étaient installés de façon tout à fait primitive. Je me souviens d'avoir vu pendant des années, dans les caves de l'établissement, le plan d'un projet avec second étage, très économique et simple, avec salle de réunions et de lecture, que la société pour l'amélioration des Bains de Luso, instituée en 1854, n'est jamais parvenue à construire faute de moyens. De nos jours, elle aurait peine à reconnaître son œuvre dans le balnéaire monté d'après les plus récents procédés scientifiques, secondés par toutes les ressources de l'art.

Le bourg, à 7 kil. de la station de Mealhada et à 11 de Pampilhosa, qui avait déjà gagné de l'importance avec l'ouverture du chemin de fer de Beira, dont il est une délicieuse étape, s'est tout à fait transformé avec l'apparition des *chalets*. En 1854 on comptait à peine trois maisons à fenêtres vitrées, en 1859 vingt et une, mais vingt ans après les tristes masures qui enlaidissaient les rues ou plutôt les sentiers, ont disparu et sont remplacées par des habitations confortables et même par des *villas* opulentes et des jardins délicieux.

Un bon hotel, dépendant de celui du Bussaco est installé dans l'ancien palais des Marquis de Graciosa. Les transports sont faciles. Parmi les belles promenades proches, celle de la Fontaine du Castanheiro est une des plus fréquentées.

Comme les beautés de Luso et du Bussaco sont en grand nombre, peu de personnes, relativement connaissent les environs et font des excursions aux sîtes les plus éloignés. Quelques unes vont au fameux monastère de Lorvão (vid. vol. I, fasc. 12); d'autres visitent la magnifique propriété des marquis de Graciosa, près de Anadia, avec un parc célèbre, dont notre gravure montre un des beaux aspects, et un musée d'objets rares et précieux. Les magnifiques eaux de Curia sont très proches.

Les rives du Cris, affluent du Dão, sont aussi ravissantes mais très peu recherchées, elles se recommandent encore à l'attention des patriotes, comme ayant été le théatre d'une lutte opiniâtre: le passage du fleuve a été pour ainsi dire le prélude de la bataille de Bussaco. Les eaux du fleuve intéressent également les amateurs de belle pêche, car les savoureuses truites y abondent, chose rare en Portugal, et dûe à la négligence de fiscalisation des cours d'eau.

*
* *

L'étang ou plutot la mare de Fermentellos n'appartient pas à la région du Bussaco, mais est situé à 9 k. à peu près au nord d'Aveiro. C'est un des aspects variés de cette région si originale et intéressante dont cette publication s'est déjà occupée par une plume des plus autorisées.

La mare, ou canardière, dont le nom indique l'abondance de chasse aux oiseaux aquatiques, est aussi un immense vivier de poissons savoureux qui la peuplent sur une étendue de 4 kilomètres e demi sur 1m et demi de large.

Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Quinta do Marquez da Graciosa

ANADIA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Rio Cris

MORTAGUA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Lagôa de Fermentellos

Egreja de S. Francisco

O aspecto exterior da egreja de S. Francisco é de uma singeleza extraordinaria; parece que o architecto quiz pela ausencia de ornatos significar a pobreza obrigada da ordem fundada pelo poeta S. Francisco d'Assis. Sobre alguns degráos ergue-se o alpendre ou galilé que é uma arcada alta, encimada por varanda corrida, com extravagantes gargulas, encostada á frontaria lisa do templo onde apenas uma grande janella rompe a larga parede. Aos cantos uns coruchéos simples. Sob a galilé abre-se o portico da egreja tambem sobre degráos.

A arcada da galilé é curiosa, um mixto de estylos, ao arco de volta redonda segue-se outro em volta de ferradura, e a este outro em ogiva. É raro isto em Portugal, mas ha exemplos na architectura hespanhola, de combinações de romanico, ogival e mudejar, obedecendo mais ao capricho d'architecto que a necessidades de construcção.

A portada é dupla, elegante, sem excesso de ornatos, em marmore branco de bom lavor. Sobre elle o escudo das armas reaes, e a um lado o pelicano de D. João II, a outro a esphera armillar de D. Manuel. Marcam esses dois emblemas a época da construcção começada em tempo do principe perfeito, mas só terminada no seguinte reinado. Os mesmos emblemas se repetem sobre o arco triumphal, enorme ogiva da capella-mór.

É um monumento bem datado, ha muitos documentos e noticias da sua construcção, relativos ao mestre das obras Martim Lourenço, a mestre Olivel de Gand; e até ficaram lendas allusivas á sua arrojada architectura, á grande abobada que cobre a ampla nave. É um conjuncto todavia; ao templo encosta-se, a norte, a capella de S. Joãosinho com a sua porta renascença, muito ingenua, e a casa da Ordem Terceira; ao lado do sul a sacristia, com os seus azulejos antigos, a celebre casa dos ossos, e uns vestigios do claustro, que era interessante construcção do seculo XIV, em arcadas de pequenas ogivas sobre parelhas de columnellos.

Póde dizer-se que, n'este edificio em formação ainda no reinado de D. Manuel, já adiantado, nada ha do conhecido *manuelino*. Da austera ogiva, do rigido perfil gothico, salta-se á renascença; esta apenas representada por meras juxtaposições.

Bravo templo! lhe chamou D. João de Castro, a primeira vez que entrou na vasta nave, olhando com assombro a alta abobada.

Das edificações dos primeiros frades, no primeiro quartel do seculo XIII, nada ou quasi nada resta; as chronicas dizem cousas raras que eu julgo exageradas; não poderiam fazer vastas fabricas esses homens, esses primitivos franciscanos, fanaticos explosivos, poetas nomadas, que surgiram na Italia e em poucos annos percorriam muitos paizes da Europa, mal nascidos e já entravam em Portugal; mais, ainda no seculo XIII, já prégavam em Marrocos. Esses mendicantes foram pasmosos *globetrotters* na edade media, o povo acreditou até que o nosso Santo Antonio voava, em vez de andar como qualquer de nós. O celebre confessor de D. João II, fr. João da Povoa, viajou immenso, sempre a pé. Se tanto andavam e tão completa pobreza professavam, para que precisariam elles de artisticas moradias? O favor real, a proximidade dos regios paços, fez surgir o monumento.

Interior

A estampa do interior do templo mostra bem a pureza austera da grande nave ogival, a robustez da vasta abobada. A capella-mór é profunda, com os lados revestidos pelo duplo cadeirado do côro, e illuminada por altos frestões com vidraça colorida; como a vista foi tirada de frente não se percebem os cadeirados, os frestões, nem as gentis tribunas do renascimento que abrem para o chamado côro de cima. Vê-se o retabulo do altar-mór, feito no seculo XVIII, que destoa completamente no estylo; mas é trabalho bem feito, em marmores bem polidos.

Église S^t^ François

L'aspect extérieur de l'église S^t^ François est d'une simplicité extraordinaire; il semble que l'architecte a voulu que l'absence d'ornements signifiat le vœu de pauvreté de l'Ordre fondé par le poète S^t^ François d'Assise. Sur quelques marches le porche s'élève en forme de haute arcade surmontée d'un balcon, garni de gargouilles excentriques et appuyé à la façade unie du temple, percée à peine d'une large fenêtre. Des flèches simples ornent les coins et sous le porche, le portail de l'église s'ouvre aussi sur des marches.

L'arcade du porche est curieuse; c'est un mélange de styles, l'arc en fer à cheval suit l'arc arrondi, et après celui-ci un autre en ogive. Ceci est rare en Portugal, mais dans l'architecture espagnole il y a des exemples de combinaisons de style roman, ogival e mudejar, obéissant plutôt au caprice de l'architecte qu'aux nécessités de la construction.

Le portail est double, élégant sans excès d'ornementation, et en marbre blanc d'un beau travail. Au dessus on voit l'écusson aux armes royales, d'un côté le pélican de D. Jean II et de l'autre la sphère armillaire de D. Manuel. Ces deux emblèmes marquent l'époque de la construction commencée du temps du prince parfait et terminée seulement pendant le règne suivant. Sur l'arc triomphal, énorme ogive du maître autel, sont répétés les mêmes emblèmes.

C'est un monument des mieux datés, et il y a beaucoup de documents de sa construction relatifs à l'entrepreneur des travaux Martin Lourenço, à maître Olivier de Gand; il y a même des légendes à propos de son architecture audacieuse, et de la grande voûte qui recouvre la vaste nef. C'est toutefois un ensemble; au nord du temple s'adosse la chapelle de S^t^ Joãosinho, très simple avec sa porte renaissance, et la maison du Tiers Ordre; du côté sud, la sacristie avec ses faïences anciennes, la fameuse salle des os et des vestiges du cloître à petites arcades ogivales sur des colonnettes accouplées, qui était une intéressante construction du XIV^me^ siècle.

On peut dire que dans cette construction exécutée pendant le règne de D. Manuel déjà assez avancé, il n'y a rien de manuelino. De l'ogive austère, du sévère profil gothique on saute à la renaissance, représentée à peine par de simples juxtapositions.

La première fois qu'il entra dans la vaste nef, D. João de Castro regardant avec étonnement la haute voûte s'écria: le brave temple!

Il ne reste plus rien ou presque rien des édifications des premiers moines pendant la première partie du XIII^me^ siècle; les chroniques parlent de choses que je tiens comme exagérées; ces hommes, ces franciscains primitifs, fanatiques enthousiastes, poètes nomades, qui surgirent en Italie et en peu d'années parcouraient beaucoup de pays de l'Europe, commencèrent par venir en Portugal, et n'auraient pas pu faire de grandes édifications. Ces mendiants furent de fameux *globetrotters* du moyen âge; le peuple crût même que notre Saint Antoine s'envolait au lieu de marcher comme tout le monde. Le célèbre confesseur de D. Jean II, fr. João da Póvoa, voyagea beaucoup, toujours à pied. Quel nécessité auraient-ils eue de demeures artistiques, s'ils marchaient tant et faisaient vœu de pauvreté complète? La faveur royale, la proximité des palais royaux fit élever le monument.

Intérieur

La gravure de l'intérieur du temple montre bien la pureté austère de la grande nef ogivale, la solidité de la vaste voûte. Le sanctuaire est profond, avec ses bas-côtés revêtus de la double rangée de stalles du chœur, et illuminé par de hautes fenêtres en vitraux coloriés; comme la vue a été prise de face on n'aperçoit pas les stalles, les fenêtres ni les jolies tribunes renaissance qui s'ouvrent sur le chœur, surnommé d'en haut. On voit le retable du maître autel, fait au XVIII^me^ siècle, qui tranche complètement du style, quoique le travail soit bien fait, en marbres bien polis.

A nave tem 36^{m},10 de comprimento, e a largura é de 12^{m},80.

Do fecho da abobada ao chão quasi 27 metros.

O cruzeiro tem 40 metros de comprido por 6 de largo.

A capella-mór tem 12^{m},50 de comprido por 7^{m},54 de largura.

O braço do cruzeiro, lado do Evangelho, tem um extraordinario trabalho em obra de talha, nas tres paredes, mas principalmente na capella do Santissimo e no sacrario, de elegante esculptura. No lado da epistola, a parede do fundo do cruzeiro é occupada pela capella do Senhor da Columna.

O retabulo d'esta capella, de pintura em madeira, dividido em quadros, é notavel.

N'uma das capellas lateraes, a estatua de S. Bruno, que foi da Cartuxa d'Evora, esculptura de merecimento.

A estampa mostra bem os dois altares que preenchem os vãos da parede aos lados do grande arco ogival da capella-mór; estão ahi antigas pinturas portuguezas do começo do seculo XVI, quatro de cada lado.

No altar da direita a estampa mostra n'um quadro o anjo custodio do reino, percebe-se o escudo de Portugal; no outro um anjo de espada erguida contra uma nuvem, presa por um grilhão. A nuvem é um desastre, não sei mesmo se é nuvem ou grande tubara negra.

É evidente que estava ahi uma figura que foi propositalmente apagada. Conta-se assim o caso. O pintor amava certa dama da côrte, que lhe não correspondeu; era linda a dama desdenhosa do artista; e este raivoso, estando a pintar o diabo, o inimigo terrivel, lembrou-se de o representar na fórma da gentil trocista. Uma vingança feroz. Mas os frades reclamaram. Diziam elles no seu capitulo que era preciso tirar d'ali aquelle demonio de lindas fórmas; quando na missa erguiam os olhos no enlevo da adoração davam com o tentador mafarrico, que lhes desvairava os sentidos; resolveu-se apagar a figura perigosa, e ficou o anjo a esgrimir com a nuvem.

Abobada

A abobada da egreja de S. Francisco desperta a admiração, pela grandeza, imponencia das suas arrojadas linhas, e ainda porque olhando as paredes lateraes, que parecem aguental-a, se reconhece, nas esguias frestas, que taes paredes são mui delgadas. Por isto se tem dito que é, como a da sala capitular do mosteiro da Batalha, um d'aquelles milagres da arte que assustam e despertam admiração. Exteriormente as grandes paredes mestras não têm gigantes ou botareus, só nos cunhaes os mostram não mui fortes, na direcção das paredes. O templo assenta sobre rocha; o architecto a cada lado ergueu duas paredes, travadas de espaço a espaço com fortes paredes transversaes, que formam a separação das capellas; seis paredes, que podiamos dizer seis gigantes disfarçados, occultos, de cada lado; sobre as paredes transversaes firmam-se os arcos da abobada. A estampa que representa o interior da egreja mostra perfeitamente o jogo da abobada. Creio mesmo que em vez das estreitas frestas, que a estampa mostra, o architecto podia abrir ahi largo triforio sem prejudicar a solidez da construcção.

Diz a lenda que a meio da obra o architecto desappareceu. El-rei esperou, fartou-se de esperar, e nenhuma noticia de Martim Lourenço. Mandou chamar outro mestre. O homem veio, examinou, mediu, e disse que não se julgava capaz de terminar a egreja. O grande problema era formar a abobada.

El-rei mandou chamar outro architecto, e mais architectos; empenho baldado, os mestres recusavam tomar conta do trabalho e assim se passaram annos. Emfim appareceu Martim Lourenço, e continuou a obra com pasmo geral. Esta ausencia prolongada do architecto póde explicar-se por occupações nas fortalezas *d'além,* no Algarve d'além, porque um documento se refere a obras dirigidas por Martim Lourenço, n'esta época, em Alcacer Ceguer.

O que é bem certo, e bem importante, é que o corpo da egreja e cruzeiro, esse elegante arcabouço, feito segundo um plano bem assente, e mantido, está puro de alterações. A linha geral da capella-mór com a sua elegante abobada conserva-se tambem; as lindas tribunas em renascença já destoam dos frestões ogivaes; o grande retabulo em polidos marmores é do seculo XVIII; foi feito em 1773 por ordem e do bolsinho do conego Antonio Landim de Sande. Creio que as grandes balaustradas, todas em marmores bem trabalhados, que separam a capella-mór do cruzeiro, este da nave, e as das capellas, são da mesma época.

La nef a 36^{m},10 de long sur 12^{m},80 de large.

Du sol à la clef de voûte on compte 27 mètres.

Le transept mesure 40 mètres de longueur sur 6 de largeur et le sanctuaire a 12^{m},50 de long et 7^{m},54 de large.

Le bras du transept, côté de l'Évangile, présente un extraordinaire travail de sculpture en bois sur les trois murs, mais surtout sur celui de la chapelle du Saint Sacrement et le tabernacle, d'une sculpture élégante. Du côté de l'Épître, la paroi du fond du transept est occupée par la chapelle du Seigneur de la Colonne.

Le retable de cette chapelle peint sur bois, et divisé en panneaux, est assez remarquable, et dans une chapelle latérale on voit la statue de S^{t} Bruno, qui appartenait à la Chartreuse d'Evora et qui est une sculpture de mérite.

La gravure montre bien les deux autels qui remplissent les pans du mur aux côtés du grand arc ogival du maître autel; on y voit d'anciennes peintures portugaises du commencement du XVI^{me} siècle, quatre de chaque côté.

Sur l'autel, à droite de la gravure, un tableau de l'ange gardien du royaume montre bien l'écusson du Portugal; un autre tableau représente un ange avec l'épée levée contre un nuage, attaché par une chaîne. Le nuage est désastreux, je ne sais même pas si c'est un nuage ou une grande truffe noire.

Il est évident qu'il y avait là une figure qui a été effacée à dessein, et on raconte ce qui suit. Le peintre aimait une certaine dame de la cour qui fut indifférente à ses assiduités; la dame si dédaigneuse, était très belle, et l'artiste dépité, qui était en train de peindre le diable, le terrible ennemi, eût l'idée de le représenter sous la forme de la belle moqueuse. C'était une vengeance atroce, mais les moines reclamèrent; ils dirent au chapitre qu'il fallait retirer de là ce démon si tentateur, qui frappait leurs regards lorsque pendant la messe ils élevaient leurs yeux pleins d'adoration et qui leur troublait les sens; on résolut donc d'effacer la dangereuse figure, mais l'ange continua à s'escrimer contre un nuage.

Voûte

La voûte de l'église S^{t} François éveille l'admiration, par la grandeur, la majesté de ses lignes hardies, et encore parce que en observant les parois latérales qui semblent la supporter, on reconnait, à la sveltesse des fenêtres, le peu d'épaisseur de ces murailles. C'est pour celà qu'on dit qu'elle est, de même que la salle du chapitre du monastère de Batalha, un de ces miracles d'art qui effrayent et inspirent l'admiration. Extérieurement les gros murs ne présentent ni contreforts ni arc-boutants, on en aperçoit seulement et pas très forts, suivant la direction des angles. Le temple s'appuie sur le roc, et de chaque côté, l'architecte a élevé deux murs, séparés d'espace en espace par d'autres murs transversaux, qui forment la séparation des chapelles; ces six murs sont à vrai dire, six arcs-boutants dissimulés de chaque côté; sur les parois tranversales s'appuient les arcs de la voûte. La gravure qui représente l'intérieur de l'église montre parfaitement le travail de la voûte. Je crois même qu'au lieu des étroites fenêtres qu'on voit sur la gravure, l'architecte aurait bien pu ouvrir un large trifolium sans nuire à la solidité de la construction.

La légende dit que pendant les travaux l'architecte disparût. Le roi attendit, il se lassa d'attendre, et on n'avait point de nouvelles de Martin Lourenço. Il fit quérir un autre entrepreneur. L'homme arriva, il examina, mesura et déclara qu'il ne se sentait point capable de terminer l'église. Le grand problème était de former la voûte.

Le roi fit appeler un autre architecte, et encore d'autres; vain effort, car tous refusaient de s'occuper du travail, et des années se passèrent ainsi. Enfin Martin Lourenço reparut, et les travaux continuèrent au grand étonnement de tous. Cette longue absence de l'architecte peut s'expliquer par ses occupations aux forteresses lointaines, dans l'Algarve, parce que un document parle de travaux dirigés par Martin Lourenço, à cette époque, à Alcacer Ceguer.

Ce qui est certain, et très important, c'est que la nef principale et le transept, cette élégante charpente faite selon un plan bien déterminé et suivi, est pure de toute altération. La ligne d'ensemble du sanctuaire, avec sa belle voûte est également conservée; les belles tribunes renaissance diffèrent

N'este edificio temos: poucos restos do edificio anterior; devemos todavia marcar a existencia d'uma porta lateral, que abria para o lado norte; o templo fins do seculo XV, e começo do XVI; o claustro contiguo ao templo, de que resta um fragmento, construido em 1376.

As arcadas do claustro eram ogivaes de granito, apoiadas em parelhas de columnellos de marmore branco.

No museu da Bibliotheca Publica Eborense ha um trecho do claustro, armado, assim como a elegante janella geminada, que tem na soleira pequeninos azulejos de relevo embutidos, e a janella de peitos, do *quarto da rainha,* mimoso exemplar da renascença. Tambem ahi se encontra um grande relevo em marmore representando a Annunciação, lavrado na era de 1420, que é o anno de 1382; foi encontrado no claustro.

Encostada ao lado norte da egreja ha uma capella com entrada independente, é a antiga egreja de S. Joãosinho, onde esteve nos seus primeiros annos a irmandade da Misericordia. A portada d'esta capella é em granito, estylo renascença, mas de execução um tanto especial.

Em 1860-62 foi construida a torre dos sinos e se fizeram algumas reparações. A egreja apresentou depois fendas assustadoras. Em 1894-95 á custa do dr. Francisco Barahona, benemerito ha pouco fallecido, se procedeu a grandes concertos, na egreja e annexos.

Casa dos ossos

Os franciscanos tinham cemiterios geraes; a gente pobre tinha ali covaes gratuitos; grande parte do terreiro que fica a norte da egreja era cemiterio; enterravam tambem nos claustros e na egreja. Por consequencia reuniram muitas ossadas, formaram grandes ossuarios.

Em alguns paizes os franciscanos fizeram catacumbas para armazenar ossos; em certos sitios a esse agrupamento d'ossos, frades pacientes deram arrumação methodica, ás vezes artistica; isto principalmente na Italia. Em Portugal a casa dos ossos é exemplar unico; algum frade italiano ou que veio de Italia enthusiasmado com algum ossuario artistico, fez aquelles frisos de caveiras, as pilastras de femures, as paredes com ossos das pernas e braços, rodapé de azulejos e nos vãos da abobada estuques pintados; vê-se uma mumia de adulto e outra de creança, e um quadro proximo com um soneto macabro; proximo uma urna de marmore que encerra os ossos dos frades fundadores do mosteiro.

Ainda ha pouco recebi um bilhete postal illustrado representando o cemiterio dos Capuchinhos, em Roma; ahi a ornamentação com ossos humanos é mais complicada e engenhosa; o lugubre artista da casa dos ossos d'Evora era muito inferior ao collega romano.

El-rei D. João V visitou em 1716 a casa dos ossos, e ficou muito impressionado; fr. Jeronimo de Belem, na *Chronica serafica,* limita-se a dizer que el-rei a visitára com *aspecto regio;* comprehende-se que o elegante monarcha não olhasse com muita sympathia aquella ornamentação.

Na passagem da egreja para esta casa havia uma imagem celebre na tradição eborense; era um Christo, de antiga pintura, de aspecto assustador. Uma vez o guardião afflicto com as desordens dos frades, pediu-lhe protecção; a imagem disse em claro latim: *rege eos in virga ferrea.* O frade seguiu conselho de tamanha auctoridade, castigou severamente os revoltosos, e tudo entrou em paz.

A esta egreja de S. Francisco ligam-se muitas recordações; a capella real, paço e convento communicavam-se intimamente por sete portas; toda essa côrte brilhante de D. Manuel e D. João III por aqui rezou e ouviu musica.

N'esta egreja professou fr. Antonio das Chagas, ou melhor começou a professar; ia a cerimonia em meio quando entrou uma bala no templo, da artilheria hespanhola que estava bombardeando a cidade; foram terminar a profissão na casa capitular. N'esta mesma casa, sob não sei que campa, jaz a pobre abbadessa do mosteiro de S. Bento, assassinada pela gente meuda d'Evora nos alvorotos do mestre d'Aviz, tragedia magistralmente contada por Fernão Lopes. Na egreja, não se sabe onde, deve estar a ossada de Gil Vicente.

déjà des fenêtres en ogive; le grand retable en marbres polis est du XVIII^me^ siècle et fut fait en 1773 par ordre et aux dépens du chanoine Antonio Landim de Saude. Je pense que les grandes balustrades toutes en marbre bien travaillé, qui séparent le sanctuaire du transept, et celui-ci de la nef et des bas côtés, sont de la même époque.

Nous trouvons dans cet édifice peu de restes de l'édifice antérieur; toutefois nous devons signaler une porte latérale qui ouvrait sur le côté nord; le temple de la fin du XV^me^ siècle et commencement du XVI^me^; le cloître contigu au temple, dont il reste un fragment, construit en 1376.

Les arcades ogivales du cloître étaient en granit appuyées sur de doubles colonnettes en marbre blanc.

Dans le musée de la Bibliothèque publique d'Evora il y a un fragment du cloître, bien disposé, de même que la jolie croisée géminée, dont le seuil est orné de petites faïences incrustées en relief, et la fenêtre à appui de la *chambre de la reine,* précieux exemplaire de la renaissance. On voit aussi là un grand bas relief en marbre représentant l'Annonciation, exécuté pendant l'ère 1420, qui est l'année 1382 et qu'on a trouvé dans le cloître.

Adossée au côté nord de l'église il y a une chapelle avec son entrée indépendante; c'est l'ancienne église de S^t^ Joãosinho, où a été, pendant les premières années de son existence, la communauté de la Miséricordia. Le portail de cette chapelle est en granit de style renaissance, mais d'une exécution assez originale.

En 1860-62 on a construit le clocher et fait quelques réparations. L'église présenta plus tard des fentes inquiétantes. Le Dr. Francisco Barahona, méritant citoyen d'Evora récemment décédé, fit en 1894-95 faire d'importantes réparations dans l'église et ses dépendances.

Salle des os

Les franciscains avaient des cimetières généraux où les pauvres avaient des fosses gratuites; une grande partie du terrain situé au nord de l'église était le cimetière; on inhumait aussi dans les cloîtres et dans l'église, et par conséquent on réunit beaucoup d'ossements, formant de grands ossuaires.

Dans quelques pays les franciscains firent des catacombes pour garder des ossements, et en certains endroits les moines patients groupèrent ces os d'une manière méthodique, souvent artistique, surtout en Italie. En Portugal cette salle des os est un exemplaire unique; quelque moine italien ou revenant d'Italie, enthousiasmé avec un ossuaire artistique quelconque, aurait fait ces frises de têtes de morts, ces piliers de fémurs, ces murs avec des os de jambes et de bras, ce lambris de faïences et dans les panneaux de la voûte des stucs peints; on voit une momie d'adulte et une autre d'enfant, et un tableau avec un sonnet macabre; tout près il y a une tombe de marbre contenant les restes des moines fondateurs du monastère.

J'ai reçu dernièrement une carte postale illustrée représentant le cimetière des Capucins à Rome, et où l'ornementation avec des ossements humains est plus ingénieuse et compliquée; le lugubre artiste de la salle des os d'Evora était très inférieur à son collègue romain.

En 1716 le roi D. Jean V visita la salle des os, qui l'impressiona beaucoup; fr. Jeronymo de Belem, dans sa *Chronica serafica,* se borne à dire que le roi l'a visitée avec un *aspect royal;* on comprend que l'élégant monarque n'ait pas trop sympathisé avec cette ornementation.

Sur le passage de l'église vers cette salle il y avait une image célèbre dans la tradition locale; c'était un Christ, d'ancienne peinture et d'un effrayant aspect. Un jour le gardien affligé des désordres des moines implora sa protection et l'image répondit en pur latin: *rege eos in virga ferrea.* Le moine suivit ce sage conseil punissant sévèrement les rebelles, et tout rentra dans l'ordre.

Beaucoup de souvenirs sont reliés à cette église S^t^ François; la chapelle royale, le palais et le couvent communiquaient intérieurement par sept portes; toute cette cour brillante de D. Manuel et de D. Jean III, y venait prier et écouter de la musique.

C'est dans cette église que fr. Antonio das Chagas fit sa profession, ou, pour mieux dire, qu'il la commença; au milieu de la cérémonie une balle tomba dans le temple, lancée par l'artillerie espagnole qui bombardait la ville; la cérémonie religieuse se termina dans la salle du chapitre. Sous une des

Portada dos Loios

Este edificio dos Loios d'Evora, é um conjuncto de obras d'arte; pertence ao pequeno numero de construcções privilegiadas pelo acaso em que successivas épocas ficaram representadas, juxtapostas, sem aniquilação do trabalho passado. Casa dos Loios, onde hoje está o collegio, e contiguo palacio das cinco quinas, tudo pertence aos duques de Cadaval. O estudioso tem ahi varios motivos para meditação, o artista encontrará nitidos exemplares de capiteis arabes, de graciosas janellas mouriscas; do ogival no portico da egreja, e nos delicados lavores das campas de bronze, da renascença nos ediculos tumulares; finos relevos em fino marmore, e azulejos esplendidos; uma elegante tribuna, singular obra de entalhado na capella-mór; no claustro, felizmente bem conservado e muito interessante, o formoso portico amouriscado, de amplas linhas desafogadas e de singular lavor. Esse portico abre para uma casa, talvez o capitulo, com a sua artificiosa abobada, e logo o refeitorio, que está ainda muito bem; e seguindo atravez o quintal, ao fim, já proximo da muralha que dá para o Seminario, encontra-se uma casa, intacta, muito ampla, que julgo ser uma sala d'armas, do seculo XIV. No alto torreão ameado duas janellas arabes, de ogiva, geminadas, trabalhadas em pedra da Arrabida, com flôres em forte relevo, e capiteis de mimoso lavor. Uma d'essas janellas deita para o largo do passeio de Diana, outra, na mesma casa, deita para o pateo; para aqui tambem as janellas mouriscas, em arco de ferradura, em marmore e tijolo. Na galeria de entrada, nas portas, ha vergas, columnas, capiteis muito antigos. É um bello conjuncto, onde se encontram cousas raras, como as campas de bronze de arte flamenga, as janellas arabes, e exemplares de boa execução.

Por ahi passaram muitas gerações. É a casa dos condes de Olivença, de Tentugal, marquezes de Ferreira, duques de Cadaval. O fundador do mosteiro foi D. Rodrigo de Mello, guarda-mór d'el-rei D. Duarte, companheiro nas guerras de D. Affonso V e primeiro capitão de Tanger.

Uma das campas de bronze é do magnifico Ruy de Sousa, senhor de Sagres e de Beringel, companheiro de Affonso V, João II e ainda de D. Manuel. A mulher d'este, Branca de Vilhena, tem por tampa da jazida uma chapa de bronze com profusa e elegante decoração em ogival florido.

Na capella-mór e no cruzeiro ha umas campas notaveis, rasas mas com retratos, evidentemente, gravados na pedra; são as sepulturas de D. Alvaro de Bragança e D. Rodrigo de Mello, e suas mulheres. A collecção dos letreiros sepulcraes d'esta egreja é de interesse historico.

A estampa representa o portico da casa capitular; vê-se um trecho do claustro, uma columna da arcada, parte da abobada com seus artezões e fecho; percebe-se ainda a bancada do capitulo, e a nascença angular da artistica cobertura d'essa casa. Vê-se bem a differença entre o lindo marmore branco de Extremoz e o granito pardacento.

As finas columnas torcidas, as bases de planos cortados e encanastrados, os capiteis de aprimorado lavor, e o medalhão que representa a tranqueira d'Arzilla embandeirada, são em marmore; toda a moldura e os arcos de volta de ferradura, de relevo bem saliente, são em granito. É um exemplar notavel da fusão, ou combinação do chamado gothico com o arabe; e mais ainda porque nos capiteis e bases de marmore alguns sentem influencia da arte indiana. O emprego do arco de ferradura, influencia mourisca, é frequente em Evora; influencia indiana é aqui muito attenuada. O mosarabe domina e fraternisa com a renascença.

Este numero da *Arte e a Natureza em Portugal* apresenta exemplares do fim do seculo XV, começo do seculo XVI, portada dos Loios e galilé de S. Francisco, com o caracter do mourisco ou mosarabe eborense.

Gabriel Pereira.

tombes de cette même salle, gît la pauvre abbesse du monastère de S. Bento, assassinée lors des révoltes du maître d'Aviz par le peuple d'Evora, tragédie magistralement racontée par Fernão Lopes. Dans l'église, on ne sait pas en quel endroit, doivent être les restes de Gil Vicente.

Porte des Loios

Cet édifice des Loios d'Evora, est un ensemble d'œuvres d'art, appartenant au petit nombre de constructions privilégiées par le sort, et qui représentent des époques successives, juxtaposées, sans endommager le travail passé. La maison des Loios, où est aujourd'hui le collège, et le palais contigu des cinq *quines*, tout cela appartient aux ducs de Cadaval. Le studieux y trouvera divers sujets à méditer, l'artiste y aura de beaux exemplaires de chapiteaux arabes, de gracieuses fenêtres mauresques; de l'ogival du portail et des délicats ornements des tombeaux en bronze, de la renaissance dans les édicules tumulaires; des reliefs les plus fins en beau marbre, des faïences splendides; une tribune magnifique, le travail original en mosaïque du maître autel; dans le cloître, très intéressant, et heureusement, bien conservé, un beau portique de genre mauresque, aux lignes hardies et d'un travail précieux. Ce portique ouvre sur une salle, peut-être du chapitre, avec sa voûte artistique et ensuite le réfectoire, qui est encore en bon état; suivant à travers le jardin, tout au bout, près de la muraille qui touche au Séminaire, on voit une salle intacte, très vaste, que je suppose une salle d'armes du XIV^me^ siècle. La haute tour crénelée est percée de deux fenêtres arabes, en ogive, géminées, travaillées en pierre de Arrabida avec des fleurs en haut relief et des chapiteaux délicatement fouillés. Une de ces fenêtres donne sur la place de la promenade de Diane, l'autre du même appartement a vue sur la cour, où l'on voit encore d'autres fenêtres mauresques, en fer à cheval, faites en marbre et en briques. Dans la galerie d'entrée, sur les portes il y a des linteaux, des colonnes et des chapiteaux très anciens. C'est un bel ensemble où l'on trouve des choses rares, comme des tombes en bronze de l'art flamand, des fenêtres arabes et des exemplaires de belle facture.

Beaucoup de générations ont passé par là. C'est la maison des ducs de Olivença, de Tentugal, des marquis de Ferreira, ducs de Cadaval. Le fondateur du monastère fut D. Rodrigo de Mello, commandant des gardes du roi D. Duarte, compagnon d'armes de D. Alphonse V et premier capitaine de Tanger.

Une des tombes en bronze est du fameux Ruy de Souza, seigneur de Sagres et de Beringel, compagnon d'Alphonse V, Jean II et encore de D. Manuel. La femme de celui-ci, Blanche de Vilhena, a sur son tombeau une plaque de bronze avec une abondante et gracieuse décoration, en ogival fleuri.

Dans le sanctuaire et le transept on voit des tombes rases, remarquables, avec des portraits évidemment gravés sur la pierre, ce sont les sépultures de D. Alvaro de Bragança et D. Rodrigo de Mello, et leurs femmes.

La collection d'inscription tombales de cette église est d'un intérêt historique.

La gravure représente le portique de la salle du chapitre; on voit une partie du cloître, une colonne de l'arcade, une partie de la voûte avec ses nervures et sa clef; on aperçoit encore les stalles du chapitre et la naissance angulaire du plafond artistique de cette salle. On voit bien la différence entre le beau marbre blanc de Extremoz et le granit grisâtre.

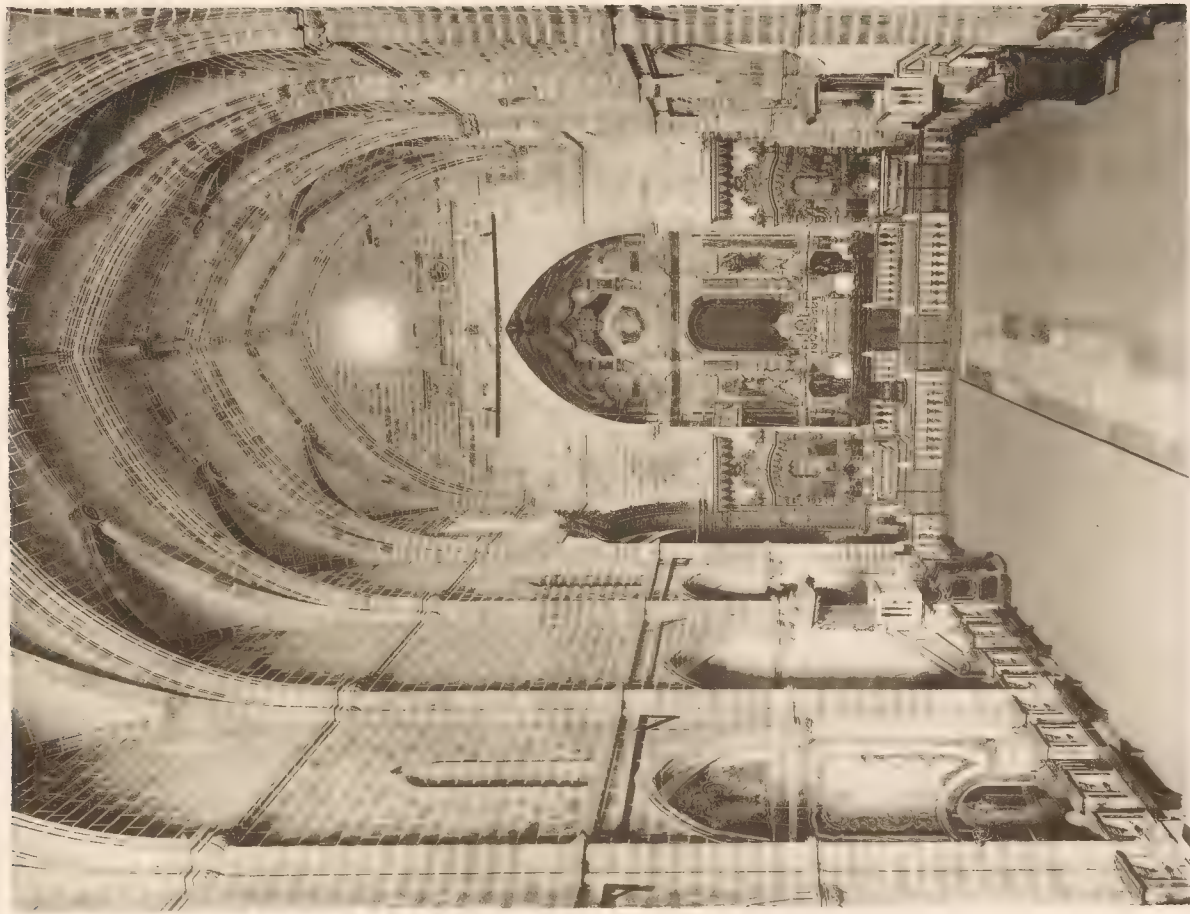
Les fines colonnes torses, les bases des plans coupés et les treillis, les chapiteaux d'un travail admirable, et le médaillon qui représente la palissade d'Arzilla pavoisée, sont en marbre; tout l'encadrement, et les arcs en fer à cheval, en relief bien saillant, sont en granit. C'est un bel exemplaire de la fusion, ou combinaison du style nommé gothique avec l'arabe, d'autant plus que dans les chapiteaux et les bases de marbre on croit sentir l'influence de l'art indien. L'emploi de l'arc en fer à cheval, d'influence mauresque, est fréquent à Evora; l'influence indienne est ici très atténuée. Le mosarabe domine et fraternise avec la renaissance.

Ce numéro de la *Arte e à Natureza em Portugal* présente des constructions de la fin du XV^me^ siècle, du commencement du XVI^me^, le portail des Loios et le porche de S^t^ François, avec le caractère du mauresque ou mosarabe *eborense* (d'Evora).

Gabriel Pereira.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vestibulo da Egreja de S. Francisco

EVORA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Interior da Egreja de S. Francisco

EVORA

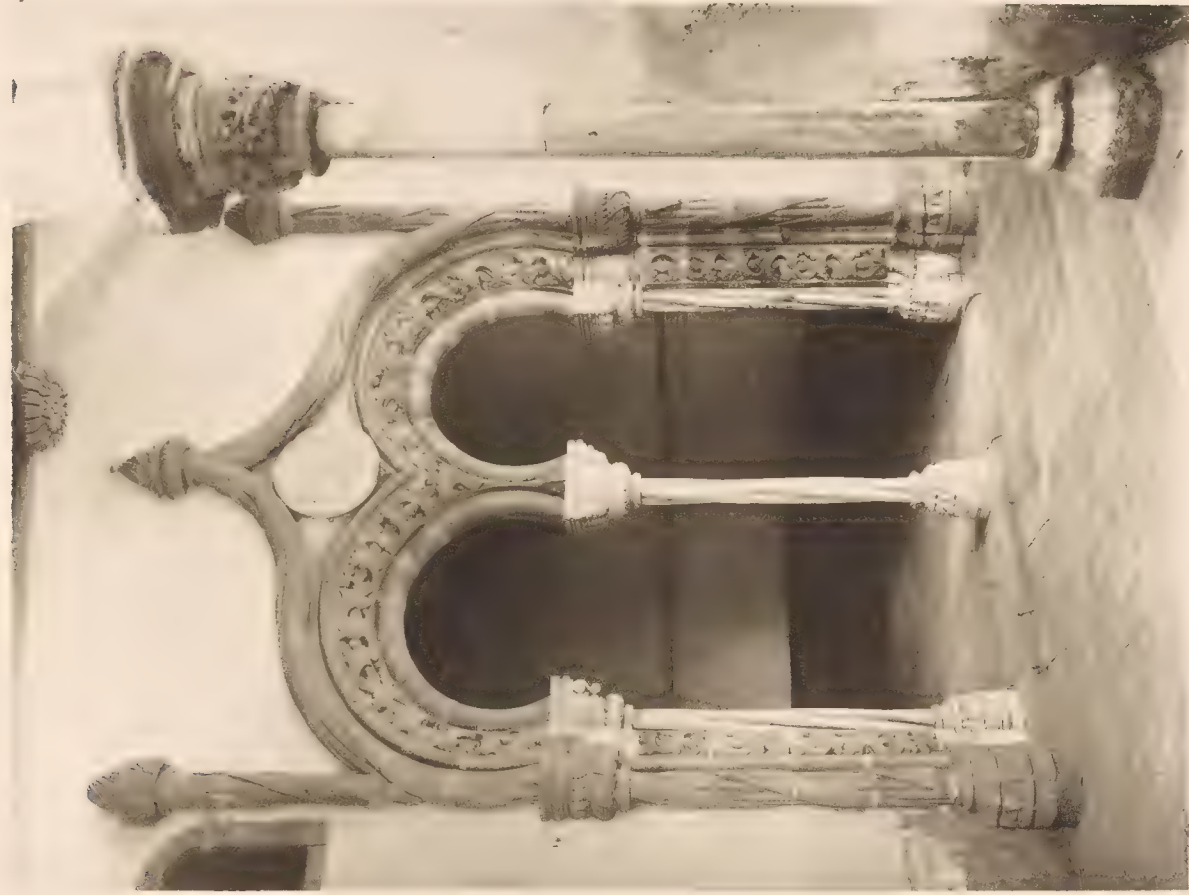
A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Casa dos ossos na Egreja de S. Francisco

EVORA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO.

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Portada dos Loios
EVORA

Eira e adega no Alemtejo

eira onde se debulha o cereal, a adega onde se guarda o vinho apparecem agora n'esta publicação, dando um aspecto especial na vida alemtejana.

As photographias que tenho á vista mostram o povo trabalhador na faina da eira, ao calor do sol, na luz intensa do estio; e a fresca adega de colossal ceramica, no silencio e na meia luz, onde serenamente fermentam, se clarificam e envelhecem os vinhos. Não vou entrar nas grandes questões que agitam agora mesmo a economia do paiz, trigos e vinhos; attendo apenas a duas feições da vida agricola; a divina Céres e o padre Baccho não conheceram syndicatos nem companhias. É o santo trabalho agricola:

> Ó vida dos lavradores
> Se elles conhecessem bem
> As avantagens que tem
> Aquelles santos suores
> Que santamente os mantem.
>
> (Sá de Miranda, *Epist. ao Senhor de Basto*).

É o trigo e o vinho que chegam ao altar no mais alto do symbolismo christão, como a espiga e a vinha se combinam tantas vezes na arte. Porque o trigo e o vinho têm importancia social, são bases de civilisação n'uma grande parte da historia humana. Tanto o trigo como a vinha dão que fazer a muita gente, espalham salarios frequentes vezes no anno, produzem vida e alegria. Porque estes trabalhos do campo têm o seu ar de festa; que nobre que é o lavrador rasgando a terra, rodeado do bando de finas alveloas, o semeador espalhando o grão em arcos dourados, a vindima n'um descante pegado.

O terreno inculto é o inimigo, o grande atrazo; é preciso roçar matto, desbravar os cerros de esteval; vão acabar as terras más, a adubação as tornará aproveitaveis. Os interesses augmentam, a população cresce; d'aqui a trinta annos poderá haver em Portugal oito milhões de habitantes. É preciso proteger a agricultura, fortalecer-lhe o braço, e illuminar-lhe a alma. Pobre agricola alemtejano tão esquecido nos isolados *montes*, nas suas aldeias e villas brancas de cal! Por varios motivos, no actual momento, pensadores, moralistas, estadistas de olhar penetrante fallam de protecção á gente dos campos.

O camponio entra na revolução sideral, saturado de natureza, e na ideia, no habito da lei. A vida d'elle é rithmica, variando com os tempos; não é monotona. O operario rural tem grande melhoria no seu modo de viver, porque trabalha ao ar livre, e lida com sêres vivos, animados; vive e está a vêr a vida; o operario da cidade, da fabrica, da officina, trabalha *dentro*, em espaço limitado, e trata de coisas brutas, mortas, metaes, ou madeiras, em cheia monotonia. Na cidade ha o luxo e a luxuria, o roçar difficil de categorias, os vicios tentadores, a reacção contra a lei. A ideia de patria é natural no campo, é instinctiva, nasce da terra; na cidade não é; como terá idéa de patria um sujeito que mora em tal andar do numero tantos de certa rua?

Assim na vida do rural vê-se moralidade, intelligencia, variedade. A grande officina com a especialisação de trabalhos, leva á inutilidade nervosa, á bestificação. O rural tem esperança; o agricultor espera sempre; espera o sol, ou a chuva, a colheita e a cria; o pobre da cidade vê sempre a monotona fatalidade; é um instrumento, um appendice da machina. Logicamente o rural tendo o gosto da *terra*, deseja possuir terreno, ter onde cair morto; é a sua grande ambição ser proprietario ainda que seja da pequena comella, ou do casebre com seu apertado quinchoso. A propriedade é uma honra, aqui, e, creio, que em toda a parte. Já um poeta, Pomairols me parece, escreveu:

> C'est un très grand honneur de posséder un champ,
> Soit riche, soit stérile, en plaine ou bien penchant,
> Une part, en tout cas, de l'immense nature.

Aire et cave dans l'Alemtejo

'aire où l'on bat le grain, la cave où l'on garde le vin paraissent aujourd'hui dans cette publication, donnant un aspect spécial de la vie de l'Alemtejo.

Les photographies que j'ai sous les yeux montrent bien le peuple travaillant au labeur de l'aire, sous l'ardent soleil et la lumière intense de l'été, et la cave fraiche en faïences colossales pleine de silence et d'ombre où les vins fermentent, se clarifient et vieillissent. Je n'aborderai pas les graves questions qui, à ce moment même, agitent l'économie du pays — les blés et les vins, je m'occuperai à peine de deux traits de la vie agricole; la divine Cérès et le père Bacchus ne connurent ni compagnies, ni syndicats. C'est le saint travail agricole.

> Ó vie des laboureurs
> S'ils connaissaient bien
> les avantages que donnent
> ces saintes sueurs
> qui les maintiennent saintement.

Le blé et le vin arrivent sur l'autel sous la forme la plus élevée du symbolisme chrétien, comme la vigne et les épis se mélangent si souvent dans les arts; le blé et le vin ont une importance sociale, ils sont les bases de la civilisation, dans une grande partie de l'histoire humaine; l'un et l'autre donnent de l'ouvrage à beaucoup de monde, ils répandent des salaires plusieurs fois dans l'année et produisent la vie et la joie; ces travailleurs des champs ont un air de fête, et comme ils sont nobles, en déchirant le sein de la terre, entourés de bandes de hoches-queues, semant le grain en courbes dorées, vendangeant au son des continuelles chansons!

Le terrain inculte est l'ennemi du progrès; il faut couper les bois, défricher les monts des mauvaises herbes; en finir avec les mauvaises terres que le labourage rendra profitables; les intérêts augmentent, la population croît, dans trente ans le Portugal pourra compter huit millions d'habitants. Il faut protéger l'agriculture, fortifier son bras, éclairer son esprit. Actuellement et pour diverses raisons, penseurs, moralistes et hommes d'état aux vues pénétrantes, tous parlent de protection au peuple des campagnes, mais qu'il est pauvre, l'agriculteur de l'Alemtejo, si oublié, dans ses monts solitaires, dans ses villages et dans ses hameaux blanchis à la chaux!

Le campagnard entre dans l'évolution sidérale, saturé de nature, et dans son idée, réglé par la loi. Sa vie est rythmée, variable selon les temps, mais jamais monotone. L'ouvrier rural bénéficie dans sa manière de vivre, parce qu'il travaille au grand air, fraie avec des êtres vivants et animés; il vît et voit la vie; l'ouvrier de la ville, de la fabrique ou de l'atelier travaille *au dedans*, dans un espace restreint et s'occupe de choses brutes, inertes, des métaux, du bois, en pleine monotonie. Dans les villes il y a le luxe et la luxure, le frottement difficile des classes, les vices qui tentent, la réaction contre la loi. L'idée de patrie est instinctive et naturelle, dans les campagnes, elle naît de la terre; comment la moindre pensée patriotique peut-elle venir à l'individu qui demeure, dans une rue quelconque, perché à un étage de tel numéro?!

Ainsi dans la vie rurale on observe de la moralité, de l'intelligence et de la variété. Le grand atelier avec les travaux spécialisés, conduit à l'inutilité nerveuse, à l'hébêtement. Le campagnard espère, l'agriculteur attend toujours, le soleil, la pluie, la récolte ou les produits animaux; le pauvre citadin voit constamment la fatalité monotone; il est un instrument, un appendice de la machine. Logiquement le rural prenant goût à la *terre*, désire posséder du terrain à lui; sa grande ambition est d'être propriétaire d'un petit lopin de terre, ou de la chaumière avec son petit enclos. La propriété est un honneur ici, et, partout, je le pense. Même un poète, Pomairols, il me semble, a écrit:

> C'est un très grand honneur de posséder un champ,
> Soit riche, soit stérile, en plaine ou bien penchant,
> Une part, en tout cas, de l'immense nature.

O rural faz gymnastica ao ar livre, em rapaz trepa ás arvores, guarda ovelhas ou rebanhos, ás corridas pelos outeiros; é alguem, um chefe, commanda e dirige; o rapaz da cidade respira no máo ar, em estreito casebre; pobres creaturas as creanças dos pobres nas cidades. Pelas questões de moral social, ordem, hygiene, riqueza ha actualmente certo movimento a favor dos campos. Para o caso do operario fabricante o desejavel é a transformação do trabalho da fabrica em occupação caseira; o que póde ter como resultado o lavor individual, com cunho pessoal, campo aberto para variar, estilisar e inventar.

O campo no Alemtejo tem horizontes largos; não offerece varzeas dilatadas, grandes extensões planas, mas o terreno brandamente ondulado deixa largueza á vista. Grandes manchas de montados ou florestas de azinheiras e sobreiros molduram terras de pão ou pastagem; ainda bastantes terrenos incultos por onde vagueiam rebanhos de cabras. O arvoredo do montado tem um tom verde escuro, atirando para pardacento, mais severo que viçoso. A redor dos povoados grandes olivaes, vinhedos, alguns hortejos e pomares. Nas grandes propriedades, as herdades, ha o *monte*, a casa de habitação do lavrador, proprietario, rendeiro ou feitor, com as suas dependencias e officinas.

N'uma lavoura mediana ha dezenas de homens a trabalhar, permanentes e eventuaes, abegões, carreiros, manageiros, creados, jornaleiros e a malta. As mulheres trabalham em arranjos domesticos, na amassaria, nas roupas, na cozinha. Ha grande differença nos costumes das populações ruraes do paiz.

O rural do Alemtejo usa chapéo de larga aba, jaqueta, safões de couro sobre a calça, borzeguins e sapatos fortes. Alguns trazem pelicas ou casacos de pelle de carneiro. Usam gabão e grandes mantas de lã, formadas de dois pannos cosidos com uma abertura no meio da costura.

Um grande typo que merece estudo é o pastor, que passa a vida com o seu rebanho, isolado na vasta campina. Este não tem o espectaculo das montanhas, como o da Estrella ou do Suajo, com as suas gradações de luz, os nevoeiros pegados aos dorsos arrelvados, rastejando brandos ou rasgados pela ventaneira, vistas que excitam a phantasia. Tem outra coisa mais solemne, a trovoada na charneca, implacavel, onde tudo parece estalar e tremer, quando giestas e estevas se tornam phosphorescentes; o negro bulcão abrindo-se em relampagos e coriscos, atroando tudo com o estampido do trovão; parece que o chão se abre no estourar medonho, e vê-se de subito a azinheira numa grande chamma.

O pastor traz comsigo o seu cajado, o seu alforje, o tarro de cortiça, um chifre com sal e azeitonas, e uma flauta. É musico, poeta e esculptor. Faz colheres de pau, ou caixas, com lavores abertos e embutidos; ás vezes esculpe tambem no chifre e na cortiça, com a sua navalhinha de pataco. Faz versos, ou se os não faz sabe-os de cór. Alguns são cantadores. Se é um isolado absoluto toca na flauta tres ou quatro motivos; se alguma vez foi á feira e ouviu uns cegos ou algum theatrinho, elle fixa uns compassos e arranja suas variações. Em geral é alegre, por vezes tende para satyrico.

Que esta gente do campo diverte-se; dançam, fazem bailaricos rijos; os velhotes á noite junto da cheminé, de lareira baixa, jogam a bisca; ha desgarradas entre cantores; se não ha theatro ha bonecos de Santo Aleixo; dizem versos; não falta a má lingua para accender cavaqueiras; e conversam muito a respeito dos casos das eleições, dos votos, das festas religiosas, e principalmente das riquezas, das grandes herdades, das muitas cabeças de gado. Vivem sem instrucção rudimentar, sem protecção social.

O parocho habita na villa ou na cidade. O proprietario fugiu do campo e aborrece-se na vida apagada e commoda.

Ha differenças entre o rural alemtejano e o do Ribatejo; ainda maiores com o algarvio e o da Estremadura; no corpo, nos usos, nas casas, no vestuario, na alimentação. Come assorda e migas, não conhece o caldo verde; é asseiado; usa meias e sapatos. É calçado e anda a cavallo. Um viajante estrangeiro nota em suas observações que em Portugal o povo calçado anda a cavallo, e o descalço a pé.

Isto de pé coberto ou descoberto não me parece bom elemento ethnographico; é um habito, e mau habito; é talvez consequencia da falta de calçado barato. Em Hespanha quasi que desappareceu já a gente descalça.

O alemtejano é mourisco, gódo, romano? nada d'isso me parece.

Soffreu a influencia latina, a arabe, mas o typo é mais remoto; aquelle vestuario de pelles é muito velho; conserva costumes de que Estrabão teve conhecimento. Deve ser de fundo antigo. É religioso, a seu modo; leva os gados a benzer, gosta de festas com foguetes e musica, mas não paga o bôlo ao padre, nem compra a bulla, como faz o rural do paiz do caldo verde. São poucas as bellezas femininas,

Le paysan fait de la gymnastique au grand air; gamin, il grimpe aux arbres, garde des brebis ou des troupeaux en courant sur les coteaux; il est quelqu'un, c'est un chef qui dirige et commande; le gamin de la ville respire un mauvais air dans une étroite masure, et quelles pauvres créatures, que les enfants pauvres des villes! Les affaires de morale sociale, d'ordre, d'hygiène et de richesse produisent actuellement un certain mouvement en faveur des campagnards.

L'ouvrier fabricant désire surtout travailler à domicile, ce qui peut avoir comme résultat le travail individuel, avec un cachet personnel, un champ ouvert à la variété, au style et à l'invention.

La campagne de l'Atemtejo a de vastes horisons; elle ne présente pas de larges plaines, de grandes étendues plates, mais le terrain doucement ondulé laisse s'épancher la vue. De grandes taches de chênaies, des bois de chênes-lièges et d'yeuses bordent les champs de blé et les pâturages; il y a encore beaucoup de terrains incultes où rôdent des troupeaux de chèvres. Les arbres ont une teinte vert sombre, tirant sur le grisâtre, d'un ton plus sevère que verdoyant. Alentour des hameaux on voit de beaux oliviers, des vignes, des vergers et des potagers. Dans les grandes propriétés ou fermes il y a le *mont*, la maison d'habitation du propriétaire agriculteur, du fermier ou intendant, avec ses ateliers et ses dépendances.

Une ferme moyenne fait travailler des dizaines d'hommes, fixes ou éventuels, des bouviers, des charretiers, des *manageiros*, des domestiques, des ouvriers et la bande des travailleurs. Les femmes s'occupent des travaux domestiques, du fournil, de la lingerie et de la cuisine. Les coutumes des populations rurales du pays diffèrent beaucoup.

Les paysans de l'Alemtejo portent le chapeau à larges bords, la veste, les houseaux de cuir sur le pantalon, les bottes et les gros souliers. Quelques-uns se couvrent de pelisses et de vestes en peau de mouton. Ils mettent des cabans et de grandes couvertures de laine, faites de deux lés cousus, avec une ouverture pour passer la tête.

Le pâtre qui passe la vie avec son troupeau, isolé sur la vaste plaine, est un type qui mérite d'être étudié. Il n'a pas le spectacle des montagnes, comme celles de Estrella ou Suajo, avec leur décor de lumière, les brumes collées aux flancs gazonnés, doucement traînantes ou déchirées par le vent, ni aucunes vues qui puissent exciter sa fantaisie.

Il a cependant quelque chose de plus solennel, la tempête implacable dans la lande stérile, où tout semble trembler et éclater, où l'on voit les genêts et les bruyères devenir phosphorescents; le nuage noir s'ouvre plein d'éclairs et de foudre, étourdissant tout avec l'éclat du tonnerre; on dirait que le sol s'ouvre dans l'horrible fracas et on voit subitement la chênaie dans une immense flamme.

Le pâtre apporte toujours sa houlette, son bissac, l'écuelle en liège, une corne avec du sel et des olives et une flûte. Il est musicien, poète et sculpteur. Il fait des cuillères de bois, des boîtes avec des dessins ajourés et incrustés; parfois il sculpte aussi la corne et le liège avec son canif de quatre sous. Il fait des vers, ou s'il n'en fait pas, il les sait par cœur. Quelquefois il est chanteur. S'il est un être absolument isolé, il joue trois on quatre airs sur sa flûte; si parfois il a été à la foire et a entendu des aveugles ou a été à un petit théatre, il retient quelques mesures et compose ses variations. Il est ordinairement enjoué, et parfois satyrique.

Ces gens de la campagne s'amusent; ils dansent à qui mieux mieux; les vieux se réunissent le soir près de la cheminée à l'âtre bas, et jouent aux cartes; on chante, on fait jouer des marionnettes de Santo Aleixo s'il n'y a pas de théatre, on dit des vers et la médisance ne manque pas pour égayer la conversation; on cause beaucoup à propos d'élections, de votes, de cérémonies religieuses et surtout des richesses, des grandes propriétés, du beau nombre de troupeaux, et l'on vit sans instruction rudimentaire, sans protection sociale.

Le curé habite le bourg ou la ville, le propriétaire a déserté la campagne, ennuyé de cette vie éteinte et commode.

On remarque des différences entre le paysan de l'Alemtejo et celui du Ribatejo, elles sont encore plus sensibles avec celui de l'Algarve et de l'Estremadura; sur leur apparence physique, leurs mœurs, leurs habitations, leurs vêtements et leur nourriture. Le campagnard de l'Alemtejo mange de la bouillabaisse, de la soupe à l'huile et ne connait pas le bouillon aux herbes; il est propre et porte des bas et des souliers, ce qui ne l'empêche pas d'aller presque toujours à cheval. Un voyageur étranger a fait la remarque, qu'en Portugal le peuple chaussé va à cheval, et celui qui est pieds nus va à pied.

Em certas freguezias do norte são frequentes as moças de boas fórmas e agradavel parecer; são raras no Alemtejo, mas ha bellezas estranhas, inesperadas, de fina tez, de lindos olhos, de feições mimosas; duram pouco; desabrocha aquella flôr em poucos annos e fana-se após o casamento. Não vejo parallelismo entre caras bonitas do Alemtejo e as extremenhas ou andaluzas tão proximas. São mais raras e mais preciosas, as alemtejanas; mas sendo raras e durando pouco será muitas vezes difficil encontrar alguma. Eu tive occasião de viajar com uns estrangeiros pelos campos do Alemtejo, que ficaram surprehendidos com duas carinhas que topamos; origem phenicia, evidentemente, dizia um d'elles, sabio um tanto enthusiasta, ao vêr a delicada creatura, de finas extremidades, suaves feições, grandes olhos escuros, ondeados cabellos castanhos, que, poucos annos depois, vi reduzida a uma pobre mulher de pelle encarquilhada e amarellecida.

. . . .

Duas estampas apresentam-nos eiras na labuta da debulha. Uma d'ellas tem ao fundo arvoredos sobre que apparecem altos de casaria, um edificio piramidal, a arcada de um aqueducto; é o zimborio da sé d'Evora, é um trecho do aqueducto de D. João III. No primeiro plano está a eira, o calcadouro; o trilho com a parelha de muares, os achegadores com as suas forquilhas, e uma carrada de palha na sua rede. É um quadro esta photographia, e um documento com valor ethnographico.

Na estampa onde se vê a debulhadora o grupo de gente de trabalho está muito bem disposto e apanhado, o grupo central, o carro de bois, o carreiro na frente, n'uma luz linda, de grande relevo, mostra bem os typos da região; os chapéos escuros de grande abas, os lenços ao pescoço por causa da transpiração. Corpos fortes e ageis, bem proporcionados. Os bois são de raça alemtejana, pêllo avermelhado, ossatura grossa, armação muito grande e aberta.

Está a carreta dos bois, e o carro das mullas, com as redes de esparto para transporte da palha. N'uma das estampas vê-se a carrada de palha já completa, formando grandes seios, disposição esta para evitar o contacto com as rodas. Ha especialistas em arrumar palha, como em fazer fascaes, armar lenha, ou abrir regos com a charrua. Nos arredores de Lisboa tenho visto saloios armando com certa arte as carradas de tojo, e enfeitando-as com ramos verdes nos cantos.

No Alemtejo a alfaia agricola está a transformar-se; é notavel mesmo, attendendo á modestia da nossa vida economica, o muito que nos ultimos annos se tem dispendido na acquisição de material agricola, e no augmento das culturas. E todavia ainda importamos muito trigo, e fava, e arroz.

É bem antiga a necessidade da importação; trigos do sul da Russia e de Marrocos vieram em tempos volvidos abastecer Portugal, depois veio a invasão dos palhinhas da America. Agora trabalha-se por evitar a importação do trigo que é exportação de ouro. E alguns já receiam que possa haver excesso de producção. No Alemtejo, outr'ora, conservava-se o trigo em silos ou covas de ter pão, na phrase usada em velhos documentos; frequentemente apparecem essas cavidades, ou grandes talhas subterraneas, quando fazem escavações para canos ou alicerces. É singular como cahiram em desuso tão rapidamente.

. . . .

Uma das estampas representa o interior de uma adega com sua louça e utensilios, pipas e pipos, funis e cantaros, alguidar, e a bilha de barro a que serve de tampa o competente pucaro; ao longo da parede as bojudas talhas.

A adega é de abobada de tijolo ligado com argamassa de cal d'obra com areia. A cal tem um tom pardo claro, o tijolo é vermelho escurecido, assim como as grandes talhas; é fraca a luz, fresco o ar; brilham só os funis de lata. Porque as paredes não estão rebocadas vê-se bem o systema de construcção seguido pelo pedreiro eborense, a maneira de collocar os tijolos nas pilastras, nos arcos, nos fechos da abobada. É sabida de ha muito a destreza do operario eborense em trabalhos d'este genero; tem a ousadia de fazer abobadilhas de volta muito abatida e ligeira, com os tijolos argamassados pelos lados menores. Ergue as abobadas de berço ou barrete sobre quaesquer bases rectas ou curvas, marcando eixos, alturas e desvios com uma geometria rudimentar mas segura, servindo-se de dois ou tres cordeis. O tijolo é muito poroso e a cal de grande força.

Ainda se fabricam talhas de barro, bem que vae dominando por toda a parte a vasilha, ás vezes enorme, de madeira.

Eu vi, ha bastantes annos, fabricar uma talha na villa de Reguengos. Sobre uma forte roda de

Le cas d'être chaussé ou déchaussé ne me semble pas un important élément ethnographique; c'est une habitude et assez mauvaise, peut-être dûe à la cherté des chaussures. En Espagne on ne voit presque plus de gens pieds nus.

Le paysan de l'Alemtejo est-il maure, goth, ou romain? il ne me semble rien de cela.

Il a souffert l'influence latine, l'arabe, mais le type est plus ancien; ce vêtement de peau aussi, et il conserve des coutumes du temps de Strabon.

Son origine doit être très reculée; il est religieux à sa manière, fait bénir ses troupeaux, aime les fêtes à musique et feux d'artifice, mais il ne paie pas l'obole au prêtre, et n'achète pas sa bulle, comme fait le rural du pays du bouillon aux herbes. Les beautés féminines sont rares; tandis que dans des hameaux du nord on voit souvent de belles filles à la mine agréable, on n'en aperçoit presque pas dans l'Alemtejo, mais on trouve des beautés étranges, et inattendues, aux traits délicats, avec des yeux admirables et la peau fine; elles durent peu; ce sont des fleurs qui s'épanouissent en peu de temps mais que le mariage fane aussitôt. Je ne vois pas de comparaison entre les jolis visages de l'Alemtejo et ceux de l'Extremadure ou de l'Andalousie, si rapprochés. Les beautés de l'Alemtejo sont plus rares et plus précieuses et justement pour celà et parcequ'elles durent peu, il est très difficile d'en trouver. Voyageant un jour avec des étrangers dans la campagne de l'Alemtejo nous fûmes surpris de deux gentils minois que nous rencontrâmes; un de mes compagnons, savant assez enthousiaste, attribuait une origine phénicienne à cette créature délicate, aux extrémités fines, aux traits doux, aux grands yeux foncés et aux chevaux châtains ondulés, que, quelques années après, je retrouvais réduite à une pauvre femme à la peau ridée et jaunâtre.

. . . .

Deux gravures nous montrent des aires dans le travail du battage. Au fond de l'une on voit des arbres au dessus desquels paraissent les sommets de hautes maisons, un édifice pyramidal, l'arcade d'un aqueduc; c'est le dôme de la cathédrale d'Evora et une partie de l'aqueduc de D. João III. Au premier plan se trouve l'aire, l'airée, le rouleau avec le couple de mulets, les aides avec leurs fourches et une charretée de paille dans son réseau. Cette photographie est un tableau, et un document de valeur ethnographique. Sur la gravure où l'on voit la batteuse, le groupe des travailleurs est très bien disposé; au centre, dans une belle lumière, de grand relief, se trouve le char à bœufs avec le charretier en avant, et l'ensemble montre bien les types de la région, avec leurs chapeaux sombres à larges bords, les mouchoirs autour du cou à cause de la transpiration. Les corps sont robustes, agiles et bien proportionnés; les bœufs sont de la race de l'Alemtejo, au poil roux, à large carrure, aux cornes très grandes et ouvertes.

Voici la charrette à bœufs, le char des mules, avec les filets de corde pour transporter la paille. Une des gravures nous montre la charretée de paille déjà prête, formant de grands mamelons, et disposée ainsi pour éviter le contact avec les roues. Il y a des spécialistes pour l'arrangement de la paille, de même que pour former les tas, pour faire les faisceaux de bois, ou pour ouvrir les sillons avec la charrue. Aux environs de Lisbonne j'ai vu des paysans disposer avec un certain art les charrettées de bois mort, avec les coins ornés de bouquets verts.

Dans l'Alemtejo on s'occupe de transformer le travail agricole, et même, vu le peu de ressources dont on dispose, il est remarquable de voir ce que l'on a dépensé dans les dernières années pour l'acquisition de matériel agricole et l'augmentation des cultures. Et cependant nous importons encore beaucoup de blé, de fèves et de riz.

Cette nécessité d'importation est bien ancienne; autrefois des blés de la Russie méridionale et du Maroc furent apportés en Portugal, ensuite vint l'invasion des *palhinhas* d'Amérique. Maintenant on tâche d'éviter l'importation du blé qui est l'exportation de l'or. Et on craint déjà qu'il puisse y avoir excès de production. Autrefois dans l'Alemtejo on conservait le blé dans des silos ou fossés à mettre le pain, selon le terme employé dans les vieux documents; on retrouve encore fréquemment de ces cavités ou grands vases souterrains, lorsqu'on fait des excavations pour des fondements ou des canalisations. Il est singulier comme cela est si rapidement tombé en désuétude.

. . . .

Une des gravures représente l'intérieur d'une cave avec sa vaisselle et ses ustensiles, tonneaux, fûts, entonnoirs, vases, cuves, et la cruche de terre ayant pour couvercle habituel le petit pot en terre; le long du mur sont rangées les jarres ventrues.

madeira de meio metro de diametro o oleiro poz a massa de barro, em disco, a que deu a fórma circular, um caniço marcava o centro, outro bocado de caniço o raio, e a roda girando lentamente deu o circulo exacto; um fio de prumo pendia do tecto; com esse prumo se acertou o centro do disco; o fio era o eixo da talha. O oleiro colloca uma camada no bordo do disco, aconchega-a com as mãos, o caniço marcando sempre a distancia ao prumo; depois gira lentamente a roda; nova camada ou zona de barro, sempre o caniço a marcar distancias, o raio que vae augmentando até dois terços da altura; depois diminue até á bocca com seu rebordo. Formavam talhas de fundo tão delgado que para evitar tombos e as manter direitas era preciso acompanhal-as d'alvenaria, até dois ou tres decimetros.

Sabem todos que os romanos usavam amphoras de tão esguio fundo, que era preciso para as conservar direitas pôr camadas d'areia no chão dos armazens. Nos logares de venda as amphoras estavam encostadas, em series obliquas. Ainda hoje se encontram muitas vasilhas romanas para comparar.

Grandes barristas foram os mouros e é de notar que grande numero dos vocabulos da arte e de utensilios de barro denunciam origem mourisca. Já em tempos prehistoricos houve grandes barristas aqui n'este occidente da peninsula.

Recordemos a elegante ceramica com fina ornamentação encontrada nas sepulturas da Quinta do Anjo e na gruta de Cascaes.

A talha bojuda é mais moderna que a alongada. As talhas do seculo XVII representadas na outra estampa estão mais proximas do corpo da amphora romana vulgar.

Como se vê na estampa, a base é de tão pequeno diametro que para conservar as talhas seguras foi preciso acompanhal-as de alvenaria ou tel-as mantidas por corda ou cadeia. A razão de tal fórma está na utilidade que ha para facil mudança da grande vasilha, ou para a poder inclinar ou deitar no chão para limpeza ou arranjo do interior.

A mais evidente tem a data 1682 gravada no barro, quando ainda fresco. Ha muitas datadas e com signaes varios, cruzes, sinos-samões, e nomes de individuos. Tão nitida é a photographia que tenho presente, que mostra a rudeza do trabalho; vê-se o zonamento da superficie, as differentes camadas que o operario foi sobrepondo na formação do bojo.

Como se vê, houve alteração no feitio da talha, ainda que o processo se conservou primitivo. É que a industria popular tem variantes, soffre evolução tambem. Assim a louça de Estremoz moderna, a popular, differe em feitio e enfeite da do começo do seculo XIX; a conhecida mobilia d'Evora, a cadeirinha de pinho da terra, com assento de tabúa e pintura de flôres, vem da antiguidade mas variando lentamente, de modo que a cadeira de 1830 differe bastante da de 1900.

Nem só para conservar o vinho servem as talhas, tambem as utilisam para vinagre e azeite; e ainda que o material vinario é mui diverso actualmente, a talha deve conservar-se; é um deposito barato, de facil manusear, tem extraordinaria duração, pois ha talhas seculares; e o quente Alemtejo precisa d'aquella louça de barro nas frescas adegas de grossas paredes e abobadas. Ali na frescura, na meia luz, a aragem entrando pelas estreitas frestas, na grande vasilha secular, envelhece e ennobrece-se o vinho alemtejano já procurado na edade media pelos mercadores do norte da Europa.

Gabriel Pereira.

La cave est en voûte de briques reliées avec du mortier de chaux et de sable. La chaux a une teinte gris clair, les briques sont d'un rouge foncé ainsi que les grandes jarres; l'air est frais, le jour affaibli et on ne voit reluire que les entonnoirs en fer blanc. Comme les murs ne sont pas crépis on voit bien le système de construction employé par les maçons d'Evora, leur manière de placer les briques sur les piliers, les arceaux et les clefs de voûte; leur adresse pour les travaux de ce genre est depuis longtemps connue; ils ont l'audace de faire des voûtes très surbaissées et légères avec les briques cimentées par les côtés plus petits; ils élèvent les voûtes en berceau ou en ogive sur des bases quelconques, droites ou courbes, marquant les axes, les hauteurs et les écarts au moyen d'une géométrie rudimentaire mais sûre, en se servant de deux ou trois ficelles. Les briques sont très poreuses et la chaux très forte.

On fabrique encore des jarres en terre, quoique l'on voie dominer presque partout la cuve de bois, énorme. Il y a déjà quelques années que j'ai vu à la ville de Reguengos, fabriquer une jarre. Sur une grosse roue en bois d'un demi-mètre de diamètre, le potier posa la masse de terre en un rond, dont le centre et le rayon étaient marqués chacun par un roseau, et la roue, tournant lentement, décrivit un cercle parfait; un fil à plomb pendait du plafond; avec ce plomb on régla le centre du disque, et le fil fut l'axe de la jarre. Au bord du disque le potier place une couche de terre qu'il façonne avec les mains, le roseau marquant toujours la distance du fil à plomb; la roue tourne lentement, de nouvelles couches de terre sont appliquées et le roseau continue à marquer les distances du rayon qui va en augmentant jusqu'à deux tiers de la hauteur, diminuant ensuite jusqu'à l'ouverture avec son rebord. Ils faisaient des jarres à fond si étroit qu'il fallait les soutenir avec de la maçonnerie à un ou deux décimètres de hauteur, pour les empêcher de verser et les maintenir droites.

On sait que les romains se servaient d'amphores à fond si étroit, qu'il fallait mettre des couches de sable sur le sol des magasins, pour les tenir droites. Dans les entrepots les amphores étaient appuyées les unes aux autres en séries obliques; on trouve encore aujourd'hui beaucoup de vases romains qui peuvent servir de comparaison. Les maures furent de grands potiers et on remarque que beaucoup de termes du métier et d'ustensiles en terre, dénoncent l'origine mauresque. Même à cet occident de la péninsule il y eut aux temps préhistoriques, de fameux potiers.

Rappelons, l'élégante céramique délicatement ornementée qu'on voit sur les tombeaux de la Quinta do Anjo et dans la grotte de Cascaes. Les jarres ventrues sont plus modernes que les allongées; celles du XVII^me^ siècle représentées dans l'autre gravure se rapprochent plus de l'amphore romaine vulgaire.

Comme on le voit, leur base est si étroite que pour les conserver debout il a été nécessaire de les soutenir avec de la maçonnerie ou de les maintenir avec une corde ou une chaîne. La raison de cette forme se trouve dans l'utilité, du transvasement rapide de la grande cuve ou pour pouvoir les incliner et les coucher par terre pour le nettoyage et l'arrangement intérieur.

La jarre la plus authentique porte la date 1682 gravée sur la terre encore fraîche. Il y en a beaucoup de datées ou portant des signes divers, croix, signes célestes et noms d'individus. La photographie que j'ai sous les yeux est si nette, qu'elle montre bien la grossièreté du travail; on voit les zones de la surface et les différentes couches que l'ouvrier a superposées pour former la panse.

Quoique le procédé primitif ait été conservé, il y a eu altération dans la forme du vase. C'est que l'industrie populaire a des variantes et souffre aussi l'évolution. Ainsi la vaisselle moderne d'Extremoz la plus populaire diffère par sa forme et ses ornements de celle du commencement du XIX^me^ siècle; le mobilier d'Evora bien connu, la petite chaise en sapin, avec son siège en grosse paille et ses peintures de fleurs, vient de l'antiquité, mais a subi de lentes variations, de manière que la chaise de 1830 est très différente de celle de 1900.

Les jarres ne servent pas seulement pour conserver le vin, on les emploie, aussi pour le vinaigre et l'huile; et bien que le matériel vinaire soit aujourd'hui très différent, on doit les conserver, comme un object peu coûteux, facile à manier, extraordinairement durable, car il y a des jarres séculaires, et l'Alemtejo se trouve bien de cette vaisselle en terre dans les caves fraîches aux grosses murailles et voûtes. Là dans cette fraicheur, ce demi jour, l'air pénétrant par les étroites lucarnes, dans la grande cuve séculaire, ennoblit et vieillit le vin de l'Alemtejo, qui au moyen âge était dejà recherché par les commerçants du nord de l'Europe.

Gabriel Pereira.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Trigo no calcadouro

ALEMTEJO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO,

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Trabalhos na Eira

ALEMTEJO

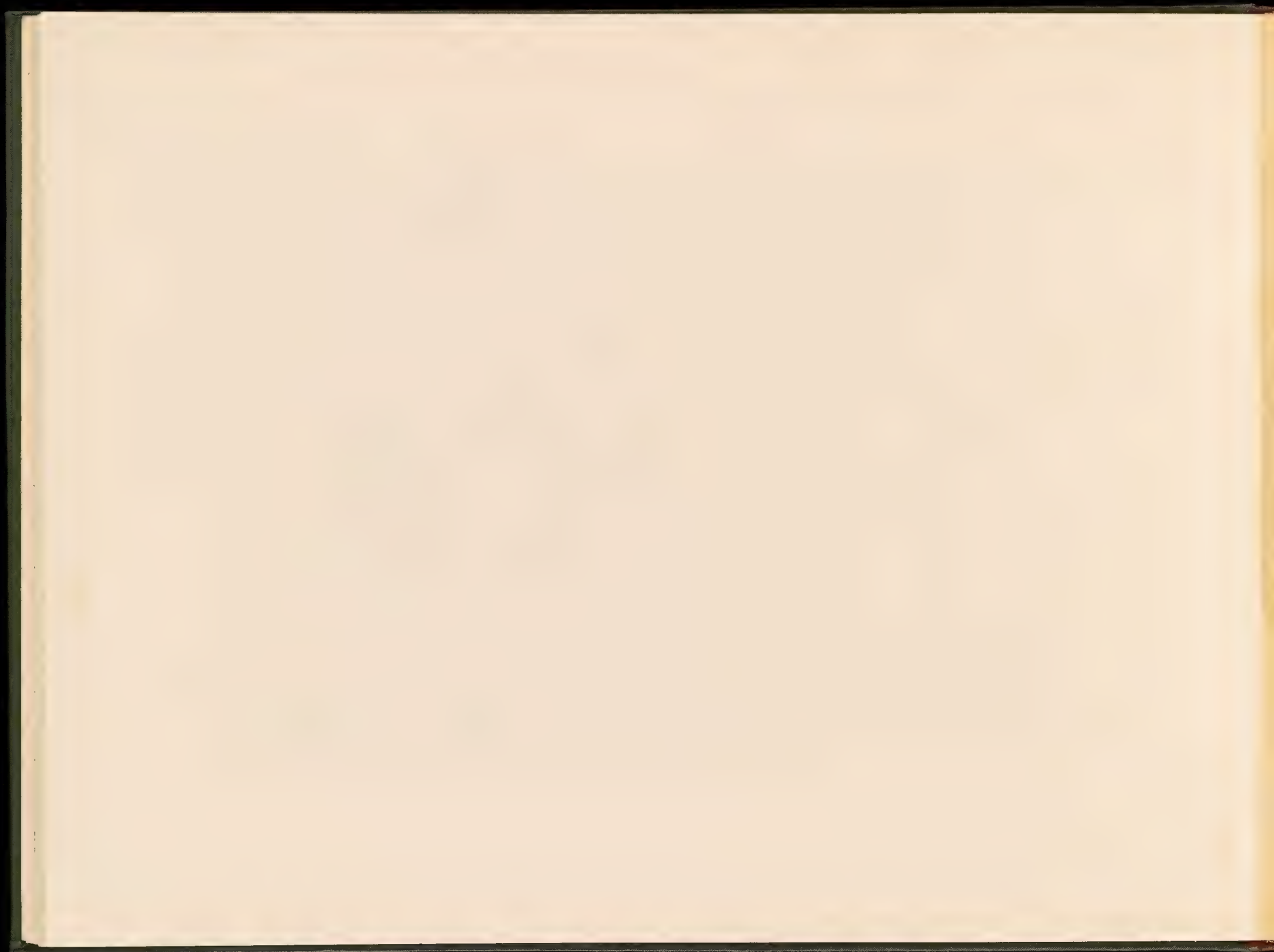
EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Uma adega
ALEMTEJO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Talhas antigas

ALEMTEJO

Torres Novas

Torres Novas é villa das mais antigas e nobres da Extremadura; ergue-se sobranceira a bellas planicies, em viçosa paizagem; tem lindos arrabaldes, ferazes e bem cultivados; trechos de arvoredos copados; hortas e pomares de grande producção. As margens do Almonda são tentadoras para o pintor; com os seus açudes, mottas e levadas, arvores vetustas, frescas e limpas aguas.

A Sociedade Silva Porto, assim denominada em homenagem ao grande pintor que nos revelou a doçura da paizagem portugueza, constituida ha poucos annos em Lisboa, e que tem por fim a educação artistica do paizagista e ainda o estudo de variadas regiões do paiz, fazendo para isto excursões annuaes, escolheu, logo no seu primeiro anno, esta região de Torres Novas. Foi a escolha bem succedida; os jovens pintores trouxeram de lá télas mimosas, aspectos attrahentes, episodios campestres de variada côr.

A villa tem quatro parochias, Santa Maria do Castello, o Salvador, S. Pedro e S. Thiago.

D. Sancho I lhe deu foral em 1190, renovado na reforma foraleira de D. Manuel, em 1510.

O seu castello de onze torres e grossas quadrellas está em grande ruina.

É trivial entre os nossos escriptores ao tratar dos povoados attribuirem as suas origens a raças quasi mythicas, a heroes lendarios: Lisboa fundada por Ulysses que no Tejo veiu com os gregos terminar os dilatados errores por esses mares; Setubal pelos phenicios capitaneados por Tubal; o famoso Achilles veio morar em Chellas, que em documentos antigos se escreve Achellas, e muito se conta dos gallo-celtas, dos valentes celtiberos, dos audaciosos carthaginezes. É bem certo que por muitos pontos do paiz se encontram vestigios de póvos prehistoricos; povos de civilisação primitiva, da edade da pedra lascada, da pedra polida por aqui estacionaram em remotos seculos. Centos de dolmens ou antas, grutas com rudes ceramicas, estações frequentes de silex, alguns de fino lavôr, attestam a permanencia de raças, cujos nomes se ignoram.

Influencias hellenicas, mycenicas, são incontestaveis em certas regiões, nas Citanias minhotas, por exemplo; inscripções celtibericas têm apparecido no sul do paiz; sobre esses povos proto-historicos vem alastrar-se a civilisação romana, dominadora pela sua organisação e cultura já adiantada. Mas atravez a influencia romana percebe-se a existencia continuada dos antigos povos; nos muitos centos de memorias epigraphicas apparecem nomes proprios gregos, celticos, ibericos, designações de deuses protectores, de origem não romana, revelando-nos a continuação dos cultos indigenas.

Passam alanos, vandalos, rapidamente n'essa torrente do começo do seculo V, os suevos estabelecem-se no noroeste da peninsula; os visigodos chegam morosamente a dominar em toda ella, aniquilados os ultimos imperiaes, os de Byzancio, no seculo VII; e de subito rebenta sobre germanicos mal argamassados com o grande fundo romanico a vaga tumultuosa e complexa dos arabes, trazendo comsigo berbéres, egypcios, syrios, persas. E começa logo essa lucta secular, pertinaz, que das Asturias vem combatendo mouros, terminando no seculo XV, em Granada. De muitos povos poucos vestigios existem, em certos pontos não se topa uma pedra, um osso, mas existe o testemunho n'um nome, que atravessou de bocca em bocca, o desdobramento dos seculos. N'este caso está o nome do pequeno rio que refresca Torres Novas; é o Almonda, em que o artigo arabe se encosta a um nome cujo radical se encontra n'outro nome do rio, Mondego.

As designações dos rios, como Zezere, Sôr, Sorraia, Degebe, Xarrama, Lucefece, Ardilla, Noemi, Caya, Sever e tantos outros, revelam fundos antigos, reflectem origens muito remotas.

Torres Novas foi tomada aos mouros por Affonso Henriques, em 1148.

O *miramolim* de Marrocos a retomou em 1185, abandonando-a pouco depois. Em 1191 vem em gazúa, ou guerra santa, outro emir que consegue apoderar-se da villa.

O infante D. Affonso, filho de Sancho I, resgatou-a pouco depois, e nunca mais ahi voltaram os arabes.

A estampa mostra um grande trecho da villa; no alto se vê a linha escura do castello; ainda estão de pé algumas torres e lanços de muralhas da nobre construcção.

A rainha, depois santa, D. Izabel, mulher de D. Diniz, teve o senhorio da villa.

Pertenceu depois a D. Jorge de Lencastre, filho legitimado de D. João II, progenitor dos duques de Aveiro, que foram senhores de Torres Novas, até 1759.

Torres Novas

Torres Novas est une des villes les plus nobles et les plus anciennes de l'Extremadura; elle s'élève au dessus de belles plaines, dans un paysage verdoyant, entourée de jolis environs, fertiles et bien cultivés, d'abondance d'arbres touffus, de vergers et de potagers très productifs. Les rives du Almonda sont à souhait pour le peintre avec leurs écluses, les môles et les rigoles, de vieux arbres, des cours d'eau, frais et limpides.

Comme hommage au grand peintre Silva Porto, qui nous a révélé toute la suavité des paysages portugais, on a institué il y a quelques années à Lisbonne une société, avec son nom, à seule fin de s'occuper de l'éducation artistique du paysagiste et de l'étude des diverses régions du pays, en faisant des excursions annuelles, et la première de ces tournées a choisi la région de Torres Novas. Le choix a été fort bien réussi; les jeunes peintres en ont rapporté des toiles charmantes, des aspects attrayants et des épisodes champêtres d'un coloris varié.

La ville a quatre paroisses, Sainte Marie du Castello, le Sauveur, S^t Pierre et S^t Jacques.

D. Sancho I lui accorda des chartes en 1190, renouvelées lors de la réforme faite par D. Manuel en 1510.

Le château à onze tours et à grosses poivrières, est presque ruiné.

Lorsqu'il s'agit de décrire d'anciennes peuplades, nos écrivains ont ordinairement l'habitude d'en attribuer l'origine à des races presque mythiques, à des héros légendaires: Lisbonne fut fondée par Ulysses qui arriva dans le Tage, avec les grecs, pour terminer les longues erreurs qui se passaient sur la mer; à Setubal ce furent les phéniciens commandés par Tubal; le fameux Achilles vint demeurer à Chellas, que des documents anciens écrivent Achellas, et on raconte encore beaucoup de choses à propos des gallo-celtiques, des vaillants celtibères, et des hardis carthaginois. Il est certain qu'en bien des endroits du pays on retrouve des vestiges de peuples préhistoriques, de peuples de la civilisation primitive, de l'âge de pierre écaillée et de pierre polie qui séjournèrent ici dans les siècles les plus reculés. Le séjour de races dont on ignore le nom, est avéré par des centaines de dolmens, des grottes en rude céramique de fréquentes stations de silex, quelques unes finement travaillées.

Dans certaines régions, comme les Citanias du Minho les influences helléniques, mycéniques sont incontestables; au sud du pays on a retrouvé des inscriptions celtibériques; la civilisation romaine dominatrice par son organisation et sa culture déjà avancées vient s'étendre sur ces peuples proto-historiques. Mais à travers l'influence romaine on aperçoit l'existence continuelle des anciens peuples; dans les centaines de mémoires épigraphiques on voit paraître des noms propres, grecs, celtes, ibères, des désignations de dieux protecteurs, d'origine non romaine, nous révélant la continuation des cultes indigènes.

Des alains, des vandales, passent rapidement dans ce torrent du commencement du V^me siècle; les suèves s'établissent au nord-est de la péninsule; les visigoths parviennent morosement à la dominer tout-à-fait, après avoir anéanti les derniers impériaux, ceux de Bysance, au VII^me siècle; et tout-à-coup la vague tumultueuse et complexe des arabes, amenant à leur suite des berbères, des egyptiens, des assyriens et des persans, éclate sur les germains à peine amalgamés avec le grand fonds romain. Et aussitôt commence cette lutte séculaire, persistante qui vint combattant les Maures, depuis les Asturies, se terminant à Grenade, au XV^me siècle. Il n'existe que très peu de vestiges, de certains peuples, en quelques endroits on ne retrouve pas une pierre ni un os, mais on en aperçoit le témoignage sur un nom qui passa, de bouche en bouche, le dédoublement des siècles. C'est le cas de ce petit fleuve qui rafraichit la ville de Torres Novas; son nom Almonda où l'on trouve l'article arabe accolé à un nom dont la radicale se retrouve dans un autre nom de fleuve, le Mondego.

Les désignations des fleuves, Zezere, Sôr, Sorraia, Degebe, Xarrama, Lucefece, Ardilla, Noemi, Caya, Sever et tant d'autres, révèlent d'anciennes sources, réfléchissent des origines très reculées.

Torres Novas fut prise aux maures par Alphonse Henriques en 1148.

Le Calife du Maroc la reprit en 1185, et l'abandonna peu après. En 1191 un autre émir arriva, en guerre sainte, et réussit à s'emparer de la ville.

L'infant D. Alphonse, fils de Sancho I, la racheta peu après, et les arabes n'y revinrent jamais.

La gravure montre une grande partie de la ville; en haut on voit la ligne noircie du château dont la noble construction s'atteste par quelques tours et pans de murailles qui tiennent encore.

Ás riquezas agricolas junta-se aqui a da industria. Fabricas de tecidos e de papel conservam ainda a antiga tradição de trabalho. Tem melhorado nos ultimos annos; alguns edificios em ruina foram concertados, outros se ergueram de novo. E póde e deve melhorar muito ainda. Na cuidada cultura dos seus lindos campos encontrará meios de progredir.

O castello d'Almourol

N'uma pequena ilha alongada, a meio do rio Tejo ergueram os cavalleiros do Templo, na época das grandes luctas entre portuguezes e mouros, o pittoresco castello. A ilhota tem 310 metros de comprimento, 75 na sua largura maior, e 18 na altura maxima sobre o nivel das aguas; a montante é formada por um poderoso macisso granitico; no mais alto do morro firmaram os muros, aproveitando os relevos. Para jusante fica o extenso areal que brandamente se esconde nas aguas. Choupos e salgueiros viçosos, densos cannaviaes, urzes e silvados vestem a pequena ilha. A porta romanica de volta inteira, uma janella com rendilhados singelos, marcam a época da construcção. A torre de menagem bem aprumada tem paredes com 2 metros de espessura na base; toda a construcção é de grossa cantaria. Não se vê signal de escada, o que mostra que era de madeira que o tempo consumiu; assim era na grande torre do castello de Guimarães, e em algumas outras. Em certos pontos apparece esculpida a cruz dos templarios.

A cerca tem nove torres. É um bello exemplar de fortificação.

Infundem respeito, diz o engenheiro Osorio (*Revista de Engenharia Militar,* 1896, pag. 199), n'um excellente artigo ácerca de Almourol, estes castellos pela solidez das suas muralhas, pela estrategica escolha das posições, pelo acerto na resolução do complexo problema da defeza.

N'essas fortalezas medievaes encontram-se vallos e barbacans, couraças cobrindo caminhos, ligando as barbacans ás muralhas. A quebra de direcção era marcada por uma torre, *bastião* se de secção redonda, *cubello* se era quadrada; o lado do polygono era a *quadrella;* nos *adarves* vigiavam as *atalayas;* nos eirados das torres accendiam as *almenaras,* fachos ou fogueiras para transmittir noticias a outros castellos. Abrigados pelas ameias combatiam os bésteiros; pelos intervallos dos matacães lançavam pedras ou virotes, ou materias inflammadas, sobre os assaltantes. Vencido o vallo, passada a barbacan e a cerca encontrava-se a forte torre de menagem. Era o extremo da lucta, o paroxysmo da furia e do desespero. O castello de Almourol é um monumento datado. Parece que entre o material d'aquelles velhos muros se notam pedras que pertenceram a construcção anterior talvez romana, mas o conjuncto tal qual existe agora, é uma fortaleza pura, sem modificações. Uma inscripção nos diz que Gualdim Paes, o mestre do Templo, o fez em 1171. No governo d'este mestre se fizeram os castellos de Pombal, Thomar, Zezere, Idanha e Monsanto, todos dos templarios.

Explica-se perfeitamente essa febre de erguer fortalezas; estava-se na época de porfiada lucta com os arabes. Á proporção que se conquistava um palmo de terra erguia-se a fortificação para segurança da preza.

Era assim que as ordens militares, os cavalleiros de S. Thiago, e os de Aviz, então ainda chamados os freires de Evora, ajudavam a formação, como os do Templo, do reino de Portugal.

Foi um duello de energias entre raças diversas; luctava-se pela posse do territorio. De vez em quando vinha uma onda de agarenos, em correria audaz, e arruinava os pobres povoados, assolava os campos, sitiava e tomava castellos e praças fechadas. Impunha-se portanto a fortificação. Os architectos militares tiveram de estudar, de attender ao systema de defeza.

Percorrendo auctores antigos da especialidade não se explica bem, como no seculo XII, se fizeram em Portugal esses castellos. Mesmo no Viollet-le-Duc, o sabio architecto restaurador, tão estudioso, que analysou á minucia os castellos de Coucy e Pierrefonds, não se encontra exposição cabal. É preciso vêr os modernos tratadistas.

Os castellos dos seculos XI e XII, nos paizes então mais cultos da Europa, na Normandia, por exemplo, reduzem-se a uma torre quadrada com sua cerca; a reproducção em material duro das casas fortes com suas paliçadas que os piratas normandos improvisavam para refugio e centro de operações nos paizes onde pousavam.

La reine, D. Isabel, épouse de D. Denis, qui fut sainte, eût la seigneurie de cette ville.

Elle appartint plus tard à D. Georges de Lencastre, fils légitimé de D. Jean II, père des ducs d'Aveiro qui furent les seigneurs de Torres Novas jusqu'à 1759.

Les richesses industrielles se réunissent là à celles de l'agriculture. Des fabriques de tissus et de papier conservent encore l'ancienne tradition de travail. Elles se sont améliorées dans les dernières années; on a réparé des édifices ruinés, et on en a construit de nouveaux. Et encore elle a des moyens pour s'embellir d'avantage. Une culture soignée des admirables campagnes lui en fournira l'occasion.

Le château d'Almourol

À l'époque des grandes luttes entre portugais et maures, les chevaliers du Temple élevèrent ce pittoresque château sur un petit îlot allongé, au milieu du Tage. L'île a 310 mètres de long, 75 dans sa plus grande largeur, et 18 de maximum de hauteur au dessus du niveau du fleuve; en amont elle est formée par un puissant massif de granit; sur la partie la plus élevée du rocher on posa les murs, en profitant des reliefs naturels. En aval se trouve l'étendue de sable qui se perd doucement dans les eaux. Des saules et des peupliers verdoyants, l'oseraie touffue, des bruyères et des buissons couvrent la petite île. La porte romane à plein cintre, une fenêtre simplement dentelée, marquent l'époque de la construction. La tour d'honneur bien campée a des murs de 2 mètres d'épaisseur à la base; toute la construction est en grosse pierre de taille. On n'aperçoit pas de trace d'escalier ce qui fait croire que celui qui existait devait être en bois que le temps aura détruit; il en était de même pour la grande tour du château de Guimarães et d'autres encore. En certains endroits on voit la croix des templiers sculptée dans la pierre. Le pourtour a neuf tours et présente un bel exemplaire de fortification.

Dans la *Revista de Engenharia Militar,* 1896, pag. 199, l'ingénieur Osorio dit que ces châteaux inspirent le respect avec leurs murailles si solides, le choix si stratégique de leurs situations et la justesse avec laquelle on resolvait le problème si complexe de la défense.

Dans ces forteresses du moyen âge on retrouve des fossés, des barbacanes et des cuirasses recouvrant les chemins qui reliaient les barbacanes aux murailles. Le changement de direction était marqué par une tourelle, *bastion* si elle était arrondie, *poivrière* si elle était carrée; à côté du polygone était la *courtine;* sur les remparts les sentinelles veillaient; sur les plate-formes on allumait des falots, des flambeaux ou des feux pour transmettre des nouvelles à d'autres châteaux. Abrités par les créneaux, les arbalétriers combattaient et par les intervalles des machicoulis, ils lançaient des pierres, des javelots ou des matières enflammées sur les assiégeants. Le fossé franchi, passant la barbacane et l'enclos, on trouvait la grande tour d'honneur. C'était le but de la lutte, le paroxysme de la fureur et du désespoir. Le château d'Almourol est un monument daté. Il semble que parmi les matériaux de ces vieux murs on remarque des pierres qui ont dû appartenir à quelque construction antérieure, peut-être romane, mais l'ensemble, tel qu'il existe maintenant est une forteresse pure, sans modifications.

Une inscription nous dit que Gualdim Paes, le maître du Temple, édifia ce château en 1171. Sous le gouvernement de ce maître on fit aussi les châteaux de Pombal, Thomar, Zezere, Idanha et Monsanto, tous des templiers.

Cette fièvre d'élever des châteaux s'explique parfaitement; on était à l'époque de lutte acharneé avec les arabes. À mesure qu'on avait conquis un brin de terrain on élevait la fortification pour s'en assurer la possession.

Ce fut ainsi que les ordres militaires, les chevaliers de S^t Jacques, ceux d'Aviz, qu'on nommait encore les frères d'Evora, contribuèrent avec ceux du Temple à la formation du royaume de Portugal.

C'était un duel d'énergie parmi des races différentes; on luttait pour la possession du territoire. De temps en temps un flot de barbares, survenait, en course folle, ruinait les pauvres peuplades, ravageait les champs, assiégeait, pillait des châteaux et des places closes. La fortification s'imposait donc. Les architectes militaires dûrent étudier et soigner leur système de défense.

En parcourant d'anciens auteurs de cette spécialité on ne s'explique pas bien comment, au XII^me siècle, on fit ces châteaux en Portugal. Même Viollet le Duc, le savant architecte restaurateur, si studieux, qu'il analysa minutieusement les châteaux de Coucy et Pierrefonds, ne donne pas d'explication satisfaisante. Il faut consulter les écrivains modernes.

Mas no fim do seculo XII apparecem as combinações, a adaptação ao terreno, e a cerca fortificada por torres cercando a torre principal, a preoccupação de evitar os angulos mortos. Os escriptores francezes citam o castello de Andelys como monumento da arte militar d'esse periodo, no occidente da Europa. A arte da defeza foi creada na Syria, na Palestina, n'aquellas terriveis luctas de cruzados contra sarracenos; ahi se encontraram os architectos militares da Europa, em frente da arte do oriente [1].

Ora Gualdim Paes o mestre do Templo que mandou fazer os castellos de Almourol, Pombal, Idanha, etc., esteve nas cruzadas, assim como outros freires da sua Ordem; viu bem os trabalhos dos architectos arabes e europeus, e voltando a Portugal pôz em pratica a sciencia adquirida. Assim se explica, me parece, a belleza e a logica das fortalezas dos Templarios, em Portugal, no seculo XII.

Não ha castello velho sem lendas mais ou menos poeticas; á falta de melhor ha sempre a moura encantada. Almourol, o erguido castello tisnado, isolado na sua ilha, a meio do lindo Tejo, decorado de viçosos arvoredos, tem as suas lendas especiaes, que não reproduzo porque o espaço não abunda. Lendas de amor, brancas donzellas de dourados cabellos, féros cavalleiros em velozes cavallos, suaves cantorias de trovadores vogando no Tejo, por noite luarenta, e guerras atrozes, prisioneiros em masmorras lugubres que alcançam escapar-se por mysteriosos caminhos.

Bem, ha poucos mezes, deu-se o seguinte interessante caso.

O castello de Almourol está hoje entregue ao ministerio da guerra; proxima está a escola pratica de engenharia. Alguem se lembrou, em hora vaga, de ir mexer nos entulhos do castello. Appareceram fragmentos de ceramica, tijollos... e de subito, n'um vão, algumas chapas metallicas; não sei quantas; eu vi em Lisboa, cinco ou seis. Limpas as chapas da terra e caliça viu-se que eram de cobre esmaltado, esmaltes antigos parecidos com os de Limoges, com ornatos, e figuras, e letreiros em caracteres gothicos; as figuras representando scenas amorosas, cavalleiros de armadura prostrados de joelhos ante finas damas; e que os letreiros são divisas de amor. As chapas têm proximamente um decimetro de diametro. Pareceram-me fechos de cinturões. É achado unico em Portugal.

Fez-me lembrar este caso o succedido em Collares. Conta João de Barros, no *Clarimundo*, uma lenda de tres collares, de estranhos principes e lendarios feitos.

Ha annos um explorador de pedreiras descobre uma sepultura prehistorica e n'ella tres collares de ouro, pegados, de arte prehistorica, que segundo ouvi ennobrecem agora uma vidraça de joias antigas no museu britannico. É que algumas lendas têm qualquer fundo antigo, muito remoto, conservado na tradição oral, de avós a netos, de povos a povos. Como os nomes das montanhas, dos rios, perpetuados atravez os seculos, testemunham a passagem de extinctas raças.

Gollegan

São celebres os campos da Gollegan; vastas planuras de muitos kilometros de comprido e largo, cultivadas, produzindo trigo e forragens; em pontos manchas de vinhedos, e as longas carreiras de oliveiras que dão azeite optimo. A sul da fertil campina corre o Tejo, o fecundante rio.

Não admira por isto que a Gollegan seja uma povoação essencialmente agricola; a villa tem crescido nos ultimos quarenta annos em população, em bons predios, em riqueza. Tem prosperado muito.

Residem aqui opulentos proprietarios-lavradores. É de justiça mencionar n'este artigo o nome de Carlos Relvas, distincto photographo amador. Destacava no seu meio, e no meio portuguez, este homem que era opulento proprietario e agricultor; homem de esporte, cavalleiro eximio, e apaixonado de arte. É notavel e preciosa a grande collecção de photographias que executou de monumentos, paizagens e objectos d'arte, que formam grandes albuns; creio que a collecção mais completa pertence ao Museu Nacional de Bellas-Artes.

O orago da egreja matriz da Gollegan é Nossa Senhora da Conceição, vê-se a imagem da Senhora, no seu nicho, no portal representado nitidamente na estampa.

[1] Augusto Choisy, *Histoire de l'architecture*, no capitulo sobre architectura militar na edade média, pag. 588 e seg. do vol. II, publicado em 1899.

Dans les pays les plus avancés de l'Europe, comme, par exemple, en Normandie, les châteaux du XI^me et XII^me siècle se réduisent à une tour carrée avec un enclos; ce sont des reproductions en matériaux solides, des maisons fortifiées avec leurs palissades, que les pirates normands improvisaient, comme réfuge et centre d'opérations dans les pays où ils s'arrêtaient.

Mais vers la fin du XII^me siècle parurent les combinaisons, l'adaptation du terrain, l'enclos fortifié par des tours entourant la tour principale, et la préoccupation d'éviter les angles morts. Les écrivains français citent le château d'Andelys, comme un monument de l'art militaire de cette époque, à l'occident de l'Europe. L'art de défense fut créé en Syrie, en Palestine, lors de ces terribles luttes des croisés contre les sarrazins; c'est là que les architectes militaires de l'Europe se trouvent en face de l'art de l'Orient [1].

Or Gualdim Paes le maître du Temple qui fit faire les châteaux d'Almourol, Pombal, Idanha, etc., fût aux croisades, ainsi que d'autres moines de son Ordre; il observa bien les travaux des architectes arabes et européens, et revenant en Portugal, il mit à l'œuvre la science qu'il avait acquise. Ainsi s'explique, à mon avis, la beauté et la logique des forteresses des Templiers en Portugal, au XII^me siècle.

Il n'y a aucun vieux château qui n'aît sa légende plus ou moins poétique; faute de mieux on a toujours la jeune mauresque enchantée. Almourol, le château noirci et élevé, isolé dans son île, au milieu du beau Tage, décoré de riantes verdures, a aussi ses légendes spéciales, que je ne puis raconter, faute d'espace. Des légendes d'amour, de blanches demoiselles aux cheveux d'or, de hardis chevaliers sur de rapides coursiers, de doux refrains des troubadours voguant sur le Tage, par les nuits de clair de lune, et des guerres atroces, des prisonniers dans de lugubres cachots d'où ils réussissent à s'échapper par des voies mystérieuses.

Or, il y a peu de temps, eut lieu un fait très intéressant.

Le château d'Almourol est actuellement sous la direction du Ministère de la guerre, bien près de l'école du génie. Dans un moment de loisir, quelqu'un eut l'idée d'aller fouiller dans les décombres du château. On y trouva des fragments de céramique, des briques... et tout-à-coup des plaques métalliques; je ne sais pas combien; j'en ai vu cinq ou six à Lisbonne. Après les avoir nettoyées de toute la terre et la chaux qui les recouvraient on vit qu'elles étaient en cuivre emaillé, des émaux antiques semblables à ceux de Limoges, avec des ornements, des figures et des inscriptions en caractères gothiques; les figures représentent des scènes amoureuses, des chevaliers revêtus de leurs armures prosternés aux genoux de belles dames, et les inscriptions sont des devises d'amour.

Les plaques ont à peu près un décimètre de diamètre. Elles ont l'air de fermoirs de ceinturons. C'est une trouvaille unique en Portugal.

Cela m'a rappelé un fait qui s'est passé à Collares. Jean de Barros, dans le *Clarimundo*, raconte une légende de trois colliers, de princes étranges, et de faits légendaires.

Il y a quelques années un exploiteur de carrières a découvert une sépulture préhistorique contenant trois colliers d'or, réunis, de l'art préhistorique, et qui, à ce que j'ai entendu dire, enrichissent actuellement une vitrine de bijoux anciens au musée britannique. C'est que bien des légendes ont un fond quelconque véridique mais très ancien, et conservé seulement par tradition orale, transmise de pères en fils, de peuple à peuple. De même que les noms des montagnes et des fleuves perpétués à travers les siècles, ils témoignent du passage de races éteintes.

Gollegan

Les champs de Gollegan sont célèbres; de vastes plaines larges, et longues de beaucoup de kilomètres, cultivées, produisant du blé et du fourrage; par ci par là mouchetées de vignobles, et de longues rangées d'oliviers qui donnent une huile magnifique. Au midi de la plaine fertile, passe le Tage, le fleuve fécondant.

Il n'est donc pas étonnant que Gollegan soit un endroit essentiellement agricole; la ville a augmenté pendant la dernière quarantaine d'années en population, en belles maisons et en richesse, et a prospéré sous tous les rapports.

[1] Auguste Choisy, *Histoire de l'architecture*, voir le chapitre sur l'architecture militaire au moyen âge, pag. 588 et suivantes du vol. II publié en 1899.

É construcção do começo do seculo XVI, reinado de D. Manoel; as cruzes da ordem de Christo, as espheras armillares acompanham o elegante escudo d'armas de Portugal, ornamentado de paquifes mui salientes. A decoração não é variada, complicada, mas forte e cheia, com um grande relevo no bello calcareo rijo d'aquelles sitios que toma uma linda côr no correr dos tempos. O grande portico afina bem com a rosacea, o conjuncto agrada; é manifesta a idéa symbolica dos elementos decorativos que explicam o poetico e patriotico mysticismo da época. No vertice da frontaria, altaneira, a singela cruz. Faziam coisas boas os portuguezes de então, e levaram a cabo grandes emprezas gloriosas.

Outra estampa mostra-nos uma paizagem na margem do Tejo, proximo da Gollegan; na limpida agua tranquilla do rio passa vagarosa a manada de touros bravos; parece que alguns repararam no photographo, e pousaram attentos para não estragar os retratos. O guarda a cavallo ficou bem; repare-se no pescoço e cabeça do cavallo, é um bom tempo ribatejano. E attenda-se tambem no touro que está á frente, isolado, mostrando nitidamente a cabeça, a fina armação, um pouco aberta, as orelhas fitas horizontaes, salientes, o focinho delgado.

Apparece tambem o fino machinho asneiro, e o esperto burrico que papa leguas com seu passinho miudo. Na paizagem os cannaviaes, os grandes arbustos, o alto arvoredo viçoso.

Acho ainda interesse n'esta feliz photographia sob outro ponto de vista.

Bastante ha escripto sobre raças dos animaes peninsulares. Os carneiros, as cabras, os suinos, os cavallos, os bois, os touros que hoje se encontram em Portugal e Hespanha, de onde vieram? Diz-se por exemplo que o roliço suino do sul, e o alto do norte do paiz representam os porcos iberico e celtico, sem relação alguma com o javali ou porco montez, ainda hoje vulgar, que é irmão do que se encontra nos matagaes da Berberia.

O cavallo é muito conhecido e celebrado, não faltam imagens nas moedas e nos brasões antigos; parece que a área do cavallo da Iberia foi antigamente muito maior, pois nos monumentos romanos do sul da França os cavalleiros montam cavallos d'esse typo.

O touro portuguez differe muito do hespanhol, actualmente. Raças apuradas, raças degeneradas, emfim, varias opiniões para explicar a differença. No domingo, 27 de agosto de 1905, o publico de Lisboa viu no redondel do Campo Pequeno, touros hespanhoes, de Miura, de grande corpo, largo cachaço, de enorme força, de typo mui diverso do touro portuguez, que é mais fino, mais agil e mexido.

Creio que a differença vem de longa data; no fasciculo recente da *Portugalia* se publicou uma memoria de um archeologo hespanhol sobre certas grutas prehistoricas do norte de Hespanha ornamentadas de ingenuos desenhos de animaes; desenhos rudimentares mas que mostram observação, esforço para reproduzir com verdade a silhueta, a posição do animal.

Pois entre veados e corças lá está um touro que parece de Miura.

Na obra de P. Paris, *Essai sur l'art... de l'Espagne primitive* (Paris, 1903) vem algumas paginas, com estampas, sobre os celebrados touros de Costig; cabeças de touro, de bronze, extraordinarias, que hoje enriquecem o Museu de Madrid. Essas preciosidades archeologicas foram achadas na ilha de Malhorca, nas Baleares. Não lembram o actual touro hespanhol; mas concordam com o portuguez, com o ribatejano. Comparem-se essas cabeças dos touros de Costig, com as silhuetas dos da Gollegan, representados na photographia, repare-se na linha, na curvatura dos chifres, no feitio especial das orelhas, no fino focinho, e salta á vista a coincidencia de linhas d'esta raça portugueza, com as da prehistorica das Baleares.

Gabriel Pereira.

Beaucoup de propriétaires-cultivateurs y résident et il est juste de rappeler dans cet article le nom de Carlos Relvas, remarquable amateur de photographie. Il se distinguait dans son milieu, et dans la société portugaise comme un opulent propriétaire et agriculteur, homme de sport, adroit cavalier, et passionné pour des choses d'art. On doit citer comme supérieurement précieuse, la grande collection de photographies de monuments, paysages et objets d'art qu'il a exécutée et qui forme de grands albums; je pense que la collection la plus complète appartient au Musée National de Beaux-arts.

La patronne de l'église paroissiale de Gollegan est Notre Dame de la Conception, et l'image de la Vierge est placée dans sa niche sur le portail nettement représenté sur la gravure.

C'est une construction du règne de D. Manoel, commencement du XVI^me^ siècle; les croix de l'ordre du Christ, les sphères armillaires accompagnent le bel écusson aux armes du Portugal, orné de panaches très réhaussés. La décoration n'est ni variée ni compliquée, mais forte et massive, avec de grandes reliefs sur la belle et dure pierre calcaire de cette région, qui avec le temps prend une très belle couleur. Le grand portique s'harmonise bien avec la rosace et l'ensemble est des plus agréables; on y aperçoit l'idée symbolique des éléments décoratifs qui expliquent le mysticisme poétique et patriotique de l'époque. Sur l'angle supérieur de la façade s'élève la croix, simple et altière. Les portugais d'antan faisaient de belles choses et menèrent à bonne fin de glorieuses entreprises.

Une autre gravure nous montre un paysage de la rive du Tage, près de Gollegan; sur l'eau limpide et tranquille du fleuve passe lentement le troupeau de taureaux; on dirait que quelques uns ont remarqué le photographe et qu'ils posent attentifs pour ne pas gâter leurs portraits. Le gardien à cheval est très bien; qu'on remarque le cou et la tête du cheval qui est un beau type du Ribatejo. Citons aussi le taureau qui est en avant, tout seul, et qui montre nettement sa tête, les cornes fines un peu écartées, les oreilles droites et horizontales bien saillantes et le fin museau.

On y voit aussi le petit mulet asinin, et le gentil ânon qui dévore des lieues avec son trot menu. Le paysage est réhaussé d'oseraies, de beaux arbustes et de grands arbres verdoyants.

Sous un autre point vue je trouve encore très intéressante cette photographie si réussie.

On a beaucoup écrit à propos des races d'animaux péninsulaires. D'où sont venus les moutons, les chèvres, les cochons, les chevaux, les bœufs et les taureaux qu'on trouve de nos jours en Portugal et en Espagne? On dit par exemple que le petit cochon rond, du midi, et le grand du nord du pays, représentent les porcs ibériques et celtiques, sans aucun rapport avec le sanglier et le porc sauvage, très vulgaire de nos jours et qui est semblable à celui que l'on voit dans les forêts de la Berberie.

Le cheval est très connu et très célébré, il n'en manque pas d'images sur les monnaies et les bronzes antiques; il paraît que la production du cheval ibérique était autrefois bien plus étendue qu'aujourd'hui, car sur les monuments romains du midi de la France les cavaliers montent des chevaux de ce type-là. Le taureau portugais est, de nos jours, très différent de l'espagnol. Pour en expliquer la différence on l'attribue à la race dégénérée, ou à la race améliorée, enfin on varie d'opinion. Le dimanche 27 août 1905 le public de Lisbonne vit sur l'arène du Campo Pequeno, des taureaux espagnols de Miura, à grande carrure, large cou, énorme force, de type très différent du taureau portugais qui est plus mince, plus agile et plus remuant.

Je pense que cette diversité date de loin; dans le dernier fascicule de *Portugalia* on a publié un mémoire d'un archéologue espagnol sur certaines grottes préhistoriques du nord de l'Espagne, ornées de naifs dessins d'animaux, très rudimentaires, mais qui montrent de l'observation et un effort pour reproduire, avec vérité, la silhouette et la position de l'animal.

Or parmi les cerfs et les biches on y voit un taureau qui semble de Miura.

Dans l'ouvrage de P. Paris, *Essai sur l'art... de l'Espagne primitive* (Paris, 1903) il y a quelques pages avec gravures, à propos des célèbres taureaux de Costig; des têtes de taureau en bronze, extraordinaires, qui enrichissent le Musée de Madrid. Ces préciosités archéologiques furent trouvées à l'île de Mallorca, dans les Balléares. Elles ne rappèlent pas le taureau espagnol de nos jours, mais plutôt notre taureau portugais du Ribatejo. En comparant ces têtes de taureaux de Costig avec les silhouettes de ceux de Gollegan représentées sur la photographie, en remarquant la ligne, la courbure des cornes, la forme spéciale des oreilles, le fin museau, on sera saisi de la coïncidence de lignes de cette race portugaise avec celles de l'époque préhistorique des Baléares.

Gabriel Pereira.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REG.STADO)

EMILIO BIEL & C.^a - EDITORES

V.sta geral

TORRES NOVAS

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Castello d'Almourol

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL (REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.^A - EDITORES

Portico da Egreja Matriz
GOLLEGAN

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Manada de touros bravos

GOLLEGAN

Algarve

Faro

Quando os muçulmanos, na primeira decada do seculo VIII, entraram na peninsula iberica e d'ella se assenhorearam, encontraram duas povoações já de alguma importancia, uma na parte oriental, outra na occidental, que tiravam de certo o seu nome do orágo das suas matrizes, *Santa Maria.* Apesar d'essa conquista e dominio, continuaram taes povoações a ser nomeadas, pelos novos possuidores, com aquella designação: a do Oriente, porém, pouco tempo depois era conhecida pela de Santa Maria de Abu-Racim, emquanto a outra era constantemente nomeada *Santa Maria de Ossónoba* ou do Algarve. Assim se encontram sempre designadas nos diversos escriptores arabes, quer nos historiadores mais ou menos importantes, quer nos geographos, como Edris.

Conservou-se essa designação relativamente á povoação do nosso Algarve durante cerca de tres seculos, desde porém que os Aftassidas, reis d'esta ultima parte da peninsula, deram o senhorio da mencionada povoação, pelo principio do seculo XI, aos descendentes de Haron ou Harun-Abu-Otman de Mérida, foi a povoação perdendo pouco a pouco a antiga designação e a chamarem-lhe primeiro *Santa Maria de el-Haron,* depois *terra de Haron,* d'onde pela transformação phonetica do arabe nos idiomas peninsulares veio o nome de *Faraon, Faram,* como se escrevia e nomeia em quasi todos os documentos e escriptores portuguêses pelo menos até o seculo XVI, quando se começou a fixar definitivamente a forma *Faro,* que tem feito divagar muito espirito culto sobre a sua origem, que o nosso amigo e distincto arabista snr. David Lopes demonstrou cabalmente e cuja opinião seguimos.

Comtudo essa tal qual independencia dos descendentes de Harun não durou muito tempo e teve que ceder, primeiro ao dominio dos almorávides e almóhades, e por fim á conquista christã do Algarve, a qual iniciada pelos fins do seculo XII por D. Sancho I, depois de varios successos no reinado de D. Sancho II, veio a realizar-se definitivamente no meado do seculo XIII por D. Affonso III, com a ultima queda de Silves e consequente submissão de todo o littoral restante.

Desde então esta cidade, já christã, constituiu de novo a capital de todo o reino do Algarve, tanto no temporal como no espiritual, sendo n'ella estabelecida ou restabelecida a séde do respectivo bispado.

Durante dois seculos se foram desenvolvendo as diversas povoações algarvias, assimilando em si alguns elementos arabes e berberes, dos quaes se reconhecem aqui ou alli certos vestigios, até que as expedições á Africa iniciadas em 1415 por D. João I com a conquista de Ceuta, vieram dar a essas povoações outro incremento, outra actividade, outro progresso, e convertê-las como que na base de operações das novas conquistas de além-mar, e no seu baluarte protector.

Effectivamente as povoações do littoral e as mais visinhas a ellas, tomaram maior desenvolvimento, primeiro Lagos, cuja bahia se prestava a ser o receptaculo de grande numero de navios e em cujo seio se organizaram quasi todas, ou a maior parte das expedições de descobrimentos projectadas pelo famoso infante D. Henrique, depois Faro e Tavira.

Mais tarde foram essas villas elevadas á categoria de cidades: primeiro Tavira em 1520, depois Faro em 1540 e finalmente Lagos em 1573.

Pelos fins do seculo XVI, em 1577, deixou Silves de ser a séde do bispado, a qual, apesar da respeitavel ancianidade da sua veneranda catedral, foi transferida para Faro. O governo militar, como é obvio, já havia muito que tinha o seu principal assento em Lagos, d'onde se transferia ás outras cidades segundo as occorrencias o exigiam.

Poucas memorias temos por ora das gentes que habitaram essa região nos tempos ainda chamados prehistoricos e protohistoricos. Dos geographos antigos gregos e romanos podemos colher que se designavam pela denominação de *cinetas* os povos que occupavam o moderno Algarve, e que uma das suas cidades, *Ossónoba,* demorava proximamente á localidade da moderna Faro, comquanto Ptolomeu e Strabão contem essa e outras povoações algarvias na Turdetania, que, pelo que se vê, tomava uma grande extensão de norte a sul da peninsula [1].

[1] Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania,* vol. II, pag. 15, etc.

Algarve

Faro

Lorsque, pendant la première décade du VIII^{me} siècle, les musulmans entrèrent dans la péninsule ibérique et s'en emparèrent, ils trouvèrent dans la partie orientale et occidentale deux peuplades assez importantes, qui certainement prenaient leur nom du patronage de leurs paroisses, *Sainte Marie.* Malgré cette conquête et cette domination les nouveaux possesseurs continuèrent toutefois à les désigner sous le même nom: cependant quelque temps après, celle d'Orient était connue comme Sainte Marie de Abu-Racin, tandis que l'autre était constamment nommée *Sainte Marie de Ossónoba* ou de l'Argarve. C'est ainsi que les divers écrivains arabes plus ou moins importants, ainsi que les géographes, comme Edris, l'ont toujours surnommée.

Pendant trois siècles à peu près, cette désignation a été conservée relativement à la peuplade de notre Algarve, mais depuis que les Aftassidas, rois de cette partie de la péninsule, donnèrent, vers le commencement du XI^{me} siècle, la seigneurie de ces terres aux descendants de Haron ou Harun-Abu-Otman de Mérida, le pays perdit peu à peu son ancien nom et acquit, premièrement celui de *Sainte Marie de el-Haron,* ensuite *terre de Haron,* d'où, par transformation phonétique de l'arabe en les idiomes peninsulaires, est venu le nom de *Faraon, Faram,* comme on l'écrivait, et on le nomme encore en presque tous les documents et écrivains portugais, du moins jusqu'au XVI^{me} siècle; c'est à cette époque que l'on commença définitivement à adopter le nom de Faro, dont l'origine a fait songer beaucoup d'esprits cultivés, que notre ami le savant arabiste mr. David Lopes a clairement démontré et dont nous suivons l'opinion. Cependant, cette espèce d'indépendance des descendants de Harun ne dura pas longtemps et elle dût céder, d'abord à la domination des *almorávides* et *almóhades,* et plus tard à la conquête chrétienne de l'Algarve, initiée vers la fin du XII^{me} siècle par D. Sancho I, après plusieurs évènements sous le règne de D. Sancho II, et qui s'implanta définitivement vers le milieu du XIII^{me} siècle, par D. Affonso III, lors de la dernière chûte de Silves qui amena la soumission de tout le reste du littoral.

Dès lors, cette bourgade, déjà chrétienne, fut nouvellement reconnue comme la capitale de tout le royaume de l'Algarve, au point de vue temporel et spirituel, et l'on y établit ou rétablît le siège de l'évêché respectif.

Pendant deux siècles, les diverses bourgades de l'Algarve se développèrent, en s'assimilant quelques éléments arabes et berbères dont on aperçoit encore çà et là des vestiges. Les expéditions en Afrique, commencées par D. Jean I en 1415 avec la conquête de Ceuta, vinrent donner à ce pays plus d'élan, d'activité et de progrès et en firent, comme le fondement, de nouvelles entreprises, de conquêtes d'outre mer, en même temps qu'on le considéra comme une forteresse protectrice.

Les villes du littoral et celles qui en étaient plus proches, prîrent, effectivement un plus grand développement, en commençant par Lagos dont la baie s'offrait comme le réceptacle de bon nombre de navires et qui fut le berceau de presques toutes, ou du moins d'une grande partie des expéditions, de découvertes projetées par le fameux infant D. Henrique; Faro et Tavira s'augmentèrent par la suite.

Plus tard ces bourgs furent élevés au rang de villes; d'abord Tavira en 1520, ensuite Faro en 1540 et enfin Lagos en 1573. Vers la fin du XVI^{me} siècle en 1577, on enleva à Silves le siège de l'évêché, malgré la respectable ancienneté de sa vénérable cathédrale, et on le transféra à Faro. Le gouvernement militaire était, naturellement et depuis longtemps, établi principalement à Lagos, se transportant aux autres villes selon les exigences occasionnelles.

Pour le moment nous n'avons que très peu de données sur les habitants de cette région, aux temps encore nommés préhistoriques et protohistoriques. D'après les anciens géographes, grecs et romains, nous avons pu apprendre qu'on désignait sous le nom de *cinetas* les peuples qui occupaient le moderne Algarve, et qu'une de ses villes, *Ossónoba,* était située près de l'endroit de l'actuelle ville de Faro, quoique Ptolomée et Strabon placent cette ville et d'autres encore de l'Algarve, en Turdetanie contrée, qui, à ce qu'on voit, occupait une grande étendue du nord au sud de la péninsule [1].

[1] Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania,* vol. II, pag. 15, etc.

Ossónoba parece que ainda existia no tempo da conquista dos muçulmanos, visto que Faro era por estes denominada Santa Maria de Ossónoba ou do Algarve; nas suas muralhas se encontram ou encontravam lapides e cippos com inscripções latinas, provavelmente ainda resultado da invasão d'ella, se não foi esse facto devido á dos christãos, como se vê ainda nos muros de Mertola, onde columnas inteiras de bello marmore alvissimo, talvez de Italia — restos de templos ou de banhos — estão mettidos n'aquelles, formando enchimento de alvenaria como quaesquer outras pedras. Desde esse tempo, porém, e principalmente depois da restauração christã as memorias e historia da povoação vão-se pouco a pouco tornando um tanto mais nitidas.

Logo que D. João I plantou o estandarte da cruz sobre as plagas africanas, como já dissemos, tanto Faro como Tavira e Lagos, pela sua proximidade da costa berberesca, tornaram-se o apoio das novas conquistas portuguêsas. Ellas contribuiam não só com gentes, mas com mantimentos, navios e materiaes para a segurança e conservação d'estas. Nas difficuldades e oppressões d'essas novas colonias — que ainda mal! foram estultamente abandonadas mais tarde — eram o Algarve e as ilhas adjacentes a quem primeiro se recorria para acudirem ás urgencias da sua defensão e manutenção. Aquelle fornecia-lhes braços, carnes, pescado, vinhos e fructos seccos, a Madeira braços, armas, o seu assucar e as suas conservas, os Açores braços tambem com os seus trigos e os seus milhos.

Faro fica situada proximamente a meia distancia do littoral do Algarve. Não tem a bella posição de Lagos sobre a sua formosa e vasta bahia, assenta porém sobre uma planicie arenosa e na margem oriental de um ribeiro que passando pela freguezia da Conceição vem, até onde chega a maré, encontrar-se com o rio. Este é formado por um braço de mar que se mette entre o areal denominado a ilha e a terra firme. O seu porto, apesar de amovivel, por causa das areias que soffrem constantemente desvios na sua posição, ainda assim é bastante concorrido por barcos de pequena lotação. Na prea-mar é a barra em frente de Olhão, que era defendida por uma antiga fortaleza, que póde dar entrada a maiores navios, de duzentas toneladas pouco mais ou menos. A cerca de uma legua fica a barreta que só faculta o accesso a barcos de 30 a 50 toneladas.

A instancias dos individuos da localidade foi ha perto de dez annos creada junto a Faro uma escóla de marinheiros, a cujo fim foi destinado um antigo vaso de guerra, que se acha no porto de Faro, mas a certa distancia da cidade. Tem sido optimos os resultados obtidos por similhante escóla.

O clima de Faro, apesar de demasiadamente quente, não deixa de ser sadio, e mais o seria se houvesse mais alguma attenção pela hygiene publica, embora n'estes tempos mais recentes se tenham prestado a este assunto alguns e valiosos cuidados.

Os terrenos das cercanias de Faro são bastante productivos. Os legumes e os fructos que n'elles se criam, além de serem muito saborosos, vêm mais temporãos que em outras partes, devido á temperatura do clima. D'aqui resulta que a ervilha, a fava, a vagem, o tomate, etc., sejam transportados, como são hoje facilmente para Lisboa, indo abastecer o mercado da capital muito antes que as outras localidades, d'onde esta ordinariamente se provê, o poderem fazer.

Além dos fructos communs ao resto do paiz e dos proprios da região, como a alfarroba, o figo, a amendoa, já n'esses terrenos se cria a batata doce, e as bananas, posto que estas sejam menos saborosas que as da Madeira. Magnificas serías, laranjas e pecegos produzem as bellas arvores das quintas dos arredores, assim como o vinho que sendo outr'ora mal fabricado, hoje é já sufficientemente bem tratado por alguns proprietarios; mas em geral, como a maioria dos vinhos do Algarve são adocicados e muito alcoolicos, tornando-se principalmente bastante proprios para distillação. Quanto ao arvoredo ainda não é tratado com aquelle cuidado e amor, que n'elle empregam os habitantes dos paizes do Norte, mas esse é um defeito geral entre o nosso povo.

Dos sitios aprazíveis que cercam a cidade desfructam-se agradaveis panoramas.

O caminho de ferro tornou Faro muito concorrido e tem trazido á sua população alguma actividade, o que em geral, a não ser no mar, não é muito natural da gente da provincia. O grande calor amolenta os corpos, e o levante, quando açoita a região, produz ainda peiores effeitos, como por experiencia propria infelizmente pude conhecer.

Faro, como quasi todas as terras algarvias não apresenta ao visitante muitos edificios dignos de attenção; comtudo ainda possue alguns que não se perde nada em vêl-os. Não admira, porém, essa falta, em presença da grande façanha que fez o famoso Drake, de pirata elevado a almirante, que com

Il semble que Ossónoba existait encore au temps de la conquête des musulmans, puisque Faro était surnommée par eux Santa Maria de Ossónoba ou de l'Algarve; sur ses murs, on retrouve ou on retrouvait des pierres et des débris de colonnes avec des inscriptions latines; il est probable que ce soient des résultats de l'invasion musulmane, où alors de l'invasion chrétienne comme on le voit sur les murs de Mertola, où on trouve des colonnes entières en beau marbre blanc, peut-être italien, — des épaves de temples ou de bains — enfoncées dans les murs et faisant partie de la maçonnerie comme des pierres ordinaires. Mais depuis ce temps et surtout dès la restauration chrétienne les mémoires et l'histoire de cette peuplade commencent à s'éclaircir peu à peu.

Comme nous l'avons déjà dit, Faro, Tavira et Lagos, par leur voisinage de la côte berbère, devinrent le point d'appui des nouvelles conquêtes portugaises, aussitôt que D. Jean I déploya l'étendard de la croix sur les rives africaines.

Nos provinces contribuaient non seulement avec des gens, mais avec des munitions, des navires et des matériaux pour la sûreté et la conservation de ces récentes contrées; dans les moments les plus difficiles et opprimés de ces colonies nouvelles, qui, hélas! furent follement abandonnées plus tard, c'était toujours à l'Algarve et aux îles adjacentes qu'on avait tout d'abord recour pour parer aux nécessités de leur défense et de leur conservation. Notre province fournissait des hommes, des viandes, des poissons, les vins et les fruits confits; l'île de Madère envoyait aussi des hommes, des armes, son beau sucre et ses conserves, les îles Açores contribuaient également avec leurs blés et le maïs.

Faro est située à peu près à demi distance du littoral de l'Argarve. Sans avoir la magnifique position de Lagos sur sa splendide et vaste baie, elle repose sur une plaine sablonneuse et sur la rive orientale d'un cours d'eau qui, passant par la paroisse de Conceição, à l'endroit où arrive l'eau de mer, va se rejoindre à un fleuve, lequel est formé par un bras de mer qui s'embouche entre la plage nommée l'île, et la terre ferme. Le port, assez mouvant, à cause des sables qui sont constamment déplacés, est toutefois bien peuplé de petits bateaux. À marée haute, l'emboûchure en face d'Olhão, qui était défendue par une ancienne forteresse, est celle qui permet l'entrée aux plus grands navires, de deux cents tonneaux. À une lieue de distance, à peu près, se trouve la petite barre qui ne comporte que des bateaux de 30 à 50 tonneaux.

Il y a une dizaine d'années que, sous les instances des habitants de l'endroit, on créa près de Faro une école de matelots, pour laquelle on utilisa un ancien vaisseau, qui se trouve dans le port de Faro, mais un peu éloigné de la ville; cette école a produit les meilleurs résultats.

Malgré sa grande chaleur, le climat de Faro est assez sain et il le serait encore davantage si on prêtait plus d'attention à l'hygiène publique; heureusement dans les derniers temps on s'est occupé avec plus de soins de ce sujet.

Aux environs de Faro, le terrain est assez productif. Grâce à la temperature favorable les légumes et les fruits y paraissent plus tôt que partout ailleurs et sont des plus savoureux. Ainsi les pois, les fèves, les haricots, les tomates, etc., sont transportés très rapidement à Lisbonne et vont approvisionner les marchés de la capitale bien avant que les localités environnantes puissent le faire.

Outre les fruits communs au reste du pays, et ceux qui sont péculiers à la contrée, comme les figues, les amendes et les caroubes, on y a déjà essayé les plantations de patates et de bananes qui ont donné de beaux résultats quoique les fruits soient moins savoureux que ceux de l'île de Madère. Les beaux arbres des propriétés d'alentour produisent de magnifiques *serías* (grénades très speciales), des oranges et des pêches délicieuses, il en est de même pour le vin qui était autrefois très mal fabriqué, mais que quelques propriétaires présentent actuellement sous de meilleures formes; mais comme en général la plupart des vins de l'Algarve sont sucrés et très alcooliques on les emploie surtout à la distillation. Quant aux arbres, on ne leur accorde pas les soins éclairés, qu'on emploie dans les pays du nord, mais du reste, c'est un défaut commun à tout notre peuple. Il y a aux environs de la ville, des sîtes très agréables d'où l'on jouit de magnifiques points de vue.

Le chemin de fer a introduit à Faro et à sa population un élément d'activité, qui du reste est peu propre aux gens de cette province, à moins qu'ils ne se lancent dans les affaires maritimes. La grande chaleur énerve les corps et le vent du levant, lorsqu'il souffle sur la région, produit encore de plus fâcheux résultats, comme malheureusement j'ai pu en juger par moi-même.

Comme dans presque toutes les villes de l'Algarve, Faro ne présente aux visiteurs que très peu

os seus inglêses, nossos fieis alliados, a pretexto de combater os hespanhoes assolou, incendiou quasi a cidade, não escapando ao seu furor os proprios archivos, levando a destruição até a freguezia de S. Braz. Salvou-se a igreja de S. Pedro e a Misericordia n'esse fatal dia 25 de julho de 1556, que apesar de haverem passado sobre elle mais de tres seculos, ainda não se apagou da memoria d'aquelles habitantes.

Como edificios mais antigos temos pois a vêr o paço episcopal, a Sé e a Misericordia.

É o paço um edificio de certa grandeza, com regulares aposentos, mas que se achava parte em ruinas quando tive a honra de ser alli recebido pelo muito illustre arcebispo-bispo Exc.^{mo} Snr. D. Antonio Mendes Bello a 14 de março de 1889, por uma bella tarde de quasi verão, quando me dirigia ao Guadiana em viagem de Lagos a Lisboa. Annos depois e n'esta capital me repetia o mesmo reverendissimo prelado que ainda se achava tudo no mesmo estado. Julgo, porém, que depois d'isso algumas reparações se lhe fizeram. Está situado n'um terreiro onde tambem está a Sé, sendo a sua apparencia bastante simples.

Outro tanto se não póde dizer da Sé. É esta um templo de apparencia respeitavel. Referem alguns escriptores que apossando-se os christãos por 1252 d'aquella povoação, purificaram a mesquita principal e a converteram em igreja christã, que alli se estabeleceu o Collegio ou Convento de Santa Maria dos freires-cavalleiros da Ordem de Santiago, que n'ella se conservou até que a cabeça do bispado passou de Silves a Faro. O que porém não póde soffrer duvida é que se o facto é verdadeiro a mesquita deve ter sido destruida, e em seu logar erguido o templo christão. A sua architectura de puro gothico assim o demonstra, se bem que a fórma externa seja um tanto singular.

Não se póde dizer um templo vasto, mas as suas tres naves têem a imponencia majestosa dos templos seus congeneres, que, em geral, no nosso paiz não têem a vastidão dos de outras regiões. Soffreu este templo grande destruição em 1755, quando succedeu o fatal terramoto do primeiro de novembro, como foram arrasados quasi todos os edificios, morrendo duzentas e cincoenta e tantas pessoas sob os escombros. Governava então interinamente as armas o bispo D. Frei Lourenço de Santa Maria, e salvando-se a custo de sob as ruinas do palacio episcopal, que quasi todo veio a baixo, fez reunir os soldados, e dando o exemplo, como um verdadeiro discipulo de Christo, tomou uma enxada nas mãos e começou assim os trabalhos de desobstrucção, afim de salvar da morte e afflicções os infelizes soterrados vivos sob os destroços dos edificios.

Alterada um tanto das suas fórmas primitivas, já por emplastagens que se mesclam aos soberbos arcos gothicos, já por aberturas de portas e janellas de feitios improprios d'aquelles, encerra a cathedral um monumentosinho digno de attenção tanto para aquelles que crêem na virtude d'essas especies de talismans christãos, como para os que só os consideram e admiram pelo lado da esthetica: quero fallar do famoso e bellissimo relicario, que uma das nossas photographias representa. A nitidez e perfeição d'esta quasi que dispensa uma descripção. As duas pilastras coroadas por capiteis corinthios estão adornadas de alto a baixo de esculpturas onde se abrem tres nichos em cada uma, nos quaes avultam seis anjos, com os instrumentos da paixão, de pé sobre peanhas lindamente cinzelados. De sobre o entablamento d'aquellas discorre o majestoso arco de volta inteira, da mesma fórma adornado de seis anjos dispostos por modo similhante aos outros. Na face interna do arco vê-se a mesma disposição e esculpturas simetricas. Até ao fundo da capella, são as paredes revestidas de esculpturas identicas, correndo o entablamento até alli, sob o qual se distinguem cinco aberturas em fórma de janellas coroadas cada uma por um frontãosinho triangular. Do lado do evangelho estas aberturas são em duas ordens, uma superior outra inferior. Esta não existe do lado da epistola, por isso que d'esse lado se abre um arco similhantemente esculpturado em cujo vão se insere o lindo cenotafio do bispo Pereira, no qual se ostenta o seu brasão. Ao fundo ladeiam o corpo do relicario duas columnas salomonicas, cujo entablamento se conjuga com o das pilastras do rosto da capella, de sobre o qual se ergue e circula em caprichosos lavores, entremeados de cabeças de anjos o arco que corôa o relicario. Este é constituido por quatorze nichos dispostos simetricamente dois no alto, duas ordens de quatro por baixo d'aquelles e quatro dispostos em duas ordens, inferiormente aos dois extremos das duas ordens maiores. Estes nichos são formados por columnas salomonicas sobremontadas de frontões triangulares, e formando varios corpos igualmente ladeados de columnas da mesma ordem, como se vê na photographia. Em cada nicho figura-se uma custodia, que em seu ediculo devia conter uma reliquia. Os dois inferiores têm cada um o busto

d'édifices remarquables; toutefois il y en a encore quelques uns qui méritent d'être vus. Cependant il n'y a guère lieu de s'étonner de cela, si l'on se souvient de la belle prouesse du fameux Drake; devenu amiral après avoir été pirate, avec ses compagnons anglais nos fidèles alliés et sous prétexte de combattre les espagnols, il dévasta et incendia presque toute la ville, n'épargnant pas même dans sa fureur, les archives, détruisant jusqu'à la paroisse de S^t Braz. On sauva l'église de S^t Pierre et la Miséricorde, pendant cette journée fatale du 25 Juillet 1556, qui est restée gravée dans la mémoire de ces habitants quoique trois siècles se soient déjà passés.

Les édifices les plus anciens sont le palais épiscopal, la cathédrale et la Miséricorde.

Le palais est un édifice assez grand, avec des appartements convenables, mais qui était à moitié ruiné quand j'eus l'honneur d'y être reçu par le très illustre archevêque-évêque Son Excellence Monsieur D. Antonio Mendes Bello, le 14 Mars 1889, par une soirée qui semblait de juillet lorsque je me dirigeai vers le Guadiana, venant de Lagos à Lisbonne. Quelques années plus tard me trouvant dans la capitale avec le même prélât je sûs que tout se trouvait encore dans le même état, mais je pense que depuis, on y a fait quelques réparations. Le palais se trouve sur une place où est aussi la cathédrale et son aspect est des plus simples.

On ne saurait dire la même chose de la cathédrale qui a une apparence des plus respectables. D'après quelques écrivains, il parait que les chrétiens s'étant emparés de cette ville en 1252, purifièrent la principale mosquée et la convertirent en église chrètienne; le collège ou couvent de Sainte Marie des frères-chevaliers de l'Ordre de S. Thiago s'y établit et y resta jusqu'à ce que le siège de l'évêché passât de Silves à Faro. Mais si le fait est véridique, il est plus probable qu'ont aît détruit la mosquée et construit à sa place le temple chrétien. Son architecture du plus pur gothique le démontre bien quoique la forme extérieure soit assez singulière.

Le temple n'est pas très vaste, mais ses trois nefs ont l'imposante majesté des édifications de ce genre, qui chez nous n'ont pas la grandeur de celles de l'étranger. En 1755, à l'occasion du fatal tremblement de terre du 1er Novembre, ce temple souffrît de grands dommages, de même que beaucoup d'autres édifices et plus de deux cents personnes périrent sous ses décombres. Le gouvernement militaire était provisoirement commis à l'évêque D. Frei Lourenço de Santa Maria, qui fut miraculeusement sauvé de sous les ruines du palais épiscopal presque entièrement écroulé; il fit réunir tous les soldats et donnant l'exemple, comme un véritable disciple du Christ, il prit dans ses mains une bêche et commença lui-même les travaux de désobstruction, afin de sauver du trépas et des angoisses les malheureux enterrés vivants sous les ruines des édifices.

Malgré les altérations de ses formes primitives, après des replâtrages qui enlaidissent les superbes arceaux gothiques, des percements de portes et de fenêtres tout à fait déplacés, la cathédrale renferme un petit monument digne de remarque, non seulement pour ceux qui croient à la vertu de ces sortes de talismans chrétiens, mais aussi pour ceux qui les admirent au point de vue artistique: c'est un précieux et magnifique reliquaire reproduit sur une de nos photographies, dont la perfection et la netteté nous dispenseraient bien de toute description. Les deux piliers surmontés de chapiteaux corinthiens sont ornés du haut en bas de sculptures, et percés de chaque côté de trois niches, d'où ressortent six anges, avec les instruments de la passion, se tenant debout sur des piédestaux finement ciselés. Sur l'entablement s'élève l'arcade en plein cintre très majestueuse et pareillement ornée de six anges placés de manière semblable aux autres. Sur la face intérieure de l'arc on voit la même disposition et des sculptures symétriques. Les murs, jusqu'au fond de la chapelle sont revêtus de sculptures pareilles, accompagnées de l'entablement sous lequel on voit cinq ouvertures en forme de fenêtres couronnées chacune par un petit fronton triangulaire. Du côté de l'évangile il y a deux rangées d'ouvertures superposées. La rangée inférieure n'existe pas du côté de l'épître parcequ'elle est remplacée par un arceau travaillé dans le même genre, abritant un beau cénotaphe de l'évêque Pereira, orné de ses armoiries. La partie principale du reliquaire est flanquée, au fond, par deux colonnes salomoniques, dont l'entablement, rejoint les deux piliers de front de la chapelle, au dessus de laquelle il circule capricieusement travaillé, entremêlé de figures d'anges, sur l'arc qui surmonte le reliquaire. Celui-ci est composé de quatorze niches symétriquement disposées; deux en haut, deux rangées de quatre placées au dessous et les quatre dernières superposées deux à deux, soutenant les rangées supérieures. Ces niches sont formées par des colonnes salomoniques surmontées de frontons triangulaires et formant diverses parties, toutes également

de um santo em cujo peito se ostentaria a reliquia. Tudo é bello n'esta capella que está muito regularmente conservada, havendo alguns pequenos estragos em alguns anjos. A sua esculptura compete, se não excede em belleza e perfeição a da riquissima capella de Santo Antonio de Lagos, que já descrevi.

Quando a cathedral foi estabelecida na igreja de que fallámos, os freires spactarios que junto com ella tinham alli o seu collegio, ou morada conventual, passaram para a igreja de S. Pedro, onde se estabeleceram e viveram.

O outro edificio de certa importancia é o estabelecimento da Misericordia. Deu origem a esta instituição, um recolhimento particular da iniciativa de uma nobre dama. Catharina da Fonseca Henriques, viuva de Simão Soeiro da Costa, alma caridosa e privilegiada, não tendo filhos e desejando applicar condignamente a sua tal qual fortuna, constituiu em sua propria casa uma especie de azilo, onde durante a sua vida recolhia e educava certo numero de donzellas pobres. Antes de deixar o mundo, não querendo que se perdesse o fructo da sua caridosa idéa, nem que as suas protegidas ficassem desfavorecidas, elaborou o seu testamento, deixando regularizada a instituição que lhe tinha absorvido a bondade do seu espirito e a caridade do seu coração, consignando-lhe os meios necessarios, e prescrevendo a fórma da sua administração e tudo o mais concernente ao fim que se havia proposto. Devem os farenses, e tambem a humanidade venerar a memoria de tão illustre dama, e prestar-lhe sempre o culto de um caloroso reconhecimento e perpetua gratidão.

Havia, ao que parece, cahido em decadencia o sympathico instituto, naturalmente por falta de cuidado e zelo dos successivos administradores, como em outros tantos casos similhantes tem succedido, quando o bispo D. Affonso de Castello Branco teve a feliz idéa de instituir a Misericordia, sendo até para estranhar, que ninguem a houvesse tido até então. Teve este instituto principio entre os annos de 1581 a 1585, annexando-se a elle a pia fundação da benemerita Catharina da Fonseca Henriques.

Pelos tempos que se succederam foi a instituição existindo com mais ou menos prosperidade, com maior ou menor desenvolvimento, até que tomou a administração da diocese o bispo D. Franco Barreto. Como em tudo onde chegou o seu valioso influxo, não podia a Misericordia de Faro deixar de partilhar d'elle. Effectivamente o reverendo prelado, reconhecendo a pequenez das accommodações do edificio, mandou proceder ao seu alargamento, afim de poderem não só acolher maior numero de desvalidos, mas de estes poderem ser melhor satisfeitos nas suas necessidades e doenças. Em 1733 o Cardeal Pereira procedeu a novos reparos no edificio, que se ia tornando assim pouco a pouco mais cabal ao seu destino.

Vem porém o fatal terramoto de 1755 e eis que o edificio soffre, como todos os mais, grande ruina. Não se podia acudir a tudo de prompto, assim se foi concertando aqui, reparando acolá, como e onde mais urgente se tornava a reparação. Chegou, porém, o tempo do governo do bispo D. Francisco Gomes de Avellar, esse benemerito prelado, cujo nome jámais será esquecido no Algarve, e então o edificio do Hospital da Misericordia recebeu não só uma reedificação completa, mas as suas accommodações foram ainda mais desenvolvidas. Julgo que de então para cá poucas alterações e acrescentamentos tem recebido o estabelecimento.

Entre os edificios profanos distingue-se o theatro Lethes, que antes do acabamento do de Evora era o mais rico theatro particular que havia no paiz. Deve-se essa obra a um italiano, o prestimoso Cumano, medico que veio estabelecer-se n'aquella cidade.

Faro possue hoje todas as condições de uma existencia moderna. Tem arredores variados que offerecem distracção e recreio; estradas que a communicam com os pontos mais afastados da provincia, algumas das quaes nos encantam pelos panoramas que apresentam; tem ruas e praças regularizadas, uma avenida ajardinada onde nas tardes calmosas do verão, ou nos bellos dias de inverno sem chuva, cuja temperatura é alli moderada, proporciona uma agradavel diversão aos seus habitantes e forasteiros que n'ella se vão desenfadar, e ligada pelo caminho de ferro ao resto do paiz deve continuar a progredir moral e materialmente, como é dever e direito da capital de um districto, que é uma provincia, outr'ora um reino.

Brito Rebello.

flanquées de colonnes semblables, comme on voit dans la photographie. Chaque niche contient un ostensoir dont l'édicule devait contenir une relique, les deux d'en bas présentent chacun un buste de saint dont le sein devait présenter la relique. Tout est beau dans cette chapelle qui est très bien conservée, il y a à peine quelques anges qui sont un peu endommagés. La sculpture n'est pas moins précieuse, je pense même qu'elle excède en perfection et en beauté celle de la riche chapelle de Saint-Antoine de Lagos que j'ai déjà décrite.

Lorsque la cathédrale fut installée dans l'église dont nous avons parlé, les frères spactaires qui y avaient également établi leur collège ou habitation conventuelle, passèrent à l'église de S^t Pierre, où ils vêcurent dès lors.

La Miséricorde est aussi un édifice assez important. L'origine de cette institution fut une maison de retraite particulière fondée par une noble dame, Catharina da Fonseca Henriques, veuve de Simon Soeiro da Costa, âme charitable et élevée, qui n'ayant pas d'enfants et désirant appliquer sa fortune en bonnes œuvres, institua chez elle une espèce d'asile, où, pendant sa vie, elle recueillait et élevait un certain nombre de jeunes filles pauvres. Avant de mourir, et désirant ne pas perdre le fruit de son idée si charitable, et ne voulant pas laisser dans l'abandon ses protégées, elle fit un testament par lequel elle réglait cette institution qui avait absorbé toute la bonté de son âme et la générosité de son cœur; elle laissa donc les moyens nécessaires en prescrivant la manière dont devait être dirigé l'établissement avec tous les détails qu'elle s'était proposés. Les habitants de Faro et même tout le monde doit vénérer la mémoire de cette dame si illustre et lui rendre le culte d'une vive reconnaissance et d'une gratitude éternelle. Il parait que cette institution si sympathique était tombée en décadence, probablement faute de soins et de zèle de la part de ses administrateurs comme il arrive si souvent, lorsque l'évêque D. Affonso de Castello Branco eut l'heureuse pensée d'instituer la Misericorde (assistence aux pauvres et aux enfants trouvées); il était même étonnant que personne n'aît encore eu cette idée. L'institution fut fondée entre les années 1581 à 1585 et on y adjoignît la pieuse fondation de M^me Catharina da Fonseca Henriques.

Le temps passa et l'établissement continuait avec plus ou moins de prospérité et de développement, jusqu'à l'administration de l'évêque du diocèse D. Franco Barreto, dont l'influence précieuse s'étendit à tout, et la Miséricorde devait naturellement en partager les bénéfices. En effet, le révérend prélât reconnaissant l'étroitesse de l'édifice, le fit amplifier, non seulement afin de pouvoir recevoir un plus grand nombre de malheureux, mais aussi pour pouvoir plus avantageusement subvenir à leurs besoins et soigner leurs maladies. En 1733 le cardinal Pereira procéda à de nouvelles réparations de l'édifice, qui finit peu à peu par être tout à fait approprié à sa destination.

Mais le terrible tremblement de terre vint faire presque tomber en ruine cet édifice ainsi que beaucoup d'autres. On ne pouvait pas parer à tout promptement, on répara par ci par là, ce qui était le plus urgent. Avec le gouvernement de l'évêque D. Francisco Gomes de Avellar, ce prélât si méritant dont le nom ne sera jamais oublié dans l'Algarve, l'édifice de l'Hôpital de la Miséricorde fut complètement réédifié, et son développement s'accentua encore davantage. Je pense que depuis ce temps-là on y a fait peu d'altérations et d'accroissements.

Parmi les édifices profanes on distingue le théatre Lethes, qui était la plus riche salle particulière du pays, avant l'achèvement du théatre d'Evora. Ce travail est dû à un italien, le prestigieux médecin Cumano qui vint s'établir dans cette ville.

Actuellement Faro réunit toutes les conditions de l'existence moderne. Ses beaux environs sont des lieux de promenade des plus agréables; de belles routes font communiquer la ville avec les endroits les plus écartés de la province, dont quelques uns sont véritablement charmants, avec de jolis points de vue; les rues et les places sont très régulières, et une belle avenue plantée de parterres et de jardins sert de distraction aux habitants du pays et aux visiteurs pendant leurs loisirs; c'est là qu'on se donne rendez-vous pendant les tièdes soirées d'été ou les beaux jours d'hiver sans pluie, car la température y est très douce. La ville que le chemin de fer relie au reste du pays doit continuer à prospérer au point de vue moral et matériel, comme il convient à la capitale d'un district, qui est une province, et qui a été autrefois un royaume.

Brito Rebello.

EMILIO BIEL & C.ª-EDITORES

Vista geral

FARO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

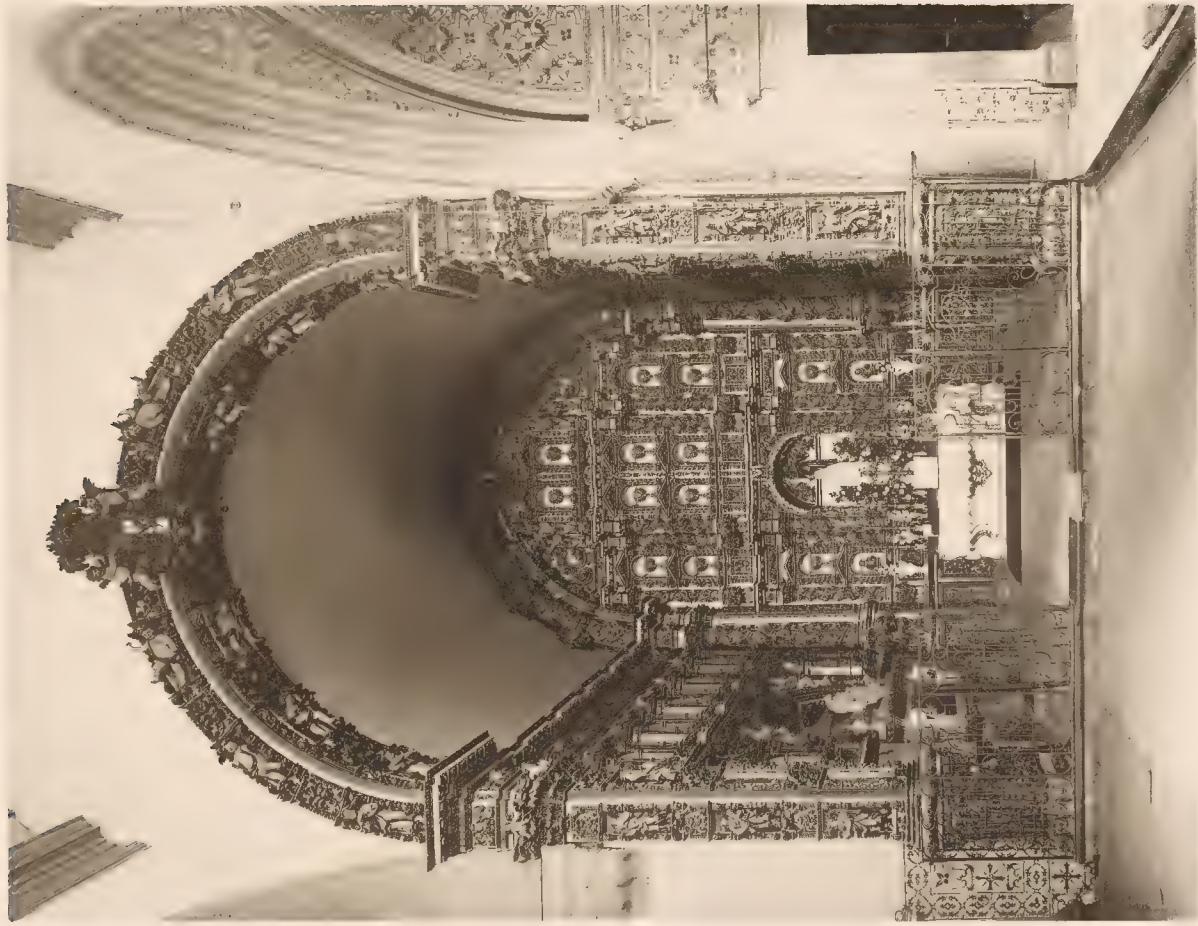
EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Avenida D. Amelia
FARO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REG STADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sé

FARO

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Capella das reliquias na Sé

FARO

O Museu de Artelharia

LISBOA

É uma denominação impropria, esta. De artelharia se poderia chamar o Museu se elle exhibisse apenas armas e attributos pertencentes á artelharia; mas a exhuberante collecção que encerra é principalmente notavel por apresentar objectos que nos levam, atravez dos tempos, a evocar e a reconstruir a historia militar do paiz. Todavia, é de justiça que tal denominação se conserve; porque numerosa e valiosa é a collecção que o Museu apresenta de boccas de fogo, desde os seus primordios, desde os rudes *trons* que figuraram em Aljubarrota; e porque na verdade á solicitude da arma de artelharia se deve o grau de desenvolvimento e prosperidade em que o Museu se encontra. *Suum quique.*

A celula d'onde evolveu, foi o modesto museu organisado em 1842 pelo barão do Monte Pedral na repartição de Santa Clara, para modelos de machinas, apparelhos e outros objectos curiosos, organisação sanccionada pelo decreto que em 1851 reformou o arsenal do exercito. Reorganisada em 1869 a arma de artelharia, passou o Museu a estar a cargo do director da fabrica d'armas. Depois d'isso, o constante desvelo de officiaes e directores geraes d'aquella arma tem primado, n'uma louvavel compita, em converter aquelle estabelecimento n'um dos mais notaveis do paiz, e dos que, com mais legitimo orgulho, se podem apresentar ao apreço do estrangeiro.

Depois do do barão do Monte Pedral, nomes illustres se ligam ás tradições d'esse Museu, e entre elles os dos generaes de artelharia Antonio Florencio de Sousa Pinto, que foi ministro da guerra, e Antonio Candido da Costa, João Eduardo de Brito e Pedro Coutinho da Silveira Ramos, directores geraes da arma. Dois nomes, porém, sobrelevam a todos em primazias de benemerencia, nomes que se conjugam na mesma ideia, e na mesma obra se completam, — um como ideia e impulso, outro como meios de acção: — são os dos generaes Eduardo Ernesto de Castelbranco e Luiz Augusto Pimentel Pinto.

A este, como ministro da guerra, deve o paiz e o exercito mais esse acto meritorio, tornando exequivel o que, sem seu generoso auxilio, se não teria convertido em realidade; áquelle deve o amor entranhado que sempre votou a essa instituição, fazendo-a crescer, medrar, progredir a cada instante, com o carinho e o enlevo de um pae.

Quando em 1876 foi o Museu transferido para o edificio da Calçada Nova, hoje Calçada do Museu de Artelharia, onde era d'antes o extincto collegio dos aprendizes do arsenal do exercito, foi incumbido d'esse trabalho, e nomeado director do Museu, o então capitão de artelharia Eduardo Ernesto de Castelbranco. Com o bom gosto que o caracterisava, este official deu a essa installação o caracter artistico que requeria, tratando-se de objectos de tanta estimação e valor historico.

O edificio da Fundição de Baixo onde estava installado o commando geral de artelharia achava-se em 1895 carecendo de reparação; era ministro da guerra o snr. conselheiro Pimentel Pinto; continuava na direcção do Museu o já então coronel, Eduardo Ernesto de Castelbranco. D'este nasceu a ideia da creação de recursos com uma pequena percentagem de augmento no preço das vendas dos productos do arsenal do exercito. As verbas assim creadas n'essa data, e posteriormente em 1900, permittiram a remodelação do edificio, não só para melhor accommodar as repartições do commando, mas tambem para a luxuosa installação do Museu, que é hoje, não só um museu militar valioso, mas um museu de arte moderna portugueza, com a representação dos nossos actuaes pintores, esculptores e azulejistas mais notaveis: — Teixeira Lopes, Salgado, Costa Motta, tio e sobrinho, Carlos Reis, Columbano Bordallo Pinheiro, Malhoa, Raphael Bordallo, Ernesto Condeixa, Luciano Freire, Antonio Carneiro Junior, João Vaz, D. Emilia Santos Braga, A. Ramalho, Carlos Gomes Fernandes, Teixeira Bastos, Arthur de Mello, Jorge Collaço, Gustavo Bordallo Pinheiro, Victoria Pereira e tantos outros. Em telas, muitas d'ellas primorosas, estão representados, episodios de batalhas portuguezas, dos descobrimentos e conquistas, das nossas memoraveis guerras da Restauração, da emancipação do jugo napoleonico, e da liberdade; retratos dos homens eminentes d'essas épocas mais caracteristicas da nossa historia; estatuas e bustos com eguaes consagrações.

Larga é a representação de Columbano nos tectos, e em quadros parietaes, memorando scenas dos *Lusiadas*, scenas de guerra, personagens illustres. O immortal Raphael Bordallo figura com quatro

Le Musée d'Artillerie

LISBONNE

Voici un nom impropre. On le comprendrait, si ce Musée renfermait à peine des armes et des objets se rapportant à l'artillerie; mais la surabondante collection que l'on y admire est surtout remarquable pour la variété de choses, qui, à travers les temps passés, nous portent à évoquer et à reconstruire l'histoire militaire de notre pays. Toutefois un sentiment de justice rachète l'impropriété du nom. Le Musée présente une grande et précieuse collection de canons depuis leur origine, en commençant par les *trons* grossiers parus à la bataille d'Aljubarrota; et aussi à vrai dire, c'est surtout à la sollicitude de l'arme d'artillerie que l'on doit le degré de développement et de prospérité où il se trouve actuellement. *Suum quique.*

La cellule d'où partit l'évolution fut un modeste musée organisé en 1842 par le baron do Monte Pedral, dans le département de Santa Clara, où l'on voyait des modèles de machines, des appareils et d'autres objets curieux; cette organisation fut confirmée par un décret qui en 1851 réforma l'arsenal militaire. En 1869 lors de la réorganisation de l'arme d'artillerie, le musée retourna à la charge du directeur de la fabrique d'armes. Depuis lors le dévouement continuel, des officiers et directeurs de cette arme, s'est efforcé, dans une louable émulation, et a réussi à rendre cet établissement un des plus remarquables du pays, et que l'on peut, avec le plus légitime orgueil, offrir à l'admiration des étrangers.

Après celui du baron do Monte Pedral, bien d'autres noms illustres se relient aux traditions de ce Musée et l'on doit citer ceux des généraux d'artillerie Antonio Florencio de Sousa Pinto, qui fut ministre de la guerre, Antonio Candido da Costa, João Eduardo de Brito et Pedro Coutinho da Silveira Ramos, directeurs généraux de l'arme d'artillerie. Mais deux noms surtout priment comme les plus méritants, communiant dans le même idéal, se complétant dans la même œuvre, l'un comme idée et impulsion, l'autre comme moyen d'action: ce sont ceux des généraux Eduardo Ernesto de Castelbranco et Luiz Augusto Pimentel Pinto.

À celui-ci, comme ministre de la guerre, le pays et l'armée doivent encore cette action méritoire, car il a réalisé ce qui n'aurait été qu'un rêve, si ce n'était sa généreuse impulsion; à celui-là on doit la plus haute reconnaissance pour le profond dévouement qu'il a toujours voué à cette institution, en la faisant croître, augmenter et prospérer à chaque moment avec toute la tendresse et les soins d'un père.

Lorsque en 1876 le Musée fut transféré dans l'édifice de la Calçada Nova, actuellement nommée Calçada du Musée d'Artillerie, où se trouvait le collège, maintenant aboli, des apprentis de l'arsenal militaire, on chargea de ce travail le capitaine d'artillerie Eduardo Ernesto de Castelbranco, que l'on nomma directeur du Musée. Avec le goût distingué qui le caractérisait, cet officier sût imprimer à cette installation le cachet artistique qu'exigeait une si belle collection d'objets précieux et de valeur historique.

L'édifice de la Fundição de Baixo où était installée la direction générale d'artillerie, tombait en ruine en 1895; le ministre de la guerre était alors Mr. le conseiller Pimentel Pinto et la direction du Musée était confiée encore à Mr. Eduardo de Castelbranco déjà colonel. Ce fut lui qui eut l'idée de se procurer des ressources avec une faible taxe d'augmentation sur les prix de vente des produits de l'arsenal militaire. Ces sommes créées alors, et plus tard en 1900, suffirent pour réaliser la restauration de l'édifice, non seulement pour y loger les départements de la direction, mais aussi pour installer le luxueux Musée, qui est aujourd'hui, non seulement un musée militaire de grande valeur, mais encore un musée d'art moderne national, où se trouvent des travaux de nos plus remarquables peintres, sculpteurs, et faïenciers contemporains: — Teixeira Lopes, Salgado, Costa Motta, oncle et neveu, Carlos Reis, Columbano Bordallo Pinheiro, Malhôa, Raphael Bordallo, Ernesto Condeixa, Luciano Freire, Antonio Carneiro Junior, João Vaz, D. Emilia Santos Braga, A. Ramalho, Carlos Gomes Fernandes, Teixeira Bastos, Arthur de Mello, Jorge Collaço, Gustavo Bordallo Pinheiro, Victoria Pereira, et beaucoup d'autres.

Quelques toiles, très belles, présentent des épisodes de batailles portugaises, de conquêtes, de découvertes, de nos mémorables guerres de la Restauration, de l'émancipation du joug napoléonien, et de la liberté; des portraits d'hommes éminents de ces époques les plus caractéristiques de notre histoire; des statues et des bustes également significatifs. L'œuvre de Columbano, sur les plafonds, les pans de murs, est des plus vastes, rappelant les scènes des *Lusiades*, des batailles, des personnages illustres.

perfeitos manequins de soldados — typos acabados de peninsulares, com o uniforme de 1833; os rostos em terra-cota têm a expressão viva e a perfeição artistica das esculpturas de Machado e Castro. A allegoria de Carlos Reis, representando Venus a supplicar a Jupiter em favor dos portuguezes, é d'uma grande harmonia de côres e de fórmas, e serve de ornato marginal ao grande mappa da Asia que cobre a parede da frente da sala *Vasco da Gama,* no rez do chão.

Na *Sala D. Maria Pia,* a que fica á direita subindo ao vestibulo, e é consagrada a objectos commemorativos da guerra peninsular, tem o artista Ramalho uma larga tela onde, entre a neblina da manhã, se desenrola a batalha do Bussaco; no primeiro plano está um soldado com a espingarda em descanço, sentinella ao monumento erigido para commemorar aquella batalha, actuando no seu espirito a visão d'aquelle glorioso episodio da guerra. A tela imponente de Salgado, na *Sala D. Pedro IV,* representa, em figuras do tamanho natural, a Patria, tendo ao lado a Historia a coroar os heroes da Liberdade em Portugal. Em frente d'essas figuras symbolicas está n'um primeiro grupo, mais ao fundo, D. Pedro IV com os seus generaes: Duque de Saldanha, Conde das Antas, Sá da Bandeira, José Jorge Loureiro, Marquez da Fronteira, todos a cavallo, e um marinheiro da armada portugueza; no segundo grupo, á frente, Mousinho da Silveira, Duque de Palmella, J. da Silva Carvalho, Almeida Garrett; a seguir, um soldado do batalhão dos Voluntarios da Rainha, um de caçadores n.º 5, e outro de infanteria n.º 18. Na *Sala Infante D. Henrique,* ainda em preparação, toda a parede do fundo é coberta com o bello quadro de Malhoa representando o Infante sobre as penedias de Sagres, vendo desenrolar-se diante dos seus olhos inebriados toda a luminosa visão do descobrimento e da conquista!

São os quadros maiores; ao par d'estes, em proporções mais limitadas, porém dignos de especial menção, os quadros de Ernesto Condeixa, primorosos, representando a passagem do Cabo da Boa-Esperança, antes e depois da tormenta, segundo a visão dos *Lusiadas,* na *Sala Pimentel Pinto,* e a conquista de Malaca na *Sala Affonso Albuquerque;* e aqui e além, entre armas, instrumentos de guerra, modelos de engenhos, a nota captivante de quadros historicos, figuras allegoricas, e retratos executados pelos nossos mais festejados artistas, avultando entre elles, o de Luciano Freire que representa o grande D. Nuno Alvares Pereira, moço ainda, apoiado sobre a espada que elle havia de tornar tão gloriosa. Muitos não estão ainda collocados no seu logar, entre ellas a batalha do Montijo, e o quadro allusivo á alliança dos exercitos portuguez e inglez contra as invasões francesas, de Carneiro Junior.

Nas antigas salas, tão caracteristicas, com seus tectos apainelados, pintados a oleo, a sua obra de talha primorosa, as figuras e ornamentos de grande relevo, os seus dourados ainda vivos, conservou-se o cunho primitivo; — renques de armas perfilam ao longo das paredes; hirtas armaduras de ferro, completas, fazem lembrar roldas e sobreroldas medievas, de espada em punho; pelo meio, em mostradores, ostentam-se os objectos mais curiosos e raros; ha grandeza, ha solemnidade, ha encanto n'aquellas estancias largas e cheias de luz, onde as artes da paz, nas suas manifestações mais bellas, se casam com os attributos historicos da destruidora arte da guerra.

As outras salas estão-se aperfeiçoando ou completando, e algumas d'ellas mudaram de nome. — *Sala D. Maria Pia,* se passou a chamar a que d'antes impropriamente se apelidava, em especial, *Sala dos artigos historicos,* como se todas ellas os não ostentassem. Aqui se reunem como dissemos, os objectos relativos á guerra peninsular: — canhões tomados aos francezes na batalha de Victoria, bandeiras de regimentos nossos que n'essas campanhas se distinguiram, armamento da epoca, etc. Aqui vae o actual director do Museu, e nosso illustre amigo, o snr. general Alcantara Gomes, fazer uma pequena consagração ao general Cascaes, inaugurando o retrato d'este benemerito militar, e reunindo-lhe ao pé os modelos dos monumentos por elle consagrados á victoria do Bussaco, e outros objectos que com esses factos se relacionem.

Á mesma iniciativa se vae dever outra consagração, ainda mais justa, tratando-se do Museu de Artelharia: a que é feita á memoria do barão do Monte Pedral, seu fundador. A *Sala dos Explosivos* vae passar a chamar-se *Sala do Barão do Monte Pedral;* alli se inaugurará o retrato d'esse official, e, devidamente ornamentada e remodelada, essa sala passará a ter uma representação especial.

É de justiça pararmos aqui uns momentos para alguma coisa dizermos dos ultimos dois directores do Museu.

Ao general Eduardo Ernesto de Castelbranco vimos já que aquelle estabelecimento deveu todo o incremento, toda a grandeza que revestiu nos ultimos annos, desde 1896. Era um homem culto, devo-

L'immortel Raphael Bordallo nous présente quatre mannequins parfaits de soldats, des types achevés de péninsulaires, avec l'uniforme de 1833; les visages en terre cuite ont l'expression vivante et la perfection artistique des sculptures de Machado de Castro.

L'allégorie de Carlos Reis représentant Vénus suppliant Jupiter en faveur des portugais est d'une superbe harmonie de teintes et de forme, et sert d'ornement ou de cadre à un grand atlas de l'Asie qui couvre le mur en face de la *Salle Vasco da Gama* au rez-de-chaussée.

Dans la *Salle D. Maria Pia,* celle qui se trouve à droite en montant au vestibule, et qui contient les objets commémoratifs de la guerre péninsulaire, l'artiste Ramalho a peint une large toile, où l'on aperçoit à travers la brume matinale, des épisodes de la bataille de Bussaco; au premier plan on voit un soldat avec le fusil au repos, comme une sentinelle qui monterait la garde au monument qui rapèlle cette bataille, et dont l'esprit serait frappé par la vision des scènes guerrières de cet épisode glorieux. L'imposante toile de Salgado, dans la *Salle de la Liberté* représente des figures en grandeur naturelle. La Patrie, ayant à côté l'Histoire couronnant les héros de la Liberté en Portugal. En face de ces figures symboliques, un peu au fond, on voit dans un premier groupe, D. Pedro IV avec ses généraux: le duc de Saldanha, le comte das Antas, Sá da Bandeira, José Jorge Loureiro, Marquez de Fronteira, tous à cheval, et un matelot portugais; dans un autre groupe, plus en avant, Mousinho da Silveira, duc de Palmella, J. da Silva Carvalho, Almeida Garrett; plus loin un soldat du bataillon de Volontaires de la Reine, un du 5^{me} chasseurs, et un autre du 18^{me} de ligne.

Dans la *Salle Infant D. Henrique,* encore incomplète, tout le mur du fond est recouvert avec le magnifique tableau de Malhôa représentant l'Infant sur les rochers de Sagres, voyant se dérouler devant ses regards ravis, toute la lumineuse vision des découvertes et des conquêtes portugaises.

Ce sont les plus grands tableaux; ensuite, en des dimensions plus limitées, mais tout aussi dignes d'être remarqués, on voit des tableaux de Ernesto Condeixa, très beaux, qui représentent le passage du cap de Bonne Espérance, avant et après la tourmente, d'après la vision des *Lusiades,* dans la *Salle Pimentel Pinto,* et la conquête de Malaca, dans la *Salle Affonso d'Albuquerque;* çà et là, parmi des armes, des instruments guerriers, des modèles de machines, la note attrayante de tableaux historiques de figures allégoriques et de portraits exécutés par nos plus remarquables artistes, entre autres Luciano Freire qui a peint D. Nuno Alvares Pereira, jeune encore, appuyé sur l'épée qu'il devait rendre si glorieuse. Beaucoup de peintures ne sont pas encore placées, entre autres la bataille du Montijo et le tableau allusif à l'alliance des armées portugaise et anglaise contre les invasions françaises, par Carneiro Junior.

On a conservé leur cachet primitif aux anciennes salles, si caractéristiques avec leurs plafonds à caissons, peints à l'huile, et leurs boiseries si précieusement travaillées, avec des figures et des ornements en haut relief, qui semblent dorés à neuf; des rangées d'armes s'appuient au long des murs; de raides armures, complètes, nous font rappeler les rondes et contre-rondes du moyen-âge, l'épée au poing; au milieu dans des vitrines sont exposés les objets plus curieux et rares; il y a de la grandeur, de la solemnité, du charme, dans ces galeries vastes et pleines de lumière où les arts pacifiques, dans leurs plus belles manifestations s'allient aux attributs historiques de l'art sauvage de la guerre.

Les autres salles sont en train de se perfectionner et de se compléter, et quelques-unes ont changé de nom. La *Salle D. Maria Pia* est maintenant celle qui autrefois s'appelait si improprement, *Salle des articles historiques,* comme si l'on n'en voyait pas dans toutes les autres. C'est ici que, comme nous l'avons dit, se trouvent reunis les objets rélatifs à la guerre péninsulaire: — des canons pris aux français à la bataille de Victoria, des drapeaux de régiments portugais qui se sont distingués dans ces campagnes, des armements de cette époque, etc. L'actuel directeur du Musée, notre illustre ami, Mr. le général Alcantara Gomes, va faire ici une petite consécration au général Cascaes, en inaugurant le portrait de ce militaire si distingué, et réunissant auprès, les modèles des monuments dédiés par lui à la victoire du Bussaco, avec d'autres objets qui d'une manière ou d'autre se rapportent à ces faits. Une autre consécration va être encore dûe à cette même initiative et plus justement encore, si l'on s'occupe du Musée d'Artillerie; c'est celle qu'on doit faire à la mémoire du baron do Monte Pedral, son fondateur. La *Salle des Explosifs* va se nommer *Salle du Baron do Monte Pedral;* c'est là qu'on inaugurera le portrait de cet officier et après sa restauration et sa conclusion cette salle aura une signification toute particulière.

tado á arma a que pertencia, fanatico pelos assumptos concernentes ao Museu, em que superintendia desde 1876, independente pelos meios de fortuna de que dispunha, nobre de origem, e com todas as condições para educar o gosto e aperfeiçoar as suas naturaes tendencias estheticas e predilecções historicas. Á frente do Museu era *the right man in the rigth place.* O ardor, o enthusiasmo, a paixão que elle poz na sua obra, bem se patenteia no que deixou feito. Não ha hoje ninguem no paiz que não conheça, não aprecie, não aquilate o valor d'aquelle estabelecimento, que faz honra a Portugal; e a memoria do general Castelbranco é evocada, não só como de quem prestou á sua arma e ao seu exercito um tão importante serviço, mas como de um homem que animou, estimulou, recompensou as bellas artes portuguezas, que tão poucos incentivos encontram, até nos poderes publicos.

O actual director, o snr. general Pedro de Alcantara Gomes, fôra amigo intimo do seu antecessor; acompanhára-o e animára-o na sua obra; e quando uma singular coincidencia o tornou depositario d'ella, todo o seu cuidado foi guardar o cunho, a sequencia, a unidade do trabalho tão largamente esboçado e tão proficientemente executado. Era uma superior maneira de perpetuar na obra do amigo o culto pela sua memoria illustre. Não ficou, todavia, por alli; de sua iniciativa, em tudo que não seja destruir a concepção inicial, ha já a notar medidas de alcance; entre ellas o projecto de uma vasta sala de exposição dos excellentes, e alguns bens raros e preciosos, especimens de peças, hoje tão mal accommodadas no pateo de deposito. Esta installação passará a ser das mais interessantes e valiosas.

O Museu de Artelharia é a maior invocação do nosso passado glorioso, que em todo o Portugal existe. Em monumentos dispersos pelo paiz: — o castello de S. Jorge, S. Vicente de Fóra, a Batalha, a torre de Belem, os Jeronymos, as praças desmanteladas, os padrões aqui e além erguidos, os objectos historicos n'um ou n'outro ponto conservados, e poupados ao vandalismo da destruição ou ao mercantilismo que tem mandado para o estrangeiro o que de mais precioso havia entre nós, encontramos, é certo, motivo para uma evocação consoladora ao nosso coração de portuguezes. Mas no Museu de Artelharia percorre a nossa imaginação grande numero das paginas mais luminosas da nossa historia. Alli admira: as armas da edade de ferro, damasquinadas, que se encontraram, retorcidas, nas sepulturas de guerreiros em Alcacer do Sal; as bombardas do seculo XIV, de retrocarga, exhumadas do fundo do Tejo, e que devem ser das armadas castelhanas que no tempo de el-rei D. Fernando fecharam pelo rio o assedio a Lisboa; um dos famosos *trons* castelhanos, de Aljubarrota, (pena é que lá não esteja tambem o caldeirão, da mesma procedencia, que está, impropriamente, em Alcobaça); um ferro de lança, contemporaneo, achado no campo d'essa batalha; o capacete e a espada do principe D. João, mais tarde o *Principe Perfeito,* na batalha de Toro; o acicate de um cavalleiro de Christo, de Thomar; a celebre peça mourisca de Diu e pelouros da mesma gloriosa praça; uma porta da praça de Chaul; um pelouro de Çafim, de 1534; outro, com inscripção, jogado pelos mouros contra os portuguezes da praça de Ormuz em 1552; restos da mumia de D. Luiz de Athayde; a espada do principe D. Theodosio; peças que figuraram na batalha de Montes Claros; bandeiras hespanholas tomadas na guerra da successão de Hespanha; bandeiras de caçadores n.º 5 e infanteria n.^{os} 11 e 19 na campanha de Roussillon; o mappa da Beira Baixa que serviu na campanha de 1803; autographos de Junot; medalhas commemorativas das batalhas do Bussaco e de Talavera; balas e estilhaços do campo do Bussaco; quatro boccas de fogo, em reparos, tomadas na batalha da Victoria, sendo duas do tempo da Republica e duas com a inscripção *Napoleão;* bombas do cerco do Porto; bandeiras portuguezas das guerras da Liberdade, entre ellas a que fluctuou no castello de S. Jorge quando em Lisboa entrou o exercito libertador; reliquias de D. Pedro IV; o bastão do Duque da Terceira; a divisa que os liberaes traziam no combate do Cabo de S. Vicente; a espada que o Duque de Saldanha levava em Almoster; a bandeira do regimento do Principe Regente de Macau que acompanhou o tenente Nicolau de Mesquita, e os trinta e seis soldados que o seguiam, quando em 1849 tomaram o forte de Passaleão; reliquias das nossas guerras em Africa: a espada de Baptista de Andrade no Ambriz; as espadas do coronel Galhardo e major Machado em Coelella; cartucheira e espingarda Martini Henry colhida a um vatua n'essa campanha; a lança do bravo soldado Relvas no Bárue... Um nunca terminar; um rosario quasi indesfiavel de recordações que cada um d'esses objectos evoca no nosso agradecido coração de portuguezes.

O estrangeiro que visita este Museu fica conhecendo, sob o ponto de vista artistico, um dos raros

Il est juste que nous nous arrêtions ici quelques instants pour parler un peu des deux derniers directeurs du Musée.

Nous avons déjà dit que c'est au général Eduardo Ernesto de Castelbranco, que cet établissement doit la prospérité, et la grandeur qu'il a acquises pendant ces dernières années à partir de 1896. C'était un homme éclairé, dévoué à l'arme à laquelle il appartenait, fanatique pour tout ce qui se rattachait au Musée qu'il dirigeait depuis 1876. Né gentilhomme, sa fortune lui permettait d'être indépendant, et il possédait ainsi toutes les conditions pour cultiver son bon goût et perfectionner ses naturelles tendances esthétiques et ses préférences historiques. Le Musée avait donc à sa tête *the right man in the right place.* Dans tout ce qu'il a fait et ce qu'il a laissé on reconnait l'ardeur, l'enthousiasme, la passion dont il était possédé. Il n'y a aujourd'hui personne qui n'apprécie et ne reconnaisse la valeur de cet établissement, qui fait honneur au pays, et la mémoire du général Castelbranco est évoquée, non seulement comme souvenir de celui qui a rendu à son arme et à l'armée un aussi grand service, mais comme exemple de l'homme qui a encouragé, stimulé et récompensé les beaux-arts portugais, qui, même de la part de nos gouvernements, sont si peu encouragés.

Le directeur actuel, Mr. le général Pedro de Alcantara Gomes, était un ami intime de son antécesseur; il l'avait accompagné, enhardi dans cette œuvre, et quand, par une singulière coïncidence il en devint le dépositaire, son plus grand soin a été de conserver le cachet, la suite, et l'unité d'ensemble si largement esquissés et si profitablement exécutés. C'était une manière supérieure de perpétuer l'œuvre de son ami, et le culte de son souvenir vénéré. Toutefois il ne s'en tint pas là, et on cite déjà quelques innovations de haute portée, dûes à son initiative, soigneuse, néanmoins, de ne rien altérer à la conception initiale; il a, entre autres, le projet d'installer une vaste salle d'exposition de quelques rares et précieux spécimens de canons, aujourd'hui encore si mal placés dans la cour de dépôt. Cette installation devra être une des plus intéressantes et précieuses du Musée.

Le Musée d'Artillerie est la plus haute invocation de notre glorieux passé, qui existe en tout le Portugal. Dans des monuments dispersés par tout le pays: le château de S. Jorge, S. Vicente de Fóra, Batalha, Jeronymos, des anciens forts ruinés, des monuments érigés çà et là, des objets historiques conservés d'un côté ou de l'autre, et qu'on a pu sauver du vandalisme de destruction ou du marchandage qui a laissé partir chez les étrangers ce que nous avions de plus précieux, nous retrouvons certainement des motifs d'évocation consolatrice pour nos cœurs de patriotes. Mais dans ce Musée, notre imagination parcourt beaucoup de pages lumineuses de notre histoire. On y admire: les armes de l'âge de fer, damasquinées, qui furent retrouvées toutes tordues dans les tombes de guerriers à Alcacer do Sal; les bombardes du XIV^{me} siècle, chargées par la culasse, exhumées du fond du Tage et qui ont dû appartenir à la marine castillane qui, au temps du roi D. Fernando, ferma par le côté du fleuve, le siège de Lisbonne; un des fameux *trons* castillans d'Aljubarrota (il est regrettable de ne pas y voir aussi le chaudron de la même époque, qui est improprement placé à Alcobaça); un fer de lance, du même temps, trouvé sur ce même champ de bataille; le casque et l'épée du prince D. João, plus tard le *Principe Perfeito,* à la bataille de Toro; l'éperon d'un chevalier du Christ, de Thomar; le célèbre canon mauresque de Diu et des boulets de cette même glorieuse place forte; une porte de la place forte de Chaúl; un boulet de Çafim, de l'an 1534; un autre, avec inscription, lancé par les maures contre les portugais au siège d'Ormuz en 1552; des restes du monument de D. Luiz de Athayde; l'épée du prince D. Théodosio; des canons qui figurèrent à la bataille de Montes Claros; des drapeaux espagnols pris pendant la guerre de succession en Espagne; des drapeaux du 5^{me} chasseurs, et du 11^{me} et 19^{me} de ligne, à la campagne du Roussillon; la carte de la province de Beira-Baixa qui servit pendant la campagne de 1803; des autographes de Junot; des médailles commémoratives des batailles de Bussaco et Talavera; des balles et des éclats de bombe du camp de Bussaco; quatre bouches à feu sur leurs affûts, prises à la bataille de Victoria, dont deux du temps de la République et deux avec l'inscription *Napoléon*; des bombes du siège de Porto; des drapeaux portugais des guerres de Liberté, entre autres celui qui fut déployé au château S. Jorge lorsque l'armée libératrice entra à Lisbonne; des reliques de D. Pedro IV; le bâton du Duc de Terceira; la devise portée par les libéraux au combat du Cap S. Vicente; l'épée dont le duc de Saldanha se servit à Almoster; le drapeau du régiment du Prince Régent, de Macau, que accompagna le lieutenant Nicolau de Mesquita et les 36 soldats qui le suivirent, à la prise de la forteresse de

estabelecimentos dignos do seu apreço que lhe podemos apresentar; para nós portuguezes, é mais do que isso, — é toda uma evocação historica!

Na representação da arte moderna falta um nome illustre, e por tantos titulos luminoso e cheio de prestigio: — o da Senhora Duqueza de Palmella. Posso dar aos meus leitores a agradavel noticia de que alli figurará brevemente com um busto em marmore do Marquez de Sá da Bandeira, individualidade que sempre tanta veneração mereceu á familia Palmella, e que vae agora ter a consagração melhor que lhe podia ser dada, no magistral cinzel da nobre esculptora que de fórma e encanto tem revestido tantas concepções primorosas do seu espirito de eleição. Esse busto será collocado no centro da *Sala D. Pedro IV* em logar d'honra.

Esta sala, a meu vêr, podia ser facilmente enriquecida com preciosidades novas, que abundam no paiz, se a todos se fizesse bem conhecer a importancia e o valor que este Museu já hoje tem e poderá ainda vir a ter. Dispersas por todo o Portugal e suas colonias existem objectos historicos, militares, alguns recolhidos em museus regionaes, que ainda assim não são muitos, outros em mãos de particulares, e outros ao abandono. Os particulares valorisariam immensamente esses objectos reunindo-os nas respectivas secções do Museu de Artelharia; e o nome do offerente figuraria, como de justiça, nos quadros d'honra dos bemfeitores d'aquella tão util e tão notavel instituição; os museus regionaes não ficariam depauperados cedendo os objectos propriamente militares ao grande Museu; e tanto as auctoridades centraes como as locaes prestariam relevantes serviços fazendo remover para este Museu os objectos que andam ao abandono, mal tratados ou a esmo, por esse paiz fóra, e principalmente nas provincias ultramarinas. Assim o tem feito já algumas em relação a este Museu, e outras em favor das excellentes collecções da Sociedade de Geographia de Lisboa, que a iniciativas e dadivas de particulares e das auctoridades deve a opulencia e riqueza que hoje apresentam. Sobretudo das guerras mais proximas, como foram as campanhas da Liberdade, é grande o numero de reliquias que ainda se conservam, e cujo logar no Museu de Artelharia está naturalmente indicado.

Se com estas suggestões eu lograsse convencer os leitores d'este artigo a concorrer com o seu obulo para o enriquecimento d'este Museu, dar-me-ía por satisfeito. É missão de todos nós contribuirmos, cada qual na sua esphera e no seu meio de acção, para o engrandecimento e progresso das instituições benemeritas do paiz.

Ultimamente tem-se dado entre nós um certo movimento no sentido de evitar a dispersão e o desbarato de objectos historicos e artisticos. Não ha muito que preciosos depositos de armas e armaduras antigas foram vendidas como soccata de ferro; mas, ainda hoje, objectos de valor, de toda a especie, saem, em exodo permanente, para o estrangeiro.

Nem todos teem a nobre isenção dos descendentes do conde de S. Lourenço que preferiram vender á Bibliotheca Nacional de Lisboa a preciosa collecção de manuscriptos que possuiam, por um preço muito inferior ao que lhes era offerecido pelo *British Museum* de Londres.

Se desde mais tempo os poderes constituidos, por um lado, e por outro a organisação de centros colleccionadores se tivessem occupado a serio d'estes assumptos, que são dos que mais valor e relevo imprimem a um paiz, e se se tivesse ido chamando para elles a attenção dos particulares, em propagandas persistentes e patrioticas, não seria tanto para lamentar a situação de Portugal n'esta materia.

Por isso, como excepção rara que são, e como iniciadores não só de uma reconstituição historica, mas de um novo movimento d'arte, todos os louvores são devidos áquelles que do nosso Museu de Artelharia fizeram o que elle é, e que continuam esforçando-se por o tornar, cada vez mais, uma instituição que honra o paiz.

Christovam Ayres.

Passaleão, en 1849; des reliques de nos guerres en Afrique; l'épée de Baptista d'Andrade à Ambriz; les épées du colonel Galhardo et du commandant Machado à Coelella; la giberne et le fusil Martini Henry, pris à un *vátua* dans cette campagne; la lance du brave soldat Relvas au Bárue... C'est à n'en plus finir; un chapelet interminable de souvenirs que chacun de ces objets évoque dans nos cœurs de portugais reconnaissants.

Les étrangers qui visitent ce Musée, peuvent ainsi connaître, au point de vue artistique, un des rares établissements dignes d'admiration que nous pouvons leur présenter; pour nous autres portugais, c'est encore plus; c'est toute une évocation historique!

Il manquait un nom illustre à tant de titres lumineux et plein de prestige, dans toute cette représentation de l'art moderne, dans ce Musée; — c'est celui de Madame la Duchesse de Palmella. Je peux donner à mes lecteurs l'heureuse nouvelle, que sous peu de temps, on l'y verra figurer, avec un buste en marbre du Marquis de Sá da Bandeira, une des individualités qui a toujours été des plus vénérées par la famille Palmella, et qui va avoir maintenant la plus flatteuse consécration, dûe au ciseau magistral de cette noble sculpteur qui sait imprimer le plus grand charme à toutes les belles conceptions de son esprit d'élite. Ce buste sera installé à la place d'honneur, au centre de la *Salle D. Pedro IV*.

À mon avis, cette salle pourrait facilement être enrichie avec de nouvelles préciosités, qui abondent dans notre pays; mais il faudrait bien faire connaître l'importance que le Musée a déjà actuellement et celle qu'il aura encore plus tard. Dans tout le Portugal et les colonies, il existe des objets historiques, militaires, quelques-uns recueillis dans des musées régionaux, très peu d'ailleurs, d'autres appartenant à des particuliers, et d'autres voués à l'abandon. Les possesseurs particuliers donneraient une grande valeur à ces objets, s'ils les rendaient aux sections respectives du Musée d'Artillerie; le nom de l'offrant figurerait, comme de juste, dans les tableaux d'honneur des bienfaiteurs de cette institution si utile et si remarquable; les musées régionaux ne se trouveraient pas appauvris en cédant au grand Musée les objets exclusivement militaires; et les autorités centrales autant que les locales, rendraient d'importants services si elles faisaient réintégrer dans ce Musée les objets qui gisent abandonnés, mal soignés ou entassés, dans tout le pays, surtout dans les provinces d'outremer. Quelque-uns l'ont déjà fait en faveur du Musée, d'autres en faveur des excellentes collections de la Société de Géographie de Lisbonne, qui doit l'opulence et la richesse qu'elle présente aujourd'hui, principalement à l'initiative et à des cadeaux des particuliers et des autorités. Le nombre des reliques que l'on conserve encore provenant des guerres moins lointaines, comme les campagnes de la Liberté, est très grand, et leur place est tout naturellement indiquée au Musée d'Artillerie.

Si je pouvais avec tous mes efforts, convaincre les lecteurs de cet article, à contribuer avec leur obole pour l'enrichissement de ce Musée, je m'en trouverais fort satisfait. C'est pour nous tous un devoir de contribuer, chacun selon ses moyens et son milieu d'action, pour l'agrandissement et la prospérité des institutions méritantes du pays. Dernièrement il s'est produit chez nous un certain mouvement dans le sens d'éviter la dispersion et le dégât d'objets historiques et artistiques. Il n'y a pas longtemps que des armes et des armures anciennes ont été vendues comme déchets de ferraille; mais on voit encore des objets de valeur de toute sorte sortir constamment pour l'étranger.

Tout le monde n'a pas la noble abnégation des descendants du comte de S. Lourenço qui ont préféré vendre à la Bibliothèque Nationale de Lisbonne la précieuse collection de manuscrits qu'il possédaient, pour un prix bien inférieur à celui que leur offrait le *British Museum* de Londres.

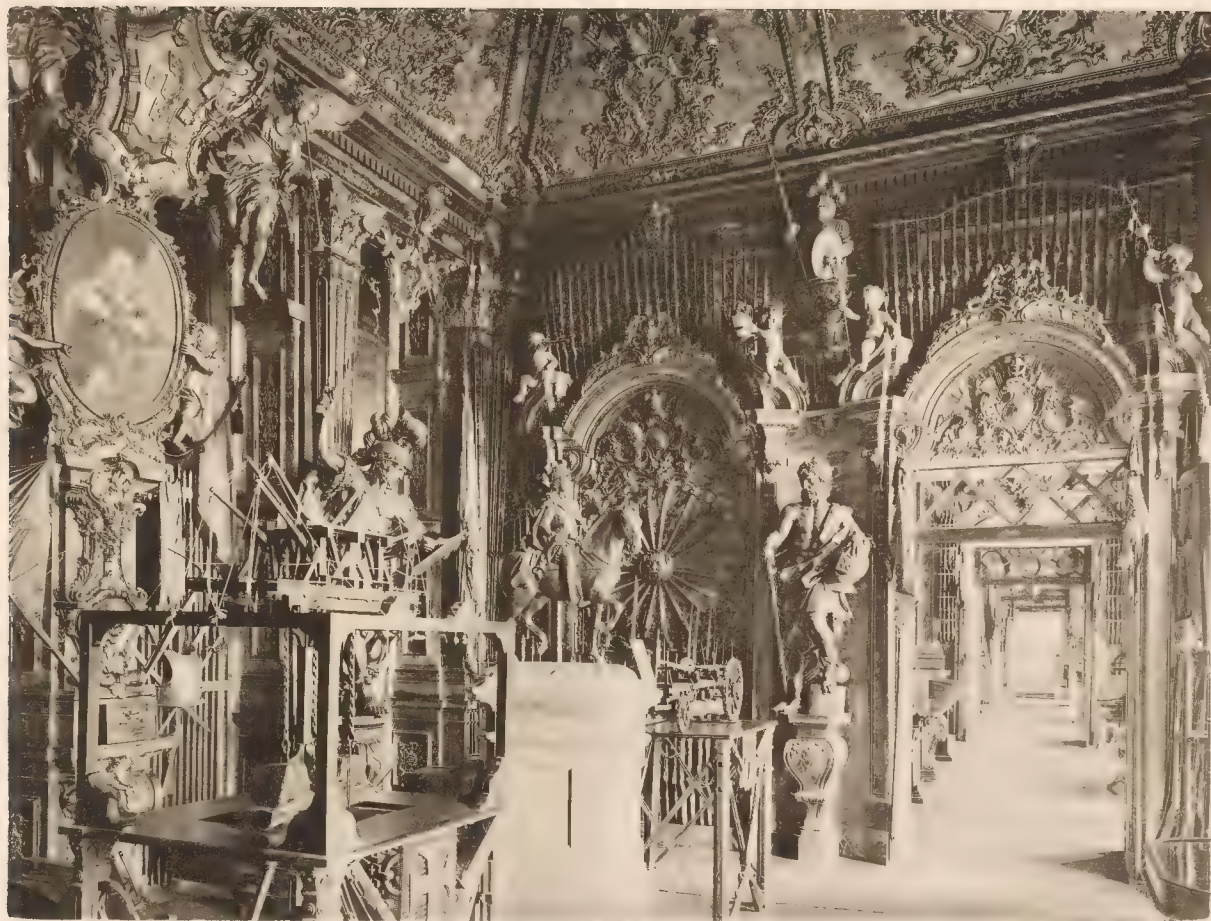
Si les gouvernements d'un côté, et de l'autre, l'organisation de centres collectionneurs, s'étaient depuis longtemps occupés d'une manière sérieuse, de ces choses qui impriment de la valeur et de l'importance à un pays, et si on avait attiré l'attention des particuliers, au moyen de propagandes patriotiques et persistantes, on n'aurait pas à lamenter la situation du Portugal sous ce rapport-là.

Il est donc juste qu'on aît les plus hautes louanges pour ceux qui ont fait de notre Musée d'Artillerie ce qu'il est, et qui continuent à faire tous leurs efforts pour qu'il devienne de plus en plus, une institution qui honore le pays, non seulement comme une rare exception, mais aussi comme l'initiateur d'une reconstitution historique et d'une nouvelle impulsion d'art moderne.

Christovam Ayres.

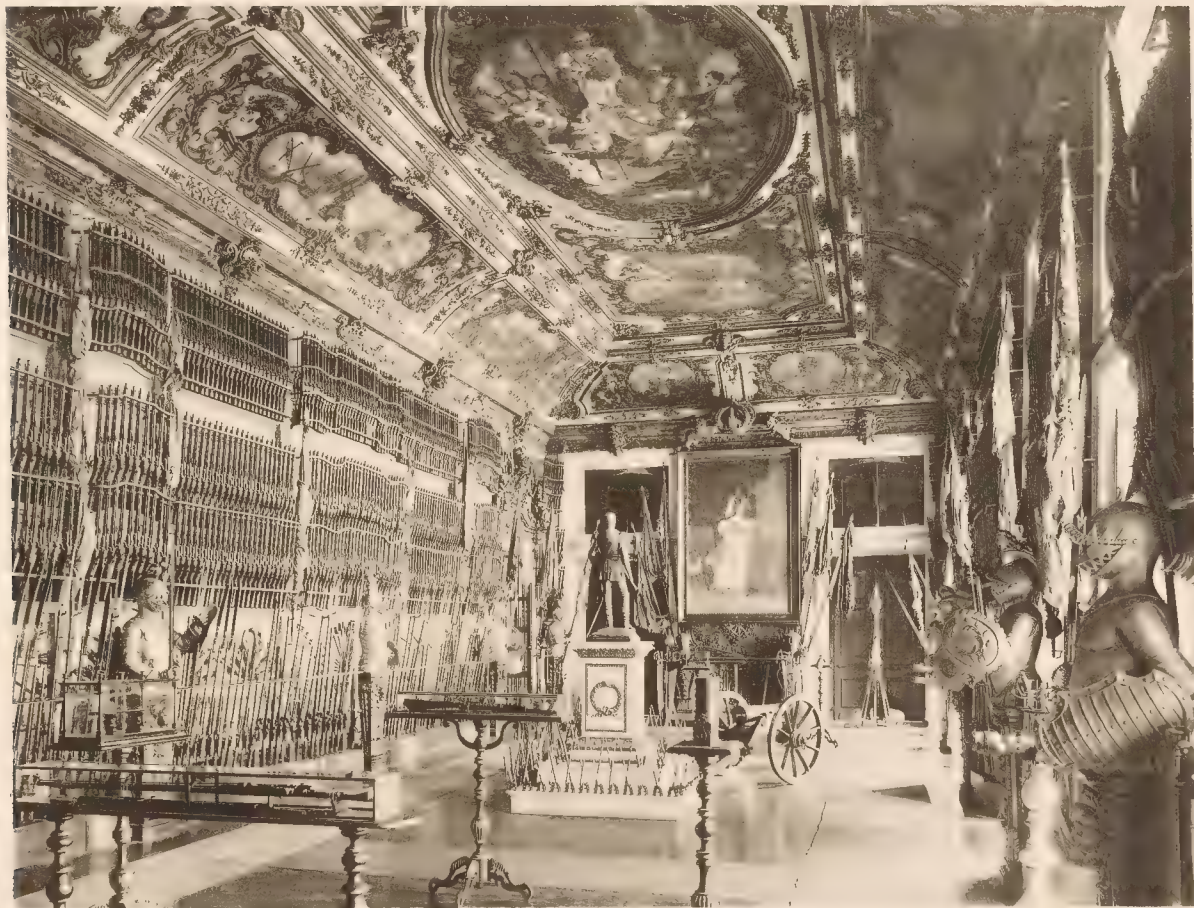
A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Vista exterior do Museu d'Artilheria

LISBOA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sala Dom José I, no Museu d'Artilheria

LISBOA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sala Dona Maria II, no Museu d'Artilheria

LISBOA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & C.ª - EDITORES

Sala Dona Maria Pia, no Museu d'Artilheria

LISBOA

Valença

Situada n'um outeiro defronte de Tui, a villa de Valença tem a seus pés o rio Minho, que serve de balisa septentrional á nossa Provincia e ao Reino.

No tempo de D. Sancho I, quando ainda o Bispo Tudense mantinha jurisdicção em Portugal, veio D. Paio Gonçalves Carramondo povoar o sitio, fundando alli pelos annos de 1200 uma egreja para commodidade dos moradores.

Em 1262 D. Affonso III lhe deu foral e o nome de Valença, levantando o Castello, que D. Diniz concluiu, cuidando ambos dos limites com a Hespanha, assegurando o nosso dominio com as fortificações raianas, erguendo-se então as muralhas de Caminha, Cerveira, Valença, Lapella, Monsão, Castro Laboreiro, Lindozo, e de outras muitas villas e castellos, umas hoje povoações importantes, e outros cujas ruinas servem de covis ás rapozas.

O territorio d'Entre Minho e Lima dependia de Tui, e por isso D. João I, aproveitando o scisma d'Avinhão, contestou os direitos do Prelado hespanhol, acolhendo em Valença os Cónegos gallegos rebeldes, que se levantaram com as rendas portuguezas; conseguiu até, mais tarde em 1392, que aqui se creasse uma Collegiada, extincta em 1889, e annexa ao Bispado de Ceuta; esta comarca ecclesiastica foi definitivamente encorporada em 1514 á archidiocese bracarense.

*

* *

Á cidade de Tui convinha oppôr a praça de Valença.

Os primitivos muros desappareceram sob os successivos alargamentos nos reinados de D. Fernando, D. João I, D. João II, D. João IV, D. Pedro II e D. João V, que dotaram a villa com as obras de defeza, que hoje apresenta.

A praça comprehende dois corpos independentes; *a villa*, cujo recinto fortificado se compõe de sete baluartes ligados ás antigas muralhas, onde se accrescentaram algumas novas cortinas, e como em varios locaes os muros ficassem muito altos pelo aprofundamento dos fóssos, construiram tres baluartes a cavalleiro, um dentro dos outros, e dois d'elles com faces e flancos altos e baixos; havendo em roda tres revelins, uma tenalha de methodo de Vauban, falsa braga e angulo saliente.

A outra obra, a *Corôada*, no Outeiro do Bom Jesus, está formada por tres baluartes, dois meios revelins, e ligada á villa pela porta *do Meio*, tendo outra porta para o poente, chamada *da Corôada*. Facilitam as communicações da villa, as portas *do Sol*, para o sul, *da Gabiarra*, ao nascente, por onde se sahe para Tui, e ao norte, as *da Fonte da Villa*, para o lado do rio Minho.

O relêvo varía de 7 a 15 metros, e toda a fortificação, de pedra e cal, com seus cunhaes e cordões de cantaria, estradas de rondas e segundos reparos, se acha rodeada de fóssos.

Mas todas as construcções, defezas, alojamentos e parques são acanhados, não apresentando a unidade.

Mede 700 metros de comprido sobre 200 de largo.

Soffreu a praça assedios pouco importantes nas guerras civis de 1828, 1834, 1837 e 1847, sendo este o mais longo, durando desde o 1.º de maio até 3 de junho, causando-lhe o bombardeamento algum damno.

A praça está actualmente desguarnecida, alojando-se alli hoje o regimento de caçadores n.º 3.

*

* *

Na villa existem edificios notaveis: a Matriz, de estylo romanico, de 1276, tendo junto a capella dos Abreus Bacellares, de 1520; a egreja de Santo Estevão, outr'ora Collegiada, tambem de 1276, e reedificada em 1792; o hospital; o palacete dos descendentes do bravo general Conde de Santa Maria,

Valença

La ville de Valença située sur une colline en face de Tui, voit couler à ses pieds le fleuve Minho, qui sert de frontière septentrionale à notre province du même nom, et au royaume de Portugal.

Au temps de D. Sancho I, lorsqu'une partie du Portugal était encore sous la juridiction de l'Évêque de Tui, survint D. Paio Gonçalves Carramondo, qui peupla cette région et y fonda vers l'année 1200 une église, pour la commodité des habitants.

En 1262 D. Alphonse III lui accorda une charte et le nom de Valença, élevant le chateau, que D. Denis acheva, et tous deux s'occupèrent des limites avec l'Espagne assurant ainsi notre domaine par des fortifications proches de la frontière, avec la construction des murs de Caminha, Cerveira, Valença, Lapella, Monção, Castro Laboreiro, Lindoso, et de beaucoup d'autres bourgs et châteaux, dont quelques uns sont aujourd'hui des villes importantes, et d'autres servent de repaires aux loups et aux renards.

Le territoire d'Entre Minho et Lima dépendait de Tui, et pour cela D. Jean I, profitant du schisme d'Avignon, contesta les droits du Prélat espagnol, accueillant à Valença les Chanoines galliciens rebelles, qui se relevèrent avec les rentes portugaises; il réussit même plus tard en 1392, à ce qu'on y établit une Collégiale, supprimée en 1889 et annexée à l'Evêché de Ceuta; cette division ecclésiastique fut définitivement incorporée en 1514 à l'archidiocèse de Braga.

*

* *

Il était convenable d'opposer la place de Valença à la ville de Tui.

Les murs primitifs disparurent avec les agrandissements successifs pendant les règnes de D. Ferdinand, D. Jean I, D. Jean II, D. Jean IV, D. Pierre II, et D. Jean V, qui embellirent la ville avec les travaux de défense qu'elle possède encore.

La place comprend deux corps indépendants; la *ville* dont l'enceinte fortifiée se compose de sept bastions réunis aux anciens murs, et auxquels on ajouta quelques nouvelles courtines; mais comme en certains endroits les murs se trouvaient trop hauts en raison de la profondeur des fossés, on édifia encore trois autres bastions, les uns dans les autres et de plus en plus élevés, dont deux avec les faces et les flancs hauts et bas; dans le pourtour il y a trois ravelins, une tenaille de système Vauban, à fausse-braie et angle saillant.

L'autre ouvrage, *la Corôada,* sur le Outeiro du Bom Jesus, est formé par trois bastions, deux demi ravelins, et se relie à la ville par la porte du *Meio;* ayant une autre porte tournée au couchant, nommée *da Corôada.* Les communications avec la ville sont faites par les portes du *Sol* au midi, *da Gabiarra* au levant, par où l'on sort pour Tui, et au nord par celles de *Fonte da Villa,* du côté du fleuve Minho.

Le relief varie de 7 à 15 mètres et toute la fortification, à sable et à chaux, avec les angles et les frises en pierre de taille, les chemins de ronde et les deuxièmes remparts, est entourée de fossés.

Mais l'ensemble de la construction, défense, logements et même la place, est en général exigu et ne présente pas d'unité de plan.

Elle mesure 700 mètres de long sur 200 de large.

Cette fortification a souffert des sièges peu importants lors des guerres civiles de 1828, 1834, 1837 et 1847; ce dernier fut le plus long et dura depuis le 1er Mai jusqu'au 3 Juin, et le bombardement l'endommagea assez.

Actuellement la place n'est pas artillée, et sert de logement au 3me régiment de chasseurs.

os Paços do Concelho, e a antiga casa do Doutor Gabriel Pereira de Castro, hoje da familia Garção, trabalho do architecto Feal, que em 1575 construiu a egreja da Misericordia velha de Tui, detraz da cathedral.

No mercado vimos duas lapides romanas: o marco milliario da via de Braga a Astorga, do tempo do Imperador Claudio, e do anno 44 de Christo, com a respectiva legenda, que por muitos annos serviu de *Pelourinho;* e na parede da Cadeia a inscripção funeraria dos Alluquios, hoje no Museu municipal de S. Lazaro no Porto.

Na Corôada ha a capella de Nossa Senhora do Carmo, Padroeira militar de Valença, mandada fazer durante o dominio philippino por Pedro de Saavedra, notario e escudeiro de Pontevedra, cuja lapide brazonada foi encontrada em 1902 quando o illustre e douto governador da praça, Isidoro de Magalhães Marques da Costa, cuidou de restaurar o templosinho, que primitivamente teve a invocação do Bom Jesus.

A imagem da Virgem acompanhou o regimento d'infanteria n.º 21 na guerra da Peninsula, apparecendo ornamentada com as medalhas d'aquella famosa campanha.

Pertence á villa o bairro suburbano da Urgeira, sobre o rio Minho, estendendo-se a povoação n'estes ultimos vinte annos pelas risonhas campinas que formam o arrabalde para o lado da estação do caminho de ferro; edificações modernas, elegantes e confortaveis, o pittoresco jardim municipal, orlam o pequeno ramal que vae para a *Esplanada,* e na rotunda da estação dois bons hoteis recebem os viajantes.

A ponte internacional sobre o rio Minho, construida em 1885, com dois taboleiros sobrepostos, de 300 metros, assenta em quatro pegões; a superstractura metalica sahiu das officinas da sociedade belga de Braide-le-Conte.

Na phototypia, tirada da parte de Tui, apparece a ponte no segundo plano, destacando-se no fundo a praça, vista pelo lado do baluarte do Soccorro.

A linha ferrea do Minho termina em Valença, mas já este anno de 1906 se principiaram os trabalhos para o seu prolongamento até Monção, na distancia de 15 kilometros.

No concelho de Valença, apesar de mui limitado, ha muitas casas nobres, rendosas quintas, e dois antiquissimos Mosteiros benedictinos, *Ganfei,* do começo da monarchia, e o de S. Fins de *Friestas,* do seculo XII, escondido entre montanhas, e que D. João III uniu ao Collegio da Companhia de Jesus de Coimbra, e pela sua extincção em 1759 passou á Universidade de Coimbra.

Perto da Estação de S. Pedro da Torre appareceram aguas sulphurosas frias, que já dotadas d'um razoavel estabelecimento começam a ser frequentadas, tendo sido effectuada a sua analyse chimica no Instituto de Lisboa.

O dolmen da Barroza

A freguezia de Gontinhães é uma das aldeias mais pittorescas da provincia e a principal praia de banhos do mar do alto Minho.

A sua prosperidade data de 1870 a esta parte, em que a sua branca casaria se começou a prolongar pela estrada real de Vianna a Caminha, a cujo concelho pertence.

Pelo sul limita-a o rio Ancora, e pelo poente o Oceano; para defeza do seu portinho tem um forte construido no fim do seculo XVII, reinando D. Pedro II, no sitio da Lagarteira, onde se effectua a feira annual na segunda-feira do Espirito Santo, sendo bastante concorrida.

A população de Gontinhães aproxima-se de duas mil almas; muitas e bonitas casas, sem os requintes architectonicos dos chalets da Granja, Villa do Conde e Estoril offerecem todavia commoda e asseiada habitação aos numerosos banhistas, que costumam aqui vir veranear.

A 16 kilometros de Vianna e 7 de Caminha a sua estação do caminho de ferro denomina-se — *Ancora,* ficando no kilometro 97 do Porto, na linha Minho e Douro.

Na época dos banhos possue dois hoteis, club e numerosos estabelecimentos commerciaes.

Proximo á estação ha uma fabrica de lacticinios.

O nome de Gontinhães provém de ter sido primitivamente nas éras asturianas, *villa* de Dona Gontina ou Gontinha.

*
* *

La ville possède quelques édifices remarquables. La Cathédrale de style roman, de 1276, ayant tout près la chapelle des Abreus Bacellares, de 1520; l'église S^t^ Etienne, autrefois Collégiale, aussi de 1276 et réédifiée en 1792; l'hôpital; le palais des descendants du brave général comte de Santa Maria, l'Hotel de Ville et l'ancienne maison du Docteur Gabriel Pereira de Castro, aujourd'hui de la famille Garção, œuvre de l'architecte Feal, qui en 1575 construisit la vieille église de la Miséricorde de Tui, derrière la Cathédrale.

Dans le marché nous avons vu deux plaques de pierre romaines: la borne milliaire de la route de Braga à Astorga, du temps de l'Empereur Claude, an 44 avant J. C. avec la légende respective et qui pendant longtemps a servi de *Pilori;* et, sur le mur de la Prison, l'inscription funéraire des Alluquios, aujourd'hui au musée municipal de S^t^ Lazare à Porto.

À la Corôada, on voit la chapelle de Notre Dame du Mont Carmel, Patronne militaire de Valença, construite sous la domination des Philippes par Pierre de Saavedra, notaire et écuyer de Pontevedra, dont l'écusson blasonné fut retrouvé en 1902 lorsque le savant et illustre gouverneur de la place, Isidore de Magalhães Marques da Costa, s'occupa de la restauration de ce petit temple, qui au commencement avait été sous l'invocation du Bon Jésus.

L'image de la Vierge accompagna le 21^me^ régiment d'infanterie à la guerre de la Péninsule, et on la montre toute ornée des médailles de cette fameuse campagne.

Le quartier du faubourg de Urgeira, sur le fleuve Minho appartient à la ville, et la population pendant ces vingt dernières années s'est étendue jusqu'aux riantes plaines qui forment le faubourg, du côté de la gare du chemin de fer; des édifications modernes, confortables et élégantes, le pittoresque jardin municipal, bordent le petit boulevard qui mène à *l'Esplanade* et sur la rotonde de la station deux bons hotels reçoivent les voyageurs.

Le pont international sur le fleuve Minho, construit en 1885, avec deux tabliers superposés, de 300 mètres repose sur quatre piliers; toute la charpente métallique est sortie des ateliers de la société belge de Braide-le-Conte.

La phototypie, prise du côté de Tui, montre au deuxième plan, le pont, qui se détache sur le fond de la place, vue du côté du bastion du Soccorro.

Le chemin de fer du Minho se termine à Valença, mais déjà pendant cette année de 1906 on a commencé les travaux de prolongation jusqu'à Monção, à 15 kilometres de distance.

Malgré la petitesse de la commune de Valença on y trouve beaucoup de belles maisons, de magnifiques propriétés, et deux monastères bénédictins très anciens, *Ganfei,* du commencement de la monarchie, et celui de S. Fins de *Friestas,* du XII^me^ siècle, caché au milieu des montagnes, que D. Jean III a réuni au Collège de la Compagnie de Jésus de Coimbra, et qui par sa suppression passa en 1759 à l'Université de Coimbra.

Près de la Station de S^t^ Pierre da Torre, on a découvert des eaux sulphureuses froides, munies dejà d'un établissement assez confortable et qui commencent à être très fréquentées, les eaux ayant été analysées chimiquement à l'Institut de Lisbonne.

Le dolmen de Barroza

La paroisse de Gontinhães est un des villages les plus pittoresques de la province et la première plage de bains de mer du haut Minho.

Sa prospérité date de 1870, car c'est alors que la rangée de blanches maisons commença à se prolonger sur la route principale de Vianna à Caminha, et elle fait partie de cette commune.

Au midi elle est limitée par le fleuve Ancora, au couchant par l'Océan; son petit port est défendu par un fort construit à la fin du XVII^me^ siècle sous le règne de D. Pierre II, à un endroit nommée Lagarteira où se réalise le lundi de la Pentecote la foire annuelle qui est très fréquentée.

Attestam os nossos contos populares a predilecção dos reis mouros pelas damas christãs, e vice-versa, e ainda por vezes adiantam que princezas baptisadas fugiram com musulmanos.

Sabemos que D. Affonso VI, de Leão, acceitou, apesar de casado com Constança de Borgonha, a mão da bella Zaida, filha de Aben-Abêd, Emir de Sevilha, que lhe trouxe em dote Cuenca e outras importantes terras.

Cita-se mesmo que uma rainha leoneza se deixára raptar por Alboazar Albucadão.

Este feito amoroso foi aproveitado por um distincto escriptor nosso para assumpto de um bello poema.

Apesar de não ligarmos muita importancia ás tradições, ao passar em Ancora sempre nos lembramos da lenda, parecendo-nos vêr os azafamados pagens de Ramiro II a atarem o ancorote ao pescoço do lindo Regulo de Gaya, que barafusta para o não lançarem ao rio; ao longe no alto de Montedôr, Dona Urraca, toda escabellada, com grande pasmo do esposo e dos filhos, e escandalo dos assistentes, lastima em altos gritos a morte do amante!

O formoso valle do Ancora assenta n'uma bacia que em remotos tempos deveria ter sido excellente bahia, formando uma meia lua, cujas pontas distam uns dez kilometros.

O riacho que desce da proxima serra de Arga vae serpenteando pelos virentes campos, onde apparecem vestigios d'antiguidades.

N'um pinhal, hoje reduzido á cultura, pouco acima da estrada e junto á ponte de Abbadim, deparamos com a celebre *Lapa dos Mouros* ou dolmen da Barroza, o megalithico mais conservado de Portugal.

Os dolmens ou *antas*, que se reputam de origem ligurica, são especie de mezas gigantescas de um monolitho assente em varios pilares formando debaixo uma camara com entrada subterranea por galeria ou corredor mais ou menos longo.

As recentes explorações demonstram o destino funerario das antas, rejeitando a hypothese de alguns archeologos que as reputavam *aras* de sacrificios.

O respeito que outr'ora rodeava estes monumentos sagrados, construidos por todo o nosso paiz, e tão espalhados na Bretanha franceza e ingleza, converteu-se sob a imaginação supersticiosa dos povos occidentaes em tradições fabulosas, inventando a crença popular lendas magicas de mouras encantadas e de thesouros escondidos.

O jazigo prehistorico da Barroza já não possue a *mámôa* ou monticulo de terra que cobria primitivamente todo o munumento, sendo removida e deixando descoberto a meia altura os nove pilares ou estanteiras em que se apoia a grande pedra horisontal; a camara mede internamente 3 metros sobre 2^m,50, com 1^m,60 de altura, e soterrada outro tanto.

A entrada olha para o sudoeste, correndo a galeria de 4^m,20, bastante larga, em linha curva.

Martins Sarmento em 1880 encontrou aqui restos de instrumentos de pedra lascada e polida, fragmentos de louça e telha romana, de mistura com carvão e cinzas.

Assim devemos acreditar que as antas d'este valle do Ancora funccionaram até depois do dominio de Roma no rincão Gallaico.

Esta preciosa reliquia prehistorica devidamente explorada pelo Dr. Martins Sarmento, já depois soffreu deteriorações; bom fôra que o Estado, a exemplo do que o governo francez praticou em 1897 com o melhor dolmen da França, *a pedra turqueza*, em Beaumont sur Oise, adquirisse este monumento, e o mandasse reproduzir em gêsso, como no Museu de Saint-Germain admiramos os modêlos dos mais celebres menhires bretões.

O general Mesquita de Carvalho publicou em 1898 uma abreviada noticia sobre o dolmen da Barroza.

A malhada do milho

Referimo-nos genericamente no numero 18 do volume II aos costumes minhôtos; convem agora para elucidação da estampa especialisar a alimentação ordinaria da provincia.

O lavrador do Minho come o pão de milho terciado com centeio, a que chamamos — *brôa;* — por isso a cultura primordial dos campos é o milho, e as terras menos exigentes ficam para o centeio.

La population de Gontinhães est à peu près de deux mille âmes; il y a beaucoup de jolies maisons, sans les ornementations d'architecture raffinée des chalets de Granja, Villa do Conde et Estoril, mais qui sont des habitations propres et commodes pour les nombreux baigneurs, qui y abondent pendant la belle saison.

La station se nomme Ancora, et se trouve à 16 kilomètres de Vianna et 7 de Caminha, et au kilomètre 97 venant de Porto par la ligne de Minho et Douro.

Pendant la saison des bains on y trouve deux hotels, um club et beaucoup de maisons de commerce.

Tout près il y a une fabrique de laitages.

Ce nom de Gontinhães vient des époques Asturiennes, où cet endroit s'appelait villa de Dona Gontina ou Gontinha.

Nos contes populaires attestent la prédilection des rois maures pour les dames chrétiennes, et vice-versa, et nous portent à croire que quelquefois des princesses baptisées se sont enfuies avec des musulmans.

On sait que D. Alphonse VI de Léon, malgré son mariage avec Constance de Bourgogne, accepta la main de la belle Zaïda, fille de Aben-Abed, Emir de Séville, qui lui apporta en dot Cuenca et d'autres villes importantes.

On cite aussi une reine léonaise qui se laissa enlever par Alboazar Albucadão.

Ce fait amoureux servit même de sujet pour un beau poème d'un de nos écrivains les plus distingués.

Quoique nous n'attachions pas une grande importance à ces vieilles traditions, en passant à Ancora nous nous souvenons toujours de la légende, et il nous semble revoir les hardis pages de Ramiro II attachant le nœud au cou du beau roi de Gaia, qui se démène pour qu'on ne le jette pas dans le fleuve; au loin sur les hauteurs de Montedôr, D. Urraca toute échevelée, au grand étonnement de son époux et de ses enfants, et au scandale des assistants, lamente à grandes cris la mort de son amant!

La belle vallée d'Ancora repose sur un bassin qui dans des temps lointains devait être un beau golfe, en forme de croissant, dont les pointes seraient à une dizaine de kilomètres l'une de l'autre.

Le ruisseau qui descend de la montagne d'Arga très proche, serpente dans les campagnes verdoyantes où on trouve quelques vestiges d'antiquités.

Dans une sapinière, aujourd'hui cultivée, un peu plus haut que la route et près du pont de Abbadim nous avons trouvé la célèbre *Lapa dos Mouros*, ou dolmen de Barroza, le mégalithique le mieux conservé du Portugal.

Les dolmens ou *antas* qu'on répute d'origine ligurienne, sont des espèces de tables gigantesques d'une seule pierre, reposant sur des piliers et formant comme une chambre avec entrée souterraine par une galerie ou corridor plus ou moins long.

De récentes explorations démontrent l'emploi funèbre de ces dolmens, contrariant l'hypothèse de quelques archéologues qui les ont considérés comme autels destinés aux sacrifices.

Le respect qui entourait autrefois ces monuments sacrés, construits dans tout notre pays, et si répandus dans toute la Bretagne française et anglaise, s'est modifié, d'après l'imagination superstitieuse des peuples occidentaux, en des traditions fabuleuses, et la croyance populaire a fini par inventer des légendes fantastiques de mauresques enchantées et de trésors cachés.

Le gisement préhistorique de Barroza ne possède plus le mamelon ou monticule de terre qui autrefois recouvrait tout le monument, et qu'on a déblayé, laissant découvrir jusqu'à mi-hauteur les neuf piliers ou étais sur lesquels s'appuie la grande pierre horizontale; la chambre mesure à l'intérieur 3 mètres sur 2^m,50, avec 1^m,60 de hauteur, et autant sous la terre.

L'entrée est tournée au sud-est, et la galerie de 4^m,20, assez large, est un peu recourbée.

En 1880 Martins Sarmento a retrouvé ici des restes d'instruments en pierre écaillée et polie, des fragments de vaisselles et de tuiles romaines, mélangés avec du charbon et des cendres.

Nous devons donc croire que les dolmens de cette vallée d'Ancora ont été employés encore après la domination romaine dans ce coin de la Gallice.

Cette précieuse relique préhistorique si soigneusement étudiée par le Dr. Martins Sarmento, a déjà depuis lors, souffert des dégâts; il serait à désirer que l'État, de même que le gouvernement français

O vinhêdo orla as beiras das propriedades, sobre os caminhos e estradas, excepto no concelho de Monção, que é disposto á moda do Douro.

O actual milho grosso, *zea mayz*, introduzido na Peninsula pelos arabes, divulgou-se no seculo XVI com a descoberta da India; até então usavamos o milho miudo ou painço nas suas variedades (*holcus, panicum, sorghus*, etc.).

O milho sementado em março ou abril amadurece em agosto, e depois de sêcco nas eiras guardam-se as espigas nos *espigueiros*, elevados um metro ou mais do sólo, orientados, e dispostos perto das eiras, onde se effectuam as *malhadas*.

Em Coura, que é o celleiro de milho do alto Minho, por as terras serem fundaes e o terreno lento, as colheitas são *martinhadegas* ou feitas pelo S. Martinho em novembro.

O lavrador rico manda construir o espigueiro em cantaria, lavrada a capricho, com ornatos nas faces testas, rematadas por cruzes de braços floridos, e ventoinhas; mais economicos são os *canastros*, de madeira vergada.

Á beira-mar, nas terras seccas, o milho malhado logo no S. Miguel, encelleira-se em grão, dispensando assim os custosos espigueiros, alguns tamanhos, que de longe semelham capellas.

Na freguezia de Lindozo, na Ponte da Barca, os espigueiros da povoação agrupam-se todos n'um rocio junto ao Castello, porque recebem o cereal das *terras communs*.

Nas grandes malhadas os homens e mulheres, enfileirando-se aos dois lados, levantam e abatem alternada e cadenciadamente os mangoaes, volteando-lhe os pêrtegos; acompanham a tarefa cantando ao desafio, narrando contos e os casos do dia; e porque faz um sol tropical refrescam de vêz em quando as guelas resequidas com demorados gólos de *verdasco*, cuja *cabaça* vae passando de mão em mão.

A estampa apanha em flagrante uma malhada em eira de pedra, onde o milho sécca, homens e mulheres, descalços, em trajes caseiros, manejando o malho, trituram as espigas, cujo grão salta em todas as direcções. Apparecem no centro o classico espigueiro de porta escancarada, á esquerda uma méda de palha centeia, e á direita uma latada; na phototypia ha vida e naturalidade em cada uma das figuras, que mais se nota quanto melhor são analysadas.

O lavrador de caróça

No inverno, quando o vento sópra do lado do mar, esfusiando frio e penetrante, seguido de chuveiros contínuos, o lavrador como o pastor envergam a sua caróça de junco, que herdamos de japonezes, e lá sahem com o chapeu braguez de abas derribadas, que de verão os abrigam do sol, pesados tamancos nos pés e vara na mão, a passos largos buscando os gados ás pastagens do monte ou do prado. Como complemento da caróça usam os montanhezes e os rapazes da ribeira o *curucho*, especie de capuz ou curuto tambem de junco.

L. de Figueiredo da Guerra.

a fait en 1897 avec le meilleur dolmen de France, la *pierre turquoise*, à Beaumont sur Oise, ait acquis ce monument, et l'ait fait reproduire en plâtre, comme les modèles des menhirs bretons que nous admirons au Musée de Saint-Germain.

Le général Mesquita de Carvalho a publié en 1898 une brève notice sur le dolmen de Barroza.

Le battage du maïs

Dans le numéro 18 du deuxième volume nous avons parlé généralement des coutumes du Minho; il faut maintenant, pour bien apprécier la gravure, détailler un peu la nourriture ordinaire de la région.

Le cultivateur du Minho mange le pain de maïs avec un tiers de seigle, que nous nommons — *brôa;* — par conséquent la culture principale des champs est le maïs, et les terres les moins exigentes sont réservées pour le seigle.

Les vignes bordent les propriétés, les routes et les chemins, excepté dans la commune de Monção, où on le dispose à la manière du Douro.

Le maïs de nos jours est gros, *zea mayz;* introduit par les arabes dans la Péninsule, il se répandit au XVI^me^ siècle avec la découverte de l'Inde; jusqu'à ce temps on se servait du maïs très fin ou millet de toutes les espèces (*holcus, panicum, sorghus*, etc.).

Le maïs ensemencé en mars ou avril murît en août, et après avoir séché dans les aires, on garde les épis dans des installations spéciales nommées *espigueiros*, élevées d'un mètre ou plus, au dessus du sol, orientées expressément, et disposées près des aires, où l'on effectue le battage.

À Coura, qui est le grenier à maïs du haut Minho, parce que les terres y sont profondes et le terrain humide, les récoltes sont faites en novembre à la S^t^ Martin et on les nomme *martinhadegas*.

Le cultivateur riche fait construire le *espigueiro* en pierre de taille, travaillée finement, avec des ornements sur la façade et terminé par des croix aux branches fleuronnées et des girouettes; mais les plus économiques sont ceux en bois courbé qu'on nomme *canastros*.

Au bord de la mer, sur les terrains secs, le maïs est battu, de suite, à la S^t^ Michel, on l'emmagasine en grain, évitant ainsi la coûteuse dépense du *espigueiro*, dont quelques uns sont grands comme des chapelles.

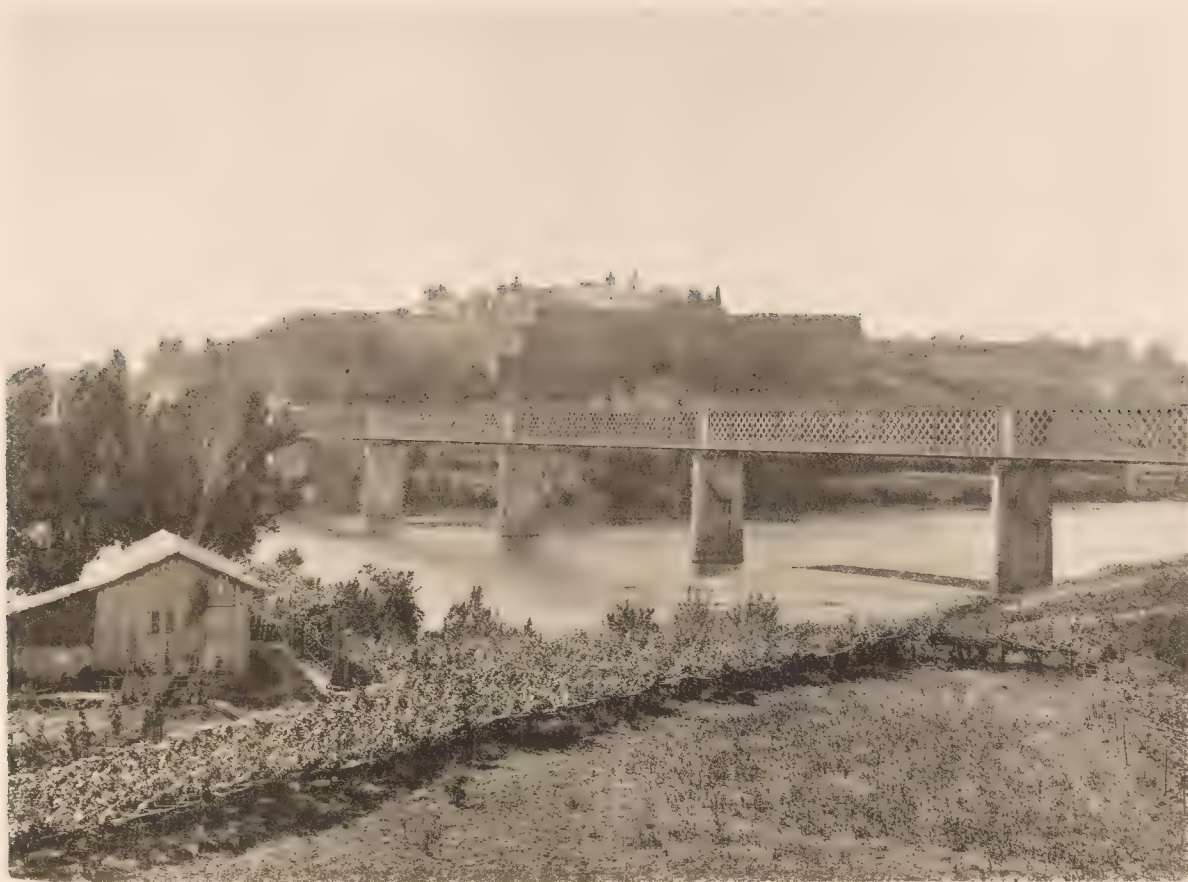
Dans la paroisse de Lindozo, à Ponte da Barca, les *espigueiros* se groupent tous à un endroit près du Château, parce qu'ils reçoivent le grain des *terres communes*.

Dans les grands battages les hommes et les femmes, se rangent des deux côtés, ils soulèvent et rabaissent alternativement et en mesure les fléaux en tournant le manche; cette tâche s'accomplit en chantant à qui mieux mieux, ou en racontant des histoires et des évènements de la journée; et comme le soleil est accablant on se rafraîchit de temps en temps la gorge avec de longues gorgées de vin vert appelé *verdasco*, dans une gourde qui passe de main en main.

La gravure représente au vif un battage sur l'aire de pierre, où le maïs a séché; les hommes et les femmes, nu pieds, pauvrement vêtus, écrasent les épis avec leurs maillets, et les grains sautent de tous les côtés. Au milieu on voit le classique *espigueiro* avec la porte grande ouverte, à gauche une meule de paille de seigle, et à droite une vigne; la phototypie est pleine de vie et de naturel et chaque figure gagne à être observée.

Le laboureur de caróça

Lorsque, en hiver, la brise souffle du côté de la mer, sifflante, aiguë et pénétrante, suivie d'averses continuelles, le laboureur et le pâtre endossent leur houppelande ou manteau en paille de jonc surnommé *caróça* que nous avons hérité des japonais, et ils s'en vont avec le chapeau à larges bords rabattus, qui en été les garantit du soleil, les gros sabots aux pieds et la gaule à la main, conduisant à grands pas les troupeaux qui vont paître dans les montagnes ou par la plaine. Comme complément de la *caróça* les montagnards et les riverains portent le *curucho*, espèce de capuchon également en paille de jonc.

L. de Figueiredo da Guerra.

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO.

EMILIO BIEL & C.ª EDITORES

Vista geral e ponte sobre o rio Minho

VALENÇA

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & Cª EDITORES

Malhada do milho

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
REGISTADO

EMILIO BIEL & Cª - EDITORES

Dolmen da Barroza

A ARTE E A NATUREZA EM PORTUGAL
(REGISTADO)

EMILIO BIEL & Cª EDITORES

Lavrador de Caróça

INDICE

Collocação das phototypias

Thomar — Vista geral.
» Porta principal da Egreja de S. João Baptista.
» Pulpito na Egreja de S. João Baptista.
» Margens do rio Nabão.

Thomar — Ruinas do castello dos templarios.
» Egreja dos templarios — Convento de Christo.
» Porta da Egreja do convento de Christo.
» Egreja do convento de Christo.

Thomar — Janella da casa do capitulo — Convento de Christo.
» Porta da casa do capitulo — Convento de Christo.
» Claustro dos Felippes — Convento de Christo.
» Claustro do cemiterio — Convento de Christo.

Bussaco — Entrada do mosteiro.
» Portas de Coïmbra.
» Rua dos Cedros ou Avenida do Mosteiro.
» Fonte fria.

Bussaco — Grande hotel e matta.
» Fonte de Santo Elias.
» Grande hotel (lado oeste).
» Grande hotel (lado norte).
» Grande hotel — Vestibulo.

Bussaco — Quinta do Marquez da Graciosa.
» Rio Criz — Mortagua.
» Lagôa de Fermentellos.

Evora — Vestibulo da Egreja de S. Francisco.
» Interior da Egreja de S. Francisco.
» Casa dos ossos na Egreja de S. Francisco.
» Portada dos Loyos.

Alemtejo — Trigo no calcadouro.
» Trabalhos na eira.
» Uma adega.
» Talhas antigas.

Torres Novas — Vista geral.
Castello d'Almourol.

Gollegan — Portico da Egreja matriz.
» Manada de touros bravos.

Faro — Vista geral.
» Avenida D. Amelia.
» Sé.
» Capella das reliquias na Sé.

Lisboa — Museu de artelharia — Vista exterior.
» Museu de artelharia — Sala Dom José I.
» Museu de artelharia — Sala Dona Maria II.
» Museu de artelharia — Sala Dona Maria Pia.

Valença — Vista geral e ponte sobre o rio Minho.
» Malhada de milho.
» Dolmen da Barroza.
» Lavrador de caróça.